UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

ROSA ROSA DE SOUZA ROSA GOMES

A TEORIA DA ACUMULAÇÃO DE ROSA LUXEMBURG E O SPD:
DA "REFORMA SOCIAL OU REVOLUÇÃO" AO "SOCIALISMO OU BARBÁRIE" (1898-
1913)

SÃO PAULO
2016

ROSA ROSA DE SOUZA ROSA GOMES

A Teoria da Acumulação de Rosa Luxemburg e o SPD:
da "Reforma Social ou Revolução" ao "Socialismo ou Barbárie" (1898-1913)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História Econômica.

De acordo,

Prof. Dr. Lincoln Ferreira Secco

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

GG633t
t Gomes, Rosa Rosa de Souza Rosa
 A teoria da acumulação de Rosa Luxemburg e o SPD:
 "da Reforma Social ou Revolução" ao "Socialismo ou
 Barbárie" (1898-1913) / Rosa Rosa de Souza Rosa
 Gomes ; orientador Lincoln Ferreira Secco. - São
 Paulo, 2016.
 294 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Econômica.

1. História da Alemanha. 2. Imperialismo. 3. Rosa
Luxemburg. 4. Marxismo. 5. Socialismo. I. Secco,
Lincoln Ferreira, orient. II. Título.

Nome: GOMES, Rosa Rosa de Souza Rosa

Título: A Teoria da Acumulação de Rosa Luxemburg e o SPD: da "Reforma Social ou Revolução" ao "Socialismo ou Barbárie" (1898-1913)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História Econômica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor e orientador Dr. Lincoln Ferreira Secco, por ter incentivado a realização desse trabalho, pelas conversas sobre política, economia e revolução. Pela orientação formal e informal de anos.

À minha mãe Maria de Lourdes de Souza, que me apoiou e deu as condições necessárias para fazer o mestrado e estudar esse tema.

Ao GMARX, pelos anos de formação política e acadêmica, especialmente à Vivian Nani Ayres, Andre Amano, Ciro Yoshiyasse, Guiomar Silva Lopes, Takao Amano. Aos amigos Alessandro Funari, Alessandra Pereira e Camilla Roberts que acompanharam mais de perto e ajudaram em diversos momentos com traduções, versões e a ansiedade com a chegada dos prazos.

Ao companheiro de todas as horas, Fernando Sarti Ferreira, entre as bombas e nos bares, no desespero e nas risadas, nas viagens de avião, de ônibus, de trem.

À Emmanuel Nakamura, pela ajuda com traduções e pela companhia em Berlim.

Ao meu co-orientador na Alemanha, Alex Demirovic, sem o qual não poderia ter realizado o estágio de seis meses e que me indicou importante bibliografia alemã.

À Dra. Isabel Maria Loureiro, que fez apontamentos importantes na qualificação e correções nas traduções. E também ao professor Dr. Jean Tible, pela igualmente importante participação na qualificação.

Tenho que mencionar também os funcionários da biblioteca da Fundação Friedrich Ebert (FES), em Bonn, que enviaram digitalizações de documentos importantes.

Enfim, agradeço à todas que participaram de alguma forma desses três anos: Júlia Fernandez, Camila Aderaldo, Katrin Gildemeister, Brigitte Tilsner, Raphael de Souza, Daniela Monteiro, Elvira Manfre, Sueli de Souza e outras tantas, sintam-se abraçadas.

Este projeto teve o apoio financeiro da FAPESP, à qual agradeço e também ao parecerista pelo apoio à esta pesquisa.

Para eles a humanidade - que eles amavam como nós - era algo pronto que deveria ser conservado e protegido. Para nós a humanidade era um futuro longínquo para o qual todos estávamos a caminho, cuja imagem ninguém conhecia, cujas leis em parte alguma estavam escritas.

Emil Sinclair¹

A violência eleva o povo à altura do líder. Daí essa espécie de reticência agressiva em relação máquina protocolar que jovens governos se apressam a instalar. Quando participaram, com violência, da libertação nacional, as massas não permitem a ninguém apresentar-se como 'libertador'. Elas se mostram zelosas do resultado da sua ação e se abstêm de confiar a um deus vivo o seu futuro, o seu destino, o destino da pátria. Totalmente irresponsáveis ontem, elas querem hoje tudo compreender e tudo decidir. Iluminada pela violência, a consciência do povo se rebela contra toda pacificação.

Franz Fanon²

¹ "Für sie war die Menschheit - welche sie liebten wie wir - etwas Fertiges, das erhalten und geschützt werden mußte. Für uns war die Menschheit eine ferne Zukunft, nach welcher wir alle unterwegs waren, deren Bild niemand kannte, deren Gesetze nirgends geschrieben standen" HESSE, Hermann. *Demian: die Geschichte von Emil Sinclairs Jugend*. S.l.: Suhrkamp, 2013, p. 169-170

² FANON, Franz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 112.

RESUMO

GOMES, R. R. de S. R. **A Teoria da Acumulação de Rosa Luxemburg e o SPD: da "Reforma Social ou Revolução" ao "Socialismo ou Barbárie" (1898-1913)**. 2016. 294f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Esta dissertação pretende explicar a teoria da acumulação de Rosa Luxemburg dentro de seu contexto histórico, mostrando as ideias e discussões a partir das quais essa teoria se desenvolveu ao longo dos anos. O período determinado, 1898 a 1913, corresponde à passagem da autora pela social-democracia alemã nos anos anteriores à escrita do livro *Acumulação de Capital*, iniciando com o debate clássico com Bernstein sobre reforma ou revolução e terminando com as divergências táticas na década de 1910. Vê-se que muitas das teses apresentadas no livro foram desenvolvidas nas discussões do partido, principalmente sobre impostos e exército. Por isso, apresenta-se rapidamente a história da Alemanha nestes anos, esclarecendo que protecionismo e militarismo eram temas centrais para todas as correntes políticas da época. É apresentado também o desenvolvimento da estrutura do SPD, o crescimento da organização e sua modificação, estabelecendo a relação destas mudanças com acontecimentos do período, especialmente a revolução russa de 1905 e as eleições hotentotes de 1907. A exposição dos debates no SPD deixa clara a importância de alguns acontecimentos para a organização e como as discussões estão presentes no livro de Luxemburg, o que se reflete também nas críticas que recebeu à época. Espera-se que tenhamos contribuído para mostrar Luxemburg como uma economista política, sublinhando a importância de sua obra.

Palavras-chave: História da Alemanha; Imperialismo; Rosa Luxemburg; Marxismo; Socialismo; Capitalismo.

ABSTRACT

GOMES, R. R. de S. R. **Rosa Luxemburg's accumulation theory and SPD : from "Social Reform or Revolution" to "Socialism or Barbarism" (1898-1913)**. 2016. 294f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

This dissertation intends to explain Rosa Luxemburg's accumulation theory in its historical context, showing ideas and discussions wherein this theory was developed through the years. The established period, 1898 to 1913, corresponds to the Luxemburg's path in the German social-democracy during years before she wrote the book *Accumulation of Capital*, starting from the classic debate with Bernstein about reform or revolution and ending with tactical differences in the 1910s. It is clear that many of the outlines in her book were developed in the party discussions mostly on taxes and army. Therefore, German History during those years is quickly presented here elucidating that protectionism and militarism were central subjects to all political forces at the time. The SPD structural development is also presented, the organization growth and its changes, showing the relationship between these changes and some events, specially the Russian revolution in 1905 and the Hottentots elections in 1907. The SPD debates' explanation proves the meaning of some events to the organization and how those discussions are present at Luxemburg's book, what is also clear in the critics she received at the time. I aim to prove Luxemburg as an political economist underlining the great importance of her economic work.

Key-words: German History; Imperialism; Rosa Luxemburg; Marxism; Socialism; Capitalism.

LISTA DE SIGLAS

PPS Partido Socialista Polonês

SPD Partido Social-Democrata Alemão

SDKPiL Partido Social-Democrata do Reino da Polônia e Lituânia

USPD Partido Social-Democrata Independente

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - MÉDIA ANUAL DE SALÁRIOS DOS EMPREGADOS NA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TRANSPORTES*	238
TABELA 2 – PRODUTO INTERNO LÍQUIDO POR SETOR DA ECONOMIA ALEMÃ (1870-1913) (EM MILHÕES DE MARCOS, BASEADO NOS PREÇOS DE 1913).....	239
TABELA 3 - EMPREGADOS NA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E MINAS, CLASSIFICADOS DE ACORDO COM O TAMANHO DA COMPANHIA.....	239
TABELA 4 - NÚMERO, ANO A ANO, DE FILIADOS DO SPD (1906-1914).....	240
TABELA 5 – DELEGADOS PRESENTES NOS CONGRESSOS DO SPD.....	240
TABELA 6 – ORÇAMENTO E CONTRIBUIÇÕES ANUAIS DO SPD.....	241
TABELA 7 - MEMBROS DA DIRETORIA (<i>PARTEIVORSTAND</i>) E DA COMISSÃO DE CONTROLE DO SPD ENTRE 1898 E 1913.....	242
TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO DE MANDATOS NAS ELEIÇÕES ALEMÃS ENTRE 1890 E 1916	244

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PROPORÇÃO ENTRE OS “SEM MANDATO” E O TOTAL DE DELEGADOS NOS CONGRESSOS DO SPD (1898-1913).....	244
GRÁFICO 2 - ORÇAMENTO TOTAL E CONTRIBUIÇÕES DA BASE DO SPD (1898-1913)....	245
GRÁFICO 3 - PROPORÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES EM RELAÇÃO AO ORÇAMENTO TOTAL (1898-1913).....	245

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ENTRE A MONARQUIA CONSTITUCIONAL E A REVOLUÇÃO.....	17
1.1. O PARTIDO SOCIAL-DEMOCRATA ALEMÃO (SPD).....	29
1.2. REFORMA SOCIAL OU REVOLUÇÃO?.....	38
2. O OBJETIVO FINAL: MASSA ELEITORAL <i>VERSUS</i> HEGEMONIA IDEOLÓGICA.....	60
2.1. CONGRESSO DE STUTTGART, 1898.....	62
2.2. WIRTSCHAFTLICHE UND SOZIALPOLITISCHE RUNDSCHAU – ARTIGOS ECONÔMICOS ENTRE 1898 E 1899.....	68
2.3. CONGRESSO DE HANNOVER, 1899.....	71
2.4. CONGRESSO DE MAINZ, 1900.....	80
2.5. CONGRESSO DE DRESDEN, 1903.....	85
2.6. CONGRESSO DE JENA, 1905.....	90
2.7. MASSENSTREIK, PARTEI UND GEWERKSCHAFTEN – A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1905.....	100
2.8. CONGRESSO DE MANNHEIM, 1906.....	104
2.9. CONGRESSO DE ESSEN, 1907.....	111
2.10. CONGRESSO DE JENA, 1911.....	117
2.11. CONGRESSO DE CHEMNITZ, 1912.....	124
2.12. O PRÓLOGO DO COLAPSO.....	128
3. ECONOMIA DA REVOLUÇÃO.....	132
3.1. DIE AKKUMULATION DES KAPITALS: EINE MAGNUM OPUS.....	135
3.1.1. A ACUMULAÇÃO: O PROBLEMA.....	138
3.1.2. A HISTÓRIA DO PROBLEMA.....	152
3.1.3. O PROBLEMA NA HISTÓRIA.....	166
3.2. GLOSAS SOBRE DIE AKKUMULATION.....	180
4. A RECEPÇÃO DA OBRA DE ROSA LUXEMBURG.....	190
4.1. A ANTICRÍTICA DE LUXEMBURG.....	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	229
ANEXOS.....	238
BIOGRAFIAS.....	271

INTRODUÇÃO

Em 1899, Bernstein publicou um livro como resultado de uma série de artigos publicados na revista do SPD, *Die Neue Zeit*, durante o ano de 1896³. Suas ideias geraram grande polêmica no partido e explicitaram as divisões internas entre a ala dos reformistas e dos ortodoxos. Bernstein constatou um descompasso na sociedade moderna entre consumo e produção, mas que seria resolvido, na sua interpretação, regulando-se o sistema, dividindo melhor o produto final; desta forma, o socialismo se realizaria em alguma medida.

O que o revisionismo-reformismo iniciado com Bernstein questiona é a finalidade da social-democracia alemã. Sua tese visa colocar a via parlamentar como o objetivo do partido, desviando-o da revolução como fim último. Na verdade, ele teoriza uma prática já estabelecida no SPD, que se afastava do movimento de rua e procurava alianças com liberais progressistas em câmaras locais para votar projetos favoráveis aos trabalhadores.

Essas ideias eram resultado do final do século XIX e do marco que fora a Comuna de Paris. Esta parecia ter enterrado as barricadas como método de luta do movimento operário na medida em que impuseram a necessidade de democracia na Europa. Nesse sentido, o parlamento parecia ser o caminho para o socialismo, e tal perspectiva embasava-se em textos como o de Engels na introdução à *As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850*, editado pelo *Vorwärts* em 1895, que deu um tom puramente reformista e democrático-burguês a um texto que defendia a via democrática sem abrir mão do momento de convulsão social⁴.

Em 1898, Rosa Luxemburg respondeu à essas posições em textos reunidos na brochura *Reforma Social ou Revolução?*, na qual ela defende a luta por reformas como um caminho para o socialismo, devendo a social-democracia direcionar suas táticas e estratégias no sentido de uma consciência e um movimento operários revolucionários. Neste momento, ela deu pouco crédito às teorias revisionistas e disse que “não é a origem da corrente oportunista, mas sim sua fraqueza que é surpreendente”⁵, contando com o apoio da direção do partido e outros teóricos como Karl Kaustky, que também posicionou-se contra as teses de

3 “*Die Voraussetzung des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie* [Las premisas del socialismo y las tareas de la socialdemocracia] de Eduard Bernstein fue editado em Stuttgart em marzo de 1899. El libro nació de la reelaboración y el desarrollo de una serie de artículos titulada 'Problemas del socialismo', que el autor comenzara a publicar en *Die Neue Zeit* en 1896, pero que luego debió interrumpir varias veces debido a la aspereza de las reacciones polémicas suscitadas.” COLLETTI, Lucio. *El marxismo y el “derrumbe” del capitalismo*. México: Siglo Vientiuno Editores, 1985. p. 143.

4 Ver ENGELS, Friedrich. “Introdução”. In: MARX, Karl. *A Revolução Antes da Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, v. 2, p. 37-62. Também ENGELMANN.

5 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 87.

Bernstein, em *Bernstein und das Sozialdemokratische Programm. Eine Antikritik*⁶. Mas a corrente “oportunista” efetivamente cresceu no partido, conforme mostraremos a partir da análise das discussões dos congressos e a preocupação com as eleições, refletindo-se em importantes sucessos eleitorais.

Para tanto, o presente trabalho parte da descrição da política alemã da época e sua estrutura partidária, seguindo para a análise do debate com Bernstein, aprofundando-se em questões da época debatidas nos congressos do SPD e relacionadas à temas da obra de Luxemburg. Nesse percurso, passamos por duas datas importantes para a mudança na social-democracia e no pensamento de nossa autora: a Revolução Russa de 1905 e as eleições de 1907.

Assim, para tratar de *A Acumulação do Capital* foi necessário passar pela greve de massas e pela mudança de pensamento de Luxemburg. Nesse processo, ela enfatiza a importância da ação para a construção da organização e da unidade entre as pautas econômicas e políticas⁷. Por isso, não é possível compreender o significado político-econômico de *Acumulação* sem entender a leitura dela da Revolução Russa de 1905 e também sua leitura das eleições de 1907, quando o partido perde muitos votos. Esses dois momentos foram importantes para o pensamento da autora, pois impactaram também os debates e a atuação da social-democracia, constituindo-se, portanto, enquanto momentos-chave na análise dos congressos do partido.

Veremos que depois desses acontecimentos chegamos a 1913 com um reformismo estabelecido no partido, o qual estava cada vez mais centralizado nas mãos desse setor e endurecendo o discurso sobre a necessidade de um movimento operário pacífico, de mobilizar pelo pacifismo mesmo no capitalismo. É nesse momento que Rosa publicou *A Acumulação do Capital*, argumentando a favor do colapso econômico e da necessidade histórica do socialismo, contrapondo-se às teorias que postulavam a eternidade do sistema.

Foi somente com seu trabalho *A Acumulação do Capital* que a teoria econômica de Rosa Luxemburg tornou-se controversa. Apesar de ela dizer que o livro surgiu de complicações encontradas enquanto redigia um texto

6 [1899] Referência retirada de LUXEBURG, Rosa. “Kautskys Buch wider Bernstein”. In: *Gesammelte Werke*. Berlin: Dietz Verlag, 1974, v. 1/1, p. 537-554.

7 “Desgleichen hat erst diese intensive ökonomische Agitation die weitere Schichten der Arbeiterschaft so weit aufgerüttelt, ihnen die Idee des Klassenkampfes so weit beigebracht, dass die ausgesprochene und scharf akzentuierte politische Agitation einen fruchtbaren Boden fand und so die Reihe der grossen Strassendemonstrationen entfesseln konnte.” LUXEBURG, Rosa. “Die Revolution in Rußland”. in: _____. *GW*. Berlin: Dietz Verlag, 1974, v. 1/2, p. 506. Tradução da autora: “Igualmente, primeiro esta agitação econômica sacudiu a tal ponto as vastas camadas do operariado, ensinou-lhes a tal ponto a ideia da luta de classes, que a dita e rigidamente acentuada agitação política encontrou um terreno fértil e pode desencadear a série de grandes manifestações de rua”.

popular sobre economia política, nomeadamente, sua incapacidade de relacionar o processo de reprodução capitalista global aos limites objetivos da reprodução do capital, fica claro em seu trabalho que era também uma reação à degeneração da teoria marxista iniciada pelo “Revisionismo” que varreu o movimento socialista na virada do século.⁸

Um desses teóricos que serviu de base e/ou inspiração para as teorias revisionistas foi Mikail Tugán-Baranovski, economista russo-ucraniano autor de duas obras importantes para o debate sobre a reprodução do capitalismo: *Studien zur Theorie und Geschichte der Handelskrisen in England*⁹ (escrita em 1894, mas publicada em alemão apenas em 1901) e *Theoretische Grundlage des Marxismus*¹⁰, de 1905.

Para este autor, o capitalismo cria mercados para si mesmo e, portanto, não há problemas com a superprodução de mercadorias e não há uma queda da taxa de lucro, pois a diminuição do valor gasto com trabalhadores também geraria lucro na medida em que tanto máquinas quanto trabalhadores produziram mais-valia¹¹. A partir disso, argumenta que o capitalismo pode se desenvolver e expandir mesmo com um consumo decrescente, pois a mais-valia capitalizada seria reinvestida em maquinaria e suprimentos para a produção. As máquinas atuariam como os consumidores¹². A demanda cresceria com o aumento do capital, pois este precisa de suprimentos para a própria reprodução.

O problema do capitalismo seria, na sua perspectiva, a falta de controle ou planejamento. Por este motivo ocorrem momentos de superprodução em alguns setores enquanto outros se encontram em subprodução. A chave para entender as crises seria, assim, a desproporcionalidade do processo social global causada pela anarquia econômica. E o socialismo deveria vir para regular esse sistema de acordo com as necessidades dos homens, estabelecendo a proporcionalidade entre produção e consumo e o planejamento.

Este tipo de argumentação põe de lado o colapso econômico do capitalismo e a transformação radical da sociedade baseada na mudança do modo de produção e não apenas

8 "It was only with her work on *The Accumulation of Capital* (1912) that Rosa Luxemburg's economic theories became controversial. Although she claimed that this book grew out of complications arising in the course of her popular lectures on National Economy, namely, her inability to relate the total capitalist reproduction process to the postulated objective limits of capital production, it is [sic] clear from the work itself that it was also a reaction to the emasculation of Marxian theory initiated by the "Revisionism" that swept the socialist movement around the turn of the century". MATTICK, Paul. *Rosa Luxemburg in Retrospect*, 1978. Fonte: www.marxists.org. As traduções de trechos selecionados foram realizadas pela autora. Os textos originais estão citados em nota.

9 "Estudos sobre a Teoria e História das Crises Comerciais na Inglaterra"

10 "Fundamentos Teóricos do Marxismo"

11 Ele não leva em conta a teoria de Marx da mais-valia para a qual apenas o trabalho humano gera valor.

12 Ocorre que, desta forma, as trocas se processariam basicamente entre produtores de meios de produção, deixando à produção de meios de consumo a tarefa pouco lucrativa de sustentar o proletariado e vender pequenos luxos aos capitalistas.

na redistribuição dos lucros auferidos com ele.

A síntese teórica apresentada em *A Acumulação do Capital* vem no sentido justamente de contrapor-se à tal interpretação e fortalecer a ideia do colapso do capitalismo e a impossibilidade de reformá-lo com políticas de redistribuição de renda. Rosa se propõe a pensar o processo de acumulação para explicar a forma desse colapso, demonstrar a insustentabilidade do sistema, levando ao caminho necessário da revolução.

A forma como ela demonstra este movimento pode parecer esquemática em uma primeira leitura, levando à crença no fatalismo da revolução. É preciso atentar, no entanto, para o contexto da época e para a forma de escrita do próprio livro. Naquele momento era necessário pôr toda a ênfase nas condições objetivas da revolução, porque do ponto de vista subjetivo o proletariado parecia, para Rosa, pronto para a ela. Faltava mostrar aos militantes do partido que as condições materiais também estavam dadas, como sempre estiveram no capitalismo.

Portanto, estava colocada no livro a questão do colapso do capitalismo, que Norman Geras identifica com a barbárie, não com a revolução. Este autor em *A Barbárie e o colapso do capitalismo*, ressalta que a divisa “revolução ou barbárie” não aparece na obra e vida de Rosa após a votação dos créditos de guerra pelo SPD, em 1914, mas sempre esteve presente em sua concepção ao trabalhar a necessidade histórica do socialismo não como um fato dado, mas a ser construído¹³.

Essa ideia é oposta à de Michael Löwy e rendeu uma polêmica entre os dois autores nos anos 1970 na *New Left Review*. Geras criticou Löwy e este resenhou o livro rebatendo as críticas. Löwy sustenta um corte profundo no pensamento de Luxemburg após 1914-5, pois considera que foi somente depois da guerra que a barbárie se apresentou como uma alternativa, antes disso só o socialismo estava no horizonte. Assim, a própria igualdade entre colapso e barbárie só apareceria depois de 1914.

Durante a realização desta pesquisa - e diferentemente do apresentado no projeto inicial -, pareceu-me que uma síntese seria a melhor solução: enquanto Geras estabelece uma continuidade de pensamento muito linear, difícil de conceber em qualquer autor, Löwy estabelece o exato oposto, um corte vertical, um antes e um depois. De fato, Luxemburg mudou muito depois da guerra e antes disso as greves de massas foram outro momento de mudança. Contudo, acredito que a possibilidade da barbárie vai aparecendo aos poucos ao longo da década de 1910 como o outro da revolução, como a negação da luta de classes: se o proletariado não tomasse para si a sua tarefa, a barbárie se apresentaria. Nesse sentido,

13 GERAS, Norman. *A Actualidade de Rosa Luxemburg*. Lisboa: Anídoto, 1978. p. 36.

colapso não é a mesma coisa que barbárie, ele é o momento de derrocada do capital que pode levar à evolução da humanidade e, portanto, ao socialismo, ou à sua ruína geral na barbárie. Essa diferenciação tão clara só aparece depois de 1914, mas está presente no silêncio, na ênfase de que o proletariado *deve* fazer a revolução antes que o capitalismo colapse.

Não pretendemos com isso imputar uma linearidade ao pensamento de Luxemburg, apagando suas confusões, mas compreendemos que a preocupação com as posições tomadas pela social-democracia durante a década de 1910 apontavam para a possibilidade de uma guerra mundial sem resistência do movimento operário, o que para Luxemburg seria a barbárie. É nesse sentido que a divisa parecia estar se formando no período. É claro que a confiança nas massas era maior que sua desconfiança do partido; no limite, as bases remariam contra a direção e a obrigariam a sair do lugar, mas veremos que mesmo essa certeza apresenta momentos de dúvida quando as massas não se revoltam contra a direção mesmo discordando das suas ações, como aparece no texto *Novamente a massa e o líder* de 1911.

Para entender essas relações com o contexto intelectual e sociopolítico da época da autora, seguimos a metodologia proposta por Quentin Skinner para a história das ideias, procurando compreender os vocábulos e identificando as motivações da autora ao propor questões e utilizar determinados termos.

Mais do que isso, foi de extrema importância para essa pesquisa a advertência de Skinner de que não se devem apagar as confusões e incoerências no pensamento de nossos objetos de estudo, uma vez que isto faz parte da construção das ideias. O que se buscou seguir, principalmente, na comparação das obras *Reforma Social ou Revolução?* e *A Acumulação do Capital* e também na análise do pensamento econômico de Luxemburg foi o que mudou nesses 15 anos e se existem incongruências.

Também usamos Jean-Paul Sartre que pontua a importância de se entender as dimensões concretas particulares do círculo social do objeto - a social-democracia alemã, em nosso caso - e da história particular dos sujeitos, estabelecendo as bases para o surgimento desses atores.

Quando nos dizem: ‘Napoleão, enquanto indivíduo, não era senão um acidente; o que era necessário era a ditadura militar como regime liquidador da Revolução’, pouco nos interessa, pois sempre soubemos. O que pretendemos é mostrar que *este* Napoleão era necessário, é que o desenvolvimento da Revolução forjou ao mesmo tempo a necessidade da ditadura e a personalidade inteira daquele que devia exercê-la; e também que o processo histórico propiciou *ao General Bonaparte pessoalmente* poderes prévios e ocasiões que lhe permitiram – e apenas a ele – apressar esta liquidação; é numa palavra, que não se trata de um universal abstrato, de uma situação tão mal definida que vários Bonapartes eram *possíveis*, mas de

uma totalização concreta em que *esta* burguesia real, feita de homens vivos, devia liquidar *esta* Revolução e onde *esta* Revolução criava seu próprio liquidar na pessoa de Bonaparte, em si e para si.¹⁴

Como Sartre exemplifica com Bonaparte, tentamos entender a própria figura dessa judia polonesa que teve forte papel político dentro da social-democracia alemã no final do século XIX e início do século XX para compreender o lugar de sua obra e de suas questões. Por que foi ela e não outro membro do partido quem se dedicou à acumulação? De que forma sua figura foi construída pelo seu contexto, mas de que forma também as suas particularidades influenciaram a sua contemporaneidade?

As duas perspectivas complementam-se, uma tratando do contexto social e outra da relação entre particular e universal como uma leitura teórico-metodológica da totalidade no método de Marx. Relacionam-se com o marxismo na escrita de uma história dos sujeitos concretos inseridos em realidades históricas específicas.

Por todas estas questões, preocupamo-nos em apresentar um panorama da sociedade alemã do período, em pontuar mudanças importantes nas relações de Luxemburg e, principalmente, em investigar através de fontes primárias, ainda pouco ou nada utilizadas no Brasil, os debates do SPD. Buscamos as atas dos congressos do partido e escolhemos ali os principais debates do período, além de temas vinculados à teoria de Luxemburg para apresentarmos o que a social-democracia pensava sobre eles, quais as mudanças que ocorreram nas diretrizes e se elas ocorreram. Essa talvez tenha sido a maior contribuição do trabalho, uma vez que a maioria das pesquisas sobre Rosa Luxemburg, ao menos no Brasil, concentram-se em seus livros e nas grandes ideias, por vezes perdendo o pano de fundo essencial: Rosa Luxemburg era uma militante, mulher do século XIX, no maior partido socialista da época, com grande força de mobilização de massas lutando com homens do século XIX pela Revolução social.

Por isso, se queríamos entender a contribuição de Luxemburg para pensar o sistema capitalista e a mudança da perspectiva de revolução e colapso econômico de *Reforma Social ou Revolução?* para *A Acumulação do Capital*, precisávamos entender com quem ela estava debatendo e por quê. Nesse processo de investigação conseguimos entender porque a necessidade da autora em sistematizar o conceito de "imperialismo" retornando a Marx e seu método e porque seus críticos falharam em compreender sua obra em seu ponto mais essencial, a história do capital, concentrando-se nos esquemas de reprodução.

14 SARTRE, Jean-Paul. "O Problema das Mediações e das Disciplinas Auxiliares". In: *O existencialismo e um humanismo. A imaginação. Questão de Método*, São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 147-148

Para Georg Lukács, a obra de Rosa Luxemburg é uma retomada da dialética marxista com grande importância para a teoria econômica e para as práticas revolucionárias. Seus críticos

(...) não compreenderam que com essas fórmulas [*os esquemas de Marx*] a realidade econômica, por princípio, nunca pode ser abarcada, visto que essas fórmulas pressupõem uma abstração (a sociedade considerada como composta unicamente de capitalistas e proletários) da realidade em seu todo, portanto, essas fórmulas podem servir apenas ao esclarecimento do problema, como um trampolim para colocar o problema verdadeiro¹⁵.

Até mesmo Anton Pannekoek, socialista holandês em muitos pontos mais radical que Luxemburg, falhou em compreender que o essencial não eram os esquemas, mas sim o desenvolvimento do imperialismo, a história do capitalismo contada de forma sucinta e esquemática porque foi a fundo em suas estruturas.

Para explicar o desenvolvimento dessa teoria e a falha dos críticos não nos dedicamos às análises econômicas, pois, conforme mencionamos, já existem muitas e bem-feitas que podem ser consultadas. Embora não seja possível fugir de todo aos esquemas, a intenção não é discuti-los. Pretendeu-se apresentar as contribuições de Luxemburg para a análise do sistema capitalista, especificamente sob a forma do imperialismo, levando-nos às relações entre teoria e prática para nossa autora, relacionando-as com o momento político da Alemanha antes da Primeira Guerra Mundial.

Acreditamos que compreender os processos da social-democracia alemã e de Luxemburg, que se entrelaçam e constituem em muitos aspectos um só, pode ajudar a entender porque a revolução mundial não aconteceu apesar de tantas crises ao longo do século XX e início do século XXI. Ao contrário do que previa ou queria Luxemburg, o capitalismo triunfou sobre o socialismo. Teria sido a teoria de Luxemburg também derrotada nesse processo? Seria possível pensarmos em revolução ainda hoje? Qual o nosso horizonte?

Pensando nas motivações desse estudo é importante ter em mente as observações de Marc Bloch acerca do ofício do historiador: “A ignorância do passado não se limita a prejudicar o conhecimento do presente, compromete, no presente, a própria ação”. Nesse sentido, busca-se aprender com o passado¹⁶.

¹⁵ Ibidem, p. 113.

¹⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

1. ENTRE A MONARQUIA CONSTITUCIONAL E A REVOLUÇÃO

*“Quando se segue a história do partido nos últimos dez anos, especialmente estudando as atas dos congressos, vê-se que a tendência bersteineana fortaleceu-se gradualmente, mas não conseguiu ir adiante – e eu espero que nunca consiga.”*¹⁷

Rosa Luxemburg, Congresso de Hannover, 1899.

Em janeiro 1871, Wilhelm I entrou no palácio de Versalhes para ser coroado imperador da Alemanha unificada, iniciando o Segundo Império (*II. Reich*) com uma vitória estrondosa sobre a França, arquitetada pelo chanceler Otto E. L. von Bismack. Meses depois, os parisienses se insurgiam na Comuna de Paris, em março de 1871 e, passados 90 dias, eram massacrados por Thiers com a ajuda do exército prussiano. No mesmo ano, em março, nascia a filha mais nova de Eliasch e Lina Luksenburg, Rosalia, na cidade russo-polonesa de Zamość. Esses acontecimentos, até então independentes, se cruzariam nos anos seguintes.

A unificação tardia da Alemanha sob o comando do chanceler de ferro e da Prússia através de uma ação militar (a Guerra Franco-Prussiana) influenciou a história da Era dos Impérios (1870-1914), ou em outras palavras, é o seu marco inicial junto com a eclosão da Comuna de Paris.

Segundo Eric Hobsbawm¹⁸, o período caracteriza-se por transformações na organização do sistema capitalista e da política mundial que permitem delimitá-lo como um momento histórico diferente de outros da época contemporânea. Os avanços tecnológicos do século XIX foram fundamentais para o desenvolvimento do capitalismo: a melhoria dos transportes e o consequente encurtamento de distâncias; o telégrafo, o linotipo e a fotografia revolucionaram a circulação de informações, disseminando a quantidade de publicações; o motor de combustão interna acelerou a produção, permitiu a invenção do automóvel e gerou uma demanda por petróleo muito alta nos países centrais.

Essas mudanças, frutos da Segunda Revolução Industrial, espalharam-se pelo continente Europeu, outros países se desenvolveram industrialmente e passaram a competir no mercado internacional com a Inglaterra. Essa foi a principal transformação deste período e aquilo que caracteriza o imperialismo: a criação de um mercado internacional. Este mercado se diferencia das transações comerciais coloniais, pois se fundamenta na concorrência entre os

¹⁷ “Wenn Sie die Parteigeschichte seit zehn Jahren verfolgen, namentlich die Parteitagprotokolle studiren, so sehen Sie, daß die Bernsteinsche Richtung allmählig erstarkt ist, aber noch durchaus nicht zur Reise gelangt ist-ich hoffe, daß sie es nie wird.” *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 174.

¹⁸ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

países industrializados e em uma divisão de funções internacionais, submetendo antigas colônias às necessidades de matérias-primas da Europa ao mesmo tempo em que faz surgir novos espaços coloniais.

A formação do Estado nacional alemão contribuiu para essa conjuntura, e também se alimentou dela, pois o país foi o que mais se desenvolveu economicamente nestes anos, ultrapassando a Inglaterra, atrás apenas dos Estados Unidos. A consequência do rápido e tardio crescimento foi a disputa por áreas de exploração já conquistadas, gerando uma série de conflitos e tensões que terminaram na Primeira Guerra Mundial.

Internamente, o Império Alemão surgiu centralizado nas figuras primeiro do chanceler Bismarck, depois do imperador Wilhelm II, ou seja, sob as ordens do estado prussiano. Além disso, foi o rebento de forças conservadoras e não de uma revolução burguesa, derrotada em 1848/9, quando tentaram implementar uma constituinte sediada em Frankfurt am Main, mas à qual os príncipes não se submeteram. A Alemanha formou-se liderada por uma aristocracia (os príncipes), por uma burocracia estatal de funcionários públicos e pelos militares, características que estruturaram o Segundo Império e influenciaram a história posterior do país.

Em 1871, a Alemanha era um império formado por quatro reinos, seis grão-ducados, cinco ducados, sete principados, três cidades hanseáticas e a Alsácia-Lorena, os quais constituíam os Estados da federação¹⁹. Cada uma dessas unidades possuía um conjunto próprio de leis que incluía uma legislação eleitoral: o sistema era unificado apenas para a eleição do *Reichstag*, o parlamento do império, e o voto era direto e universal para homens maiores de 25 anos. Por exemplo, na Prússia, o maior dos reinos, as eleições para o parlamento regional (*Landtag*) seguiam o sistema de três classes, no qual a população com mais posses tinha maior peso eleitoral, o que gerava resultados desproporcionais, na medida em que um setor menor da população tinha maior representatividade parlamentar. O Partido Social-Democrata Alemão (SPD), por exemplo, conseguiu eleger os primeiros deputados na Prússia apenas em 1908, quando recebeu 23,9% dos votos e sete de 443 mandatos²⁰.

Até 1890, o Estado foi comandado por Bismarck, que estabeleceu a estrutura

¹⁹ Mesmo com a unificação, a Alemanha manteve seus principados e reinos anteriores, mas submetidos à uma Constituição e ao Imperador. Ela dividia-se em: Reinos da Prússia, Bavária, Saxônia e Württemberg; Grão-ducados de Baden, Hessen, Mecklenburg-Schwerin, Mecklenburg-Strelitz, Oldenburg, Sachsen-Weimar-Eisenach; Ducados de Anhalt, Braunschweig, Sachsen-Meiningen, Sachsen-Altenburg, Sachsen-Koburg-Gotha; Principados de Waldeck, Schaumburg-Lippe, Lippe, Schwarzburg-Rudolstadt, Reuß ältere Linie, Reuß jüngere Linie, Schwarzburg-Sondershausen; Cidades-estado Hamburg, Bremen, Lübeck. A Alsácia-Lorena foi incluída em 1873 como território do império.

²⁰ O sistema prussiano era o que mais gerava debate nos meios socialistas por ser o mais desigual. WINKLER, Heinrich August. *Der lange Weg nach Westen. Erster Band*. München: C. H. Beck, 2010, p. 302.

fundamental do Segundo Império, baseada em quatro órgãos: Imperador, Chanceler, *Reichstag* e conselho federal (*Bundesrat*). Até então, cinco linhas partidárias mais ou menos estáveis atuavam na política alemã: conservadores, nacional-liberais, liberais de esquerda, centro (*Zentrum*) e social-democratas²¹.

O imperador era o rei da Prússia, o qual poderia dissolver o *Reichstag*, nomear e demitir o chanceler, decidir sobre a guerra ou a paz e detinha o comando do exército prussiano, o que lhe permitia sufocar oposições com certa facilidade²².

O chanceler era também o chefe do estado da Prússia (*Ministerpräsident*), que tomava as principais decisões e determinava a linha política do governo alterada diversas vezes entre 1890 e 1914 de acordo com o chanceler nomeado. No entanto, precisava negociar com o *Reichstag*, porque este deveria sancionar as leis e o orçamento do Estado. Assim, segundo o historiador Ulrich Herbert: “A posição do chanceler era, nesse sentido, contraditória: muito forte para um sistema democrático-parlamentar, muito fraca para uma ditadura constitucional”²³.

O *Bundesrat* possuía representantes de todos os estados e contava com 58 votos, a maioria pertencentes à Prússia. Também aprovava as leis e o orçamento e podia propor legislação, funcionando de forma similar ao *Reichstag*, mas com maior influência. Na verdade, compunha o poder da Prússia, que presidia o órgão.

O *Reichstag* era o órgão mais “democrático”, que contrabalançava essa estrutura autocrática e aristocrática. Entre 1874 e 1912, compôs-se de 397 deputados, eleitos de cinco em cinco anos conforme a legislação posterior a 1888. O voto era direto para todos os homens acima de 25 anos. Tinha como funções aprovar as leis e o orçamento com o consentimento do *Bundesrat* e poderia chamar o chanceler a se explicar no parlamento²⁴.

O período de Bismarck foi marcado por uma centralização do poder possibilitada pela crise econômica de 1873-79. Essa crise deslegitimou as ideias liberais de livre mercado e abriu espaço para a intervenção na economia. A Alemanha nesse período passou por um

21 HERBERT, Ulrich. *Geschichte Deutschlands im 20. Jahrhundert*. C.H. Beck Verlag, 2014.

22 A constituição de 1871 unificou os exércitos alemães sob o comando da Prússia. No entanto, ela estabelecia que, em tempos de paz, cada Estado era responsável pela administração e comando supremo de seus respectivos exércitos. Essa formação dava maior poder à Prússia, o maior Estado, cujo exército submeteu os outros reinos na unificação. VERFASSUNG des Deutschen Reiches vom 16. April 1871, disponível em: <<http://www.documentarchiv.de/ksr.html>>, acesso 20 abr. 2016.

23 “Die Stellung des Reichskanzlers war insofern widersprüchlich: zu stark für ein demokratisch-parlamentarisches System, zu schwach für eine konstitutionelle Diktatur.” In: HERBERT, op. cit., p. 70.

24 Segundo Herbert, houve uma parlamentarização progressiva do império e Bismarck tentou impedi-la de diversas formas, tendo fracassado. Ver também sobre a estrutura política do império em LOUREIRO (2005a) e VERFASSUNG des Deutschen Reiches vom 16. April 1871, disponível em: <<http://www.documentarchiv.de/ksr.html>>, acesso 9 out. 2015.

rápido crescimento econômico e esse desenvolvimento refletiu-se também na formação de seu movimento operário. O crescimento dos socialistas, principalmente após sua unificação no congresso de Gotha em 1875, gerou um problema para as classes dirigentes alemãs colocando o socialismo como inimigo de Estado²⁵.

Esses fatores e dois atentados contra o Kaiser permitiram a aprovação das leis antissocialistas pelo *Reichstag* em 1878, as quais proibiam organizações, reuniões e publicações socialistas; seus deputados continuaram no *Reichstag*, mas sem a legenda partidária e foram proibidos de fazer propaganda política. Ao mesmo tempo, Bismarck aprovou diversas leis de assistência social que formaram a base do sistema atual da Alemanha como a lei de saúde (*Krankenkassegesetz*) e de acidentes de trabalho (*Unfallversicherungsgesetz*). Para Herbert, essas medidas tinham dois objetivos: afastar os trabalhadores da social-democracia e acabar com o princípio liberal de não-intervenção do Estado na economia.

As leis antissocialistas e a estrutura estatal expressam a contradição que perpassou o recém-criado Estado alemão entre uma monarquia centralizada e um parlamento burguês, entre democracia e autocracia. Na época de Bismarck, a centralização tinha mais força, os grupos liberais se dispersaram nos anos 1880, acabando por fortalecer o chanceler. No entanto, sua política econômica protecionista de produtos agrícolas e voltada a uma expansão dentro da Europa limitava a expansão industrial que precisava de maior flexibilização das tarifas alfandegárias e participava na concorrência internacional por áreas de exportação. O desenvolvimento econômico da Alemanha colocou-a no mapa da disputa mundial por colônias, exigindo uma nova política externa e interna: tanto para garantir a fatia alemã do bolo mundial quanto para frear o crescimento da social-democracia que havia saído vitoriosa no combate contra as leis antissocialistas.

A retirada do chanceler de ferro era necessária. Em 1888, Wilhelm II assumiu o comando do Império após a morte de seu pai. Seu objetivo era tornar-se representante da nação alemã centralizando o Estado em sua figura. Por isso, o recém-coroadado demitiu Bismarck e nomeou o conde (*Graf*) Leo von Caprivi como sucessor, em 1890.

A política do novo chefe de governo procurou favorecer a exportação de bens industrializados através de acordos comerciais que tinham como contrapartida a redução das tarifas alfandegárias para os cereais, especialmente importantes para a elite agrária a leste do rio Elba, ou seja, prussiana.

25 HERBERT, Ulrich. *Geschichte Deutschlands im 20. Jahrhundert*. C.H. Beck Verlag, 2014. O que não apresenta nada de estranho, já que as ideias socialistas se apresentavam como transformadoras da sociedade, pretendendo tomar ou destruir do Estado.

Como era de se esperar, as medidas não agradaram essa elite. Em 1893, Caprivi perdeu uma votação no *Reichstag* sobre a expansão do exército, o que o fez fechar o parlamento. Com a perda de apoio, Wilhelm II substituiu-o pelo príncipe (*Fürst*) Chlodwig von Hohenlohe, em 1894.

Os conflitos de interesses entre as elites agrária (*Junker*) e industrial nesses anos foram muitos e refletiram certa instabilidade política durante toda a década, até que em 1900 encontrou-se o que parecia ser o ponto de união dessas elites contra a social-democracia: *die Flottenpolitik*. Desde a nomeação de Hohenlohe até 1900, a política do governo concentrou-se em combater a social-democracia através da chamada *Sammlungspolitik*, criada por Johannes von Miquel (ministro das finanças desde 1890). Ela pretendia reunir todas as forças do estado e da sociedade para combater o socialismo²⁶.

Para tornar essa política real, era preciso alinhar os interesses entre agricultura e indústria, entre defensores do livre-comércio e das tarifas alfandegárias (...) O problema central era aqui o mesmo de 25 anos atrás: a enorme pressão da concorrência através da importação de cereais baratos do exterior colocava a agricultura sob forte pressão para a racionalização.²⁷

A unidade das elites não aconteceu, mas houve tentativas de desacelerar o movimento operário. Uma delas foi a *Zuchthausvorlage*, projeto de lei apresentado ao parlamento em 1899 que previa penas mais duras para pessoas que obrigassem trabalhadores a participar de greves ou sindicatos. Na prática, equivalia à criminalização de grevistas e sindicalistas. Essa lei foi rejeitada por ampla maioria no *Reichstag*, porque era repressiva demais até mesmo para a burguesia²⁸.

O fracasso da *Sammlungspolitik* foi superado, em parte, com medidas do chanceler nomeado em 1900, Bernhard von Bülow. Em 1902, ele aumentou moderadamente as tarifas alfandegárias, melhorou políticas sociais e prolongou os acordos comerciais essenciais para os industriais. Alcançado um equilíbrio mais ou menos estável entre as elites, era preciso movimentar novos meios de conter a social-democracia, encontrados na construção de uma armada (*die Flottenpolitik*).

Bülow manteve-se no cargo até 1907 e, junto com seu ministro do interior Graf Arthur Posadowsky-Wehner, fez políticas sociais para aproximar os trabalhadores da monarquia com

26 WINKLER, Heinrich August. *Der lange Weg nach Westen. Erster Band*. München: C. H. Beck, 2010.

27 “zwischen Landwirtschaft und Industrie, zwischen Freihändler und Schutzzöllnern [...]. Das Grundproblem war hierbei immer noch das gleiche wie 25 Jahre zuvor: Der enorme Konkurrenzdruck durch den Import billigen Getreides aus dem Ausland setzte die Landwirtschaft unter starken Rationalisierungsdruck.” HERBERT, Ulrich. *Geschichte Deutschlands im 20. Jahrhundert*. C.H. Beck Verlag, 2014, p. 89.

28 Por volta desse período, August Bebel sustentava a agudização das contradições de classe na sociedade alemã o que parece ter seu fundamento no desespero do Estado em abafar a social-democracia a qualquer custo, sem grandes sucessos.

medidas como a ampliação, em 1900, do seguro contra acidentes de trabalho; a obrigatoriedade do *Gewerbeberichte*²⁹ e a construção de casas para trabalhadores, em 1901; o prolongamento do seguro contra doenças, em 1903; e a proibição do trabalho infantil para as indústrias nacionais.

O outro lado de sua política com Posadowsky - a expansão da marinha - não era exclusividade da Alemanha, pois qualquer política internacional baseada na concorrência e conquista de colônias teria que enfrentar a Inglaterra naquilo que ela era mais forte: a armada. Além disso, essa política funcionava como uma compensação do protecionismo para a burguesia, uma vez que reunia ciência moderna e técnica à perspectiva de um comércio mundial, valores carregados por essa classe³⁰.

No entanto, a Alemanha não conseguiu ultrapassar a Inglaterra nos mares, alcançando apenas a desconfiança internacional por causa de sua política diplomática e militarista ofensivas. Internamente, o nacionalismo não surtiu efeito para derrubar a social-democracia, que obteve bons resultados nas eleições de 1903³¹ e ainda acabou com a união entre as elites ao necessitar de uma reforma financeira para cobrir os gastos militares, vetada pelo parlamento.

A situação chegou ao ápice em 1906, devido ao levante dos hereros no sudoeste da África (hoje Namíbia, na época uma colônia alemã). A revolta começou por causa da destruição dos rebanhos de gado, deixando a população indígena na miséria e acabando com seu gênero de vida, além das péssimas condições de trabalho em empresas alemãs e a constante expansão da dominação de territórios nativos. As tropas alemãs derrotaram os sublevados, mas levaram o conflito adiante transformando-o em extermínio da população local, arrastando-o por anos, o que teve como resultado, além das mortes dos hereros, altos prejuízos para o orçamento do Império que se somaram aos de conflitos anteriores, como a conquista de Kiautschou em 1897 e a guerra dos Boxers na China, na virada do século³².

Quando em 1906 o chanceler pediu novos recursos para o *Reichstag* com a finalidade de continuar a guerra, conservadores do *Zentrum* e social-democratas se posicionaram contra e o governo foi derrotado. Bülow, na ocasião, fechou o parlamento, convocou novas eleições e organizou uma campanha contra os “inimigos do império”, suplantando os dois partidos que

29 Tribunais de arbitragem em conflitos trabalhistas. Sentavam-se neles representantes eleitos pelos trabalhadores e pelos empregadores de forma paritária.

30 HERBERT, op. cit.

31 Ver Anexo: TABELA 8 – Distribuição de mandatos nas eleições alemãs entre 1890 e 1916.

32 Ver também: BORN, Karl Erich. *Von der Reichsgründung bis zum ersten Weltkrieg*. München: Deutscher Taschenbuch, 1975. (Handbuch der deutschen Geschichte, v. 16)

fizeram oposição, no que ficou conhecido como “eleições hotentote”. Assim, o chanceler conseguiu uma maioria no parlamento, conhecida como Bülów-Block, reunindo conservadores, nacional-liberais e liberais de esquerda.

Nesse período que se iniciava, a lei mais importante foi a de associação, aprovada no *Reichstag* em abril de 1908. Ela retirou o direito da polícia de fechar reuniões e associações, retirou a maioria das limitações para associações políticas e permitiu a participação de mulheres e jovens maiores de 18 anos em reuniões políticas. Tal lei teve um grande impacto sobre a social-democracia, permitindo uma reestruturação completa do partido, como veremos a seguir.

À parte dessa lei, Bülów conseguiu apenas o isolamento cada vez maior da Alemanha no cenário internacional. A posição do país já não era muito boa devido a episódios como a visita do Kaiser ao Marrocos em 1905 que terminou no Acordo de Algeiras de 1906, e que ficou ainda pior com o episódio do *Daily Telegraph* em 1908, quando uma carta do imperador foi publicada na qual ameaçava o Japão, criava uma situação de animosidade da Inglaterra com a França e a Rússia, além de colocar o governo inglês em situação de subalternidade ao dizer que o plano para vencer a guerra contra os boérs fora alemão³³.

Após o incidente, o chanceler sofreu ainda outra derrota: a recusa da reforma financeira de 1909 pelo *Reichstag*. Para demiti-lo, no entanto, Wilhelm esperou alguns dias para não dar a impressão de que pressões externas e dos parlamentares atuariam sobre suas decisões, evitando dar força àqueles que queriam a monarquia parlamentar³⁴.

Bethmann Hollweg foi, assim, nomeado chanceler, cargo que ocupou até 1914. Avançar com reformas políticas que mantivessem o parlamento como um órgão quase sem eficácia e o controle do país nos órgãos monárquicos, não democráticos, não seria uma tarefa fácil nesse começo de governo; era uma situação complicada para buscar apoio no parlamento, primeiro porque a maioria dos partidos estava se desfazendo ou entrando em disputas internas que dificultavam a consolidação de apoio para a monarquia: “No final da Era Bülów não era possível com isso [*as divisões internas e rachas de partidos*] distinguir uma conjuntura majoritária de partidos que pudesse entrar no lugar do despedaçado 'Bülów-Blocks'”³⁵.

Segundo, porque a sociedade ansiava por uma monarquia parlamentar mais

33 CANFORA, Luciano. 1914. São Paulo: Edusp, 2014.

34 HERBERT, Ulrich. *Geschichte Deutschlands im 20. Jahrhundert*. C.H. Beck Verlag, 2014.

35 “Am Ende der Ära Bülów war somit keine mehrheitsfähige Parteienkonstellation zu erkennen, die an die Stelle des zerbrochenen 'Bülów-Blocks' hätten treten können”. WINKLER, Heinrich A. *Der lange Weg nach Westen*. C. H. Beck, 2010, p. 310

democrática. Havia o desejo de que o espaço político conquistado pelo parlamento como órgão de pressão ao imperador fosse efetivado na forma da lei, dando-lhe maiores poderes legislativos³⁶. Os liberais haviam alcançado maior influência, assistia-se ao retorno do livre-comércio, mas até a guerra não conseguiriam se fortalecer, ficando presos à discussão sobre uma aliança, ou não, com a social-democracia³⁷.

O governo de Hollweg tentou implementar uma pequena reforma no sistema eleitoral prussiano, que sofria fortes pressões para sua modificação, mas foi derrotado neste estado. No entanto, foi bem-sucedido na proposta de uma constituição para a Alsácia-Lorena, apesar de a região nunca ter sido incorporada de fato como um estado alemão igual aos outros.

A principal questão para este chanceler foi a política internacional deste período, que sofria fortes interferências de grupos da elite do país. Hollweg tentou aproximar-se da Inglaterra, mas já era tarde demais para apaziguar os ânimos entre os países e, neste meio tempo, explodiu a segunda crise do Marrocos, em 1911, tensão entre Alemanha e França, mas que também envolveu interesses britânicos. Conturbações na região, insufladas pela França, levaram a Alemanha a enviar um encouraçado, Panther, para Agadir. A intenção de Wilhem II era conseguir um pedaço do Congo em troca do Marrocos. No entanto, a *Alldeutscher Verband*, entre outras organizações e grupos sociais, fez muita propaganda pela anexação do Marrocos não vendo o perigo de uma guerra com a França como um problema. Ao contrário, para eles, seria a única maneira de conquistar a região africana:

Sem guerra não era concretizável, de fato, a pretensão a um Marrocos ocidental alemão, como cobrava a *Alldeutscher Verband* em uma brochura. Muitos jornais conservadores, nacional-liberais, industriais e evangélicos reafirmaram explicitamente essa consequência. O mesmo fez o chefe do estado-maior, Graf Helmuth von Moltke. O “jovem Moltke” tinha uma grande guerra como inevitável e achava que era o momento de levá-la a cabo, pois o momento seria mais favorável à Alemanha do que mais tarde, quando os inimigos estariam ainda mais fortes.³⁸

Parte da classe dominante alemã queria a guerra, ansiando conquistar o seu quinhão do mundo. No entanto, os chefes de estado, Wilhelm II e Hollweg, não desejavam um conflito e resolveram a questão do Marrocos em rodadas de negociação que asseguraram o território como protetorado francês garantindo os interesses econômicos alemães. As elites

36 BORN, op. cit.

37 No sentido inverso, também a social-democracia deteve-se muito no tema das alianças.

38 “Ohne Krieg war die Forderung nach einem deutschen Westmarokko, wie sie der Alldeutsche Verband in einer Broschüre erhob, in der Tat nicht zu verwirklichen. Zahlreiche konservative, nationalliberale, schwerindustrielle und evangelische-kirchliche Zeitungen bejahten diese Konsequenz ausdrückliche. Dasselbe tat der Generalstabschef, Graf Helmuth von Moltke. Die 'jüngere Moltke' hielt einen grossen Krieg ohnehin für unausweichlich und fand, der Zeitpunkt, ihn zu führen, sei für Deutschland derzeit günstiger als später, wenn die Gegner noch stärker geworden seien.” WINKLER, op. cit, p. 311

nacionalistas se levantaram contra o governo. Segundo o historiador Winkler, este seria um movimento existente dentro da burguesia e pequena-burguesia alemã desde o começo do século e que crescia cada vez mais: um nacionalismo de direita que via na guerra mundial a saída para a crise interna e externa do país³⁹.

A situação agravou-se nos anos seguintes com as disputas nos Balcãs, noticiadas regularmente inclusive nos jornais socialistas: o *Vorwärts*, jornal central do SPD, noticiou por meses em 1913 as tensões e conferências de paz na região, além de publicar diversos números sobre militarismo.

A guerra nos Balcãs, a princípio, tratava-se de disputas regionais com a Turquia, mas apoiadas pela Rússia, que em 1908/9 perdera importantes áreas de influência na região. A questão tornou-se europeia quando as potências foram chamadas pela Turquia para interferir, chegando a um tratado de paz: a Alemanha acalmou a Áustria, que não queria que a Sérvia conquistasse uma saída para o mar Adriático, e a Inglaterra acalmou a Rússia, ao dizer que não faria uma guerra por causa da Sérvia. A libertação da Macedônia, Trácia e Albânia do Império Otomano abriu uma disputa entre os países balcânicos pela primeira dessas três regiões. Apesar da resolução do conflito, essa guerra acentuou as diferenças entre Áustria e Rússia, acirrando a corrida armamentista⁴⁰.

A monarquia alemã não queria uma guerra, apesar da pressão de parte de sua elite⁴¹. No entanto, os acontecimentos de julho de 1914 levaram ao conflito e à uma derrota avassaladora do movimento operário. Nesse sentido, aquela elite estava correta: a guerra resolveria o problema social-democrata, mas apenas por um momento, até a revolução alemã de 1918.

A história desse desenvolvimento político-econômico alemão se entrelaça com a de seu movimento operário ao longo dessas décadas. A expansão das organizações, ou melhor, o surgimento de organizações partidárias nos moldes que conhecemos hoje, remonta a este período e, principalmente, ao SPD, o grande modelo da época. Por isso, em 1898, Rosa Luxemburg mudou-se para Berlim: atuar no maior partido socialista da Europa era o seu objetivo.

O que importa aqui frisar em relação ao contexto do período e do Segundo Império Alemão são seus aspectos políticos e econômicos diretamente relacionados à essa expansão do movimento operário e às teorias que nele nascem e que levaram à sua divisão depois da

39 Idem.

40 Ver BORN.

41 Ver CANFORA.

Grande Guerra.

Em primeiro lugar, há a questão da democratização ou não do governo alemão, o que a historiografia deste país chama de parlamentarização. A partir dos anos 1890, a figura centralizadora de Bismarck deveria ter sido substituída por Wilhelm II, de acordo com os objetivos deste imperador. No entanto, o contexto histórico exigia a flexibilização do comando estatal, pois a aristocracia industrial também queria participar das decisões políticas e econômicas, levando a um jogo de acordos entre os diferentes grupos da elite, algo como uma *Schacherpolitik*⁴², entendida como a possibilidade de conseguir os maiores benefícios possíveis por cada um dos grupos nas suas negociações políticas. O SPD fez também parte desse jogo ao longo desses anos.

A maior participação do *Reichstag* nesse período e sua interferência nas decisões estatais levaram alguns historiadores a ver um sentido parlamentarista no desenvolvimento histórico-político. Ulrich Herbert defende essa parlamentarização entre os anos 1890 e 1914. Já para Heinrich Winkler os partidos estavam envoltos em problemas internos nesse período e uma tentativa séria de tomada do poder pelo parlamento encontraria forte resistência das classes dirigentes. Segundo Winkler:

Para uma parlamentarização do Império Alemão faltava em 1909 um pressuposto fundamental: uma maioria parlamentar que ambicionasse tal sistema e estivesse pronta a sustentá-lo. E mesmo que tal maioria existisse, o Bundesrat poderia bloquear uma mudança na Constituição com uma minoria de 14 votos. Um veto prussiano era suficiente para evitar uma parlamentarização e é certo que a Prússia teria rejeitado. A dinastia Hohenzollern com o Imperador e o Rei à frente, o exército, o Rittergutsbesitz⁴³ e a alta burocracia estatal estavam decididos a defender o poder que possuíam. Caso o Reichstag colocasse realmente a questão do poder, deveria contar, consequentemente, com um forte conflito interno.⁴⁴

De fato, o *Reichstag* conseguira maior influência política nesse período, levando

42 Klara Zetkin utiliza este termo no Congresso de Stuttgart 1898, referindo-se a política de compensações proposta por Wolfgang Heine, que pretendia trocar direitos sociais por apoio ao militarismo. A palavra *Schacher* se refere àqueles que procuram conseguir o maior ganho possível em acordos comerciais ou combinações de preços. Ver *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 95.

43 *Rittergut* era uma terra concedida pelo senhor feudal que dava certos privilégios ao vassalo, especialmente em relação à isenção fiscal e representação no Landtag. *Rittergutbesitz* seria esse tipo de propriedade, indicando às pessoas que as tem como uma sobrevivência da Idade Média no capitalismo.

44 “Einer Parlamentarisierung des Deutschen Reiches fehlte also um 1909 eine wesentliche Voraussetzung: eine Reichstagsmehrheit, die ein solches System anstrebte und zu tragen bereit war. Und Selbst wenn es eine solche Mehrheit gegeben hätte, konnte der Bundesrat mit einer Sperrminorität von 14 Stimmen eine Änderung der Reichsverfassung blockieren. Ein preussisches Veto reichte mithin aus, um die Parlamentarisierung zu verhindern, und dass Preussen die Parlamentarisierung ablehnte, daran gab es nichts zu deuteln. Die Hohenzollerndynastie mit dem Kaiser und König an der Spitze, das Heer, der Rittergutsbesitz und das hohe Beamtentum waren entschlossen, die Macht, die sie besaßen, zu verteidigen. Falls der Reichstag die Machtfrage wirklich stellte, musste folglich mit schwersten inneren Auseinandersetzungen gerechnet werden.” WINKLER, Heinrich A. *Der lange Weg nach Westen*. C. H. Beck, 2010, p. 301-2.

inclusive à demissão do chanceler Bülow após seus fracassos políticos internos e externos. Entretanto, uma ameaça séria à monarquia teria tido uma resposta igualmente séria por parte desta e de seus apoiadores. Podemos ver na abertura para maior participação uma necessidade do período por democracia, gerada após a Comuna de Paris, conforme aponta Hobsbawm:

O período histórico de que trata este volume inicia-se com um surto internacional de histeria entre os governantes europeus e suas aterrorizadas classes médias, provocado em 1871 pela breve experiência da Comuna de Paris, a cuja supressão seguiu-se um massacre de parisienses em escala normalmente inconcebível nos Estados civilizados do século XIX. (...) Este breve e brutal desencadeamento de terror cego por uma sociedade respeitável – pouco característico para o tempo – refletia um problema político fundamental da sociedade burguesa: sua democratização.⁴⁵

A partir de então, a esquerda organizou-se em partidos de massa e conseguiu angariar muitos adeptos. Mas, não foi apenas ela: também a direita aprendeu que precisava conversar com a população e trazê-la para próxima de si. Assim, um dos motivos da abertura política foi a necessidade de mobilizar as massas dentro de um estado de direito burguês. Outro motivo estava no desejo de grupos da elite de participar das decisões políticas. Em alguns momentos, o próprio *Bundesrat* via ações de chanceleres como uma sobreposição do centralismo ao federalismo, gerando conflitos mesmo dentro do grupo que apoiava a manutenção daquelas relações.

A revolução burguesa na Alemanha foi abafada em 1848/9, mantendo como agente político da industrialização alemã uma elite agrária. No entanto, o incômodo da burguesia com o controle monárquico se tornava insustentável dentro de um país que se industrializava e se urbanizava a passos largos. Segundo Bernt Engelmann:

Enquanto dos cerca de 50 milhões de habitantes, que a Alemanha tinha no início dos anos 1890, quase dois terços viviam no campo ou em pequenas cidades provincianas; 60% dos quase 65 milhões de alemães do Império em 1910 já estavam nas cidades e viviam predominantemente em zonas industriais.⁴⁶

A concentração populacional, decorrente do desenvolvimento industrial e econômico, propiciou a ação da social-democracia. Segundo dados levantados, o SPD cresceu mais de 150% de 1906 a 1913⁴⁷. Contudo, tal crescimento se deu também em função do quadro legislativo: em 1908, a lei de associação retirou a maioria das restrições para associações

45 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013, p. 140.

46 “Während von den knapp 50 Millionen Einwohnern, die Deutschland zu Beginn der neunziger Jahre hatte, noch fast zwei Drittel auf dem Lande oder in kleinen Provinzstädten lebten, waren von den fast 65 Millionen Reichsdeutschen des Jahres 1910 schon etwa 60 Prozent Sädter und lebten überwiegend in industriellen Ballungsräumen.” ENGELMANN, Bernt. *Vorwärts und nicht vergessen*. München: Goldmann Verlag, s.d., p. 233

47 Ver TABELA 4 em anexo.

políticas permitindo a participação de mulheres e proibindo a polícia de intervir em reuniões, o que legalizou a participação política das mulheres no partido.

Além disso, o período de prosperidade também atingiu a classe trabalhadora. Apesar de diversos autores dizerem o contrário e mesmo nas discussões do SPD, militantes dizerem que o salário real não havia crescido, o que vemos nos dados é que este subiu 25% de 1895 para 1913 (Tabela 1). Engelmann, por exemplo, diz que o aumento salarial não teria sido suficiente para fazer o contrapeso do custo de vida, o que não é verdade; entretanto, seu melhor argumento é a piora das condições de vida, este sim difícil de ser medido em números. A rápida urbanização aumentou repentinamente, por exemplo, a procura por moradia nos centros urbanos, elevando o nível dos aluguéis e piorando as condições de saneamento⁴⁸.

Além disso, embora houvesse conquistas ao longo dos anos, como a seguridade contra acidentes e de saúde, estas não eram suficientes para tornar a vida de um operário melhor, uma vez que a intensidade do trabalho aumentava, afetando principalmente a saúde dos trabalhadores.

Outro ponto a ser levado em consideração é que o ganho real de salário dos trabalhadores na Alemanha⁴⁹ foi proporcionalmente menor do que o aumento dos lucros das empresas. Se tomarmos o produto interno líquido⁵⁰ da Alemanha neste período (Tabela 2), teremos um aumento de mais de 75% entre 1895 e 1913, enquanto a média salarial aumentou 25%, indicando que os salários cresceram muito menos do que a produtividade, ou em termos marxistas, houve aumento da taxa de mais-valia, ou ainda, da exploração do trabalho. Assim, em termos relativos, a média salarial diminuiu na medida em que os trabalhadores produziram três quartos a mais, mas receberam apenas um quarto de aumento.

Essa discussão foi levada a cabo na social-democracia nos anos anteriores à Primeira Guerra, assim como a questão da concentração ou não de capital. Vemos na Tabela 3 o crescimento das indústrias médias e grandes e a diminuição das pequenas, embora estas ainda fossem, em 1907, 31,2% do setor de indústria e comércio.

A Alemanha até hoje é um país com predomínio de empresas médias e pequenas, no entanto, a maior parte da produção é gerada pela minoria de grandes indústrias. A questão

48 ENGELMANN, op. cit.

49 Levemos em consideração que muitos deles não eram alemães e que os dados trabalham com uma média, sabe-se que o salário dos mineiros do Ruhr não era o mesmo dos trabalhadores da Silésia, em sua maioria poloneses.

50 “Refere-se ao valor agregado de todos os bens e serviços finais, produzidos dentro do território econômico de um país, deduzida a depreciação do capital. São sempre as depreciações que explicam as diferenças conceituais entre os valores agregados brutos e os líquidos. Os valores brutos incluem a depreciação do capital; os valores líquidos a excluem”. SANDRONI, Paulo (org). *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo: Editora Best Seller, 1999, p. 459-460.

debatida entre os membros do partido era acerca do papel dessas empresas no capitalismo. Se Marx propunha um acirramento das contradições de classe expresso na concentração de capital, como poderia haver um aumento das indústrias médias? Estariam o programa político do SPD e a teoria marxiana das crises errados?

Ao longo dos quinze anos aos quais o presente trabalho se dedica, este foi o debate entre os socialistas e a nossa perspectiva aqui é compreender a posição de Rosa Luxemburg na análise da conjuntura da época e suas ideias sobre o desenvolvimento do próprio capital, defendendo o colapso em bases materialistas e dialéticas, retomando as relações entre micro e macroeconomia no capitalismo.

1.1. O Partido Social-Democrata Alemão (SPD)

O desenvolvimento econômico das potências europeias trouxe mudanças para o movimento operário. Tanto a transformação do trabalho com a concentração no espaço fabril, quanto a Comuna de Paris levaram à organização de estruturas que persistem até hoje: o partido e os sindicatos.

A Comuna de Paris constituiu um marco para os militantes da virada do século, um episódio que modificaria algumas concepções de socialismo e evidenciaria a necessidade de transformação social, constituindo-se como referência.

Quanto às transformações no processo de trabalho não se pode dizer que estas ocorreram tão rapidamente quanto a urbanização, como vimos anteriormente, ou talvez esta ocorria de forma diferente do que o modelo teórico pressupunha. Se observarmos a sociedade alemã, veremos que o operário clássico – homem, trabalhador sem qualificação, de chão-de-fábrica – constituía a minoria da população. As massas que afluíam para as cidades em muitos casos tinham outras características: havia muitos trabalhadores artesanais, especializados (como podemos ver na própria direção do SPD), jornaleiros⁵¹, entre outras categorias que não se enquadravam na formulação clássica do que chamamos operário. Por isso, na virada do século XIX para o XX, a primeira questão apresentada foi a expansão deste conceito agregando aos proletários uma grande camada de trabalhadores com interesses bastante diversos.

Outra questão surgiu nas relações de solidariedade que precisavam ser reformuladas nas cidades e que podiam seguir diversos caminhos. O catolicismo, por exemplo, era bastante influente dentro do movimento operário e as bibliotecas públicas na virada do século

⁵¹ Jornaleiro é o trabalhador que recebia por dia de trabalho, ou seja, por jornada.

passaram a diversificar seu acervo com o intuito de atrair esse novo público⁵².

Portanto, a social-democracia disputava as massas com outros grupos, conseguindo crescer muito e chamar atenção. No entanto, é importante ter em mente que mesmo assim esta não atingiu uma maioria numérica de adeptos, embora tivesse grande influência social e os grupos dirigentes a considerassem uma ameaça constante.

Com todas essas ressalvas, o SPD era o maior partido socialista da Europa e mobilizava grandes massas, mesmo quando essa não era a intenção da direção. Durante toda a “era dos impérios”, a organização cresceu muito, inclusive durante as leis antissocialistas de Bismarck, o que foi uma das causas de sua legalização. Com esse avanço, a social-democracia passou a adotar a estratégia de se opor ao estado militarista rejeitando os orçamentos encaminhados às câmaras legislativas em seus diversos níveis, ao mesmo tempo em que propunha reformas dentro da sociedade atual⁵³. Essa política funcionava mais como propaganda e tinha poucos resultados práticos, pois apesar do crescimento dos votos, o número de seus parlamentares não aumentava na mesma proporção, resultando em um partido pouco influente no *Reichstag*.

A partir da revogação das leis antissocialistas, a organização viveria com medo do retorno à clandestinidade e evitaria atos de maior combatividade contra políticas governamentais, abrindo maior espaço às práticas e teorias reformistas.

O programa de Erfurt, aprovado no Congresso de 1891, fundamentava-se na compreensão de Marx do capitalismo, estabelecendo o papel primordial das crises na expansão do sistema, que intensificaria suas contradições tornando-se cada vez mais incompatível com o pleno desenvolvimento das forças produtivas e da sociedade humana, culminando com a superação do capitalismo, ou seja, o socialismo.

Antes de sua aprovação, nas discussões em 1890, o rascunho foi encaminhado a Engels que aconselhou a inclusão da abolição do Império e a constituição de uma república democrática como exigências programáticas, ao que August Bebel respondeu ser o objetivo, mas as condições políticas (a tal correlação de forças) não permitiriam escrever isso no programa, o que poderia ser visto como uma provocação direta ao imperador⁵⁴.

A anedota acima marca o início dos dilemas que o partido enfrentou ao longo da

52 Em alguns casos, a diversificação também foi resultado da reivindicação dos trabalhadores que, não conseguindo montar uma biblioteca própria, procuravam influenciar as públicas. Ver: THAUER, Wolfgang; VODOSEK, Peter. (1978); segundo os mesmos autores, as bibliotecas de trabalhadores tiveram um papel importante na formação de operários socialistas, mas fora desse contexto e para a história das bibliotecas na Alemanha foram secundárias.

53 ENGELMANN, Bernt. *Vorwärts und nicht vergessen*. München: Goldmann Verlag, s.d.

54 Idem.

virada do século XIX para o XX, dilemas expressos no seu crescimento organizacional e na burocratização que transforma o agitador em oficial treinado⁵⁵.

O programa de 1891 se dividia em duas partes: uma analisava a sociedade capitalista e seu desenvolvimento rumo à revolução, e outra estabelecia pautas de luta em dois níveis: o primeiro decorrente dos fundamentos (*Grundsätzen*) do partido, o segundo eram meios de proteger os trabalhadores no contexto da sociedade capitalista. Tentou-se, com isso, uma síntese entre a revolução e a reforma social que só permaneceu estável enquanto a primeira não estava no horizonte⁵⁶. Já na década de 1890, Eduard Bernstein criticou os princípios norteadores do programa, ou seja, a teoria de Marx, e as polêmicas reformistas se iniciaram, trazendo também as diferenças de opinião dentro do partido. Nessa década, Georg von Vollmar tornou-se líder da social-democracia na Bavária e passou a defender a colaboração com os partidos burgueses até que em 1894 “sob sua direção, a bancada do SPD no *Landtag* da Bavária votou pela primeira vez a favor da proposta orçamentária do governo de Munique”⁵⁷. A postura de Vollmar foi censurada no congresso do partido, mas ele não foi expulso, o que Engels considerou um erro, já que não deveriam ter medo de se separar de elementos oportunistas⁵⁸. No final da década, iniciou-se o debate revisionista que, apesar da pressão, não conseguiu alterar o texto do programa até 1921.

A manutenção do texto, no entanto, não quer dizer que o Partido não tenha se modificado estruturalmente. No decorrer desse período foram feitas várias alterações na sua organização.

Em seu primeiro estatuto⁵⁹, estabeleceu-se o pertencimento ao partido de todo aquele que reconhecesse seus princípios e apoiasse a organização. A expulsão ou não de alguém seria decidida pelos companheiros de localidade.

A organização no nível local dava-se por meio da eleição de *Vertrauenspersonen* (pessoas de confiança, administradores), encarregadas de cuidar dos interesses do partido em determinada região. Essa estrutura foi escolhida, porque, até então, a lei de associação não permitia organizações partidárias nacionalmente estruturadas. Essas pessoas eram coordenadas pela direção do partido constituída por 12 membros: 2 presidentes, 2

55 SCHORSKE, Carl E. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

56 Ver SCHORSKE (1993).

57 “stimmt unter seiner Führung die bayerische Landtagsfraktion der SPD erstmals dem Haushaltsentwurf der Münchner Regierung zu.” ENGELMANN, op. cit., p. 221.

58 Idem.

59 Eles ainda não utilizavam essa palavra, mas vamos nos referir ao documento dessa forma.

Schriftführer (secretários que escrevem cartas, atas, etc.), 1 tesoureiro e 7 controladores, eleitos nos congressos e que cuidavam do dinheiro, dos jornais, da organização do congresso e apresentavam neste um relatório sobre as atividades anuais.

Segundo o estatuto, o congresso era a instância superior e era composto de no máximo três delegados por distrito eleitoral (*Wahlkreis*) em que o partido tinha filiados e “desde que não se encontrem mulheres entre os representantes eleitos dos distritos, uma representante feminina pode ser eleita em reuniões especiais de mulheres”⁶⁰, ou seja, havia uma espécie de cota para mulheres. Além deles, participavam também os deputados do SPD no *Reichstag* e os membros da direção do partido, sendo que eles tinham direito a voz, mas não a voto, quando se tratasse de questões relacionadas às suas atividades parlamentares e administrativas, respectivamente.

Um congresso tinha como tarefas: aprovar o relatório da diretoria e dos parlamentares; determinar o local do próximo congresso; eleger a direção; decidir sobre a organização do partido e sobre todas as questões que envolvessem a vida partidária; decidir sobre as propostas encaminhadas. Entre 1898 e 1913, o Partido Social-Democrata Alemão realizou congressos anuais que debatiam as questões conjunturais, os rumos do partido e sua organização. Nesse período, o estatuto foi alterado quatro vezes, desconsiderando as mudanças de composição da direção.

Em 1900, um novo regimento foi aprovado, especificando que os membros do partido não eram só aqueles que reconheciam seus princípios, mas também “que apoiavam o partido com meios monetários regulares”⁶¹. Além disso, a decisão de expulsão de algum membro ficaria a cargo de um tribunal chamado pela direção, que decidiria se o acusado havia ou não rompido com os princípios. Estabeleceu-se um vínculo monetário que se aprofundou nas alterações seguintes e uma estrutura mais centralizada sobre os militantes, já que a expulsão foi, em grande medida, tirada do nível da localidade e passada para a direção central.

Essa direção, a partir dessa data, dividiu-se entre diretoria ou executiva (*Parteivorstand*) e comissão de controle (*Kontrollkommission*). A primeira era composta por 7 pessoas: 2 presidentes, 2 *Schriftführer*, 1 tesoureiro e 2 *Beisitzer* (adjuntos ou vogal⁶²), eleitos estes últimos pela comissão de controle. Tal comissão constituía-se de 9 pessoas e

60 “Insoweit nicht unter den gewählten Vertretern des Wahlkreises Frauen sich befinden, können weibliche Vertreter in besonderen Frauenversammlungen gewählt werden.” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Erfurt*, 1891, p. 8.

61 “(...) die Partei dauernd durch Geldsmittel unterstützt.” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mainz*, 1900, p.6.

62 Vogal: pessoa com direito a voto numa assembleia ou comissão. In: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva, dez 2001, CD-Rom versão 1.0

tinha a tarefa de inspecionar a diretoria e ser a instância de apelação de suas decisões. Na verdade, ela nunca conseguiu exercer direito seu papel e acabou, ao final deste período, dominada pela primeira.

A partir de 1905, o estatuto indica o crescimento do partido e sua complexificação organizacional. Os subitens aumentam e há tópicos sobre a estrutura, a entrega de relatórios, a expulsão e a reincorporação de membros.

O SPD passou a se organizar em associações de acordo com as zonas eleitorais (*Wahlkreis*), as quais se uniam em ligas regionais (*Bezirksverbände*) ou organizações estaduais (*Landorganisationen*), que eram submetidas à diretoria. Estas organizações eram independentes e tinham seus próprios estatutos e administração com a restrição de não entrarem em conflito com o estatuto do partido. Estabeleceu-se também que essas organizações estaduais e ligas deveriam repassar 20% de sua arrecadação para a direção central, sendo de sua escolha o valor de contribuição dos membros⁶³.

As *Vertrauenspersonen*, antes encarregadas da administração local, estariam agora presentes somente nas regiões em que associações políticas fossem proibidas ou naquelas em que ainda não houvesse tal organização do partido.

Doravante a quantidade de membros da diretoria seria escolhida pelos congressos, sendo o mínimo de 2 presidentes, 1 tesoureiro, 2 *Schriftführern* e 2 *Beisitzer*. Observando os dados, vemos que o número de membros da diretoria varia entre 9 e 13 de 1905 a 1913, de acordo com os embates políticos nos congressos e com a burocratização do partido⁶⁴.

O estatuto mudou mais duas vezes, em 1909 e 1912, mas as mudanças mais impactantes ocorreram em 1909, quando se determinou como membro “qualquer pessoa que reconheça os princípios do partido e seja membro da organização partidária”⁶⁵. No ano anterior, a lei de associação foi aprovada, o que permitiu oficialmente a incorporação das mulheres na estrutura, obrigando a sua inserção nas direções das localidades, quando elas estivessem presentes como filiadas. Já em 1908, Luise Zietz foi a primeira mulher a ingressar na diretoria do SPD. Estabeleceu-se também uma contribuição mínima de 30 *Pfennig* para homens e 15 *Pfennig* para mulheres por mês⁶⁶, determinou-se a data de entrega dos relatórios

63 Se observarmos a TABELA 6 e o GRÁFICO 2, em anexo, veremos que as contribuições e o orçamento total aumentam significativamente após essa data, o que pode ser reflexo desta nova regra de repasse e/ou do crescimento das organizações e do número de militantes do partido.

64 Ver TABELA 7 em anexo e SCHORSKE.

65 “(...) jede Person, die sich zu den Grundsätzen des Parteiprogramms bekennt und Mitglied der Parteiorganisation ist.” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Jena*, 1911, p.6

66 A contribuição partidária somava anualmente 3,6 Mk para homens e 1,8 Mk para mulheres (1 Mark equivalia a 100 Pfennig). O salário real na Alemanha em 1905 era de 755 Mark por ano e de 789 em 1910, de acordo com

das associações regionais e a proporção do número de delegados de acordo com o número de membros:

§7 O congresso constitui a representação máxima do partido. Estão autorizados a participar nele:

1. Os delegados do partido de cada zona eleitoral do Reichstag⁶⁷. A eleição dos delegados ocorre de acordo com o número de membros. Podem ser eleitos: em zonas eleitorais de até 1500 membros, um delegado; até 3000, dois; até 6000, três; até 12000, quatro; até 18000, cinco e mais de 18000, seis delegados. A representação orienta-se pelo número de membros identificados como base nas contribuições pagas à diretoria segundo o §5⁶⁸. Onde vários delegados forem eleitos deve haver entre eles, no mínimo, uma camarada.⁶⁹

A representação, que antes era genérica com o número de delegados de no máximo três, mas sem nenhuma proporção, passou a ser regrada e fixada de acordo com as contribuições repassadas à direção, o que vinculava o direito de participação no partido e nas decisões sobre as diretrizes ao pagamento da taxa⁷⁰.

O debate sobre o caixa central da organização era bastante frequente porque não havia constância no repasse das associações para a direção, o que a enfraquecia e dificultava a realocação de recursos para as regiões que precisavam mais durante os períodos de campanha eleitoral, principalmente. Se observarmos a Tabela 5 veremos que o número de participantes nos congressos aumenta significativamente a partir de 1905 quando se torna constante a presença de mais de 300 delegados. Esse dado é reforçado pelo aumento de filiados, registrado entre 1906 e 1914 (Tabela 4). A partir desses dados, entendemos que as alterações de 1905 e 1909 forçaram a centralização de uma organização em crescimento, principalmente

a Tabela 1. O preço da batata em 1905 variava de 5 a 8 Mk a dúzia no mercado e um quilo de carne de porco de 1,5 a 2 Mk. Fonte: Statistisches Jahrbuch für das Deutsche Reich, 1910; Deutsches Münzgesetz vom 9. Juli 1873.

67 Para as eleições do Reichstag, o império alemão era dividido em 397 distritos eleitorais (*Wahlkreisen*) e o SPD organizava-se a partir dessas divisões, por isso a contagem de delegados leva em conta o número de membros de cada uma dessas regiões. Ver: SCHORSKE e www.wahlen-in-deutschland.de.

68 Este parágrafo fala sobre o mínimo de contribuição mensal e o repasse de 20% do valor arrecadado para a diretoria. A partir do valor mínimo, cada região poderia determinar o valor da contribuição e esta deveria ser informada à diretoria.

69 “§7 Der Parteitag bildet die oberste Vertretung der Partei. Zur Teilnahme an ihm sind berechtigt:

1. Die Delegierten der Partei aus den einzelnen Reichstagswahlkreisen. Die Wahl der Delegierten erfolgt nach Maßgabe der Mitgliederzahl. Es können gewählt werden: In Wahlkreisen bis 1500 Mitglieder ein Delegierter, bis 3000 zwei, bis 6000 drei, bis 12000 vier, bis 18000 fünf und über 18000 sechs Delegierte. Die Vertretung richtet sich nach der vom Parteivorstand auf Grund der nach §5 abgeführten Beiträge festgestellten Mitgliederzahl. Wo mehrere Delegierte zu wählen sind, soll unter den Delegierten möglichst eine Genossin sein” In: *Protokoll des Parteitages Jena*, 1911, p.7

70 Podemos observar no GRÁFICO 3 que a proporção entre as contribuições em relação ao orçamento total aumenta bastante de 1909 a 1911, o que pode ser um reflexo dessa regra.

entre 1906 e 1907 (38%), aprofundando a dependência das localidades em relação ao centro devido ao repasse de verba.

A Tabela 6 mostra a proporção das contribuições dos militantes em relação ao orçamento total do partido. Elas atingem entre 50% e 67% após 1908, período de consolidação da tática parlamentarista do SPD e que coincide com o momento em que este depende mais de sua base do que de suas empresas, apesar do grande aumento, em números absolutos, dos lucros dos jornais e da livraria.

Os gráficos 2 e 3, elaborados com dados da Tabela 6, evidenciam que: primeiro, o orçamento total acompanhava as contribuições, aumentando e diminuindo com elas; segundo, há uma queda na proporção das contribuições em 1906 e um pico em 1911; terceiro, os picos orçamentários correspondem a períodos eleitorais, o que indica o direcionamento do partido para as eleições. A queda relativa das contribuições em 1906 pode ser explicada pelas mobilizações entre 1905 e 1906, o que direcionou os recursos das localidades para manifestações e greves. Já o pico de 1911 é mais difícil de compreender, pois as eleições apareceriam no orçamento de 1912 e não de 1911; possivelmente, é resultado da nova política de repasse aprovada em 1909 e do maior crescimento do número de filiados, 16,18%.

Esses dados levantam um problema: não foi a máquina partidária propriamente dita que cresceu muito além das bases⁷¹. As formas de controle estavam em outro lugar. Construído a partir da Tabela 5, o Gráfico 1 demonstra que até 1905, cerca de 20% dos delegados congressuais eram da burocracia do partido: membros da direção, parlamentares, funcionários. Após essa data há uma queda, voltando a este patamar em 1912, ou seja, entre 1907 e 1911 parece que os delegados eleitos nas bases do partido aumentaram sua participação nos congressos, reduzindo a presença da burocracia partidária. Mas quem eram esses delegados? Eram funcionários nas localidades? Havia algum revezamento, ou eram sempre os mesmos? Vários delegados repetiam-se: Rosa Luxemburg, por exemplo, é uma presença constante neste período, com exceção dos momentos em que esteve presa em 1904 e 1907; deprimida, em 1909; ou doente, em 1912⁷². Além dela, August Baudert, Wilhelm Bock, Adolf von Elm, Alwin Gerisch - todos deputados até 1906, mas não reeleitos em 1907 – aparecem diversas vezes, inclusive nos congressos após as eleições Hotentote, indicando que

71 Isso parece se consolidar apenas depois de 1912, pois o GRÁFICO 2 mostra uma queda maior das contribuições que do orçamento, representando aqueles 43,5%. Daqui em diante podemos afirmar com certa segurança que a máquina partidária está consolidada e a organização depende menos de seus militantes.

72 Em 1909, Luxemburg não estava disposta a comparecer a congressos ou aulas do partido por causa de um rompimento no relacionamento com Kostja Zetkin. Ver LASCHITZA (2000). Em 1912, ela estava doente e não pode comparecer ao congresso, conforme a própria ata. Ver *Protokoll des Parteitage abgehalten zu Chemnitz, 1912*.

os delegados da base entre 1907 e 1911 repetiam muitos dos antigos representantes parlamentares⁷³.

Assim, o controle do partido pela direção ocorria mais através de uma estrutura difusa relacionada à prática parlamentarista e à uma teoria reformista que a mantinha ideologicamente, do que de membros orgânicos a ela mesma. As mudanças estatutárias descritas anteriormente indicam isso: elas reduziram a autonomia das localidades e deram à direção o papel de administrar as organizações através de repasses financeiros para sustentar estes órgãos e também do controle ideológico, ao estabelecer, no estatuto, como uma das tarefas da diretoria a de evitar o ataque aos princípios do programa de Erfurt.

Segundo Carl Schorske⁷⁴, até 1898 as localidades eram livres para se estruturarem e elegerem os *Vertrauensmänner* como representantes nas instâncias superiores da organização. No entanto, a partir de 1900, as necessidades de unicidade da organização aumentaram e esses *Vertrauensmänner* poderiam ser indicados pela própria direção. A partir das polêmicas revisionistas de 1903, a centralização só se intensificou porque os radicais viam nisso uma forma de controlar e disciplinar os revisionistas. Este é o quadro que apresentamos acima, apesar de Helga Grebing⁷⁵ dizer que, com o crescimento das divergências, as organizações locais teriam ganhado maior importância. Na verdade, a centralização ajudou no controle pragmático da política partidária e na liberdade de ação de grupos regionais reformistas.

A centralização, para Rosa Luxemburg, que fazia parte da ala radical, não era ruim, pois serviria para abafar os elementos reformistas. No entanto, para ela haveria uma condição: a radicalização das bases. Era necessário que as bases tivessem liberdade de agitação e que a vanguarda do movimento as guiasse para a revolução. Desta forma, elas tirariam a direção de sua inércia estrutural e dariam à centralidade o sentido de unidade para a tomada do poder.

Não foi o que aconteceu no SPD. Ao contrário, a direção conseguiu contornar as bases radicalizadas em 1905/1906, tornando a situação favorável aos revisionistas que tomaram o poder de fato daí em diante. A conservação dessa estrutura mostra-se na permanência dos dirigentes (Tabela 7)⁷⁶. As mudanças ocorriam apenas quando alguém morria e não se discutia

73 O dado em si não é impressionante, uma vez que os deputados eleitos seriam bem-vistos em suas respectivas regiões e, por isso, se colocariam depois como delegados nos congressos. No entanto, é importante prestar atenção a ele, pois o GRÁFICO 1 pode nos dar a falsa impressão de uma tomada do partido pela base, quando, na verdade, não houve grande rotatividade de pessoas, mantendo-se muitos nomes em posições de decisão.

74 SCHORSKE, Carl E. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

75 GREBING, Helga. *Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung: ein Überblick*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1974.

76 Robert Michels observou isso à época. Em seu livro *Os partidos políticos*, escrito em 1911, ele diz: “O costume de se renovar totalmente, de dois em dois anos, a direção do partido, devia ter-se instalado há muito

uma alteração em sua composição durante os congressos, mesmo quando havia reclamações acerca das atitudes, ou da falta delas⁷⁷. Chegou-se a recusar um debate eleitoral no congresso de Dresden, em 1903, com o argumento de que tradicionalmente o partido votava nos membros da direção sem debate⁷⁸. A burocratização submeteu as localidades e melhorou a máquina eleitoral, mas levou toda a estrutura para a direita.

Conforme dito acima, a proporção de políticos profissionais nos congressos diminuiu entre 1907 e 1911, reflexo da derrota eleitoral de 1907. Um ano antes (1906), houve forte queda na proporção das contribuições da base (Gráfico 3) concomitante com forte mobilização operária desde 1905; soma-se a isso o aumento de 38% dos militantes de 1906 para 1907 e, por fim, as mudanças estatutárias centralizadoras que ocorreram exatamente no mesmo período, entre 1905 e 1909. Vemos que o processo de mobilização de 1905/6 massificou o partido, mas não o tornou hegemônico ideologicamente, fato expressado nas eleições de 1907, quando a organização perdeu metade de seus deputados no *Reichstag*. A preocupação com a perda de controle das massas e a instabilidade eleitoral delas levaram o partido a um processo de centralização que submeteu as massas recém-ingressas ao controle de uma direção pragmática que visava a vitória eleitoral e não a revolução, o mesmo ocorrendo com os sindicatos. A forma de condução do processo em 1918 pela cúpula do SPD foi a coroação desse desenvolvimento de décadas.

A burocracia institucionalizada com a nova estrutura organizacional de 1905 foi galgando espaço dentro dos órgãos dirigentes e expandindo o número de seus membros como reação à derrota eleitoral de 1907, justificando que era necessário fortalecer a organização. A esquerda percebeu a necessidade de obter espaço nos órgãos centrais somente mais tarde: em 1911, elegeu Hugo Haase, intelectual radical, à presidência do partido, mas a estrutura continuou a ser dominada por Friedrich Ebert⁷⁹.

Essa transformação do SPD teve impacto direto nas posições tomadas por Luxemburg e na interlocução entre os debates de 1898 e 1913. Para se compreender as mudanças da autora é necessário ter como suporte os debates travados dentro do partido neste período, apresentando como marcos históricos a Revolução Russa de 1905 e as eleições Hotentote de

tempo no partido socialista, protótipo dos partidos democráticos. No entanto, os socialistas alemães não só desconhecem tal costume, como qualquer tentativa de introduzi-lo provocaria vivo descontentamento entre os camaradas". In: MICHELS, Robert. *Os Partidos Políticos*. São Paulo: Editora Senzala, s.d., p. 57.

77 É o caso na atuação das eleições do Reichstag em 1898; no congresso de 1899, acerca de trabalhadores reprimidos em Löbtau; em 1900, por causa da pouca agitação sobre políticas mundiais, naquele caso a guerra da China; reprimenda que se repete em 1911 na crise do Marrocos, etc.

78 In: *Protokoll des Parteitage abgehalten zu Dresden*, 1903, p. 379.

79 Ver SCHORSKE.

1907. Sem passar por esses eventos e as posições de Luxemburg dentro da organização não entenderemos a mudança de oponente e de tema da autora em 1913.

Luxemburg radicalizou-se frente aos dirigentes do partido, tornando-se cada vez mais ácida em suas críticas e se voltando contra aqueles que no começo foram seus aliados, como Karl Kautsky. Mas antes de chegarmos a esse debate, precisamos analisar o começo da história dessa polonesa na Alemanha, o debate Bernstein.

1.2. Reforma Social ou Revolução?

Rosalia Luksenburg é o nome polonês de Rosa Luxemburg, germanizado ao se mudar para a Alemanha. Judia, nasceu na cidade de Zamósc, Polônia, em 1871, em uma família de comerciantes⁸⁰. Em 1889, com 18 anos, mudou-se para a Suíça para cursar a universidade, concluindo aí, em 1897, seu doutorado em Ciência Política, intitulado “O Desenvolvimento Industrial da Polônia”⁸¹.

A Polônia, neste período, era um país dividido entre três impérios: o russo, o austro-húngaro e o alemão. Para compreender essa repartição é preciso voltar à formação das monarquias absolutistas na Europa. Segundo Perry Anderson, a aristocracia polonesa, do século XIV ao XVII, atuou na contramão da Europa: reforçou os laços feudais, porque a região foi, durante este período, a fornecedora de alimentos para o continente, não havendo necessidade de centralização do poder. Ao contrário, a descentralização favorecia os interesses da elite feudal que impedia o desenvolvimento das cidades e lucrava com a concentração de terras⁸².

A descentralização pode justificar a desintegração territorial e, com certeza, ajuda a entender o desenvolvimento industrial tardio da região, pois a prosperidade da expansão agrícola deu força para a elite agrária limitar a expansão das cidades ao fortalecer as importações, falindo, assim, os comerciantes locais.

No final do século XVII, diversas guerras acabaram com a estrutura agrária polonesa, diminuindo o território e a população, deixando a região em uma situação complicada, econômica e politicamente. É neste período que a nobreza começa a criar sua identidade com os ancestrais sármatas⁸³ e o fanatismo católico. O desenvolvimento dos conflitos durante o

80 ETTINGER, Elzbieta. *Rosa Luxemburgo: uma vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

81 LUXEMBURG, Rosa. *El desarrollo industrial de Polonia y outros escritos sobre el problema nacional*. México: Siglo XXI editores, 1979.

82 ANDERSON, Perry. *Linhagens do estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

83 Povo originário de uma antiga e “vasta região setentrional da Europa e da Ásia (em que depois se incluíam a Polônia, a Moscóvia, e a Tartária)”. In: Dicionário Eletrônico Houaiss, op. Cit.

século XVIII com as outras monarquias europeias levou ao fortalecimento da identidade católica como forma de se opor à uma dominação externa, pois a maioria dos países havia passado pelas tensões da Reforma e Contra-reforma. A religião tornou-se a justificativa para os conflitos com os reis poloneses levando à invasão russa em 1767 e às repartições entre os impérios russo, austro-húngaro e prussiano.

Essa divisão transformou-se na questão polonesa durante o século XIX e primeira metade do XX, pois a Polônia não se constituiu em Estado nacional com território autônomo, uma elite independente e uma economia gerida por esta. O sentimento nacionalista polonês foi, assim, construído artificialmente por uma aristocracia ameaçada no século XVIII e que acabou de fato perdendo seus domínios, tendo como consequência o fervor católico por parte dos poloneses, o ódio aos judeus e o surgimento de Pogrons nas regiões dominadas pela Rússia.

Dentro dessa temática, Luxemburg tomou uma posição política bastante polêmica: ela era contra a independência da Polônia, defendida pelo Partido Socialista Polonês (PPS). Por isso, em 1893, fundou, junto com outros companheiros, o Partido Social-Democrata do Reino da Polônia e Lituânia (SDKPiL), que defendia o internacionalismo, a revolução socialista e a união entre proletários russos, poloneses e alemães. Eles se opunham à uma opinião majoritária da época que defendia o princípio da autodeterminação dos povos como uma luta revolucionária dentro de situações de opressão de um país sobre outro.

A tese de doutorado de Rosa Luxemburg é um trabalho que embasa teoricamente sua postura política. Ela preocupa-se aí em estudar a Polônia russa, a parte mais importante segundo ela, e seu desenvolvimento industrial, que só foi possível após o esgotamento agrário da região e sua dominação pelo Império russo que centralizou o estado e propiciou o surgimento da atividade industrial. A Polônia estaria assim inextricavelmente ligada à Rússia, por ser a região industrial do império e ter nele seu mercado consumidor. Caso a Polônia se tornasse independente sua única opção seria voltar-se para a Europa ocidental como um país dependente, o que de fato ocorreu após a Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

Logo após a defesa de seu doutorado, que justificava a posição política de seu partido (SDKPiL), Luxemburg se dirigiu para a Alemanha para atuar no Partido Social-Democrata Alemão, o maior partido socialista da Europa naquele momento. Militou, até o fim de sua vida, nas duas organizações - a polonesa e a alemã.

Sua chegada ao SPD poderia ser chamada de triunfal: Rosa se colocou logo de início no debate entre os grandes teóricos do partido. Espaço reservado aos homens, ela disputou em pé de igualdade com eles as táticas e teorias da organização, negando-se a se limitar à luta

feminista, espaço reservado às mulheres na social-democracia⁸⁴.

Nos anos de 1896/7, Eduard Bernstein publicou o que seriam suas primeiras teses revisionistas. Ele era um importante teórico do partido, tido como herdeiro do pensamento de Engels; por isso, a posição teórico-prática de Bernstein causou um grande debate na social-democracia. Até ali o partido agira dentro da tática eleitoral, buscando aumentar sua participação no parlamento e sua influência política para a implementação de reformas favoráveis aos trabalhadores. Mas isso não o fazia abandonar sua retórica revolucionária, reafirmando a tomada do poder socialista como seu objetivo final.

A tese de Bernstein defendia o abandono da teoria revolucionária, do colapso do sistema capitalista e da necessidade do assalto ao Estado. Para ele seria possível alcançar o socialismo através das reformas parlamentares, constituindo-se esse objetivo em uma luta de longo prazo para a conquista da maioria parlamentar pela social-democracia.

Em seus primeiros artigos de 1896/7, *Problemas do Socialismo*⁸⁵, publicados pela revista *Die Neue Zeit*, Bernstein introduz sua proposta baseada na experiência dos sindicatos ingleses e nas críticas de John A. Hobson àqueles que ignoravam a importância da compreensão econômica para estabelecer as reformas. Este autor inglês é conhecido por ser um dos primeiros a usar o termo “imperialismo” na discussão intelectual sobre o tema em 1902⁸⁶, mas até a época em que Bernstein escreveu os artigos, Hobson preocupava-se com a questão da distribuição da renda e da coletivização da produção.

A partir da ideia de coletivismo (*Kollektivismus*), necessidade de criar comunidades coletivistas e não de fazer a coletivização, Bernstein reformulou toda a análise socialista da sociedade, defendendo que havia uma tendência para as médias empresas e não para a grande indústria e que mesmo a agricultura camponesa não havia sido totalmente suprimida pela industrialização. A crise agrária na Inglaterra, entre 1882 e 1892, teria sido resolvida taxando a renda da terra (*Grundrenten*) porque os *Landlords* e arrendatários não poderiam pressionar os salários dos trabalhadores, uma vez que estes tinham adquirido força política e pressionavam para não arcarem com os custos da crise. Assim, a democracia estabelecida na Inglaterra teria possibilitado uma vitória dos trabalhadores e a concorrência no mercado

84 Não se pretende aqui diminuir a importância dessa luta, nem de sujeitos históricos como Klara Zetkin, mas a delimitação deste como o único espaço das mulheres socialistas demonstra as limitações da época em relação à questão feminina. Quer se enfatizar a importância de Luxemburg como referência também para essa luta, ainda que ela não se colocasse neste espectro. Ver SUNTUM.

85 BERNSTEIN, Eduard. Probleme des Sozialismus. *Die Neue Zeit*. 15.1896-97, vol 1 (1897), n. 6, p. 164-171, n. 7, p. 204-213, n. 10, p. 303-311, n. 25, p. 772-782; vol 2 (1897), n. 30, p. 100-107, n. 31, p. 138-143. Disponível em: <<http://library.fes.de/cgi-bin/populo/nz.pl>> data de acesso 23 abr. 2016.

86 HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

internacional realizaria uma primeira expropriação dos rentistas ao baixar seus lucros sem diminuir o salário.

Em seguida, Eduard Bernstein conclui que a social-democracia precisaria atualizar seu programa incentivando as cooperativas, geridas em seu conjunto por um Estado. Para ele, a palavra de ordem “sociedade comunista” era vazia de sentido, não explicaria a forma dessa sociedade e era preciso, por isso, falar em cooperativas de produção. Além disso, não se poderia imaginar a constituição de comunidades autogestionadas que trocariam produtos entre si, era necessário um Estado para organizar a vida de milhões de pessoas.

Seus artigos geraram muitas polêmicas, especialmente no Congresso de Stuttgart em 1898. Para defender sua posição, Bernstein publicou o livro *Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie* (Pressupostos do Socialismo e as Tarefas da Social-democracia)⁸⁷, no início de 1899. No prefácio, ele explica que a publicação servia para justificar suas posições expressas nos artigos anteriores e na carta que encaminhou para o congresso de Stuttgart, lida por Bebel. O autor intencionava defender as reformas como objetivo da social-democracia, desconstruir a *Zusammenbruchstheorie*, que imperaria no partido e, principalmente, em seu programa:

Ninguém colocou em questão a necessidade para a classe trabalhadora de lutar pela democracia. O que se discute é a teoria do colapso (*Zusammenbruchstheorie*) e a questão de se, dado o grau de desenvolvimento econômico da Alemanha e de maturidade de sua classe trabalhadora na cidade e no campo, pode a social-democracia fiar-se em uma catástrofe repentina. Eu respondi que não e continuo negando, porque, a meu ver, há no avanço contínuo uma maior garantia de sucesso duradouro, do que nas possibilidades que uma catástrofe oferece.⁸⁸

O autor inicia o livro explicando os pressupostos do marxismo que ele depois critica e em parte reavalia: o materialismo histórico, a luta de classes e o desenvolvimento do capital. O materialismo seria o elemento mais importante da teoria marxista e aquele que daria origem à interpretação economicista da sociedade. Embora Marx e Engels tenham levantado questões subjetivas, culturais, de valores, etc., o que teria mais peso em seus textos seria a estrutura econômica das formas de vida. No entanto, Bernstein enxergava em seu tempo o aumento da relevância dos fatores ideológicos, o que tornaria necessária uma reavaliação das tarefas

⁸⁷ O título em português é *Socialismo Evolucionário*, tradução feita do inglês.

⁸⁸ “Kein Mensch hat die Notwendigkeit der Er kämpfung der Demokratie für die Arbeiterklasse in Frage gestellt. Worüber gestritten wurde, ist die Zusammenbruchstheorie und die Frage, ob bei der gegebenen wirtschaftlichen Entwicklung Deutschlands und dem Reifegrad seiner Arbeiterklasse in Stadt und Land der Sozialdemokratie an einer plötzlichen Katastrophe gelegen sein kann. Ich habe die Frage verneint und verneine sie noch, weil meines Erachtens im stetigen Vormarsch eine größere Gewähr für dauernden Erfolg liegt, wie in den Möglichkeiten, die eine Katastrophe bietet”. In: BERNSTEIN, Eduard. *Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie*. Berlin: Dietz Verlag, 1991, p.10.

históricas da social-democracia.

O marxismo se fundamentaria, com base no materialismo, na luta de classes e no desenvolvimento do capital que levariam à crises periódicas causadas pela anarquia da produção e subconsumo das massas; a consequência seria maior centralização do capital, aumentando o número de proletários na luta contra os capitalistas.

Bernstein passa a desconstruir essas ideias, elaborando concomitantemente uma proposta de prática diferente para a social-democracia. Inicialmente, diz que a teoria do valor de Marx seria muito abstrata para entender as relações reais, pois não se poderia explicar a estrutura do capitalismo naquele momento através da taxa de mais-valia já que ela teria diminuído naqueles anos com o aumento dos salários. A maior parte da riqueza produzida não viria da exploração do trabalho alheio, o que diminuiria a importância dessa taxa para entender a (in)justiça na repartição do produto do trabalho.

Através dos dados de imposto de renda e número de acionistas em sociedades anônimas, Bernstein tentou provar que o número de ricos aumentou no final do século XIX e, portanto, teria havido uma melhoria nas condições da população como um todo.

O crescimento do número de rentistas alargaria a distribuição de renda, caminhando no sentido contrário ao colapso. Outra prova desse sentido estaria na equiparação entre oferta e demanda, apesar do desenvolvimento das forças produtivas e do aumento da produção, o que só seria possível com o incremento das classes médias. Segundo Bernstein:

Se o colapso da sociedade moderna depende do desaparecimento das colunas intermédias, entre o vértice e a base da pirâmide social, se depende da absorção dessas classes médias pelos dois extremos acima e abaixo delas, então a sua efetivação não está hoje mais próxima de verificar-se na Inglaterra, França, Alemanha do que estava no princípio do século XIX.⁸⁹

Outro fator de contraposição às tendências apontadas no programa social-democrata seria o crescimento das pequenas e médias empresas, coexistindo com a grande indústria, a depender do ramo, desenvolvimento contraditório com a centralização do capital. Esse aspecto se explicaria porque as grandes empresas em alguns setores incentivariam as pequenas ao baratarem os materiais de trabalho e liberarem capital e força de trabalho. Esses novos ramos seriam possibilidades de investimento, de capital novo no mercado e corresponderiam à demanda por novos produtos de consumo que a maior riqueza da comunidade faria surgir.

Dessa forma, as crises periódicas tenderiam a desaparecer, porque o capitalismo desenvolveria mecanismos organizativos que diminuiriam a anarquia do sistema. Entre eles

89 BERNSTEIN, Eduard. *Socialismo Evolucionário*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 74

estariam os trustes e cartéis, que tenderiam a equalizar oferta e demanda. No entanto, a anarquia ainda estava presente e crises setoriais ou locais seriam possíveis por isso, mas não mais uma crise geral, porque a produção em diversos ramos estaria organizada (em trustes e cartéis), o mercado mundial era extenso e a produção de alimentos muito grande, eliminando as possibilidades de superprodução real e geral e crises de subsistência.

Nessa análise truncada e nada dialética do autor, o sistema de crédito cumpre papéis essenciais. Primeiro, ele expandiria as pequenas e médias empresas, porque os bancos disponibilizariam o capital da grande indústria para o desenvolvimento das menores (a liberação de capital, citada acima) e também a expansão do número de acionistas possibilitaria a inversão de capital alheio nesses setores. O crédito desenvolveria ao longo do tempo sua função positiva, criando modalidades de produção, em detrimento da negativa, a especulação, que diminuiria com a tendência à organização do sistema. Segundo Bernstein:

Quanto mais antigo é um setor de produção, segundo as modernas formas, excetuando a fabricação de simples artigos de moda, tanto mais o momento especulativo deixa de exercer um papel decisivo. As condições e movimento do mercado são, então previstos com mais exatidão e tomados em consideração com maior dose de certeza.⁹⁰

No entanto, vimos que as crises locais não desaparecem totalmente e aqui surge o segundo papel do crédito: este poderia controlar as conturbações através do mercado monetário, ou bloqueio do crédito, em países com um sistema já desenvolvido e “bem regulado”. Esse sistema permitiria também um controle do mercado, evitando-se a superprodução. Por fim, um terceiro papel estaria nas cooperativas que emprestam capital aos camponeses, fomentando a pequena produção, o que para ele seria um caminho para o socialismo.

Bernstein fala superficialmente da questão da demanda e não aponta para a formulação de um problema, ele a utiliza para sustentar sua teoria do crescimento das classes médias e organização do sistema capitalista, conforme a citação abaixo:

O que, acima de tudo, caracteriza o moderno estilo de produção é o grande incremento no poder produtivo da mão-de-obra. O resultado é um não menor incremento de produção – a produção em massa de bens de consumo. Onde estão esses ricos? Ou, para ir diretamente ao fundo do problema: onde está o produto excedente que o assalariado industrial produz acima do seu próprio consumo, limitado este pelo salário recebido? Se os “magnatas capitalistas” tivessem estômago dez vezes maior do que a sátira popular lhes atribui, e conservassem dez vezes tantos servidores quantos na realidade têm, mesmo assim o seu consumo não passaria de uma pluma na balança, contra a massa anual de produto nacional, pois devemos compreender bem que grande indústria capitalista significa, acima de tudo, produção em grandes

90 Idem, p. 80.

quantidades. (...) Ou uma diminuição relativamente crescente do número de capitalistas e um aumento da riqueza do proletariado, ou então uma classe média numerosa – eis as únicas alternativas que nos são concedidas pelo incessante aumento de produção. Crises e despesas improdutivas com exércitos etc., consomem bastante, mas mesmo assim absorvem só, em última análise, uma parte fraccional do produto excedente total.⁹¹

Para ele, a conjuntura em que viviam demonstrava uma maior distribuição da riqueza através do aumento dos salários e do crescimento das classes médias, comprovado pela “produção em massa de bens de consumo”, que só poderia ocorrer se houvesse procura, encontrada no aumento das camadas médias.

Embora a demanda apareça em 1899, este não foi o foco de Luxemburg e sim apenas em 1913, quando debateu com um grupo de adeptos do revisionismo/reformismo que se sustentavam na reciprocidade entre oferta e demanda e na necessidade da distribuição da riqueza social, baseados, em geral, na teoria de Tugán-Baranovski, a qual Rosa critica em *A Acumulação do Capital*, pois teve mais influência sobre as teorias revisionistas, mesmo que Bernstein não o tenha lido já que foi traduzido para o alemão apenas em 1901.

Após a crítica do marxismo e a explanação de seus pressupostos, Eduard Bernstein identifica quais seriam “as tarefas e possibilidades da democracia social”⁹².

O autor coloca como base de sua definição de socialismo a cooperatividade (*Genossenschaftlichkeit*), pois o conceito reuniria a expressão econômica e jurídica do quê deveria ser o modo de produção socialista. Ele se afasta do materialismo histórico, porque o ordenamento jurídico seria o definidor das sociedades e não as relações de produção. Deste modo, as duas condições para a realização do socialismo identificadas por Bernstein na teoria materialista – o desenvolvimento das forças produtivas com a centralização de capital e a conquista do poder político – não se concretizariam. A primeira condição, segundo ele, seria apenas parcial, já que boa parte da produção permaneceria entre pequenas e médias empresas; e a segunda condição teria duas saídas: o parlamento ou a revolução.

Marx e Engels teriam sempre enfatizado a necessidade da revolução, baseados na ideia de que o proletariado moderno seria a maioria da população. No entanto, para Bernstein, isso só seria verdade se considerasse proletário todo aquele que não tivesse propriedade; com isso, a classe ganharia dimensão e diversidade. Por causa deste último fator, ela não se perceberia enquanto classe porque os interesses e individualidades seriam muito diversos. A solidariedade entre os diferentes níveis de trabalhadores seria possível apenas em contextos

91 Idem, p. 59-60.

92 Idem, p. 87. Título do capítulo três da edição brasileira. Na edição alemã, o título está com o termo “*Sozialdemokratie*” (social-democracia) e não “democracia social”, como em português.

específicos.

A revolução com a estatização de todos os meios de produção seria impossível, pois o Estado não conseguiria administrar todas as empresas e tão pouco as comunidades, que não teriam o conhecimento necessário para tal. Restaria, então, testar uma nova proposta: as associações econômicas, ou cooperativas.

No entanto, Bernstein enfatiza as cooperativas de consumo e não as de produção, não por ser contra estas, mas por serem mais difíceis de se organizar. Para ele, as primeiras objetivavam baixar o lucro barateando os produtos que compravam, enquanto as segundas queriam aumentar o lucro das mercadorias que vendiam; uma tenderia à democracia e outra à oligarquia.

Ele entende que a reorganização da fábrica não seria necessária e nem desejável, pois ou ela colapsaria a produção ou restituiria a divisão do trabalho e a hierarquização. Melhor seria pensar na distribuição e através dela reduzir a expropriação da mais-valia. Como? Reduzindo os preços com as cooperativas de consumo. Estas espelham-se na sociedade burguesa em sua organização, no entanto, é precisamente isso que as tornaria um bom instrumento, já que seria ilusão acreditar que todas as relações poderiam ser transformadas de uma só vez. O autor salienta também a importância do crédito que essas cooperativas davam para os pequenos produtores rurais, ajudando-os a se recuperar. Segundo ele:

A utilização de energia mecânica, a obtenção de crédito, a melhor segurança nas vendas, tudo isso é acessível aos camponeses por meio da cooperação, enquanto a natureza da sua lavoura torna mais fácil a eles do que aos grandes fazendeiros encarar prejuízos ocasionais.⁹³

As cooperativas seriam uma forma de expropriação gradual e única para a transformação da sociedade; um novo governo deveria pensar em trabalho cooperativo e não associado. O primeiro refere-se a vários produtores que fazem parte de cooperativas de consumo, o segundo seria a cooperativa de produção ou socialização dos meios de produção.

O autor estende o raciocínio feito na circulação - as vendas - para a produção através dos sindicatos, os quais seriam a forma de baixar a taxa de lucro nesta última esfera com o aumento dos salários. Ele acrescenta:

(...) o resultado de um aumento no preço do trabalho humano é, na grande maioria dos casos, representado por um maior aperfeiçoamento da maquinaria e por uma melhor organização da indústria, por um lado; por uma divisão mais equitativa do produto excedente, por outro lado.⁹⁴

Os sindicatos permitiriam modificar a indústria através de uma distribuição mais

93 Idem, p. 105-106.

94 Idem, p. 111.

igualitária da renda, mas seu papel democrático se concretizaria apenas se permanecessem como associados, sem buscar o monopólio da produção, entende-se aqui “associados aos donos da(s) fábrica(s)”, do contrário, poderiam oprimir a comunidade ao se colocarem no poder sobre outras classes, o que seria antidemocrático para Bernstein, que entende democracia como a supressão total das classes. Para tal, seria preciso tirar o operariado de sua condição subalterna e o elevar a de cidadão como todos os outros.

Por isso, o sufrágio universal seria uma importante ferramenta, pois fortaleceria a democracia, base para o socialismo. Este seria um modo de produção alcançado pela transição pacífica que organiza a sociedade, retirando a opressão econômica e, assim, libertando os indivíduos. O socialismo poderia ser chamado de “liberalismo organizante”⁹⁵, pois se apropriaria de categorias liberais organizando-as e universalizando de fato (como a democracia).

Diante disso, o autor defende que a construção da cidadania levaria à identificação do trabalhador com a pátria, por isso a social-democracia não deveria submeter os interesses nacionais à defesa do internacionalismo, pois este “não pode servir como motivo de sujeição inqualificável às pretensões de potências estrangeiras interessadas”⁹⁶.

Entretanto, o independentismo não serve aos povos das colônias uma vez que seria justificável a defesa de interesses alemães em Kiautschou na China e também o colonialismo, por ser um direito dos países mais desenvolvidos. Em suas próprias palavras, “A civilização mais alta pode reclamar, em última análise, um mais alto direito. Não a conquista, mas o cultivo, da terra – eis o título histórico e legal para o seu uso”⁹⁷. A colonização não seria de todo ruim para os “povos bárbaros”, a social-democracia deveria apenas cuidar do modo como esta acontecia e não ser totalmente contra. Veremos que este argumento era bastante difundido na época e algumas resoluções do SPD o aventaram.

Bernstein estabelece três frentes de atuação que deveriam estar em primeiro plano, sendo necessário rever o programa.

Primeiro, sobre a questão agrária, o SPD deveria se voltar para a *defesa do camponês* e não sua supressão, pois ele seria o “lavrador independente contra o capitalismo”⁹⁸. Para tanto, era preciso que o partido reconhecesse a importância das *cooperativas*, as defendesse, fomentasse a sua difusão e ajudasse quando possível; e se preocupasse com a organização por

95 Idem, p. 119.

96 Idem, p. 129.

97 Idem, p. 133.

98 Idem, p. 134.

municipalidade, usando-as como base de apoio para as reformas, já que naquele momento tinham alguns poderes administrativos que poderiam ser expandidos no socialismo, aliviando as responsabilidades do Estado central.

Vemos que Eduard Bernstein relativiza a importância do parlamento e do voto universal no sentido de esperar grandes mudanças a partir do *Reichstag*, sendo necessário ao partido abrir novas frentes de ação. Mas ele não o faz de uma perspectiva marxista ou dialética, ele inclusive tenta desconstruir essas teorias/metodologias. As suas preocupações e formulações analisavam o desenvolvimento particular das nações europeias, entendendo que a mesma forma histórica poderia propagar-se em outros lugares, semelhante à ideia implícita no binômio desenvolvido-subdesenvolvido; ignorava as relações do mercado mundial, as relações mais amplas do capitalismo, desconhecendo a extensão do problema.

Por isso, para ele, é muito fácil separar economia e política, categorizando sindicatos como atuação política, por exemplo, e dividindo uma esfera da administração política e outra econômica. Em muitos aspectos, ele propõe a permanência de características do modo de produção capitalista sem entender o quanto elas fazem parte de sua estrutura, simplesmente transpondo para o socialismo como algo, por princípio bom, se modificada a distribuição da renda⁹⁹.

Em muitos aspectos, Bernstein quer pôr os pés no chão com propostas bastante práticas e factíveis, opondo-se aos defensores da Comuna de Paris ao propor que é necessário um Estado para organizar as comunidades e que a fábrica não pode ser administrada pelos trabalhadores porque prejudicaria o desenvolvimento da produção. Nesses aspectos, seu pensamento se aproxima de outros marxistas, mas em vez de apropriar-se e modificar a análise de Marx, angariando adeptos, Bernstein criticou-o, o que levou à sua marginalização. Em certo sentido, o seu destino foi parecido com o de Rosa Luxemburg¹⁰⁰, embora estivessem em lados opostos da disputa.

Se observarmos a história do SPD veremos que as propostas de Bernstein já vinham sendo aplicadas na social-democracia desde 1890. Apesar da decisão congressional de negar todos os projetos e pedidos no parlamento, utilizando o espaço apenas como plataforma de

99 Esse tipo de pensamento, que não problematiza as relações dentro da fábrica, a divisão do trabalho etc., era muito comum à época e não exclusividade de Bernstein. Luxemburg também, em alguns momentos, tem dificuldades em sair da linha evolutiva da história.

100 Não quero com isso concordar com certos autores (Michael Krätke, por exemplo) que dizem ser o livro de Rosa Luxemburg um certo tipo de revisionismo, porque este último termo não tem apenas o sentido de “rever uma teoria”, mas é um conceito que determina certa corrente de pensamento econômico em determinado momento da história. A semelhança de Luxemburg e Bernstein está na marginalização do pensamento de ambos que se deu posteriormente e a qual atribuo às críticas de cada um à Marx.

propaganda, vimos como Vollmar foi um dos primeiros a defender e aplicar a tática das concessões que visava conquistar direitos para os trabalhadores e deixava o objetivo final em segundo plano. Mas, em Bernstein isso ganhou outra dimensão. Os reformistas da ala de Vollmar eram práticos e encontram em Bernstein a sua teoria, embora muitos deles tenham negado a pecha de revisionistas.

Em seus textos, o autor estabelece os principais pontos de debate da social-democracia destes anos envolvendo o colapso, que tem como sua outra face a revolução. Em seu livro, Bernstein, por exemplo, recusa a ideia do acirramento das contradições que levariam ao colapso e à revolução. Em nota ele diz:

“Revolução” é usado aqui, exclusivamente, no seu significado político, como sinônimo de um levante ou força ilegal. Para a mudança na ordem da sociedade, por outro lado, usa-se o termo “reorganização social” o que deixa em acerto a questão do processo.¹⁰¹

Como disse Luxemburg na citação que abre esta seção, essas ideias não eram novas no partido e a ala esquerda tinha consciência disso na época, esperando que elas não ganhassem influência na direção da organização, o que de fato aconteceu nas décadas seguintes ao escolher um curso para o movimento operário que significava o apaziguamento e a conciliação com os interesses da classe dominante. Mas até a organização atingir esse quadro houve muita disputa, idas e vindas.

Em 1898/9, Luxemburg iniciou seu combate ao revisionismo, respondendo os textos de Bernstein com o apoio de importantes simpatizantes que havia conquistado logo de início, como Karl Kautsky e August Bebel. Sua série de artigos publicados no *Leipziger Volkszeitung* foi transformada na brochura *Reforma Social ou Revolução? (RR)* em 1899 a pedido de Bruno Schoenlank, outro admirador e editor do jornal. A primeira edição da brochura teve 3.000 exemplares e saiu em abril daquele ano, tendo vendido já em maio 2.500 cópias¹⁰². Em 1908, recebeu uma segunda edição com alterações. Adiante, veremos que as alterações feitas dizem muito sobre o desenvolvimento teórico-prático do partido.

O texto divide-se em duas partes: a primeira corresponde às críticas aos textos de Bernstein de 1896 e 1897, principalmente *Problemas do Socialismo*, e a segunda são críticas ao livro *Die Voraussetzungen des Sozialismus*, de 1899. Além de contar com o anexo *Milícia e Militarismo*.

O objetivo principal de Luxemburg nessa brochura é demonstrar que as alterações no

¹⁰¹ Idem, nota 2, capítulo três, p. 166.

¹⁰² HEXELSCHNEIDER, Erhard. *Rosa Luxemburg und Leipzig*. Rosa-Luxemburg-Forschungsberichte Hefte 4. Leipzig: Rosa-Luxemburg-Stiftung Sachsen; GNN Verlag Sachsen/Berlin, 2007.

programa, propostas por Bernstein, não envolviam apenas a tática, mas a própria essência das tarefas da social-democracia, transformando-a em um partido por reformas e excluindo a revolução de seu horizonte. Seu ponto de partida é inverso ao de seu opositor, tanto na consequência prática quanto na análise teórica: para Luxemburg, o capitalismo caminha para uma anarquia crescente, seria em si um modo de produção desordenado e essa era a razão da necessidade de sua superação pelo socialismo. O caos capitalista constitui, em Luxemburg, a objetividade da revolução, sua necessidade histórica, e é resultado do desenvolvimento das contradições internas do modo de produção até um impasse que torne a sua continuidade impossível¹⁰³.

Partindo desse pressuposto, Luxemburg discorre sobre os temas que Bernstein e outros reformistas colocaram em debate: crises periódicas, crédito, associações patronais, sindicatos, democracia, política alfandegária, militarismo e colapso. A maioria desses temas apareceu muitas vezes nas discussões do partido e alguns eram importantes também para a economia política alemã, quais sejam, o militarismo e as tarifas.

Do ponto de vista da teoria econômica e do pressuposto “anárquico”, as crises seriam a *forma* do colapso do sistema. No entanto, a *forma* tem uma importância secundária, pois para Rosa, não era o essencial para a revolução; a certeza nesta baseava-se:

(...) na crescente *anarquia* da economia capitalista, que faz do seu declínio um resultado inevitável; em segundo lugar, na crescente *socialização* do processo de produção, que cria os fundamentos positivos da futura ordem social; e, terceiro, no crescente *poder e consciência de classe* do proletariado, que constitui o fator ativo da transformação vindoura.¹⁰⁴

Por isso, quando Bernstein afirmou sobre a organização crescente do capitalismo, ele destruiu o primeiro pilar do socialismo. Partindo deste pressuposto, Luxemburg defende a teoria marxista e que as crises não são perturbações do sistema, ao contrário, são seu mecanismo de reorganização do descompasso entre produção e consumo. Sem elas, o capitalismo não existiria. Por outro lado, um mecanismo interno que ameaçaria o capital constantemente seria a queda da taxa de lucro, que se origina no “desenvolvimento da produtividade do trabalho, que possui a tendência extremamente perigosa de impossibilitar a produção para todos os capitais menores e médios e, assim, coloca barreiras ao progresso das

103 A anarquia seria produzida pela incongruência entre produção e consumo, causada pela falta de planejamento. Esta existe porque o capitalismo tem como objetivo a produção de lucro em escalas cada vez maiores e não a satisfação das necessidades humanas. Luxemburg não trata disso tão claramente nessa brochura, só aparece em *A Acumulação de Capital*.

104 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 8

inversões de capital e à sua nova formação”¹⁰⁵. De maneira sucinta, Rosa apresenta o que considera o dispositivo capitalista com maiores chances de levá-lo ao colapso.

Ao longo dos anos, esses temas aparecem de maneira marginal nos textos de Luxemburg, talvez porque não houve nenhuma grande crise no período (*Belle Époque*) e porque o militarismo movia mais paixões e se escancarava na corrida armamentista¹⁰⁶.

Mesmo assim, é interessante ver que o entendimento das crises se modifica da primeira para a segunda edição da brochura, acompanhando a conjuntura. Em 1899, Luxemburg disse que o fato das crises não ocorrerem em intervalos de 10 anos como Marx previra não joga no lixo sua teoria, ainda mais porque as crises da primeira metade do século XIX seriam da infância do capitalismo, pois ele não estaria plenamente desenvolvido na maioria dos países. As crises periódicas, às quais Marx se referia, seriam características do início e do final do capitalismo e eles estariam ainda na transição.

Assim que o mercado mundial esteja devida e completamente constituído e não possa mais ser aumentado por expansões repentinas, e que, simultaneamente, a produtividade do trabalho progrida de modo implacável, então, mais cedo ou mais tarde, terá início o conflito periódico das forças do trabalho com os limites da troca, conflito que, por si só, por meio de sua repetição, tornar-se-á cada vez mais brusco e agitado.¹⁰⁷

O trecho acima e boa parte dessa análise se alteraram em 1908, e um dos motivos para tanto foi a crise de 1907. Essa crise foi iniciada no mercado financeiro dos Estados Unidos derrubando a bolsa de valores de Nova Iorque, o que foi causado pela tentativa de monopolização de ações de uma mineradora de cobre que falhou e expôs uma série de irregularidades no mercado de ações, incluindo as empresas de trustes que se alastravam pelos Estados Unidos¹⁰⁸. Após esse episódio, Rosa substitui o trecho acima pelo seguinte:

A resposta não se fez esperar. Quando Bernstein, em 1898, havia acabado de

105 Idem, p. 44

106 Segundo Krätke, ela não entrou no debate sobre as crises nos anos que se seguiram, no entanto, alguns de seus textos falam sobre o tema, mas sem aprofundar. Em *A Acumulação*, as crises são evocadas apenas para dizer que o problema da reprodução ampliada capitalista não deveria ser estudado desta perspectiva. Veremos adiante.

107 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 20

108 Nesse mesmo período, o café passava por dificuldades no Brasil devido a superprodução. Segundo Carone, os preços do produto caíam desde 1895, o que favoreceu a entrada de empresas internacionais de exportação, entre elas a empresa de Pierpont Morgan, fundador do banco J. P. Morgan, importante agente na estabilização após a crise de 1907. A queda dos preços e a crescente produção levou à assinatura do Convênio de Taubaté em 1906 que estabeleceu a compra de parte da safra pelo Estado e sua estocagem para manter minimamente o preço do café no mercado mundial. Ver: CARONE (1970) e FRYDMAN et all. Rosa Luxemburg, em suas aulas, disse que a super-safra de 1906/7 gerou pânico no mercado mundial de café, tendo os cafeicultores brasileiros obrigado o governo a comprar o produto para manter seu preço no mercado mundial. BArch NY 4002/16, Bl. 116 e 117.

mandar a teoria das crises de Marx para o ferro-velho, no ano de 1900 eclodiu uma forte crise geral e, sete anos depois, em 1907, uma nova crise expandiu-se dos Estados Unidos para o mercado mundial. Com isso, até mesmo a teoria da “adaptação” do capitalismo foi destruída por fatos decisivos. Ao mesmo tempo, isso demonstrou que aqueles que haviam abandonado a teoria das crises de Marx, apenas por ela ter supostamente falhado em dois “momentos decisivos”, tinham confundido o núcleo dessa teoria com uma particularidade exterior irrelevante de sua forma – com o ciclo de dez anos. A formulação da circulação da indústria capitalista moderna como um período de dez anos, porém, era, na teoria de Marx e Engels nos anos 1860 e 1870, uma simples constatação dos fatos, que, por sua vez, não estava baseada em quaisquer leis da natureza, mas em uma série de determinadas condições históricas, que estavam ligadas aos saltos expansivos da esfera de atuação do jovem capitalismo.¹⁰⁹

Os acontecimentos do início do século permitiram a ela retomar com certeza e vigor a teoria das crises de Marx, ratificando-a ao mesmo tempo em que ridicularizava o revisionismo. Luxemburg mantém sua análise de que o ciclo de 10 anos é algo marginal em Marx, enfatizando a repetição das crises com *certa* periodicidade, ou seja, não seria possível dizer o intervalo exato, mas haveria algum, determinado de acordo com o avanço das forças produtivas e a velocidade de rotação do capital. Por outro lado, ela é menos taxativa quanto às barreiras da expansão do capitalismo, ao excluir o trecho em que o colapso se sustenta nos limites de ampliação do mercado, gerando crises típicas da velhice do capital. Luxemburg insiste, em 1908, que a expansão do mercado mundial é finita, mas o capital tentaria superar essa fronteira a todo o momento e um de seus mecanismos para tanto seria o crédito.

Para Luxemburg, o crédito expande os limites do capital privado e acelera o processo de circulação de mercadorias, “ou seja, todo o ciclo do processo de produção”¹¹⁰. Ao mesmo tempo, ele intensifica as contradições porque o consumo não acompanha a expansão da produção. Diferente de Bernstein, para ela, o crédito atua como intensificador das crises e não apaziguador, porque possibilita maior produção, mas não aumenta o consumo na mesma velocidade, sem contar seu efeito especulativo, o qual Bernstein quer apagar.

Semelhante acontece com os trustes e cartéis. Eles têm o objetivo de garantir maior fatia do lucro geral para determinada empresa capitalista e, ao fazê-lo, acirram a concorrência no mercado mundial, retirando de outros lugares os seus lucros adicionais através da expansão desse mercado. Este, no entanto, estanca em determinado momento, diminuindo a demanda. Quando isso acontece, o capital socializado “retrocede para capital privado”¹¹¹, iniciando um novo ciclo. Além disso, essas associações estimulam a disputa entre produtores e

¹⁰⁹ LOREIRO (org.), op. cit., p. 18

¹¹⁰ Idem, p. 12

¹¹¹ Idem, p. 16

consumidores, já que os primeiros monopolizam os preços interna e externamente, deixando estes ao sabor das conjunturas econômicas e necessidades do capital de contenção da queda da taxa de lucro.

Desse modo, não seria possível atingir o socialismo por meio das reformas, primeiro porque os supostos meios de adaptação (crédito e associações patronais), na verdade, levavam à crise, como dito anteriormente, e segundo porque a política de Estado no capitalismo seria sempre a política da classe dominante. Por isso, as reformas teriam seus limites colocados nos interesses da burguesia e a democracia seria um instrumento dessa classe, teria um conteúdo burguês naquele momento, apesar de ser uma forma socialista. Nesse contexto, os sindicatos deveriam atuar apenas para minimizar a exploração e desenvolver a consciência de classe do proletariado e não fazer acordos com os patrões para regular os preços e salários, pois, dessa forma, atuariam em favor das leis do capitalismo contra os consumidores e passariam longe do controle do processo produtivo¹¹². Assim, esses instrumentos não poderiam atingir o socialismo gradualmente, apenas através da revolução ele poderia ser posto; revolução entendida nesse texto como a conquista do poder político pelo proletariado, a tomada do Estado. Luxemburg não define exatamente a sua forma; ao longo dos anos, ela reiterou diversas vezes que esta não pode ser pré-determinada, e sim que a revolução precisa ser feita, sendo o seu significado genérico a tomada do poder do Estado pelo movimento operário.

Enquanto Bernstein defende a transformação gradual do Estado capitalista para o socialista através da luta interna, no parlamento, Rosa enfatiza o conteúdo de classe do Estado democrático de direito, trazendo para o primeiro plano a luta de classes, justamente aquilo que Bernstein abandonou junto com o materialismo histórico. Para Luxemburg, ele tentaria colocar o movimento operário a reboque da burguesia, como se esta fosse a grande salvadora da humanidade, quando, na verdade, sua ala mais progressista, os liberais, teriam fracassado e sucumbido aos conservadores¹¹³. Era, portanto, papel dos trabalhadores retomar o rumo da história e garantir a democracia, bem como desenvolvê-la, pois, ainda que seu conteúdo nesta sociedade fosse burguês, ela servia ao movimento, permitindo sua organização e desenvolvimento da luta de classes.

Rosa entende que a democracia não era necessária para o desenvolvimento do capitalismo e em alguma medida atrapalharia os interesses da burguesia. Esta era uma conquista do movimento operário e, em alguns casos, o voto universal teria sido concedido

112 Para Rosa, a confusão sobre o conteúdo dessas formas no capitalismo era compartilhada por muitos parlamentares social-democratas.

113 A revolução de 1848/9 sucumbiu aos príncipes na Alemanha e a modernização capitalista foi realizada pela aristocracia Junker.

para estabilizar regimes monárquicos. Lembremos de Hobsbawm e Herbert: apesar da vontade individual de governantes como Wilhelm II, o retorno ao absolutismo não era possível depois da Comuna de Paris. A burguesia precisava negociar e ao longo da era dos impérios ela aprendeu que este regime político não era incompatível com seus interesses, era preciso cuidar de manipular as massas e manter os partidos socialistas dentro da esfera da legalidade¹¹⁴.

Para Luxemburg, a burguesia se adapta a regimes políticos de acordo com as necessidades da conjuntura e a legislação trataria de conformar a sociedade ao fundamental no capitalismo: a exploração do trabalho. Por isso, basear-se na justiça e na legalidade para alcançar o socialismo seria idealista, recusando-se a ver nas relações sociais de produção a fonte das desigualdades, como se o problema estivesse na distribuição de renda.

Anteriormente vimos que Bernstein não esconde sua discordância com o materialismo histórico, considerando-o ultrapassado. É dessa crítica que surge toda a teoria bernsteineana, termo que Rosa substitui por *revisionista* em 1908. É por isso que ele não vê o colapso como algo necessário, mas para nossa autora:

Nada mais do que o entendimento de toda a economia capitalista como um *fenômeno histórico*, e não apenas para trás, como, no melhor dos casos, a economia clássica o entendia, mas também para a frente, não apenas com vistas ao passado econômico-natural, mas, sobretudo, também com vistas ao *futuro socialista*. O segredo da teoria do valor de Marx, de sua análise do dinheiro, de sua teoria do capital e, assim, de todo o sistema econômico – a transitoriedade da economia capitalista, o seu colapso, ou seja – e isso é apenas o outro lado – *o objetivo final socialista*.¹¹⁵

A moeda da revolução tem de um lado o socialismo e de outro o colapso. Três conceitos fundamentais, assim, norteiam o texto: a história, a anarquia capitalista e o colapso.

Para Isabel Loureiro, o problema central que perpassa toda a obra de Rosa Luxemburg é a relação entre consciência e processo histórico objetivo. A socialista tinha como fio condutor de seu pensamento político a ação revolucionária e a partir dessa preocupação formulou propostas de organização e fez sua pesquisa econômica. Luxemburg sempre enfatizou a prática revolucionária no par teoria e prática, colocando para a história um sentido teleológico que guiaria essa prática: o socialismo, a revolução. Assim, Loureiro afirma que tanto *Reforma social ou Revolução?* quanto *A Acumulação de Capital* são obras que querem “dar uma base econômica objetiva à revolução, para se opor ao marxismo ético dos

114 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

115 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 54

revisonistas, que haviam reduzido o socialismo a um anseio moral”¹¹⁶.

No texto de 1899, o materialismo histórico aparece como uma teoria que se sobrepõe aos acontecimentos, sendo capaz de predizê-los ou ao menos apontar um caminho certo, uma “verdade teórica revolucionária”¹¹⁷. Como vemos na citação acima, o capitalismo é um fenômeno que possui história passada, mas também futura, “um presente grávido de futuro”.

Gravidez cuja mãe é a “anarquia”, o parto é o colapso e o filho, o socialismo. A história caminha para o colapso como base fundamental da teoria marxista que visa o socialismo, resultado de uma das três condições fundamentais da nova sociedade, apresentadas por Rosa em *Reforma Social ou Revolução?*: a desorganização crescente do sistema. Ainda segundo Loureiro, Luxemburg sempre faz análises que partem do irracional para o racional - o capitalismo é a irracionalidade e o socialismo a racionalidade. Por isso, a anarquia tem papel fundamental nessa brochura: para explicar o capitalismo é preciso percebê-lo como relações de produção que não fazem sentido para as relações humanas e que tende a acabar, como todas as outras formas de produção: têm início, meio e fim.

É verdade que Luxemburg, na brochura de 1899, é um tanto dogmática, guiando-se por uma interpretação que não critica o desenvolvimento do capital e vê uma linha progressiva da história. Tanto é assim que em diversos momentos Rosa diz que desacelerar o avanço das forças produtivas ou reduzir o mercado mundial a níveis locais seria retornar ao feudalismo e o socialismo não era o retorno à idade da pedra, mas a apropriação do desenvolvimento técnico e social do capitalismo para outros fins. Inserida em seu tempo, seria difícil que Luxemburg fizesse uma crítica radical ao progresso, ou à ideia de progresso. Ainda assim, em trechos desse texto e outros posteriores, a autora não aceitou de pronto esse desenvolvimento, enfatizando que a organização operária não poderia se basear em estruturas criadas a partir da exploração do trabalho¹¹⁸.

Luxemburg mudou suas posições desde este texto até 1913 e os acontecimentos históricos do período tiveram bastante relevância para tal. Se nessa brochura o sujeito aparece quase que como uma marionete das condições objetivas e do sentido histórico, a partir de 1905 ele terá preponderância em seus escritos. Essa é uma diferença de pano de fundo entre

116 LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora Unesp, 1995, p. 68

117 Idem, p. 27

118 É o caso de sua argumentação, em *RR*, sobre o exército massificado que arma o povo, mas que, no entanto, serve para a sua própria dominação. E sobre a disciplina no debate com Lênin em 1904, quando diferencia a disciplina operária daquela da fábrica. Ver: LUXEMBURG, R. “Questões de organização da social-democracia russa”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburg: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1, p.151-176.

este texto e o livro *Acumulação*: no primeiro, o sujeito é muito mais o partido, a organização, as massas não haviam se insurgido ainda; no segundo, a explicação objetiva para o sujeito revolucionário tem como fundamento histórico material a Revolução Russa de 1905, a insurreição das massas e o papel central que ganham na posição política de Luxemburg.

Ainda uma ressalva sobre o tom dogmático da brochura. Esta foi também um panfleto contra o revisionismo, publicado meses antes do Congresso de Hannover de 1899. Em algumas citações, excluídas na edição de 1908, Luxemburg inclusive defende a incompatibilidade das ideias de Bernstein com a social-democracia, o que levaria à sua expulsão do partido, segundo o estatuto da época. Ela diz, em três momentos:

(...) ele parece acreditar que ainda pode marchar de fato e de direito como integrante do partido, pois qual o “peso” que se deve conceder “se na (parte) teórica há uma frase que não está mais de acordo com meu entendimento do andar do desenvolvimento”? Essa explicação mostra, no melhor dos casos, como Bernstein perdeu completamente o tato para o nexos entre a atividade prática da social-democracia e os seus princípios gerais (...).¹¹⁹

Se ao início da discussão alguém, juntamente com Bernstein, ainda esperava convencê-lo por meio de argumentos do arsenal científico da social-democracia, conseguir devolvê-lo ao movimento, precisa deixar essa esperança inteiramente de lado. Pois, agora, essas mesmas palavras deixaram de expressar, para ambos os lados, os mesmos conceitos, especificamente os mesmos conceitos deixaram de expressar os mesmos fatos sociais. A discussão com Bernstein tornou-se o conflito entre duas visões de mundo, duas classes, duas formas de sociedade. Bernstein e a social-democracia encontram-se, agora, sobre um terreno inteiramente diverso.¹²⁰

Bernstein deixa seu livro ressoar como um conselho para o partido, que ele queira arriscar parecer o que é: um partido de reforma democrático-socialista. O partido, isto é, seu órgão supremo, a convenção partidária, a nosso ver, teria que fugir desse conselho, fazendo que Bernstein, por sua vez, também apareça formalmente como aquilo que é: um progressista pequeno-burguês e democrata.¹²¹

A expulsão não aconteceu, apenas uma reprimenda a Max Schippel, outro membro que havia criticado os princípios do SPD. O anexo, *Milícia e Militarismo*, respondeu a este último, que defendia o exército permanente em detrimento do povo em armas.

Esse anexo é uma continuação da análise do revisionismo, também chamado em diversos momentos de oportunismo. Segundo a própria autora, o militarismo comprovaria as consequências práticas da aplicação do revisionismo, mas aparece também o tema das tarifas alfandegárias. Em ambas as pautas, o que está em questão é a oposição entre objetivo final e

119 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 66

120 Idem, p. 82

121 Idem, p. 88

interesses imediatos, melhor dizendo, pragmatismo. O reformismo é pragmático e introduz essa oposição (principismo-pragmatismo) dentro do movimento operário ao criticar as práticas do partido da perspectiva da burguesia, que é conjuntural, e não baseado em convicções como a social-democracia.

Por isso, a organização deveria combater o oportunismo em três frentes: 1) um amplo debate com as bases do partido em assembleias e através da imprensa; 2) posicionamento contrário a essas ideias da bancada parlamentar, que deveria inclusive se abrir mais com relação às suas discussões e decisões, deixando mais espaço para as demandas da base; e 3) posicionamento contrário no congresso do partido.

Além do chamado prático ao combate do revisionismo, Rosa discorre bastante no anexo acerca do militarismo, das tarifas protecionistas e do Estado. Vamos ver o que Luxemburg entende, neste momento, sobre cada um deles, tendo em mente que, para ela, Schippel seria a expressão prática da teoria bernsteineana e, por isso, sua posição deveria ser suprimida. No Congresso de Hannover, ela disse: “Importante é, para mim, o combate às manifestações concretas do oportunismo e, enquanto tal, considero sobretudo a posição de Schippel sobre o militarismo”¹²².

Na brochura como um todo estes temas aparecem em diversos momentos.

Primeiro, o Estado atenderia aos interesses sociais até determinado momento, enquanto estes não estão em conflito com a burguesia; quando o desenvolvimento econômico entra em contradição com os interesses da classe dominante, o Estado intervém na sociedade para defendê-la. Esse movimento se expressaria no protecionismo e no militarismo.

As políticas alfandegárias e o militarismo já tiveram, para a autora, um caráter progressista. As tarifas, nos primórdios da industrialização, teriam ajudado o desenvolvimento de produções capitalistas incipientes contra outras mais maduras. No entanto, havia chegado o momento em que servia apenas para a luta entre economias nacionais. Elas atrapalhariam, pois 1) prejudicavam os consumidores, encarecendo os produtos para defender os interesses da agricultura; e 2) impediam o desenvolvimento técnico-econômico, porque, ao proteger o lucro particular de um ramo, dificultavam as trocas comerciais entre os ramos e o desencadeamento da linha produtiva, pois os diferentes setores eram muito atrelados uns aos outros. Por exemplo, se um país produz algodão e outro tecido, o protecionismo do algodão poderia encarecer ou até inviabilizar a produção do tecido.

Quanto ao militarismo, Luxemburg adverte: “Quando observamos sua história, não

122 “Wichtig ist für mich die Bekämpfung der konkreten Erscheinungen des Opportunismus, und als solchen betrachte ich vor allem die Stellung Schippel zum Militarismus”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 266.

como ela poderia ou deveria ter sido, mas como de fato foi, precisamos então constatar que a guerra constituiu um fator indispensável do desenvolvimento capitalista”¹²³.

Por esse motivo, o militarismo teria cumprido um papel progressista para o desenvolvimento do modo de produção, expandindo suas fronteiras. Mas no final do século XIX, para Rosa, não haveria mais conflito entre capitalismo e economia natural, os conflitos eram entre capitalistas de diferentes nacionalidades; não havia mais espaços para serem *incorporados*, apenas *disputados*. Por isso, o militarismo naquele momento servia apenas à classe dominante com três objetivos: 1) meio para combater na concorrência internacional; 2) meio de investimento para o capital financeiro e industrial; e 3) instrumento de dominação dos trabalhadores.

Em linhas gerais, Rosa não altera a explicação acima no anexo *Milícia e Militarismo*, apenas aprofunda esses temas que eram os mais importantes para ela naquele momento. O militarismo seria a concretização do poder e da dominação de classe, por isso, combatê-lo por princípio era essencial para a social-democracia e Schippel queria mudar isso.

O autor dizia que o exército permanente poderia se desenvolver em exército popular desde dentro, já que os soldados eram filhos da classe trabalhadora que estavam sendo treinados em massa por causa do serviço militar obrigatório. Além disso, argumenta que o militarismo seria uma forma de desonerar a sociedade ao diminuir o exército de reserva empregando parte dele como soldado ao mesmo tempo em que aumentava o consumo improdutivo por parte do Estado, funcionando como um fator de contenção das crises. Ele enxerga, portanto, as crises como resultados da desproporção entre produção e consumo, não das contradições internas da produção.

A esta ideia Rosa responde que o exército se financia com impostos indiretos descontados dos trabalhadores, o que de fato impede uma redução brusca dos salários ao diminuir a pressão do exército de reserva. Entretanto, as condições de subsistência pioram porque o poder de compra é menor e as possibilidades de melhorias se estreitam, já que o exército é o meio de opressão das lutas dos trabalhadores.

Este imposto na mão do Estado poderia ser investido na cultura e gerar mais empregos, no entanto, o militarismo seria um investimento mais lucrativo e interessante, porque criaria uma força armada de defesa dos interesses da burguesia, haveria constantes inovações técnicas, o que leva ao crescimento também constante de gastos bélicos e contaria com o monopólio de preço, já que o comprador é o Estado.

123 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 33

A demanda do Estado caracteriza-se por uma segurança, uma larga escala e uma configuração favorável – na maioria das vezes, monopolista dos preços –, o que torna o Estado o comprador mais vantajoso e os fornecimentos a ele, o negócio mais brilhante para o capital.¹²⁴

Por isso, não é indiferente ao capital o que se produz e quem consome. O Estado como comprador é um ótimo negócio e ainda mais no setor bélico, pois este representa uma demanda constante e crescente, já que o setor precisa se renovar tecnologicamente sempre e “a guerra constitui fator indispensável ao desenvolvimento capitalista”¹²⁵. Luxemburg já apresenta aqui sua crítica ao consumo de luxo como saída para as crises, como se os capitalistas consumissem toda a mais-valia. Aqui a demanda do Estado se diferencia da demanda de classes altas, pois o consumo não é o objetivo do capital, mas a realização da mais-valia explorada.

O Estado em *RR* já aparece como agente de realização da mais-valia e seu prejuízo é um problema apenas para os trabalhadores, pois ao fim e ao cabo eles pagam a conta. A importância do Estado no capitalismo para Luxemburg harmoniza-se com a análise de Hobsbawm sobre o período que estudamos: a expansão dos impérios desencadeada pela transformação nos meios de transporte, pela revolução na produção e o consumo em massa com a necessidade de novos mercados tinha no Estado seu ponto de apoio, pois, observando a exposição de Hobsbawm, foi através dele que as áreas de influência se expandiram¹²⁶.

Também são retomadas diversas vezes no texto as relações entre produção e consumo, produção e circulação. Primeiro, percebemos as categorias “consumidores” em oposição aos “produtores” não determinadas por classes sociais. Luxemburg defende os primeiros dentro da chave de que um modo de produção racional deveria atender às necessidades das pessoas, dos consumidores. No entanto, do ponto de vista marxista, essas categorias são bastante estranhas porque superficiais, correspondendo à análise das relações sociais na esfera da circulação, o que Rosa também considera uma inversão do real:

Quanto mais próximo o ponto de vista estiver do processo de produção real, mais próxima estará a percepção da verdade. E quanto mais o pesquisador se aproximar do mercado de trocas, da região em que a concorrência domina totalmente, tanto mais estará invertida a imagem da sociedade vista daí.¹²⁷

Com Marx, a sociedade deveria ser observada do ponto de vista das relações de produção, no entanto, esta esfera seria dominada pela troca, pois o objetivo capitalista - a

124 Idem, p. 96

125 Idem, p. 33

126 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

127 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 110

realização da mais-valia - se concretizaria nessa última esfera, fato que submeteria qualquer tipo de tentativa de socialização da produção aos interesses do capital através da concorrência. Concorrência esta que naquele momento dava-se entre capitais nacionais, utilizando-se das tarifas protecionistas para monopolizar mercados internos fomentando os conglomerados industriais, o que Rosa caracteriza como “luta dos produtores capitalistas com a sociedade consumidora”¹²⁸.

Os consumidores, de novo, aparecem como um sujeito histórico retirado da esfera da circulação. Veremos em *A Acumulação* que eles disparam a reflexão de Luxemburg sobre o problema, mas em *Reforma Social ou Revolução?* parecem estar um tanto deslocados na análise, que, em geral, é bastante ortodoxa.

Por fim, diante da explicação dos mecanismos da burguesia agindo através do Estado para a manutenção da dominação de classe e apropriação da mais-valia, não resta saída conciliatória. O proletariado deve tomar o Estado e esse evento só pode ocorrer no esboço de um colapso dessa sociedade. Ela diz:

(...) a conquista do poder de Estado pela grande massa popular {efetivamente} com consciência de classe, que apenas pode ser, ela própria, o produto de um colapso inicial da sociedade burguesa, motivo pelo qual traz em si mesma a legitimação político-econômica de seu aparecimento oportuno.¹²⁹

O colapso é o fim do capitalismo que caminha com certo determinismo neste texto. Em outras obras, e *A Acumulação* é uma delas, percebemos que a necessidade histórica não se confunde com teleologia (não só para ela, mas para a esquerda do SPD), esta é sim a compreensão de que nada é eterno e imutável, ponto que Luxemburg utiliza para argumentar contra a teoria de Bernstein.

Com o passar do tempo e as vicissitudes políticas na social-democracia, parece-nos que Luxemburg deixou maior espaço para o imponderável e obscuro, vislumbrando na anarquia capitalista de *Reforma Social ou Revolução?* a possibilidade da barbárie expressa na divisa “socialismo ou barbárie” do texto *A Crise da Social-democracia (Brochura Junius)*, escrito em 1916.

¹²⁸ Idem, p. 33

¹²⁹ Idem, p. 76

2. O OBJETIVO FINAL: MASSA ELEITORAL *versus* HEGEMONIA IDEOLÓGICA

*“O papel da direção social-democrata é, portanto, de caráter essencialmente conservador, como o demonstra a experiência: cada vez que um novo terreno de luta é conquistado e levado até às últimas consequências, é logo transformado num baluarte contra posteriores inovações em maior escala.”*¹³⁰

Rosa Luxemburg, 1903/1904

Para entender as mudanças na análise econômica de Rosa Luxemburg decidiu-se por analisar nesta dissertação os debates em congressos do SPD. Escolheram-se datas e temas centrais para a teoria econômica de Luxemburg e importantes acontecimentos históricos, como a Revolução Russa de 1905, fator determinante na transformação do pensamento da autora, especialmente no que diz respeito à prática política. Além disso, como disse Isabel Loureiro,

O objetivo de Rosa, nesses textos [*Reforma Social ou Revolução?* e *A Acumulação do Capital*], é dar uma base econômica objetiva à revolução, para se opor ao marxismo ético dos revisionistas, que haviam reduzido o socialismo a um anseio moral.¹³¹

Por causa disso, não poderíamos deixar de relacionar a teoria da acumulação com o desenvolvimento do partido naqueles anos e as discussões teóricas e práticas, sempre tendo em Rosa o nosso foco.

Para tanto, utilizamos algumas atas congressuais entre os anos de 1898 e 1912, publicadas anualmente pela editora-livraria do partido, *Buchhandlung Vorwärts*, em grandes tiragens, uma média de 30 mil exemplares por ata, quase sempre no ano seguinte. Documentos sobre as atividades da editora neste período não foram encontrados, assim não se sabe a rede de distribuição para tantos volumes. No entanto, sabe-se que a social-democracia cresceu muito neste período e isso significa também um crescimento organizativo, aumentando o número de bibliotecas e organizações locais: de 2.704 *Ortsvereine* (associações locais) em 1907, o partido foi para 4.978 em 1913, um aumento 84,1%, além do aumento de 85,3% no número de militantes no mesmo período¹³².

130

LUXEMBURG, Rosa. “Questões de Organização da Social-Democracia Russa”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*, volume I. São paulo: Editora Unesp, 2011, p. 162.

131 LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, 1995, p. 68.

132 Ver TABELA 4.

A necessidade de formação e informação levou à constituição de bibliotecas, jornais e revistas. Podemos supor que a grande quantidade de atas impressas eram espalhadas pelas diversas localidades com instituições operárias, constituindo fonte de informação, propaganda e formação.

Atualmente, elas são importantes fontes para as discussões do partido transparecendo que apesar dos militantes enfatizarem a unidade, na verdade, as diferenças entre Marx e Lassalle nunca foram superadas, agravando-se com o florescimento do socialismo como ideário da classe operária. Bebel é o principal ator deste processo, pois é ele quem articula as resoluções de consenso e que tenta a todo custo manter a unidade do partido, utilizando-se de discursos superficiais.

É dentro desse quiproquó que Luxemburg desenvolve sua teoria, sendo seu pensamento mesmo uma tentativa de síntese entre os dois pais da social-democracia.

Desde 1896, pelo menos, Luxemburg escrevia para importantes jornais e revistas social-democratas alemães como *Vorwärts* e *Die Neue Zeit*. Inicialmente tratando de temas ligados à Polônia e às regiões polonesas do Império alemão, como Oberschlesien e Posen, sua mudança para a Alemanha e entrada no partido em 1898 diversificaram também os temas. Rosa participou da agitação eleitoral deste ano nas regiões de sua terra natal; a escassez de oradores e as habilidades discursivas da novata deram a ela um lugar de destaque desde o começo. Ansiosa por alcançar seu lugar na organização, não perdeu tempo quando a possibilidade se abriu para expandir seus temas da questão polonesa para a estrutura econômica do capitalismo e a tática da social-democracia.

A partir de 1898, como já foi dito, o revisionismo se delineou como teoria. Desse momento em diante, nos congressos, ele seria o pano de fundo das discussões, das quais muitas giravam em torno do conservadorismo da direção em relação a determinados acontecimentos ou da adoção de táticas como a aliança com liberais para disputar com os conservadores em alguns distritos eleitorais, escolhendo o mal menor.

No final desse ano, Rosa escreveu textos contra as posturas oportunistas de camaradas social-democratas, como Wolfgang Heine, que propunha o apoio às políticas militaristas em troca de direitos sociais. Nessas críticas, as políticas protecionistas e militaristas são usadas como exemplos de como deveria ser a tática do SPD, como escreve em *RR*. Em textos anteriores ao congresso de 1899, o papel das pequenas e médias empresas também aparece. No entanto, o fundamental é o combate àquelas duas políticas citadas, pois, segundo Rosa, o militarismo e o protecionismo haviam adquirido um papel reacionário oprimindo o proletariado e impedindo o desenvolvimento técnico, sendo estas as principais pautas em que

o oportunismo mostrava suas consequências para a luta cotidiana pelo socialismo ao propor políticas compensatórias desconsiderando os princípios do partido e seu objetivo final.

2.1. Congresso de Stuttgart, 1898

O congresso do SPD de 1898 foi realizado na cidade de Stuttgart, em Württemberg, entre 3 e 8 de outubro.

Ano de eleições para o *Reichstag* e para o *Landtag* da Prússia, o congresso de Stuttgart iniciou-se com o debate sobre o resultado das eleições¹³³: 56 mandatos para a social-democracia, em um universo de 397 deputados¹³⁴, ou seja, 14% das cadeiras, apesar de ter obtido 27,2% do total de votos¹³⁵. A desproporção entre a porcentagem de votos e a de cadeiras ocorria devido à divisão das zonas eleitorais que valorizava as áreas rurais e interioranas, mais conservadoras, em detrimento das zonas urbanas, mais povoadas e onde a social-democracia era mais forte.

O resultado foi considerado pela direção do partido, em 1898, uma vitória da organização, já que houve um aumento percentual do número de votos e um aumento absoluto dos deputados. No entanto, no congresso daquele ano, algumas pessoas o acharam insatisfatório por causa da desaceleração no crescimento do partido. Segundo Arthur Stadthagen:

No ano de 1887, o número de votos social-democratas importava em 7,8% em relação ao número de eleitores; em 1890 veio o grande aumento de 13,91%, então 1893 com 16,81% e agora ocorreu um aumento para 18,4%, ou seja, apenas 1,59% em 5 anos, enquanto no penúltimo período legislativo o aumento ascendeu a 2,3% e de 1887 a 1890 a 6,9%.¹³⁶

Ou seja, comparativamente, o crescimento dos eleitores foi maior entre 1887-1890 e 1890-1893 do que entre 1893 e 1898, o que significava uma redução relativa uma vez que o

133 As eleições no Império ocorriam de forma bastante complexa, pois a Alemanha era constituída por 25 territórios (*Länder*) entre reinos e principados, cada um com uma legislação eleitoral. Somente para o *Reichstag* havia sufrágio universal masculino. O país era dividido em zonas eleitorais (*Wahlkreise*) que ao todo somavam 397. Cada uma dessas zonas elegia um deputado. Ver nota 2, CAPÍTULO 1.

134 Ver TABELA 8.

135 Dados retirados do site <http://www.wahlen-in-deutschland.de/>. Esses dados contam apenas os resultados do primeiro turno. Apesar disso, eles conferem com a bibliografia. Ver CARONE (1993); DROZ e GREBING.

136 “Im Jahre 1887 betrug die Zahl der sozialdemokratischen Stimmen im Verhältnis zur Zahl der Wahlberechtigten 7,8 pCt.; 1890 kam der große Aufschwung auf 13,91 pCt., dann 1893 auf 16,81 und jetzt ist nur eine Steigerung auf 18,4 erfolgt, d. h. nur um 1,59 pCt. In 5 Jahren, während sie in der vorletzten Legislaturperiode noch 2,3 und von 1887 auf 1890 sogar 6,9 pCt. Betrug.“ In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 87. Pesquisando os dados relativos às eleições, encontra-se que em 1887 a social-democracia obteve 10,1% dos eleitores; em 1890, 19,7%; em 1893, 23,3%; em 1898, 27,2%. Isso significa um aumento de 9,6% no primeiro período, 3,6% no segundo período e 3,9% no último. No entanto, estes dados não incluem o segundo turno; mas demonstram queda na velocidade do crescimento, como argumentado por Stadthagen.

crescimento começava a ser mais lento. No entanto, havia aqueles, em geral ligados à direção, que consideraram a eleição um sucesso, por exemplo, Ignaz Auer:

(...) nós podemos dizer: nós tivemos sucesso, e foi grande! (...) e nós temos toda razão de estar contentes, e eu estou contente e tomo como minha obrigação não fazer censuras aos camaradas, mas dizer-lhes: vocês fizeram direito, façam ainda melhor da próxima vez!¹³⁷

Na discussão sobre os motivos do suposto fracasso eleitoral, o debate sobre os fins e os meios tomou corpo. Para Arthur Stadthagen, a razão do resultado insatisfatório foi a falta de ênfase no objetivo final durante a agitação. Eles precisariam retornar à prática cotidiana e organizativa acentuando os princípios do partido. Aqueles que deixaram o objetivo final (*Endziel*) em segundo plano teriam prejudicado a luta. Era preciso fazer dele uma prioridade na formação constante.

Essa posição foi contestada pelos partidários de Eduard Bernstein, a ala reformista do partido. Heinrich Pëus expressou em sua fala o que significava o revisionismo/reformismo, defendendo que o retorno ao objetivo final estava em contradição com a prática, pois o partido adquirira novas responsabilidades e isso demandaria um compromisso com a satisfação das necessidades presentes dos trabalhadores: “Todo o conceito de objetivo final me repugna, pois não há nenhum objetivo final”¹³⁸.

O fim seria alcançado por si mesmo através do movimento pelas reformas. Ele apresentou o que essa ala revisionista defendia: o pragmatismo. Em geral, eles reafirmavam o objetivo final como algo óbvio, mas que não precisava ser ressaltado a todo o momento. Wolfgang Heine disse:

Camaradas, nada se desgasta mais com o uso do que as palavras de fé frequentemente utilizadas e ouvidas. Elas são vistas como clichês e o profeta entusiasmado dá a repugnante impressão de um padre, quando ele não sabe mais o que oferecer. (Vollmar: ele se torna chato!) Sim. E chateia as massas ouvir sempre a mesma coisa. Mas o que sempre sacode as massas de novo, o que sempre coloca novas tarefas, o que nunca surte um efeito entediante é a luta pelas reivindicações do dia, concretas e atuais, pelas melhorias que nós ambicionamos, porque elas significam o caminho para o grande e bonito futuro.¹³⁹

137 “... wir können sagen, wir haben Erfolge gehabt, und sie sind groß! [...] und wir haben alle Ursache, zufrieden zu sein, und ich bin zufrieden und ahnte es für meine Pflicht, den Genossen keine Vorwürfe zu machen, sondern ihnen zu sagen: Ihr habt es brav gemacht, macht es das nächste Mal noch besser!“ In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 111.

138 “Der ganze Begriff Endziel ist mir zuwider, denn es giebt gar keine Endziele”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 89.

139 “Parteigenossen, nichts nützt sich im Gebrauch so schnell ab, als die Worte des Glaubens, häufig angewendet oder gehört, werden sie als Phrasen empfunden, und der begeisternde Prophet macht den abstossenden Eindruck eines Pfaffen, wenn er sonst nichts zu bieten weiss. (Vollmar: er wird langweilig!) Ja, und langweilig den Massen, auch immer dasselbe zu hören. Was aber ewig neu die Massen aufrüttelt, ewig

A ênfase do movimento nas demandas imediatas do operariado construiria o caminho para o futuro, que não necessariamente seria o socialismo. Falar em *Endziel* (palavra que parece esconder outra: revolução), portanto, seria um problema porque desanimaria as pessoas para a luta, já que ele seria um fim que nunca chegava.

Heine não nega o objetivo final. Na verdade, em um segundo momento ele afirmou a conquista do poder pelo proletariado como o horizonte do partido, mas haveria duas formas de fazê-lo: ou pela via parlamentar ou pela violência; quando negava-se a possibilidade da primeira, então defendia-se a segunda, não havendo uma terceira possibilidade.

Se retomarmos os argumentos de Bernstein do primeiro capítulo veremos que são os mesmos. Em 1896, ele disse que o socialismo era uma palavra muito vaga, assim como socialização; o movimento deveria se sustentar sobre o conceito de cooperação ou cooperatividade. Chega a usar o termo de Hobson, coletivismo, que aparece na fala de Gustav Ulrich no congresso. Bernstein defendia ainda que a violência do colapso não era necessária e não deveria ser o caminho. Os revisionistas como ele adotavam a via democrática-parlamentar para a conquista do poder pelo proletariado.

Revisionistas e revolucionários se colocam, no discurso, a favor do mesmo objetivo: a conquista do poder político, mas com significados diferentes e, portanto, também caminhos diferentes. Os primeiros questionavam a teoria do colapso do programa de Erfurt e acreditavam no parlamentarismo, na via eleitoral. Os segundos a defendiam como um mecanismo necessário no caminho para a tomada do poder, mas seria essencial o momento da catástrofe, pois o capitalismo não cairia sem uma convulsão social, violenta ou não.

No congresso de 1898, os reformistas debatiam com um suposto dogmatismo do partido, que não perceberia as mudanças no capitalismo e as novas possibilidades táticas. Nessa perspectiva, Pëus e Vollmar manifestaram com transparência a proposta dos reformistas. O primeiro disse que “um programa, segundo a sua opinião, deveria conter apenas reivindicações”¹⁴⁰ e deixar a teoria para os intelectuais do partido. Para o segundo, a relação entre a teoria e as conquistas conjunturais era insignificante, elas em si é que eram importantes para o desenvolvimento progressista da sociedade. Para eles, o objetivo final estaria no espírito (*Geist*) de todos, mas o primordial era a luta cotidiana pelas reformas, o pragmatismo político.

As sutilezas da retórica complicaram o debate, que se estendeu até 1913. Todos no

neue Aufgaben stellt, nie langweilig wirkt, das ist der Kampf um die gegenwärtigen konkreten Forderungen des Tages, um die Verbesserungen, die wir anstreben, weil sie den Weg in die grosse schöne Zukunft bedeuten”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 90.

140 In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 98.

partido disseram defender a conquista do poder político (*Eroberung der politischen Macht*), mas a clareza sobre o que seria isso aparece em poucos momentos e, principalmente, no lado revisionista. Para estes, isso significava a conquista do parlamento como maior bancada (seguida, talvez, de uma república - com eles no comando? Não se sabe). A história mostrou o quão equivocada era essa visão. Por outro lado, os radicais não conseguiam dar uma imagem clara sobre o que seria esse momento, porque a “história se faz ao caminhar”, o que dava razão ao argumento revisionista de que socialismo/socialização eram termos bastante vagos.

A esquerda, representada por Klara Zetkin, Rosa Luxemburg e Parvus entrou no debate sobre o objetivo final e as reformas ignorando o problema imediato das eleições que havia dado o pontapé inicial. Os três opuseram-se da forma mais radical ao revisionismo, por isso foram escolhidos aqui para a análise. A primeira militante reafirmou a tomada do poder político, “o caminho da luta contra o Estado capitalista”¹⁴¹, e as reformas seriam o meio de amenizar o sofrimento dos trabalhadores de imediato. O que não seria o mesmo que fazer concessões como Heine sugerira: canhões por direitos sociais. A luta por reformas não deveria alimentar elementos estruturais do capitalismo, como o militarismo. Parvus aparece na discussão sobre a imprensa, que é uma continuação do debate inicial com um elemento prático: a propaganda. Para ele, o partido deveria zelar por seu jornal central, *Vorwärts*, e sua revista científica, *Die neue Zeit*, evitando que autores contrários a seus princípios fundamentais e programa entrassem nas redações, dirigindo-se aos aliados de Vollmar.

Quanto a Rosa Luxemburg, em seu primeiro congresso ela falou duas vezes, complexificando a relação entre reforma e fim ao condicionar o sentido socialista de instrumentos, como os sindicatos, lutas por reformas e democracia ao objetivo final. Segundo ela,

A verdadeira luta prática divide-se em três pontos: a luta sindical, a luta por reformas sociais e a luta pela democratização do Estado capitalista. Estas três formas de nossa luta são realmente socialismo? De modo nenhum (...) O que então faz de nós, em nossa luta diária, um partido socialista? É apenas a relação dessas três formas da luta prática com o objetivo final. Apenas o objetivo final é o que constitui o espírito e o conteúdo da nossa luta socialista, torna-o luta de classes.¹⁴²

Só o objetivo final daria o conteúdo socialista às pautas imediatas, unificando forma e

141 In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 114.

142 “Der eigentliche praktische Kampf zerfällt in drei Punkte: den gewerkschaftlichen Kampf, den Kampf um die Sozialreform und den Kampf um die Demokratisierung des kapitalistischen Staates. Sind diese drei Formen unseres Kampfes eigentlicher Sozialismus? Durchaus nicht. [...] Was macht uns dann in unserem alltäglichen Kampfe zur sozialistischen Partei? Es ist nur die Beziehung dieser drei Formen des praktischen Kampfes zum Endziel. Nur das Endziel ist es, welches den Geist und den Inhalt unseres sozialistischen Kampfes ausmacht, ihn zum Klassenkampf macht” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 99.

conteúdo, que, para os reformistas, não precisavam caminhar juntas; para eles, as diferenças não seriam de ideias, de conteúdo, apenas de forma, de tática, o que seria algo menor. Mas, ao longo do debate, vemos que as duas estão unidas. Como apontou Zetkin falando sobre Heine:

(...) não se trata aqui da imagem que ele faz do Estado futuro, também não se trata da maior ou menor ênfase dos nossos objetivos finais, mas de outra coisa, das fantásticas visões que o deputado do Reichstag Heine tem da sociedade capitalista presente e que ele expressa na sua política.¹⁴³

Luxemburg disse ainda que o objetivo final deveria ser entendido como a tomada do poder político, não uma imagem da sociedade futura. Assim, a relação entre teoria e prática seria também uma relação entre forma e conteúdo. Por esse caminho, Rosa Luxemburg tentou mostrar, como Zetkin, que as diferenças não eram pequenas, mas representavam a compreensão que cada ala tinha do capitalismo em si.

As lutas pela democracia e por melhorias de nível de vida eram pautas burguesas que, segundo ela, o próprio Marx viu na Inglaterra como a salvação da burguesia. Só o socialismo poderia dar a essas pautas um conteúdo transformador na medida em que relacionava a sua tarefa à compreensão do limite do capitalismo por causa de suas contradições insolúveis, levando ao colapso, para o qual a social-democracia deveria se dirigir ajudando a acabar com aquela sociedade.

Para alcançar esse objetivo não haveria um momento certo, o eterno acúmulo de forças e desenvolvimento do capitalismo; era preciso ação, que neste momento se resumia à agitação e propaganda. Não haveria um ponto do capitalismo a ser atingido para sua derrubada, conforme Rosa via Bernstein defender. Por isso, ela felicitou a Comuna de Paris.

Que sorte que em 1871 os trabalhadores socialistas da França não eram tão sábios, se não teriam dito: crianças, fiquemos na cama, a nossa hora ainda não chegou, a produção ainda não está suficientemente concentrada para que possamos tomar o leme.¹⁴⁴

A tarefa do partido não era pensar se a economia estava preparada para a socialização dos meios de produção, a sua tarefa era conquistar o poder político para o proletariado. E a certeza dela assentava-se no fim necessário do capitalismo, que não se caracterizava por uma evolução ascendente do sistema, mas pela sua destruição interna. O que é o oposto da análise

143 “... es handelt sich hier wahrlich nicht um das Bild, das er sich vom Zukunftsstaat macht, auch nicht um die mehr oder weniger häufige Betonung unserer Endziele, sondern um etwas ganz anderes, um die ganz phantastischen Anschauungen, die sich der Reichstags-Abgeordnete Heine von der kapitalistischen Gegenwartsgesellschaft macht, und die er in seiner Politik zum Ausdruck bringt.” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 95.

144 “Welches Glück, daß 1871 die sozialistischen Arbeiter Frankreichs nicht só weise waren, denn dann hätten sie gesagt: Kinder, legen wir uns ins Bett, unsere Stunde hat noch nicht geschlagen, die Produktion ist nicht konzentriert genug, damit wir uns am Ruder erhalten können”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 100.

de Bernstein presente em carta enviada ao congresso de Stuttgart, pois ele ainda estava impedido de retornar à Alemanha, apesar das leis antissocialistas terem acabado. Ele se posicionou como segue:

Eu me oponho à visão de que nós estamos próximos de um esperado colapso da sociedade burguesa e que a social-democracia determine sua tática na expectativa de uma tal iminente grande catástrofe, isto é, que deva ser dependente dela.¹⁴⁵

Segundo ele, as contradições do capitalismo tinham minorado e o desenvolvimento levava ao oposto do que defendia o manifesto comunista: o número de proprietários teria aumentado, as classes médias teriam mudado seu caráter e não desaparecido, os privilégios da burguesia teriam sido retirados através de instituições democráticas. Portanto, a revolução poderia se dar pela via parlamentar, como teria defendido Engels no final da vida.

À carta de Bernstein, Karl Kaustsky respondeu que a derrota pacífica do capital só poderia ocorrer na Inglaterra, onde o sistema era altamente desenvolvido, mas este país era uma exceção. Na maioria dos casos, ocorreria uma catástrofe. Assim, o partido veria um período de turbulências necessário para a passagem ao socialismo, na verdade, para a conquista do poder político pelo proletariado.

Vemos, portanto, em Stuttgart que o debate sobre o resultado eleitoral de 1898 transformou-se em um debate sobre o próprio sentido de ser do partido, seu objetivo final, conectado com uma pergunta que apareceu e que, no entanto, permaneceu marginal: quem era o proletariado ou a base social do partido?

A definição dessa base social também implica determinada tática e expressa uma visão de mundo, na medida em que alguns defendiam que todos os oprimidos pelo capitalismo eram base do partido, outros defendiam a propaganda também para a pequena-burguesia, outros ainda encaravam os camponeses e pequenos proprietários do campo como quase proletários e outros baseavam-se na definição do assalariamento. O foco de ação levava a diferentes táticas de imprensa e à discussão se temas teóricos deveriam ou não estar presentes no *Vorwärts* e ainda se deveriam discutir a seguridade social ou política mundial, a primeira em uma perspectiva mais imediatista e local e a segunda relacionada à uma conjuntura maior e estruturante do capitalismo.

Nos anos seguintes, as discussões se repetiram, especialmente em períodos de pleito, quando a direção foi censurada por alguns militantes pela sua timidez diante de

¹⁴⁵ “Ich bin der Anschauung entgegengetreten, daß wir vor einem in Bälde zu erwartenden Zusammenbruch der bürgerlichen Gesellschaft stehen und daß die Sozialdemokratie ihre Taktik durch die Aussicht auf eine solche bevorstehende große Katastrophe bestimmen, bzw. von ihr abhängig machen soll.”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Stuttgart*, 1898, p. 123.

acontecimentos sérios para a classe operária internacional.

A quantidade e a força dos debates em cada ano exprimem as tendências da organização e seu afastamento da revolução quando ela se coloca na ordem do dia em 1905.

No Congresso de Stuttgart, em 1898, não foi tomada nenhuma decisão sobre a polêmica revisionista, vencendo a posição de Bebel de que era necessário primeiro um debate teórico na imprensa e em reuniões para que o congresso deliberasse sobre o tema, o que ocorreu em 1899 e 1903.

Vimos no capítulo anterior que a brochura *RR* divide-se em duas partes que correspondem à críticas de textos diferentes de Bernstein, de 1896/7 e de 1899. O debate no congresso de Stuttgart permite entrever que não é apenas com Bernstein que Rosa discute, mas toda uma ala do SPD. A segunda parte dessa brochura dedica-se a enfatizar a anarquia crescente do capitalismo, a insuficiência de “meios democráticos” (cooperativas e sindicatos) para a conquista do poder, a conquista em si, o colapso e um último trecho sobre o que seria a própria corrente reformista, ou oportunista nas palavras dela. Comparando esses temas com a descrição acima vemos as relações entre os textos, inclusive porque Rosa cita Vollmar e Heine em *RR*.

Desse modo, ainda que isso fique claro apenas na edição de 1908 de *RR*, Luxemburg trava um debate desde sua chegada na Alemanha não apenas com um teórico bastante importante do partido, mas com todo um setor que vinha se impondo, na prática, desde 1890, quando a legalização trouxe os primeiros atritos entre as decisões congressuais e a prática de parlamentares no sul da Alemanha¹⁴⁶.

Luxemburg identifica esse setor em escritos posteriores ao congresso de Stuttgart. Em um deles a autora argumentou que até 1890 o partido se debateu com os anarquistas que ignoravam a importância da disputa parlamentar, e que depois dessa data teriam caído no outro extremo, na sobrevalorização das reformas. Havia uma disputa entre duas alas do partido e, para ela, “vemos assim também desde 1891 que a ala oportunista do partido tem erguido cada vez mais a cabeça”¹⁴⁷.

2.2. Wirtschaftliche und sozialpolitische Rundschau – artigos econômicos entre 1898 e 1899

¹⁴⁶ Ver SCHORSKE e ENGELMANN.

¹⁴⁷ “Und so sehen wir denn auch seit 1891 den opportunistischen Flügel der Partei immer wieder den Kopf erheben”. LUXEMBURG, R. “Nachbetrachtungen zum Parteitag”. In: _____ GW, 1974, v. 1/1, p. 244.

Entre o final de 1898 e o início de 1899, Rosa escreveu, além de *RR*, uma série de artigos com o título *Panorama Econômico e Sociopolítico*. Segundo Michael Krätke¹⁴⁸, esses artigos aparecem em um intervalo do debate revisionista, “enquanto todos esperavam o anunciado livro de Bernstein” e se concentraram na questão da direção do desenvolvimento capitalista desde 1895.

Como a brochura *RR*, eles também apresentam um tom mecanicista: o desenvolvimento das forças produtivas que leva ao acirramento das contradições internas e à revolução. Por isso, Luxemburg saúda sempre o avanço da tecnologia e diz que, mesmo com o crescimento da pauperização e do lumpemproletariado como sua consequência, “a roda do desenvolvimento não se deixa girar para trás”¹⁴⁹, e que o movimento operário deveria caminhar para a frente, utilizando-se do desenvolvimento do capitalismo. O sistema caminharia para a socialização da produção e da troca, porque sua anarquia seria cada vez mais superada pela centralização de capital. O sistema chegaria a um ponto em que a falta de planejamento não seria mais tolerável e assim seria necessária a introdução de uma direção social de toda a economia: o socialismo.

Luxemburg é bastante evolucionista, mas não determina uma data para o colapso. No entanto, ele seria inevitável, pois as áreas de expansão do capitalismo estavam acabando, a última delas seria a China; depois disso, o sistema entraria em estado vegetativo e seria superado quando o proletariado estivesse pronto para cumprir sua tarefa.

Em um outro texto, de março de 1899, Luxemburg diz:

Com a divisão e devoração da Ásia não sobra para o capitalismo europeu nenhuma nova região para conquista, o mundo estará então realmente repartido, e todos terão o seu senhor. (...) a grande indústria altamente desenvolvida, o monstruoso militarismo começam, então, sem encontrar um novo canal de escoamento, a pesar com toda a sua força sobre os corpos sociais. Quanto tempo os, em consequência disso, anos magros do capitalismo durarão, vai depender fundamentalmente do estado, dos avanços do movimento operário nos mais importantes países capitalistas. (...) Ele [*o capitalismo*] pode apenas continuar vegetando, enquanto o seu legado, o proletariado socialista, não estiver maduro o suficiente para assumir a herança histórica.¹⁵⁰

148 KRÄTKE, Michael. “Rosa Luxemburg und die Analyse des gegenwärtigen Kapitalismus” in: ITO, N; LASCHITZA, A; LUBAN, O (org). *Rosa Luxemburg: Ökonomische und historisch-politische Aspekte ihres Werkes*. Berlin: Dietz, 2010, p. 130-174.

149 “Das Rad der Entwicklung läßt sich eben nicht mehr zurückdrehen.” LUXEMBURG, R. “Wirtschaftliche und sozialpolitische Rundschau”. In: _____ GW, 1974, v. 1/1, p. 330

150 “Mit der Aufteilung und Verschlingung Asiens bleibt dem europäischen Kapitalismus kein neues Gebiet zur Eroberung übrig, die Welt wird dann wirklich verteilt sein, und alles wird seinen Herrn haben. [...] die hochentwickelte Großindustrie, derungeheure Militarismus, beginnen dann, ohnen einen neuen Abflußkanal zu finden, mit der ganzen Wucht auf dem gesellschaftlichen Körper zu lasten. Wie lange die darauffolgenden mageren Jahre des Kapitalismus dauern werden, das wird wesentlich von dem Stand, von den Fortschritten der

Claro que ela acreditava que isso seria em breve.

Rosa percebeu a disputa pela Ásia, datada por ela desde 1895 com o fim da Guerra Sino Japonesa, como o ponto central de viragem da política mundial. O capitalismo estava estagnado até então, apenas disputando áreas estratégicas e a China tornou possível uma nova aceleração da produção, como nunca antes. Mas também o desenvolvimento dos Estados Unidos alterou a ordem mundial. Segundo Krätke, essa era a principal contribuição desses artigos: perceber a transformação mundial por causa da decadência do monopólio inglês, mantendo sua primazia apenas no setor financeiro, e a ascensão dos Estados Unidos e outras nações na disputa pelo mercado mundial. Por isso, ela analisa também a França e a Rússia: a primeira não conseguira se industrializar de verdade e tinha uma grande camada de pequeno-burgueses que viviam do Estado; a segunda adotara uma política alfandegária que possibilitou desenvolver a indústria e garantir seu mercado interno e erguia seus olhos para a Ásia.

Percebe-se que a definição de mercado interno e externo para ela enquadra-se no entendimento clássico, limitado às fronteiras nacionais. Ela não fala ainda da expansão sobre os camponeses como uma forma de expansão externa do capitalismo. Talvez por isso o limite do sistema seria muito mais estreito e a Ásia seria seu ponto final, desconsiderando a abertura de novas fronteiras de acumulação.

A consequência da nova ordem mundial era o estreitamento do mercado de consumo e o consequente acirramento da concorrência, porque muitos países disputavam esses espaços e o avanço nos meios de transporte colaborava para tal, encurtando as distâncias e possibilitando que os cereais estadunidenses, por exemplo, entrassem no mercado europeu com a possível construção de um canal na Nicarágua¹⁵¹.

Rosa explica ainda que os investimentos em transportes e tropas militares e navais era feito com os impostos arrecadados, citando como exemplo a reforma tributária feita na Rússia que aumentava a participação do capital industrial nas despesas estatais.

O que parece bastante truncado nestes textos é a relação entre metrópole e colônia. As colônias inglesas e belgas teriam um sentido capitalista, tendo rendido lucros, diferente da alemã que dava apenas despesas. Ela não parece entender, nesse momento, a colonização como estrutural do capitalismo, parte de seu desenvolvimento histórico, e também não separava despesa estatal de despesa capitalista, fazendo ambas coincidirem. Além disso, os

Arbeiterbewegung in den wichtigsten kapitalistischen Ländern abhängen. [...] Er kann weiter nur noch veterien, solange sein Erbe, das sozialistische Proletariat, nicht reif genug ist, das geschichtliche Erbe, anzutreten.“ LUXEMBURG, R. “*Verschiebungen in der Weltpolitik*”. In: _____ GW, 1974, v. 1/1, p. 364

151 Neste momento, os franceses estavam construindo o canal do Panamá. Só em 1904 é que os Estados Unidos tomaram o projeto da França, inaugurando-o em 1914. Portanto, em 1899, os EUA pensavam em outro lugar onde a construção seria viável, constituindo um projeto paralelo na região.

próprios gastos militares com a manutenção das colônias não eram, nestes textos, uma forma de acumular capital. As relações desses gastos estatais, os impostos e a acumulação desenvolveu-se em *A Acumulação*.

2.3. Congresso de Hannover, 1899

O revisionismo era o tema daquele momento e apresentou-se no congresso de 1899 sob o título: Os ataques às ideias fundamentais e a posição tática do partido (*Die Angriffe auf die Grundanschauungen und die taktische Stellungnahme der Partei*).

O congresso foi realizado na cidade prussiana de Hannover entre os dias 9 e 14 de outubro. Entre seus temas estavam, além do revisionismo, a discussão sobre o terceiro ponto do programa que falava sobre a questão militar, o problema da *Zuchthausvorlage*¹⁵², o primeiro de maio e o Congresso Socialista Internacional.

Diferente do ano anterior, em 1899 o debate sobre o revisionismo de Bernstein (ou *Bernstein-Debatte*, como foi publicado na ata) consumiu a maior parte do congresso, três dias e meio de discussão, e se baseou em grande parte em argumentos econômicos. Como Bebel havia sugerido no congresso anterior, era importante ter mais subsídios para que discutissem o assunto e foi o que ocorreu entre 1898 e 1899. Uma série de artigos, à esquerda e à direita, foi publicada, entre eles o livro de Bernstein *Socialismo Evolucionário*¹⁵³ e os textos de Rosa Luxemburg que formam a segunda parte da brochura *Reforma Social ou Revolução?*.

Estavam em debate os pressupostos do programa, que definiam o desenvolvimento histórico do capitalismo da perspectiva marxista estabelecendo: o avanço da grande indústria sobre a pequena, a separação dos trabalhadores dos meios de produção e uma proletarianização crescente, a substituição das ferramentas por máquinas, o crescimento das contradições de classe entre burguesia e proletariado e o abismo cada vez maior entre eles causado pelas crises sistemáticas do capitalismo, que se tornariam cada vez mais intensas levando à necessidade da transformação social para acabar com a exploração e o sofrimento.

Bernstein, desde antes, atacava todos esses princípios, porque analisava um período de prosperidade da economia. Para ele, o movimento do modo de produção seria contrário: não havia concentração de capital, as classes médias cresciam, o nível de vida dos trabalhadores melhorava e, portanto, as contradições de classe tornavam-se menos intensas, sendo improvável a realização de uma revolução nos próximos tempos. A perspectiva da social-

¹⁵² Trata-se de uma proposta de lei de 1899 para aqueles que organizassem e dirigissem greves, que estabelecia penas mais duras e limitava o direito de coligação.

¹⁵³ O título em alemão era *Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie* (Os Pressupostos do Socialismo e as Tarefas da Social-democracia).

democracia deveria ser, portanto, de um desenvolvimento lento e gradual rumo ao socialismo¹⁵⁴.

Colocavam-se assim os dois lados da questão: os defensores do programa e os reformadores.

Bebel fez a apresentação do tema no congresso de 1899. Em sua intervenção, rebateu cada uma das teses de Bernstein: sobre a pauperização dos trabalhadores, sobre a concentração do capital, sobre trustes e cartéis. Segundo Bebel, Bernstein teria jogado fora a teoria marxista e lançado mão de conceitos filosóficos como causalidade, determinismo e fatalismo; não teria construído, pois, bons fundamentos para a sua proposta que teria como consequência retardar a revolução para um período muito longínquo. Bebel diz:

Um partido que luta quer ganhar e para isso precisa de entusiasmo (intensos gritos de aprovação), precisa de coragem para se sacrificar e alegria de lutar (muito bom! Verdade!) e se retira tudo isso dele [*do partido*], quando se empilham, em todas as direções, as dificuldades.¹⁵⁵

Bernstein faria uma grande enumeração de dificuldades que teriam como resultado acabar com a perspectiva revolucionária, uma vez que tirariam o entusiasmo e o sacrifício dos militantes.

Segundo Bebel, o próprio método de análise de Bernstein estava errado, porque deveria usar os números relativos e não absolutos para se entender o desenvolvimento do capital. Desta forma, Marx estaria correto. Bebel citou o exemplo das pequenas e médias empresas que, segundo Bernstein, não diminuiriam tão rápido como Marx previra:

Certamente, o número de pequenas e médias empresas é muito grande e Bernstein demonstrou sua opinião de que, em um futuro próximo, é impensável um desaparecimento perceptível das classes médias. Os números absolutos e superficiais dão razão a ele, aparentemente. Enquanto, em 1882, incluindo as indústrias caseiras, havia 2 270 000 empresas autônomas, em 1895 havia apenas 2 146 000, uma diminuição de 5,4%. Mas a população cresceu, neste intervalo de tempo, 14 ½%; assim, se deveria ter mais ou menos 2 600 000 empresas em 1882 (sic - 1895), se tratava, relativamente, de uma diminuição não de 5,4, mas de 20%.¹⁵⁶

154 Para Loureiro, Luxemburg enfatiza em *RR* a falta de totalidade em Bernstein, o que permite a ele encontrar uma teoria da adaptação ao não analisar as relações capitalistas como um todo, como economia mundial. Ver LOUREIRO, 1995.

155 “Eine Partei, die kämpft, will siegen und dazu braucht sie Begeisterung (lebhafteste Zustimmungsrufe), braucht sie Opfermuth und Kampfesfreudigkeit (sehr gut! Sehr wahr!) und dieses nimmt man ihr, wenn man nach allen Richtungen hin künstlich [ou künstlich] die Schwierigkeiten aufthürmt”. In: *Protokoll des Parteitag abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 120.

156 “Gewiß, die Zahl der kleinen und mittleren Betriebe ist eine ganz gewaltige, und das hat Bernstein zu der Anschauung gebracht, daß in absehbarer Zeit ein merkbares Verschwinden der Mittelschichten undenkbar ist. Die bloßen, oberflächlichen Zahlen geben ihm scheinbar Recht. Während es 1882 einschließlich der Hausindustriellen 2 270 000 selbstständige Betriebe gab, waren es 1895 nur 2 146 000, eine Verminderung um 5,4 pCt. Die Bevölkerung hat aber in diesem Zeitraum um 14 ½ pCt. zugenommen; danach hätten es 1882

Com estes cálculos, Bebel procurou demonstrar que para determinar a diminuição das classes médias se deveria levar em conta o crescimento populacional, adquirindo-se uma visão mais real do desenvolvimento capitalista na Alemanha. A mesma coisa ocorre com a proletarianização, o êxodo rural e a pauperização da classe trabalhadora.

A pauperização deveria ser vista no salário real, na comparação entre os ganhos e o custo de vida. Além disso, muitas pessoas foram empurradas do campo para a cidade, piorando a vida de boa parte da população. O aumento do número de mulheres casadas trabalhando em serviços perigosos comprovaria a pauperização, porque elas trabalhavam para ajudar no sustento da casa. Se elas cresciam no mercado de trabalho era porque a situação de vida dos trabalhadores estava piorando¹⁵⁷.

Além disso, a descentralização da produção à qual Bernstein se referia era apenas aparente, porque as empresas que ele enumerava eram, na verdade, ramos dependentes de empresas maiores, como os padeiros que dependeriam dos comerciantes de trigo e os açougueiros que passaram a comprar a carne já cortada nos abatedouros.

Bebel segue para a diminuição do número de trabalhadores por causa da concentração da produção. Para ele, isso não ocorreria, por causa da tendência do capital a se diferenciar, criando novas empresas, nas quais os trabalhadores seriam reincorporados.

Bebel falou de Marx, Lassale e utilizou muitos autores burgueses que confirmavam as teses dos dois primeiros para provar que nem mesmo os inimigos da social-democracia negavam o estabelecido na primeira parte de seu programa.

Reafirmou, ainda, a proposta de expropriação da burguesia pelo proletariado: a socialização dos meios de produção. Para Bernstein isso seria impossível e não haveria precedente histórico. Bebel então apresenta uma série de exemplos em que a burguesia expropriou a aristocracia e os camponeses durante o processo de acumulação primitiva: a Reforma, a Guerra dos 30 anos, a abolição da escravidão. Sobre este último tema, Bebel diz:

Para a burguesia norte-americana valia pôr de lado o escravismo e deixar o caminho livre para o desenvolvimento do capitalismo moderno (...). Milhares de donos de escravos foram despojados de suas propriedades em escravos. Do ponto de vista ético, isso se chama roubo.¹⁵⁸

ungefähr 2 600 000 Betriebe sein müssen, so daß es sich relativ um eine Abnahme nicht um 5,4, sondern um 20 pCt. handelt". In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 99.

157 Esse argumento é um tanto machista, pois parte do pressuposto de que o lugar da mulher é em casa. No entanto, foi apoiado inclusive por Klara Zetkin, expoente do feminismo proletário naquela época.

158 "Für die nordamerikanische Bourgeoisie galt es, die Sklavenwirtschaft zu beseitigen und die Bahn frei zu machen für die moderne kapitalistische Entwicklung [...]. Tausend von Sklavenbesitzern wurden ihres Eigentums an Sklaven beraubt. Vom ethischen Gesichtspunkte aus nennt man das ja wohl Diebstahl". In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 121.

Embora essa citação cause bastante incômodo, é importante saber que Bebel ironizava Bernstein, pois achava que este defendia certa ética entre burgueses e proletários que impediria a expropriação imediata. Note-se que Bebel colocou a abolição da escravidão como um processo de espoliação de um setor da classe dominante em decadência, processo necessário para o desenvolvimento do capitalismo, para sua modernização: a introdução do trabalho assalariado¹⁵⁹.

Bebel segue dizendo que Bernstein defendia o reacionarismo da burguesia como fruto da ameaça de uma revolução violenta pela social-democracia respondendo que “ninguém quer subir às barricadas amanhã”¹⁶⁰, mas isso não quer dizer que eles deveriam compactuar com a burguesia, amenizando a luta de classes. “Eu digo novamente, nós somos em essência um partido revolucionário. Isso não exclui apenas, isso inclui que nós não recusamos as reformas onde podemos obtê-las”¹⁶¹.

Assim, o partido revolucionário não recusaria reformas, mas trabalharia para a revolução, como defendia Rosa Luxemburg. Ocorre que essa luta pela melhoria das condições de vida não levou necessariamente à revolução uma vez que, de acordo com os debates nas atas, pouco se fazia em termos de agitação revolucionária e a proposta girava mais em torno das reformas. A prática do partido era reformista, embora ele reafirmasse a teoria marxista de seu programa.

Eduard David foi o primeiro a falar quando se abriu o debate. Como no início não havia limite de tempo, sua fala foi tão longa quanto a de Bebel e tocou nos pontos principais da discussão: pauperização da classe trabalhadora, concentração das indústrias, crise e colapso.

De início, disse que Bernstein fora mal interpretado, pois estaria em acordo com o programa, mas proporia uma terceira via: haveria uma ala que defendia a revolução somente, outra que defendia só as reformas e a proposta de Bernstein, qual seja:

(...) é falso conquistar primeiro a administração política e depois a econômica; também é falso o contrário, devem-se direcionar ambos esforços simultaneamente lado a lado, interdependentes, cuidar de ambos. Desse modo será alcançado um dia o “objetivo final”.¹⁶²

159 A abolição da escravidão foi uma conquista muito importante e que ainda não havia se realizado totalmente. Não se pretende colocar como somenos os movimentos de libertação em cada localidade. Trabalha-se aqui com a perspectiva macroeconômica do impacto da abolição para o comércio no contexto de expansão do capitalismo. Considera-se os interesses econômicos da classe dominante neste processo e a importância do trabalho livre para o desenvolvimento do capital.

160 Idem, p. 125.

161 “Ich sage noch einmal, wir sind im Wesen eine revolutionäre Partei. Das schliesst nicht nur aus, das schliesst ein, dass wir Reformen nicht zurückweisen, wo wir sie bekommen können”. Idem, p. 125.

Para David, haveria em Bernstein uma junção quase dialética, embora eles a rejeitassem, entre objetivo final e prática cotidiana, em que ambos deveriam ser buscados de forma que um alimentasse o outro. Essa ideia é idêntica à de Luxemburg, no entanto, as propostas dessa ala compreendiam sempre um pacto com a burguesia por reformas e a desistência da revolução ao colocá-la em um futuro muito longínquo, quase inexistente.

David reafirmou o discurso de Bernstein. A pauperização dos trabalhadores que se encontrava no programa do SPD não seria relativa como Bebel dissera, mas absoluta e, por isso, estaria errada. O capitalismo teria trazido melhorias nas condições de vida dos trabalhadores e a pobreza existiria apenas em lugares menos desenvolvidos¹⁶³. A concentração das empresas ocorreria apenas em alguns ramos industriais e seria importante fazer essa distinção. Por causa disso, a luta de classes assumiria formas mais brandas e não mais intensas como o programa dizia.

Por fim, a relação entre crise e colapso estaria equivocada. Ainda de acordo com David, Kautsky dizia que não se falava em colapso no programa, mas quando se diz que as crises tomarão proporções cada vez maiores e serão mais intensas, apontar-se-ia para o colapso. Isso se basearia na teoria de Marx de que haveria uma contradição no capital entre sua capacidade de expansão e o consumo cada vez mais limitado e o desenvolvimento das forças produtivas esbarraria no objetivo capitalista de aumento do lucro, porque este significaria limitação do consumo dos trabalhadores e, portanto, de realização da mais-valia. No entanto, a contradição descrita por Marx não deveria levar à compreensão de que o socialismo viria através das crises, seria necessário a organização, a consciência de classe do proletariado.

David disse:

(...) eu vejo nessa frase a expressão clara da esperança do colapso construída a partir da teoria das crises de Marx. Se ela não é mais válida, bom, digamos isso. Então estamos unidos! Não joguemos às escondidas, falemos: nós aprendemos com isso, nós reconhecemos essa teoria como um “conto de fadas ridículo”.

Eu resumo que essa teoria das crises é um problema e não um fato e que as conclusões extraídas são apenas hipóteses, não verdades positivas e nós não devemos colocá-las em um programa decisivo [*autoritatives Programm*], não devemos dizer que as crises se tornarão sempre mais extensas e

162 “... Es ist falsch, zuerst die politische Gewalt und dann die wirtschaftliche zu erobern; auch das Umgekehrte ist falsch, es müssen vielmehr beide Bestrebungen gleichzeitig nebeneinander hergehen, sich gegenseitig bedingend, sich gegenseitig stützend. In dieser Weise wird demaltest das 'Endziel' erreicht werden”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 129.

163 Percebe-se aqui a dificuldade de fazer uma análise generalizante do capitalismo. Em geral, os revisionistas não tem uma compreensão global do sistema, falam de desenvolvimentos locais sem conectá-los às relações entre os povos: concorrência e dominação.

devastadoras até que isso seja provado.¹⁶⁴

A social-democracia defendia que viria uma crise de grandes proporções e esta levaria ao socialismo. No entanto, para David, isso não se comprovou e era preciso retirar esse ponto do programa, na medida em que este era um norte para eles só poderia conter teses comprovadas, não hipóteses, e o agravamento das crises levando ao colapso seria uma hipótese.

As consequências desses argumentos para a prática eram a defesa do parlamentarismo como forma de construir o socialismo já no tempo presente. Tratava-se de olhar a tática até então adotada não apenas como um meio, mas como forma de alcançar os princípios do partido: a democratização e a socialização. O parlamentarismo construiria o socialismo já no presente na medida em que conquistava direitos para os trabalhadores e expropriava a burguesia aos poucos.

Assim, a revolução e o colapso aparecem entrelaçados neste debate, pois a forma de compreensão do desenvolvimento do capitalismo, defendendo ou negando o colapso, determinou a posição em relação à revolução.

Apesar das alegações de David, que apresentaram os argumentos dos revisionistas em geral, a esquerda não compreendia a derrocada final como algo inevitável e economicamente determinado, mas como obra da classe trabalhadora¹⁶⁵.

Wilhelm Liebknecht disse: “E não há dúvida: o capitalismo cria as circunstâncias nas quais ele próprio deve ser destruído. Se será um colapso violento ou não, não sabemos, pois isso depende da ação dos nossos inimigos”¹⁶⁶. O que se estabelecia era que o capitalismo criava as condições de sua derrota, mas não era possível prever a forma como ela ocorreria; o que não se podia perder de vista era a necessidade de sua queda devido ao seu desenvolvimento histórico e lógico.

Karl Kautsky também falou nesse sentido: o modo de produção capitalista se tornaria

164 “...ich finde in diesen Satz den klaren Ausdruck der auf der Marxschen Krisentheorie aufgebauten Zusammenbruchshoffnung. Soll sie nicht mehr gelten, gut, sagen wir das, dann sind wir einig! Spielen wir aber nicht Versteck, sagen wir, wir haben hinzulernt, wir haben diese Theorie als ein „lächerliches Märchen“, bis es nicht bewiesen ist.

Ich resumire mich dahin, daß diese Krisentheorie ein Problem ist und keine Thatsache, und die daraus gezogenen Schlüsse sind nur Hypothesen, aber nicht positive Wahrheiten, und wir sollen sie nicht in ein autoritatives Programm bringen, nicht sagen, die Krisen werden immer umfangreicher und verheerender, bis es bewiesen ist.” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 142.

165 Por vezes isso aparece como uma teleologia, mas a construção dá-se do ponto de vista histórico, do desenvolvimento da humanidade em que as formas sociais começam e terminam necessariamente e não são eternas.

166 “Und unzweifelhaft ist: der Kapitalismus erzeugt Zustände, an denen er selbst zu Grunde gehen muss. Ob daß ein gewaltsamer Zusammenbruch sein wird oder nicht, das wissen wir nicht, denn es hängt von dem Handeln unseren Gegner ab”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 152.

impossível a partir do momento histórico em que a superprodução fosse crônica, mas isso não queria dizer que acreditava em uma teoria do colapso. Nem Marx defenderia isso, ele dissera apenas que a tarefa histórica do capitalismo - o desenvolvimento das forças produtivas - estaria em contradição com as suas relações sociais de produção, quais sejam, a exploração do trabalho tendo o lucro como objetivo. Encarar os limites históricos do capitalismo, entendendo estes como a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e a valorização do valor não queria dizer acreditar no fim econômico do capitalismo por uma crise generalizada.

Ao fim de sua fala, Kautsky afirmou a importância do trabalho político mais do que o econômico porque ele levaria a consciência de classe aos trabalhadores tratando o problema em sua essência, diferente da luta econômica que tinha um caráter apenas paliativo.

A questão entre luta econômica e luta política relaciona-se ao debate sobre qual tipo de organização teria a prerrogativa sobre o movimento operário, o partido ou os sindicatos. Neste debate entre revisionistas e ortodoxos, o partido é o centro da questão, no entanto, a relação entre as duas lutas é diferente para cada um dos lados: os primeiros acreditam que o socialismo viria com a melhoria econômica dos trabalhadores e isso levaria ao ganho político do partido; os segundos enfatizam o aspecto da consciência de classe que o partido deveria fomentar tratando a luta econômica como uma forma de desenvolver essa consciência. Os primeiros acreditam nas teorias subconsumistas do final do século XIX e os segundos se concentram no aspecto estrutural do capitalismo. Tais questões se complexificaram quando as massas surgiram como sujeito político ativo, dividindo o partido em três grupos¹⁶⁷.

Neste debate, Rosa Luxemburg explicou porque a conquista do poder econômico não poderia ser um pressuposto para alcançar o poder político¹⁶⁸: o proletariado não pretendia criar uma forma de propriedade, como fizeram outras sociedades, ele queria abolir a propriedade por uma produção social, daí a necessidade da conquista do poder político – a tomada do Estado – para realizar a transformação econômica. O colapso ligava-se à uma compreensão dialética da história, em que as mudanças não se davam sem turbulências. Para os

167 Carl Schorske delimita duas correntes no SPD - reformistas e radicais - até 1910 quando, segundo ele, a esquerda se divide e se forma um centro liderado por Karl Kautsky. Se observarmos as posturas de Bebel, Kautsky, Frohme e Luxemburg veremos que as divisões já estavam dadas desde o princípio. Bebel sempre teve uma postura mais conciliadora; com a radicalização de 1905 e a conservação de sua posição, ele acaba se deslocando para o centro-direita do partido. Kautsky era um pouco mais radical e de fato muda de posição ao longo dos anos colocando-se ao centro. Para Schorske, ele seria de centro-esquerda, mas sua análise das tensões imperialistas colocam-no mais próximo da direita. É importante ressaltar ainda que esses grandes grupos não eram coesos, e que talvez o mais unificado deles fosse a direita reformista. Mas a esquerda, ou o que eles mesmos chamavam de radicais, incluía uma série de posições muito diferentes que se juntaram para combater o conservadorismo do partido.

168 Como defendiam Bernstein e os revisionistas.

reversionistas, era possível realizar transformações socialistas no capitalismo, então eles transformaram a ruína em “um conceito muito confortável de evolução”¹⁶⁹.

Para ela, depreendia-se da história que as reformas fortaleceram as classes dominadas para se libertarem no momento em que estivessem fortes o suficiente, mas as lutas deram-se por meio de catástrofes sociais e políticas. Assim, a revolução não poderia ocorrer sem conturbações, mas estas não precisariam ser sangrentas ou violentas de fato, poderiam se dar no nível cultural, por exemplo. No entanto, a forma seria imprevisível, uma vez que isso dependia, também para Luxemburg, da reação de seus adversários.

Ela apontou também que aquela discussão só se fazia necessária porque Bernstein não era o único, havia uma corrente revisionista no SPD e ela havia se fortalecido, mas não chegara ao poder e era preciso impedi-la de controlar o partido. No entanto, mesmo entendendo Bernstein como o representante de uma ala, Luxemburg dirigiu-se a ele em sua primeira edição de *Reforma ou Revolução*, alterando o alvo da crítica para os revisionistas na edição de 1908.

Dessa discussão, destacamos um último argumento apresentado por Klara Zetkin para refutar as reformas como proposta de transformação social:

Com certeza, com a legislação fabril, o trabalhador pode ser um pouco protegido, mas a questão fundamental da dependência não é eliminada, a sua força de trabalho permanece como antes uma mercadoria e está subordinada às leis da produção de mercadorias capitalista.¹⁷⁰

Embora importantes para a classe trabalhadora, as reformas não acabavam com a exploração do trabalho, com a venda da força de trabalho no mercado, ponto essencial do sistema. Zetkin, assim, chegou ao cerne do problema.

A votação final aprovou a resolução de Bebel praticamente sem alterações¹⁷¹. Ela mantinha os princípios do partido e também sua tática, ou seja, tinham como objetivo a socialização dos meios de produção e circulação e usavam como método tudo o que não estava em contradição com o socialismo, devendo analisar cada caso para decidir sobre os meios de luta visando a melhoria da situação dos trabalhadores. Na prática, a tática permanecia sendo o parlamento e as eleições.

A resolução tocava, ainda, na questão do militarismo, contra o qual manteriam sua posição combativa, defendendo uma união internacional dos trabalhadores, em primeiro lugar

169 In: *Protokoll des Parteitage abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 174.

170 “Gewiß, durch die Fabrikgesetzgebung kann der Arbeiter in etwas geschützt werden, aber der springende Punkt, die Abhängigkeit, wird nicht beseitigt, seine Arbeitskraft bleibt nach wie vor eine Waare und untersteht den Gesetzen der kapitalistischen Waarenproduktion”. Idem, p. 179.

171 Ver a resolução nos Anexos desta dissertação.

dos países civilizados, construindo uma federação para concretizarem suas tarefas civilizacionais.

Este ponto da resolução conectava-se à discussão seguinte desse mesmo congresso: a questão militar. O programa do partido estabelecia a dissolução do exército e o armamento do povo, o qual decidiria sobre a guerra e sobre a paz através de representantes.

No final de 1898, Max Schippel publicou artigos no *Sozialistische Monatshefte* com o pseudônimo de *von Iselgrim* em que defendia a transformação do exército em exército do povo ao invés da criação de milícias e a concessão de verbas para o militarismo em pontos que não fossem contraditórios com os princípios do partido. Segundo ele, o próprio Engels não era contra o exército, pois um país como a Alemanha, cercado pela Rússia e pela França, precisava ter uma boa defesa.

Essas ideias geraram muita polêmica, como o texto de Luxemburg *Milícia e Militarismo*, e levaram o assunto à pauta do congresso, no qual Schippel sustentou sua tese dizendo que naquele momento não era possível abolir o exército e a Alemanha precisava se defender. Além disso, a milícia era mais cara, o que levaria mais miséria à população, e a estrutura militar permitiria que a milícia se desenvolvesse dentro dele, porque era composto pelos próprios trabalhadores.

Por fim, para ele, o militarismo não poderia sobreviver sem o operariado, porque eles constituíam os soldados, fabricavam as bombas, os trilhos de transporte etc. Assim, em caso de uma guerra, a social-democracia poderia usar sua influência na sociedade para impedir um confronto, tornando o exército seu instrumento.

Rosa Luxemburg encarou as teses de Schippel como a expressão concreta do revisionismo, como vimos no capítulo anterior, e disse:

Camarada Geyer disse que se nós renunciássemos da nossa oposição principista contra o militarismo, a nossa luta se prolongaria muito. Não, eu acredito que se nós renunciarmos à luta contra o militarismo na sua forma atual, então podemos desistir, então sobretudo deixamos de ser um partido social-democrata. O militarismo é a expressão mais concreta e importante do Estado de classes capitalista e se nós não combatermos o militarismo, então a nossa luta contra o Estado capitalista não passa de um palavreado vazio.¹⁷²

A consequência do discurso de Schippel seria o abandono do socialismo, pois o

172 “Genosse Geyer hat gesagt, wenn wir auf unsere bisherige prinzipielle Gegnerschaft gegen den Militarismus verzichten, so würde das unsern Kampfs sehr in die Länge ziehen. Nein, ich glaube, wenn wir auf den Kampf gegen den Militarismus in der bisherigen Form verzichten, dann können wir einpacken, dann hören wir überhaupt auf, eine sozialdemokratische Partei zu sein. Der Militarismus ist der konkreteste und wichtigste Ausdruck des kapitalistischen Klassenstaates, und wenn wir den Militarismus nicht bekämpfen, dann ist unser Kampf gegen den kapitalistischen Staat nichts als eine leere Phrase”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Hannover*, 1899, p. 266.

militarismo era o cerne do Estado capitalista e para alcançar o socialismo era preciso tomar este Estado, portanto, acabar com o exército.

A social-democracia enquanto tal deveria combater o militarismo com todas as forças e defender o sistema de milícias, porque não se tratava de uma questão técnica, de um meio ser mais caro que o outro, mas de ter um instrumento de defesa interna e externa para derrotar a opressão. O militarismo não servia porque tinha nesta última o seu principal objetivo.

A resolução aprovada afirmava que proteger a classe dominante era a essência do exército, sacrificando trabalhadores. Por isso, a social-democracia deveria combatê-lo, transformando a força militar da nação de um meio opressor em um meio de defesa dos oprimidos. Para tanto, era necessário construir organizações democráticas de proteção do povo e do país, armando todos os homens capazes e treinando-os.

Desta forma, eles mantiveram o ponto três do programa inalterado, mas não aceitaram a proposta de expulsar Schippel, apesar de aprovarem a moção de Adolf Hoffman, Ledebour, Rosa Luxemburg e Klara Zetkin dizendo que o partido refutava todas as afirmações do primeiro e que viam nelas um atentado contra os princípios do partido. Deste ponto de vista, o estatuto previa a expulsão, pois só era considerado membro aquele que aceitasse e defendesse os princípios do programa. Mas Schippel permaneceu, assim como os revisionistas, que também se enquadrariam nesse ponto.

A questão do revisionismo/reformismo não saiu da pauta após o congresso de 1899. Na verdade, ela nunca deixou as discussões, pois todos os encontros anuais tinham temas cujas posições se relacionavam a campos teórico-prático conflitantes, o que só se agravou com o acirramento da luta de classes.

2.4. Congresso de Mainz, 1900

Arelada à discussão sobre militarismo há nesse período a discussão da política mundial, da colonização, o que se transforma ao final do momento aqui determinado na questão do imperialismo.

Em 1900, o Congresso do SPD foi realizado em Mainz, no Grão-ducado (*Grossherzogtum*) de Hessen próximo à Frankfurt am Main, entre 17 e 21 de setembro de 1900. A ordem do dia incluía os temas: organização do partido, Primeiro de Maio, política mundial, política de transporte e de comércio e tática do partido nas eleições dos *Länder*.

O tema da *Weltpolitik* (política mundial) entrou na pauta porque em 1900 organizou-se um exército internacional para intervir na Guerra dos Boxers na China. O episódio envolveu o levante de um grupo de chineses contra a dominação estrangeira, atacando comerciantes,

missionários e companhias. A revolta foi derrotada com a ajuda de militares da Inglaterra, França, Japão, Itália, Rússia e Estados Unidos, comandados pelo conde alemão Waldersee. Como recompensa, a Inglaterra concedeu o livre comércio para os alemães na China¹⁷³.

No começo deste ano, Luxemburg dedicou-se ao tema da política mundial, pois outro episódio se relacionava a ele: a Guerra dos Boérs ou Guerra Sul-Africana iniciada pela Inglaterra em 1899 por causa da descoberta de minas de ouro na região.

A Guerra Sul-Africana terminou em 1902 com a vitória dos ingleses, no entanto, em janeiro de 1900, a potência europeia tinha dificuldades militares na região e parecia ter perdido o conflito. Desse resultado, Luxemburg analisa as consequências do fortalecimento do imperialismo no mundo: o fortalecimento do militarismo, pois a Inglaterra precisaria modificar seu exército instituindo o serviço obrigatório e investindo em equipamentos, ou seja, mais orçamento, mais pressão econômica sobre a população. O único efeito positivo dessa política burguesa seria o acirramento das contradições de classe¹⁷⁴.

Além desses episódios, a política militarista do governo alemão para a repartição do mundo levou Luxemburg a se dedicar ao tema intensivamente neste ano, escrevendo artigos e participando de reuniões abertas convocadas por organizações do partido¹⁷⁵. Por isso, suas intervenções foram quase todas direcionadas para este tema, mesmo quando a pauta era transporte ou comércio, conectando a política nacional e a internacional.

Luxemburg defendeu que o partido precisava se engajar mais na agitação em relação a *Weltpolitik*: não adiantava escrever sobre isso na imprensa, era necessário fazer debates públicos e colocar a importância das relações internacionais para as massas. A guerra na China que ocorria por causa da Revolta dos Boxers, era uma guerra de europeus contra asiáticos que traria modificações no capitalismo mundial. O partido deveria ser mais radical na ação contra esse tipo de empreitada evitando as suspeitas de que fosse apenas parlamentarista ou concordasse com o nacionalismo; era preciso agir com mais ênfase.

A resolução proposta para este tema afirmava a necessidade de expansão do capital para novas áreas, visto que os países centrais já não conseguiam absorver todo o excedente e isso justificava o colonialismo do ponto de vista da classe dominante. No entanto, ela não rejeitava de todo a política colonial, porque afirmava a importância de civilizar o mundo através da cultura europeia, já que os outros povos viveriam em barbárie e precisariam da

173 KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas Histórico Mundial: de la Revolución Francesa a nuestros días*. Madrid: Ediciones ISTMO, 1974.

174 LUXEMBURG, R. "Ein Ergebnis der Weltpolitik". In: _____ GW, 1974, v. 1/1, p. 676-678.

175 LASCHITZA, Annelies. *Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie*. Augbau Verlag, 1996.

civilização, mas não através da coerção, como na *Weltpolitik*, e sim através de ensinamentos e exemplos. A atitude a tomar seria reprovar a ação do governo alemão na China no *Reichstag*¹⁷⁶.

Aparece, então, mesmo no partido socialista, a ideia de que a Europa era portadora da civilização e deveria espalhar a sua cultura pelo mundo. Este espírito, que poderíamos chamar de um *Zeitgeist* (espírito de época) europeu, deveria ser criticado do ponto de vista dos operários, porque ele justificava um tipo de dominação que era essencialmente econômica, como o próprio SPD afirmou. Mesmo Rosa Luxemburg e a esquerda do partido não conseguem fugir totalmente a essa dicotomia entre mundo bárbaro colonial e mundo civilizado europeu, adotando o mesmo vocabulário.

O discurso de Paul Singer para defender a proposta tentou vincular a política colonial com o sofrimento dos trabalhadores alemães: a *Weltpolitik* só seria concretizada porque a burguesia cobrava impostos indiretos e tarifas alfandegárias, encarecendo os produtos de subsistência dos trabalhadores. Além disso, os alemães seriam substituídos pelos chineses como mão de obra, o que causaria problemas internos. A social-democracia deveria opor-se veementemente a isso, tendo a favor dela a ilegalidade cometida pelo Estado que não havia encaminhado ao parlamento a decisão sobre o envio de tropas. Eles deveriam se colocar como defensores dos poucos direitos que a constituição dava ao povo.

(...) os produtos, que podem encontrar mercado do lado de lá são produzidos na Alemanha e assim a classe trabalhadora alemã tem a oportunidade de uma ocupação assalariada, o capitalismo internacional vai estabelecer fábricas próprias na China; na própria China é que as chaminés queimarão e os produtos serão feitos, com a utilização da força de trabalho barata dos Kulis, para serem então vendidos no país [*Alemanha*]; portanto, exatamente o oposto de vantagens para os trabalhadores. Os recursos dos trabalhadores, com os quais a política chinesa é explorada – os quais provêm de impostos indiretos e tarifas alfandegárias – servem apenas para dar a possibilidade para o capital produzir na China com trabalhadores chineses como *Lohndrücker*¹⁷⁷. Assim, através da política colonial utilizam-se os recursos materiais retirados principalmente dos trabalhadores em prejuízo dos trabalhadores.¹⁷⁸

176 Ver proposta e alterações nos Anexos desta dissertação.

177 Grupo que pressiona o salário dos trabalhadores para baixo por serem mais explorados, com uma mão de obra mais barata.

178 „...die Produkte, die drüben Absatz finden können, in Deutschland herzustellen und damit die deutschen Arbeiterklasse Gelegenheit zu lohnender Beschäftigung zu geben, der internationale Kapitalismus in China selbst Fabriken errichten wird; in China selbst werden die Schornsteine rauchen und die Produkte angefertigt werden, unter Benutzung der billigen Arbeitskräfte der Kulis, um dann im Inlande abgesetzt zu werden; also gerade das Gegentheil von Vortheil für die Arbeiter. Die Mittel der Arbeiter, mit denen die chinesische Politik betrieben wird – denn sie stammen aus den indirekten Steuern und Zöllen – dienen nur dazu, dem Kapital die Möglichkeit zu geben, in China zu produzieren und chinesische Arbeiter als Lohndrücker zu benutzen. [...] So werden durch die Kolonialpolitik die materiellen, von den Arbeitern in der Hauptsache aufgebrachten Mittel,

Assim, Singer expõe o financiamento da política mundial através dos impostos indiretos e tarifas protecionistas, prejudicando os trabalhadores alemães. O capital utilizava-se desse volume de dinheiro para financiar sua empresa na China, explorando os trabalhadores dessa região. Surge, assim, a relação entre centro e periferia com a transferência de capital para as áreas dominadas: primeiro na forma de produtos para o consumo e depois com as próprias empresas, refletindo nas condições econômicas dos trabalhadores do centro. Isso justificava o internacionalismo da social-democracia, embora ela não tivesse uma atividade prática efetiva nesse sentido.

Luxemburg enfatizou que esse era “o primeiro acontecimento da era da política mundial no qual todos os Estados civilizados estão envolvidos”¹⁷⁹ e o movimento operário internacional deveria tomar uma atitude a altura, chamando uma mobilização em todos os lugares, mas isso não aconteceu nem na Alemanha, onde os socialistas eram mais fortes, e este era o problema. Eles deveriam se preparar para o que estava por vir e isso significava agitação em todos os lugares, não apenas fazer uma grande manifestação em Paris com todo o movimento operário, ou representantes dele.

A proposta inicial foi aprovada com algumas alterações feitas pelo próprio Singer, que modificou um parágrafo responsabilizando diretamente o governo e reforçando os interesses lucrativos da burguesia. Conclamou também os jornais do partido a expandirem os protestos, chamando o povo a lutar contra a política na China.

O congresso deliberou também sobre a política de transporte e comércio da Alemanha. O tema é importante pela presença que tem na teoria da acumulação de Luxemburg: os transportes e as tarifas protecionistas são instrumentos essenciais na acumulação do capital.

Na virada do século, discutia-se o sistema tributário alemão pois o aumento com os gastos militares estava fazendo a dívida do país crescer muito e os impostos não conseguiam cobrir as despesas. Até 1908, o debate sobre impostos e tarifas esteve na ordem do dia do *Reichstag*, pela necessidade de cobrir os gastos do Império, principalmente o orçamento militar¹⁸⁰.

O congresso de 1900 propôs uma diretiva que afirmava a necessidade de um transporte gratuito, que favorecesse as condições de trabalho e novas áreas de exploração industrial. A mobilidade era afirmada como uma melhoria na vida do operariado. Em relação

zum Schaden der Arbeiter verwendet“. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Mainz*, 1900, p. 157.

179 *Protokoll des Parteitages abgehalten in Mainz*, 1900, p. 165.

180 BORN, Karl Erich. Von der Reichsgründung bis zum Ersten Weltkrieg. Handbuch der deutschen Geschichte, Band 16. München: Deutschen Taschenbuch Verlag, s.d.

ao comércio, opuseram-se às tarifas alfandegárias porque elas encareceriam a subsistência do trabalhador. Colocavam-se, então, contra qualquer tipo de tarifa: de transporte e de comércio, propondo políticas que favorecessem as trocas internacionais do ponto de vista dos operários¹⁸¹.

No entanto, Richard Calwer, que deveria defender a proposta, disse o contrário: apoiou a redução das tarifas de transporte e o direito de morar e permanecer em qualquer lugar, mas foi contra o livre-comércio, pois isso prejudicaria os alemães. Deste modo, os privilégios que alguns países tinham por causa de acordos comerciais deveriam ser desfeitos e as fronteiras taxadas¹⁸². Luxemburg opôs-se a esse discurso, porque a social-democracia deveria defender o proletariado internacional e isso significava o livre comércio. O protecionismo, na verdade, atrapalharia o desenvolvimento econômico das indústrias. Rosa citou o exemplo russo para sustentar seu argumento:

Fala-se especialmente da Rússia como um país cuja indústria pereceria sem tarifas protecionistas. Qualquer conhecedor das circunstâncias russas dirá que a indústria russa atualmente sofre com o sistema de tarifas protecionistas. As altas tarifas, sem dúvida, dão aos empresários russos lucros incríveis, mas os tornam apáticos, sem iniciativa e completamente incapazes de competir no mercado mundial. Os trabalhadores são novamente os que sofrem mais com isso, pois com as tarifas protecionistas mantém-se na Rússia métodos de trabalho primitivos e atraso na proteção do trabalhador, de modo que os social-democratas russos lutam pela revogação das tarifas protecionistas.¹⁸³

Assim, apesar dos lucros, as taxas tirariam o espírito empreendedor do capitalista e o impediriam de desenvolver as forças produtivas, o que era necessário para a revolução. O caminho para a constituição do livre comércio seria a construção de um plano para a abolição gradual das tarifas, permitindo que as indústrias se preparassem.

Mas o argumento que ela, e boa parte dos presentes no congresso defendiam, é liberal em seu sentido mais clássico: a defesa do livre comércio, como sabemos, longe de salvaguardar os interesses dos trabalhadores, piora as condições de vida nos lugares em que

181 Ver proposta e alterações nos Anexos desta dissertação.

182 Calwer fala especificamente contra um dispositivo, chamado *Meistbegünstigungsklausel* ou *Meistbegünstigungsprinzip*, que concede as vantagens comerciais de um país para todos os outros membros do contrato. É um princípio liberal.

183 „Man nennt dabei besonders Russland als ein Land, dessen Industrie ohne Schutzzölle sofort zu Grunde gehen würde. Jeder Kenner russischer Verhältnisse wird Ihnen sagen, dass die russische Industrie gegenwärtig gerade von dem geltenden Schutzzollsystem Schaden trägt. Die hohen Zölle schaffen den russischen Unternehmern allerdings wahnsinnige Profite, machen sie aber apathisch, initiativlos und völlig konkurrenzunfähig auf dem Weltmarkt. Am meisten leidet darunter wieder der Arbeiter, denn mit der Schutzzöllerei besteht in Russland primitive Arbeitsweise und Rückständigkeit im Arbeiterschutz, so dass die russischen Sozialdemokraten für Aufhebung der Schutzzölle eintreten“. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Mainz*, 1900, p. 199-200.

atua, permitindo a exploração do capital internacional, o que aconteceu, e acontece, com os países do terceiro mundo. A abertura das alfândegas para mercadorias e transações de capitais beneficiou, e beneficia, os grandes conglomerados capitalistas.

Não era diferente naquele período, em que a própria análise da acumulação de Luxemburg atentou para necessidade do capital de ter mobilidade para a exploração de outras regiões, primeiro na forma de mercadorias e depois na forma de empréstimos. Ela diferencia, no livro *A Acumulação do Capital*, as políticas para o centro e para a periferia, explicando que o livre-comércio *no centro* correspondia a um período muito curto da história do capitalismo, enquanto na periferia, nas colônias, ele era apregoado pelos grandes capitalistas como a melhor forma de desenvolvimento econômico.

Mas as emendas que ela propôs na resolução reforçavam uma posição a favor do livre comércio e contra qualquer tipo de tarifa ou determinação de esferas de influência dentro e fora da Europa. Ela estava na perspectiva do internacionalismo proletário sem perceber as consequências de uma política do mundo socialista aplicada no capitalismo.

O caráter nacionalista e localista de um setor considerável do partido apareceu aqui, porque a defesa das tarifas alfandegárias tinha uma perspectiva nacional. No entanto, do ponto de vista internacionalista, do qual Luxemburg fala, as tarifas impediriam a construção de uma irmandade entre os trabalhadores e serviriam, nos países centrais, para a disputa concorrencial entre as nações, por isso o partido deveria se opor, como de fato fez neste congresso.

A primeira década do século XX verá o acirramento das tensões bélicas entre os países europeus afundando a social-democracia em conjecturas sobre a possibilidade da paz no capitalismo. A previsão de Luxemburg sobre os conflitos que se seguiriam confirmou-se nas crises do Marrocos, nos conflitos na Ásia e nos Balcãs.

2.5. Congresso de Dresden, 1903

Nestes primeiros anos do século XX, Luxemburg participou de muitas discussões sobre a questão polonesa, o problema do nacionalismo e da independência nacional em sua terra natal. Houve também muitos debates sobre o movimento operário internacional, principalmente sobre a tática a ser usada para conquista de pautas intermediárias e o caminho da revolução; debate incentivado também por uma greve geral na Bélgica, em 1902, iniciada em regiões mineradoras e portuárias exigindo o sufrágio universal. A greve expandiu-se para outras regiões e durou seis dias até que, depois de muitos conflitos com mortos e feridos, a direção do partido belga chamou os trabalhadores para retornar a seus postos contra a vontade de muitos grevistas. A greve terminou, assim, derrotada pois o parlamento ignorou as suas

reivindicações¹⁸⁴.

O episódio desencadeou a discussão sobre as táticas de rua e sua relação com a militância parlamentar. Os belgas decidiram abrir mão do voto feminino e da tática revolucionária para conseguirem alianças com os liberais pelo voto universal masculino. Luxemburg via nisso um erro, porque não haveria aliança possível com os liberais. Para ela, os líderes socialistas belgas causaram a derrota ao deterem o movimento antes de seu momento decisivo, tornando-o um fantoche dos liberais, que teriam se tornado, por isso, os verdadeiros líderes. Segundo Laschitzka, ao término da polêmica, Luxemburg dedicou-se à relação entre os meios revolucionários e a legalidade. Segundo a biógrafa:

Na imprensa alemã e belga, manifestavam-se opiniões que consideravam a tática revolucionária ultrapassada e a greve geral inútil ou supérflua. Rosa Luxemburg contorceu-se contra ideias sobre fazer a revolução arbitrariamente através de dirigentes ou partidos, como imaginavam a polícia ou o historiador oficial burguês. Revolução ou transição legal para o socialismo não seria uma questão de tática, mas de relações históricas e circunstâncias concretas.¹⁸⁵

Por ser uma questão concreta, de cada momento histórico, o movimento operário não poderia determinar previamente seus instrumentos já que alguns poderiam, em determinados contextos, ser reacionários. Para aquela época seria necessário trabalhar o parlamentarismo e as greves, ambos no sentido da revolução, um e outro isoladamente teriam pouca eficácia para a concretização do socialismo¹⁸⁶.

Assim, as questões teóricas e o movimento real vão colocando também o debate da tática, da atividade. Até aqui, a direção do partido representada em nomes como August Bebel e Karl Kautsky queriam conter a ala revisionista e formavam um só bloco com a esquerda. Pretendendo derrotar a direita do partido de uma vez, esta foi colocada em pauta no congresso de 1903.

Em Dresden, localizada no reino da Saxônia, ocorreu, entre 13 e 20 de setembro de 1903, o congresso anual que teve como pauta: a) tática do partido; b) eleições do *Reichstag*; c) questão do vice-presidente; e d) os esforços revisionistas.

Em junho deste mesmo ano ocorreram as eleições do Império que deram ao SPD

184 LASCHITZKA, Annelies. *Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie*. Augbau Verlag, 1996.

185 “In der belgischen und deutschen Presse waren Stimmen aufgetreten, die die revolutionäre Taktik für überholt und den Generalstreik für unbrauchbar oder “berflüssig hielten. Rosa Luxemburg wandte sich gegen die Vorstellungen von willkürlicher Revolutionsmacherei durch Führer oder Parteien, wie sie sich der Polizist oder der offizielle bürgerliche Historiker einbilde. Revolution oder gesetzlicher Übergang zum Sozialismus sei keine Frage der Taktik, sondern der geschichtlichen Verhältnisse und der konkreten Umstände.”. In: Idem, p. 179-180.

186 Idem.

31,7% dos votos de primeiro turno e 81 mandatos no *Reichstag*¹⁸⁷, quase o dobro da quantidade anterior. O sucesso eleitoral e as discussões táticas colocaram a questão: diante desse resultado, qual deveria ser a postura do SPD?

O número de deputados do SPD daria direito ao cargo de vice-presidente do *Reichstag*¹⁸⁸. Deveria o partido aceitar esse cargo? Discutiu-se uma suposta tradição partidária de mudança de tática e se debateu muito a violência como caminho para a revolução. Delineia-se aqui o discurso sobre o caráter parlamentarista da atuação partidária.

Diferente dos outros debates, este teve duas apresentações para defender os dois lados do problema: Bebel e Vollmar.

O discurso de Bebel demonstrou que a leitura dos dirigentes sobre o resultado eleitoral era de que a força do partido havia crescido e, portanto, aquela tática se mostrava correta – a utilização do parlamento como agitação e para conseguir reformas.

Bebel avaliou que os tempos vindouros seriam difíceis porque a burguesia se uniria para combater o SPD e a economia entraria em uma crise de superprodução, causando problemas sociais na Alemanha. No entanto, o SPD teria uma grande chance de sair fortalecido disso, porque a votação demonstrava seu apoio social para combater as políticas do governo. As massas estariam cientes de que inclusive a política mundial recaía como um peso sobre elas através de impostos e mortes. Por isso, o partido não poderia se unir ao Estado, a social-democracia deveria derrubá-lo por ser um instrumento dos interesses da burguesia.

Por estes motivos, Bebel defendeu maior radicalização.

No entanto, alguma coisa sim, nós crescemos, temos mais deputados e por isso devemos mudar nossa tática em certo sentido, mas não no sentido de frear ou conter. Não. Depois que essa gigantesca massa eleitoral nos deu o seu “sim” e a sua aprovação através de seu voto e baseada na nossa tática atual, nós devemos avançar ainda mais enérgica, implacável e claramente do que até agora.¹⁸⁹

Para ele, a forma do discurso do parlamento deveria ser alterada, deixando-o mais duro, mas mantendo o *Reichstag* como espaço de atuação a ser cuidadosamente pensado.

187 O partido tinha 56 mandatos anteriormente, o que significou um aumento de 44,64% dos deputados, mas representava 20,4% do total de cadeiras, o que não correspondia à sua força eleitoral - mais de 30% dos votos.

188 ENGELMANN, Bernt. *Vorwärts und nicht vergessen: vom verfolgten Geheimbund zur Kanzlerpartei*. München: Goldmann, s. d.

189 “Allerdings, etwas doch, wir sind gewachsen, wir haben mehr Abgeordnete und deshalb müssen wir in gewissem Sinne unsre Taktik ändern, aber nicht in dem Sinne, daß wir bremsen oder zurückhalten, nein, nachdem diese ungeheuren Wählermassen auf Grund unsrer bisherigen Taktik, Kämpfe und Haltung uns durch ihre Stimmen ihr Ja und ihre Zustimmung gegeben haben, so müssen wir noch energischer, rücksichtsloser und schärfer vorgehen als bisher.” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Dresden*, 1903, p. 305-306.

Havia anos que os deputados brigavam entre si sobre o posicionamento diante dos projetos a serem votados no parlamento, as discussões tornavam-se mais ríspidas, segundo Bebel, porque os reformistas eram maioria na bancada e queriam fazer concessões praticando uma política de troca de favores. O papel do congresso, naquele momento, seria dar diretrizes claras à bancada social-democrata para que ela não se transformasse em auxiliar da pequena burguesia.

Ainda segundo Bebel, os reformistas não acreditavam nas massas e queriam decidir tudo de portas fechadas, queriam conciliar trabalhadores e burgueses. No entanto, o SPD teria sido escolhido pelo povo, porque era o único partido que o defendia, o que demonstraria a conscientização das massas. Por isso, era desnecessário aos socialistas fazerem acordos com a burguesia.

Percebe-se a confusão entre massa eleitoral e força política real na fala de Bebel, confusão que se desfez parcialmente nas eleições seguintes em 1907, quando a opinião pública alemã foi jogada contra o SPD por sua posição internacionalista, fazendo-os perder em percentual de votos, embora os números absolutos tivessem aumentado.

Vollmar divergia de Bebel e na sua fala fez um pequeno histórico do partido. Em seus primeiros anos de existência, o SPD teria se oposto à participação nas eleições e rejeitado acordos com a burguesia. Em seguida, passaria a concorrer às eleições utilizando o parlamento como palanque e, por fim, a prática eleitoral se tornaria uma obrigação e as alianças seriam permitidas se houvesse o consentimento da direção com a aprovação de propostas importantes para os trabalhadores.

Na perspectiva de Vollmar, o partido mudara diversas vezes de tática, como teria demonstrado no histórico. Sua atuação seria, portanto, a mudança de tática sempre que necessário. Teria sido desta forma que a organização crescera e se desenvolvera. Bebel e seus seguidores estariam sendo conservadores ao defenderem uma tática principista que tinha como consequência a constituição do SPD em uma seita, separando-o das massas populares.

Nesta linha argumentativa, Vollmar defendeu que não deveriam estabelecer uma regra - nunca aceitariam cargos - porque poderia chegar uma conjuntura em que isso fosse desejável. Mesmo assim, defendeu a aprovação da resolução se ela era necessária para acalmar os ânimos no partido mesmo não reconhecendo nenhum revisionista.

Durante o congresso, aqueles que eram reconhecidos pela esquerda da época ou são colocados hoje na posição de revisionistas não se admitiram quanto tais, questionando diversas vezes qual seria a definição do termo. Apenas Bernstein se colocou neste lugar.

Wilhelm Kolb resumiu a diferença entre as duas linhas do partido, conectando teoria e

prática: se a teoria do colapso – atribuída por ele a Kautsky – estava correta, então eles deveriam fazer uma greve geral e derrubar o Estado; se o socialismo poderia ser construído aos poucos, então deveriam continuar com o trabalho eleitoral dentro das leis. Embora dramático e pouco preciso sobre a posição da esquerda, Kolb apresentou a divergência de forma clara: colapso e revolução ou evolução e parlamentarismo.

E Daniel Stücker sintetizou os pontos do debate: 1) os revisionistas sempre agiam como se não houvesse diferenças entre as alas do partido e as decisões dos congressos não eram seguidas, pois cada deputado agia de acordo com seu pensamento¹⁹⁰; 2) se aceitassem o cargo de vice-presidente poderiam passar a impressão de que buscavam se inserir na ordem burguesa; 3) os revisionistas diziam que haveria uma perseguição à liberdade de pensamento/expressão no partido e que isto sim seria um perigo para a organização. Stücker diz que:

Falou-se muito da liberdade de pensamento, mas também esta liberdade tem um limite certo. (...) nós queremos a liberdade do indivíduo contanto que ela não prejudique os direitos do outro. (...) Nosso partido será sempre proletário-revolucionário e os camaradas devem sempre cuidar para que a direção do partido não caia nas mãos de um punhado de acadêmicos cultos que não tem contato algum com o povo.¹⁹¹

Uma última observação sobre a intervenção de Kautsky. Ele disse que a intenção da proposta era posicionar o partido contra uma tendência interna, o revisionismo. Tanto revisionistas quanto revolucionários queriam a liberdade do proletariado, mas havia divergência sobre a forma de se chegar lá. Kolb teria levantado a questão fundamental: colapso ou evolução. Até aquele momento, o SPD acreditou no aumento das contradições que os levariam à conquista do poder, mas a nova teoria queria evitar o conflito e escamoteava a luta de classes.

Teorias diferentes geram práticas diferentes. Por isso, Kautsky disse que ao alterar as bases do marxismo, a ala direita do partido fez uma revisão teórica que levou a uma prática reformista. A diferença era que os revisionistas queriam alcançar a administração do Estado sem conflito, o que Kautsky também gostaria, mas analisava a conjuntura de uma forma diferente. No Estado, as contradições estariam mais acirradas, porque a burguesia se organizava a partir dele para oprimir o proletariado. Por isso, só com a tomada deste poderiam

190 Bebel havia comentado sobre isso na sua apresentação e admitiu a desunião do partido sobre o revisionismo.

191 “Von der Meinungsfreiheit war viel die Rede, aber auch diese Freiheit hat eine gewisse Grenze. [...] wir wollen die Freiheit des Einzelnen nur insoweit, als sie nicht die Rechte des andren beeinträchtigt. [...] Unsre Partei wird immer proletarisch-revolutionär sein und die Genossen haben es immer in der Hand, dafür zu sorgen, daß die Leitung der Partei nicht in die Hände einer handvoll akademisch gebildeter Parteigenossen kommt, die keine Fühlung mit dem Volke haben”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Dresden*, 1903, p. 353.

governar e não havia um caminho gradual para isso.

A resolução proposta por Bebel reafirmava o compromisso do partido com a transformação social, a ideia de que as contradições só se intensificavam e a luta de classes tomava um caráter mais acirrado com o passar dos anos. Mas a resolução final sofreu modificações. A maioria delas tornava o texto mais radical ou complementava alguns pontos. Contudo, Legien acrescentou a seguinte frase ao final: “E agir energicamente para a construção da legislação social e realização das tarefas políticas e culturais da classe trabalhadora”¹⁹². Com este acréscimo não havia motivos para o setor reformista não aprovar o texto, porque a maioria deles reivindicava o socialismo e o objetivo final, por isso, quando vemos os votos também Legien, Heine, Auer, Noske estão a favor.

Embora este congresso tenha sido encarado pelos social-democratas como uma derrota do reformismo, na verdade ele só escamoteou a divisão interna. Com o passar dos anos, pelo contrário, foi justamente essa ala que cresceu e tomou conta do partido.

2.6. Congresso de Jena, 1905

Em 1904, Luxemburg ficou presa por volta de dois meses, acusada de injúria à majestade, o imperador da Alemanha, por isso não pôde participar do congresso daquele ano, mas publicou o famoso texto de debate com Lenin *Questões de Organização da Social-Democracia Russa*. Nele Luxemburg aponta críticas à forma de organização centralizada defendida por Lenin e praticada pela própria social-democracia alemã.

É igualmente importante para a social-democracia, não a previsão nem a construção prévia de uma receita pronta para a tática futura, mas manter viva, no partido, a avaliação histórica correta das formas de luta vigentes, manter vivo o sentimento da relatividade da atual fase da luta e da necessária intensificação dos momentos revolucionários, a partir do ponto de vista do objetivo final da luta de classes proletária.¹⁹³

Essa passagem contém a mesma crítica feita à atuação da direção belga no movimento grevista de 1902 e aos socialistas que defendiam a tática parlamentar como a essência do caminho para o socialismo, ou ainda à ortodoxia que se apegava aos princípios do partido para fazer oposição aos oportunistas. Um movimento revolucionário não poderia se imobilizar em principismos, deveria sim estabelecer pressupostos a partir dos quais atuaria, mas a sua atividade mesma deveria caminhar para o socialismo, deveria, portanto, desenvolver a tática.

¹⁹² In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Dresden*, 1903, p. 419

¹⁹³ LUXEMBURG, Rosa. “Questões de Organização da Social-democracia Russa”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburg: textos escolhidos*. Volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 162.

Nesse sentido, o partido serviria para dar direção ao movimento que só poderia ser realizado de fato pelas massas conscientes¹⁹⁴.

No entanto, diferente de Lenin, Luxemburg não acreditava em um partido centralizado e centralizador, no qual um comitê decidiria todas as ações. Para ela, as direções tendiam a se conservar e por isso a estabilizarem-se aquém do movimento de massas, as quais tinham o papel de revolucionar a direção, empurrando-a adiante.

Diante dos acontecimentos de 1905 e posteriores, essa crítica se confirma para a social-democracia alemã. As direções sindical e partidária tornaram-se moderadas, evitando a radicalidade, inclusive minando ações diretas.

Em 1905, antes do Congresso do Partido em Jena, os sindicatos da Alemanha fizeram o seu quinto congresso. A *Generalkommission* (Comissão Geral), direção dos sindicatos, incumbiu Theodor Bömelburg, também membro do SPD e presidente do sindicato dos pedreiros, de falar contra a greve de massas. O resultado foi a aprovação, por este congresso, de uma resolução contrária à tática e que procurava encerrar a discussão sobre o assunto. A direção sindical precisava parar as ações espontâneas dos trabalhadores que ocorreram também na Alemanha neste ano com uma greve de mais de 200 mil mineiros no Ruhr¹⁹⁵. Segundo Vieira de Souza:

Se a espontaneidade enquanto fenômeno sociopolítico de massas atrelava-se, na Rússia, à inexistência de organizações sólidas e dotadas de recursos que lhes permitissem orquestrar um movimento de tamanha envergadura, no vale do Ruhr ela expressou-se no fato de que metade dos grevistas não pertencia a qualquer sindicato, ao passo que a outra metade teve de voltar-se contra a burocracia incrustada nas entidades a que pertenciam para dar vazão à sua revolta elementar.¹⁹⁶

Os dirigentes sindicais manobram a base e abafaram o movimento. Essas manifestações, a forma como foram conduzidas e os debates sobre a Revolução Russa de 1905 colocaram a greve de massas na ordem do dia do congresso de Jena, ocorrido entre 17 e 23 de setembro, ou seja, antes do fim do processo, porque só em outubro o Czar fez a proposta da Duma com uma posterior reordenação conservadora que abafou o levante¹⁹⁷.

A pauta do Congresso de Jena em 1905 contava com dois temas, para além da discussão de relatórios que ocorriam todos os anos: o primeiro de maio (questão que também

194 LASCHITZA, Annelies. *Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie*. Augbau Verlag, 1996.

195 Ver SOUZA, Luiz Enrique Vieira de. *A Recepção Alemã à Revolução Russa de 1905*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, out 2012, 319p.

196 Idem, p. 189.

197 VOLIN. *A Revolução Desconhecida*. São Paulo: Global, 1980.

não saía da ordem do dia) e a greve política de massas e a social-democracia.

Além disso, houve uma moção da diretoria e outros membros do partido sobre a revolução que acontecia na Rússia. Ela foi discutida em “outras propostas” e aprovada por unanimidade. Note-se que ela foi sancionada depois da discussão de um dia sobre a greve de massas.

O texto fez um elogio ao proletariado russo, mas especialmente aqueles homens e mulheres que trabalharam pela revolução ensinando e organizando o proletariado durante anos, pois o movimento teria sido resultado desse trabalho de operários russos guiados pela social-democracia com o objetivo de derrubar o absolutismo e conscientes de que esta era uma etapa necessária para a luta contra o capitalismo. A resolução também contestava o despotismo do czarismo por causa da repressão, o que justificaria a destruição do regime¹⁹⁸.

A resolução expressava um ponto de vista bem diferente do relato que temos de Volin (*Vsevolod Mikhailovich Eikhenbaum*), que admite a importância do trabalho da social-democracia russa, mas diz que ela não teve influência nas massas e que o movimento nascera das condições materiais da população, que foi se auto-organizando em *Soviets* no decorrer da luta¹⁹⁹.

O debate sobre o papel do partido e das massas no movimento não era controverso apenas entre russos e alemães, mas também internamente ao SPD e a discussão sobre a greve de massas nos conta mais sobre a questão de fundo: o papel das massas e do partido no processo revolucionário.

A discussão sobre a “Greve Política de Massas e a Social-democracia” começou com a apresentação de Bebel. Na resolução, afirmava-se que os trabalhadores deveriam utilizar todos os meios para conseguir seus direitos de cidadãos e igualdade jurídica. Eles deveriam preparar-se para defender o voto universal, secreto, direto e igual, porque a burguesia não hesitaria em tirar esse direito quando pudesse.

Neste mesmo ano, logo após o congresso, alguns estados alemães com forte presença social-democrata tentaram impor mudanças na lei que restringiriam mais as eleições locais. Em Hamburgo, por exemplo, a proposta era alterar o voto de três para cinco classes,

198 Ver Anexo.

199 Escrito a partir do livro de Volin, *A Revolução Desconhecida*. A tradução para o português tem apenas a primeira parte da obra que trata longamente de como se chegou à revolução de 1905 e a tomada do poder de 1917. Considerado um anarquista russo, Volin apresenta-se em seu livro como um professor que deu aulas aos trabalhadores, fazendo elogios ao marxismo e admitindo o trabalho dos socialistas dentro das massas russas. No entanto, parece acreditar no poder organizativo da ação pelas próprias massas, porque é isso que seu livro demonstra, constituindo-se em um relato histórico da ideia de Luxemburg da ação como formadora da consciência e, portanto, da organização das massas, a espontaneidade. Ver também GUÉRIN.

diminuindo mais ainda a representação das classes mais baixas. Na saxônia, o movimento de restrição encontrou a resistência dos trabalhadores com uma série de reuniões e manifestações de massa que se radicalizaram e espalharam para outros *Länder* que viviam a mesma ameaça²⁰⁰.

O sufrágio universal foi apresentado como condição para o desenvolvimento político da comunidade (*Gemeinwesen*) e para preservá-lo a classe trabalhadora deveria usar, inclusive, seu meio mais eficaz: „*die umfassendste Anwendung der Massenarbeitseinstellung*“. Essa frase, ao pé da letra, significa: a utilização a mais abrangente da suspensão em massa do trabalho. Observe-se que “greve de massas” em alemão, e teoricamente essa resolução defende a greve de massas, é *Massenstreik*, mas a palavra não foi usada.

O resto da resolução condicionou a eficácia do método à expansão das organizações dos trabalhadores, partido e sindicatos, e ao esclarecimento das massas sobre a importância do voto e do direito de coligação dentro do Estado burguês. Assim, a velha prática de agitação e propaganda foi reiterada e colocada em primeiro plano, o que teria, como efeito prático, nenhuma alteração na vida parlamentar e extraparlamentar do partido.

Como consequência da importância da conscientização dos trabalhadores para a eficácia da greve de massas, ou algo parecido com ela, todos os membros do partido seriam obrigados a participar das organizações sindicais de suas respectivas profissões, expandindo a social-democracia e cumprindo seus deveres com a organização política da classe.

Esta resolução foi proposta por Bebel e já tinha em si um caráter bastante conciliador, nem radical, nem reformista demais, mas conservador por manter a linha do partido. E a intervenção de Bebel teve o mesmo sentido: reafirmar o parlamentarismo e submeter a greve de massas a ele.

Segundo ele, depois de 1903 e por causa do aumento de eleitores e de deputados do SPD, a burguesia começou a atacar o direito de voto e a adotar uma tática de apoio às reformas para atrair os eleitores do SPD. Os inimigos estariam mais agressivos, as contradições de classe mais acirradas e isso se evidenciaria em vários debates no *Reichstag* - tarifas alfandegárias, proteção aos trabalhadores, economia. Bebel parece entender que o acirramento deu-se principalmente dentro do *Reichstag*, e que as disputas da rua teriam sido internalizadas ali. No Parlamento, o SPD não era maioria, mas o fato de os inimigos estarem tão incomodados com sua presença demonstraria a importância da eleição. Por isso, eles precisavam conscientizar o proletariado do seu poder, que era maior que o da burguesia:

200 SCHORSKE, Carl E. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

O poder da burguesia baseia-se no dinheiro, nos milhões e bilhões, mas é a classe trabalhadora que tem o enorme número de cabeças, assim que ela tomar consciência dessa circunstância, um poder tão gigantesco, que ela superará finalmente o poder da burguesia, tendo esta 10 mil milhões no cofre.²⁰¹

Para alcançar essa consciência e esse poder, que transforma quantidade em qualidade, seria necessário o trabalho de agitação do SPD, importante para tomar o poder e evitar a catástrofe, que se igualava, na fala de Bebel, com a revolução. Ele acabou negando a revolução:

Como se sabe, é um erro quando se diz que a social-democracia luta por revoluções. Não pensamos nisso. Qual o interesse que temos em produzir catástrofes nas quais os trabalhadores, em primeiro lugar, sofreriam muito?²⁰²

Não havia necessidade na Alemanha de criar um caos, mas isso dependeria do inimigo que eles combatiam. Bebel sempre dizia que era o inimigo quem decidiria, dependendo de sua reação à conquista do poder pelo proletariado²⁰³.

Assim, a greve de massas é colocada como mais um instrumento de luta por mais direitos e em defesa deles, não de revolução. Um instrumento de luta à disposição do trabalhador alemão, a ser usado eventualmente. A greve de massas deveria estar a serviço do direito de voto e não ignorá-lo completamente, como defendiam alguns dentro do partido, que diziam que o parlamento não tinha importância; aqui ele se dirigia principalmente a Raphael Friedeberg²⁰⁴.

201 “Die Macht der Bourgeoisie beruht auf ihrem Gelde, auf ihren Millionen und Milliarden, aber die gewaltige Zahl der Köpfe gibt der Arbeiterklasse, sobald sie sich dieses Umstandes erst bewusst wird, eine so ungeheure Macht, dass sie die Macht der Bourgeoisie, und habe sie Zehntausende von Millionen im Tresor, schliesslich überwindet”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Jena vom 17. bis 23. september 1905*. Berlin: Buchhandlung Vorwärts Paul Singer, 1905, p. 291.

202 “Es ist bekanntlich ein Irrtum, wenn man sagt, die Sozialdemokratie arbeite auf Revolutionen hin. Das fällt uns gar nicht ein, was haben wir denn für Interesse daran, Katastrophen zu erzeugen, unter denen die Arbeiter in erster Linie schwer zu leiden haben?”. In: *Protokoll des Parteitages Jena*, 1905, p. 292. Lembremos do capítulo anterior: Bernstein equipara colapso e revolução, ambos correspondendo a desordem. Ideia que se apresenta nos reformistas e revisionistas em geral.

203 Já vimos aqui que Kautsky e Luxemburg disseram o mesmo. A questão era não temer a revolta ou utilizar o medo como argumento para frear a ação revolucionária. Era preciso preparar as massas para agirem por si mesmas e não esperar a concessão da burguesia, como queriam os revisionistas.

204 Daniel Guérin fala sobre a discordância de anarcossindicalistas com essa instrumentalização da greve geral pelos socialistas que a utilizavam somente para fins parlamentares ou eleitorais retirando todo o seu valor incendiário para a transformação social. “Era un hecho que los sindicalista revolucionarios, particularmente los franceses, reprobaban la huelga general (o huelga de masas, según la terminología alemana) desde el momento que ésta fuera puesta al servicio de un objetivo 'político', en el sentido parlamentarista y electoralista del término. Tal era, en efecto, el uso que se le había dado, entre otros, en el caso de las huelgas belgas de 1893 y 1902, cuando el asunto había sido la extensión del sufragio universal. Ése debía ser también el objetivo em Prusia, entre 1910 y 1914, de la huelga general preconizada, por outra parte en vano, por Rosa Luxemburg”. GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburg y la espontaneidad revolucionaria*. La Plata: Utopía Libertaria, s.d, p. 60. Ver também SCHÜTRUMPF.

Bebel disse que Friedeberg defendia a economia como o problema essencial e o direito de voto seria ignorável diante das possibilidades revolucionárias da greve de massas. No entanto, para Bebel, a luta era política e econômica e, por isso, os sindicatos sozinhos não poderiam alcançar a transformação, era preciso o partido para organizar o movimento e o colocar no âmbito da política, levando à tomada do Estado. A tarefa do SPD era fortalecer a organização, porque só com um aparato forte e eficiente poderia o proletariado fazer uma ação de massa que desse resultados. A prática seria:

Se, ao mesmo tempo, a imprensa do partido se dedicar mais do que até então às questões de organização, se por toda a parte for trabalhado no sentido da minha resolução, se por toda a parte for intensificada a agitação no sentido de um sólido esclarecimento político, se antes de qualquer coisa retomar o estudo dos escritos fundamentais do socialismo e de uma maneira bem diferente do que até agora foi feito, então não será um golpe de mestre que o número de membros das nossas associações dobre no decorrer de um ano, que os sindicatos cresçam no mínimo 25% e que os leitores de nossos jornais aumentem de 50 a 100%. Assim, conseguiremos uma massa de meios para esclarecimento dos camaradas de partido e para preparar para as duras lutas (...). Nesse sentido peço a vocês para aprovar minha resolução, nesse sentido queremos trabalhar e lutar até que a vitória seja alcançada inteiramente.²⁰⁵

Bebel não defendeu a greve política de massas propriamente em seu discurso, mas o crescimento do próprio partido e instigou os militantes a buscarem isso.

Desta fala, vários elementos foram debatidos ou comentados no congresso. A disputa era, novamente, entre a revolução e o parlamentarismo, tensão que apareceu na intervenção de Bebel defendendo o parlamentarismo e recusando a revolução - ao menos um tipo dela.

Aqueles que rejeitavam a greve de massas ou a aprovavam com cautela, sem que fosse propagandeada, traziam em suas falas o argumento do cuidado com as massas, porque elas não estariam prontas para este tipo de enfrentamento. Segundo Wolfgang Heine:

Bebel quis nos provar que temos poder. Com certeza, temos esse poder intelectual, mas a pergunta é se temos o poder de executar uma greve geral no próximo período. Eu acho que não! (...) Em primeiro lugar, os trabalhadores! Quer dizer, toda causa exige sacrifício. Certamente, se a causa fosse favorecida por isso. Mas aqui, as vítimas seriam levadas para uma derrota certa. Viola-se o direito de voto, realmente ruim! Mas se declaramos

205 “Wenn dann gleichzeitig auch der Parteipresse mehr als bisher den Organisationsfragen sich widmet, wenn überall im Sinne meiner Resolution an der Organisation gearbeitet wird, wenn überall die Agitation im Sinne einer gründlichen politischen Aufklärung betrieben wird, wenn vor allen Dingen auch wieder das Studium der grundlegenden Schriften des Sozialismus zu Ehren kommt und in ganz anderer Weise als bisher betrieben wird, dann wird es kein Meisterstück sein, im Laufe eines Jahres die Mitgliederzahl unserer Vereine zu verdoppeln, die der Gewerkschaften um mindestens 25 Proz. zu steigern und die Leser unserer Organe um 50 bis 100 Proz. zu heben. Dadurch werden wir ein Mass von Mitteln zur Aufklärung der Parteigenossen und zur Vorbereitung auf die schweren Kämpfe, die kommen werden, erhalten, [...]. In diesem Sinne bitte ich Sie, meiner Resolution zuzustimmen, in diesem Sinne wollen wir arbeiten und kämpfen, bis der Sieg voll und ganz errungen ist”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Jena vom 17. bis 23. september 1905*, p. 313.

agora que queremos responder a isso com greve de massas, estamos longe de desanimar o inimigo. Este é muito mais o melhor meio para estimular a retirada do direito de voto.²⁰⁶

Eles não teriam o poder efetivo para uma greve de massas, não estariam prontos para lidar com as consequências jurídicas e muitos trabalhadores seriam prejudicados. Além disso, responder à ameaça ao sufrágio universal com greve seria terminar de acabar com este direito. No entanto, Heine se aproximava de Bebel ao defender que a organização deveria ser o foco. Karl Frohme falou o mesmo sobre a tática, pedindo cautela e direção dos esforços para os órgãos de imprensa do partido. Do ponto de vista da direita falaram também Robert Schmidt, Legien e David.

Para Robert Schmidt, a resolução colocava uma situação nova: a utilização da greve de massas para autodefesa. Bebel havia dado um exemplo: os ataques contra o sufrágio. No entanto, para Schmidt, se a situação não era diferente da época do *Zuchthausvorlage*, então por que deveriam utilizar um outro meio de combate?

Em sua visão, as massas não eram disciplinadas como o exército, por isso, a sua direção seria muito difícil. Além disso, uma greve na Alemanha levaria mais de dois dias para ser organizada e, por último, entrar em confronto com o aparato repressivo alemão seria suicídio político. Por isso, Schmidt defendia a tática da época das leis antissocialistas:

(...) não posso responder melhor que as palavras ditas por Liebknecht [Wilhelm] em Halle [*Congresso de 1890*]: “colocaram-nos fora da jurisprudência comum com as leis antissocialistas, devíamos então ou nos retrair covardemente ou, mais corretamente, cometer suicídio ou fazer o que fizemos – declarar: nós sucumbimos diante do poder, mas não reconhecemos essa lei como direito; sob estas leis não podemos existir como partido, mas nós existimos e queremos existir, por isso devemos, seguindo o mandamento de autopreservação, quebrar a lei e isso nós não podemos 'legalmente', isto é, sob esta lei. Nossa decisão em Wyden [*Congresso de 1880 em Zurique*] era a resposta necessária e lógica para as leis socialistas; era simultaneamente

206 “Bebel hat uns beweisen wollen, dass wir Macht haben. Gewiss haben wir solche namentlich geistige Macht, aber es fragt sich nur, haben wir die Macht einen Generalstreik in nächster Zeit durchzuführen. Ich meine nein! [...] Im erster Reihe die Arbeiter! Es heisst, Opfer erfordere mal jede Sache. Wohl, wenn die Sache dadurch gefördert würde. Hier aber würden die Opfer gebracht um einer sicheren Niederlage willen. Tastet man das Wahlrecht an, wahrlich schlimm! Erklären wir aber jetzt darauf mit dem Massenstreik antworten zu wollen, so ist das weit entfernt, die Gegner abzuschrecken. Es ist vielmehr das beste Mittel, sie zu Wahlentrechtung anzureizen...”. In: Idem, p. 316.

nosso programa de ação e a realização seguiu à decisão.”²⁰⁷

Para ele, fora importante transgredir leis ilegítimas e agitar por fora da institucionalidade como forma de combate. Mas há também um espírito de ação dentro da legalidade implícito na sua intervenção e que estava muito presente no partido. A manifestação de David contra o que ele chamava de revolucionarismo (*Revolutionarismus*), por exemplo, defendia a tática de transformação através das leis, supostamente uma prática tradicional do partido. Aquela corrente significava, para ele, a defesa da implantação do comunismo por meios violentos e por acreditar que o capitalismo precisaria ser levado a sua morte, ela seria oposta ao colapso.

David ainda questiona: “o que podemos fazer para guiar, eventualmente, semelhante greve de massas, semelhante recusa ao trabalho, de maneira vitoriosa, para o objetivo”²⁰⁸.

O problema apresenta-se do ponto de vista de um dirigente: as massas, os trabalhadores, precisam ser guiados e, por isso, tudo deve ser planejado para garantir o lugar de cada um. É o que se encontra também no discurso de Legien que pediu para que a “greve de massas” (*Massenarbeitseinstellung*) fosse retirada da resolução porque já estava escrito “a utilização de todos os meios”. Para ele, ao sair às ruas, as massas começariam a revolução e ela seria violenta, mas as pessoas deveriam estar cientes disso antes de iniciar o movimento. O perigo estava no partido colocá-las despreparadas na rua, o que não deveria acontecer.

A resposta a todos esses medos e cuidados veio de Luxemburg, Zetkin e Liebknecht, da esquerda do partido. Klara Zetkin viu uma confusão de conceitos entre greve de massas e greve geral. Segundo ela:

Enquanto a greve política de massas exige a concentração do poder político, econômico, intelectual, moral, existente e disponível, do proletariado para um determinado e limitado objetivo de curto prazo, a greve geral anarquista quer, através da parada generalizada do trabalho, transformar toda a ordem capitalista ou algumas de suas instituições essenciais, como por exemplo o militarismo, como reivindicara Domela Nieuwenhuis.²⁰⁹

207 “... kann ich nicht besser antworten als mit den Worten, die Liebknecht in Halle sprach: 'Man hatte uns durch das Sozialistengesetz ausserhalb des gemeinen Rechts gestellt, da mussten wir entweder uns feig ducken oder richtiger: Selbstmord begehen oder wir mussten tun, was wir getan haben – erklären: wir müssen der Gewalt weichen, aber als Recht erkennen wir dies Gesetz nicht an; auf dem Boden dieses Gesetzes können wir als Partei nicht existieren, wir existieren aber und wollen existieren und deshalb müssen wir, dem Gebote der Selbsterhaltung folgend, das Gesetz brechen und das können wir doch nicht 'gesetzlich', das heisst auf dem Boden dieses Gesetzes. Unser Wydener Beschluss war die notwendige und logische Antwort auf das Sozialistengesetz; es war zugleich unser Aktionsprogramm, und die Ausführung ist dem Beschluss gefolgt’”. In: Idem, p. 319- 320

208 “... was können wir tun, um eventuell einen solchen Massenstreik, eine solche Arbeitsverweigerung sirgreich zum Ziele zu führen”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Jena vom 17. bis 23. september 1905*, p. 323

209 “Während der politische Massenstreik die Konzentration der jeweilig verfügbaren politischen, wirtschaftlichen, geistigen, sittlichen Macht des Proletariats auf ein ganz bestimmtes, engbegrenztes

A diferença entre a greve anarquista e a socialista seria a concretude de seus objetivos: os socialistas construiriam estes de acordo com as conjunturas, analisariam as condições materiais, enquanto os anarquistas seriam golpistas, voluntaristas. A greve política de massas apresenta-se definida na fala de Zetkin como um instrumento que concentrava todas as forças do proletariado: econômica, política, moral, intelectual; ela unificaria as diversas facetas da luta operária fortalecendo-a em torno de um objetivo específico. A necessidade de Zetkin de diferenciar os dois termos vinha das disputas entre anarquistas e socialistas na Internacional, sendo que os primeiros eram desprezados pelos segundos e a alcunha de anarquista era um insulto para estes. Legien, por exemplo, disse neste congresso que o termo daria uma conotação anarcossocialista à resolução, lançando as massas despreparadas às ruas. Não obstante, essa tentativa de distinção não convence, ainda mais quando observamos o processo russo.

A intervenção de Rosa Luxemburg, anterior à de Zetkin, enfatizou os ensinamentos da revolução russa e a radicalidade do momento.

Impressionada com os discursos, Rosa questionou: “vivemos de fato no ano da gloriosa revolução russa ou estamos há dez anos atrás?”²¹⁰, porque muitos pareciam ignorar o momento, o ano da Revolução. Não era a hora de fazer perguntas sobre como seria exatamente a greve de massas, se haveria sangue ou não; quem fazia essas conjecturas não sabia nada sobre as massas. Era preciso aprender com a revolução. À preocupação de Heine, de que também as massas desorganizadas iriam às ruas, Rosa respondeu: “as revoluções até agora, especialmente a de 1848, provaram que em situações revolucionárias não são as massas que devem ser colocadas nas rédeas, mas os advogados parlamentaristas para que eles não traíam as massas e a revolução”²¹¹. A preocupação do controle das massas, demonstrada pelos revisionistas, deveria ser direcionada a eles mesmos.

Para Rosa, as massas deveriam sim ser esclarecidas, mas em um sentido diferente daquele defendido pelos moderados do partido, porque eles defendiam a organização em

Augenblicksziel fordert, will der anarchistische Generalstreik mittels der allgemeinen Arbeitsniederlegung die ganze kapitalistische Ordnung aus den Angeln heben oder auch einzelne ihrer wesentliche Institutionen, wie z. B. den Militarismus, wie es Domela Nieuwenhuis gefordert hat”. In: Idem, 1905, p. 324. Zetkin refere-se à defesa do socialista holandês Domela Nieuwenhuis nos congressos da Internacional Socialista de 1891 e 1893 de que fosse aprovada resolução de greve geral em caso de guerra entre as potências europeias, principalmente nos setores da indústria bélica. GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburg y la espontaneidad revolucionaria*. La Plata: Utopia Libertaria, s.d.

210 “Leben wir denn tatsächlich im Jahre der glorreichen russischen Revolution oder stehen wir in der Zeit zehn Jahre vor ihr”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Jena vom 17. bis 23. september 1905*, p. 320.

211 “Die bisherigen Revolutionen, namentlich die von 1848, haben bewiesen, daß man in revolutionären Situationen nicht die Massen im Zügel halten muß, sondern die parlamentarischen Rechstanwälte, damit sie die Massen und die Revolution nicht verraten”. In: Idem, p. 320.

primeiro lugar. Segundo ela, “não a organização acima de tudo, mas sobretudo o espírito revolucionário do esclarecimento!”²¹² deve ser a forma de conscientizar as massas. Espírito esse que pode significar o sentido do Iluminismo na transformação da compreensão do mundo, recusando formas de dogmatismo. Esclarecer o proletariado sobre a luta de classes e a revolução social feita pela classe e que a liberta de seus grilhões. Este movimento não seria feito, portanto, somente pela organização. Esse era o grande ensinamento da revolução russa:

Aprendam uma vez com a Revolução Russa! As massas foram empurradas para a revolução, quase nenhum rastro de organização sindical e elas fortalecem agora sua organização passo a passo através da luta. É mesmo uma concepção totalmente mecânica e não dialética a de que organizações fortes devem sempre preceder a luta. Ao contrário, a organização nascerá também na luta junto com a consciência classe.²¹³

Luxemburg opunha-se aos que defendiam a organização acima de tudo, contestando, por conseguinte, também Bebel já que ele advogava a organização das massas antes de fazer a greve.

Por último, fechando a argumentação da ala esquerda do partido, Karl Liebknecht atestou o limite do desenvolvimento eleitoral:

Vê-se que, apesar do grande sucesso eleitoral, tudo continua na mesma. Isso explica a mudança de posição que há por trás disso, que haja uma sensibilidade maior em relação a ações extraparlamentares como o primeiro de Maio, que se procure por novas ações extraparlamentares e que a greve de massas encontre sempre mais adeptos.²¹⁴

Para Liebknecht, as eleições de 1903 não mostravam que eles estavam no sentido certo, ao contrário. O fato de nada ter saído do lugar levou à tentativa de radicalização. Assim, a greve de massas seria um meio, uma forma de luta política orgânica ao proletariado, porque nascera dentro dele, servindo para proteger os direitos conquistados até ali.

O congresso votou a favor da resolução de Bebel sem qualquer alteração: foram 287 votos a favor e 14 contra. Apesar de a esquerda defender a proposta, ela não era totalmente oposta aos reformistas, um setor do partido que crescia e ganhava força, contando também

212 “Nein, nicht die Organisation vor allem, sondern vor allem der revolutionären Geist der Aufklärung!”. In: Idem, p. 321.

213 “Lernen Sie einmal aus der russischen Revolution! Die Massen sind in die Revolution getrieben, fast keine Spur von gewerkschaftlicher Organisation, und sie festigen jetzt Schritt für Schritt ihre Organisationen durch den Kampf. Es ist eben eine ganz mechanische undialektische Auffassung, dass starke Organisationen dem Kampfe immer vorausgehen müssen. Die Organisation wird auch umgekehrt selbst im Kampf geboren zusammen mit der Klassenauflärung”. In: Idem, p. 321.

214 “Man sieht, dass trotz der grossen Wahlerfolge alles beim alten geblieben ist. Daraus erklärt sich der Stimmungsumschwung, der darin besteht, daß man in bezug auf ausserparlamentarische Aktionen wie die Maifeier empfindlicher geworden ist, daß man nach neuen ausserparlamentarischen Aktionen sucht und daß der Generalstreik immer mehr Anhänger findet”. In: *Protokoll des Parteitages abgehalten in Jena vom 17. bis 23. September 1905*, p. 326.

com sindicalistas como Legien. A resolução, apesar de não retirar o termo “greve de massas”, enfatizou o fortalecimento do partido, o que servia à tática reformista.

Percebe-se que os discursos foram se encaminhando para a cristalização do parlamentarismo como tática do partido ora reivindicado de acordo com certa tradição de luta pela via eleitoral, ora com uma suposta necessidade de mudança tática, como no caso do cargo de vice-presidente em 1903, embora o SPD não o tenha aceito.

2.7. *Massenstreik, Partei und Gewerkschaften – A Revolução Russa de 1905*

No final de setembro de 1906, Rosa Luxemburg publicou o famoso texto *Massenstreik, Partei und Gewerkschaften* (Greve de Massas, Partido e Sindicatos²¹⁵). A sua leitura à luz do congresso de 1905 permite-nos perceber o debate com o partido. Não é apenas um texto teórico sobre a greve de massas, mas uma defesa dentro da social-democracia dessa forma como expressão da revolução.

No final de 1905 e início de 1906, Luxemburg dirigiu-se para o meio da tormenta. Enfrentando determinações de companheiros do partido polonês, como Leo Jogisches que a queria em Berlim, ela viajou para Varsóvia a fim de participar da revolução. Foi presa na Polônia em 1906 e libertada em junho desse ano. Ao retornar para a Alemanha, editores alemães encomendaram um estudo sobre a experiência russa que resultou em *Greve de Massas...*²¹⁶

O texto, dividido em oito partes, foi escrito após os acontecimentos e dialogava com argumentos levantados no congresso anterior: a Rússia não era a Alemanha, a greve era um instrumento anarquista e precisaria ser muito bem organizada antes de colocada em prática, entre outros.

Luxemburg desconstruiu essas objeções, originárias da rejeição de Engels à greve geral anarquista, com base no marxismo e sem deixar de condenar também o anarquismo, muito mal visto pelos socialistas da época. Seu diálogo com os reformistas do partido é direto, citando Bernstein, Frohme, Bömelburg e suas tendências de que ou a greve de massas deveria ser um instrumento cronometrado com data e hora de início e fim, ou ela sequer deveria ser discutida.

Para a autora, a greve de massas seria o resultado de condições sociais, nasceria da materialidade e não explodiria artificialmente. Era preciso entender as condições que a

215 Daqui em diante, utilizaremos apenas *Greve de Massas...*

216 LASCHITZA, Annelies. *Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie*. Berlim: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1996. Ver também NETTL.

produziam, porque “é impossível 'propagar' a greve de massas como meio abstrato de luta assim como é impossível propagar a 'revolução'. A 'revolução' e a 'greve de massas' são conceitos que enquanto tais significam apenas a forma exterior da luta de classes, que só têm sentido e conteúdo em situações políticas bem determinadas”²¹⁷, da mesma forma seria impossível impedi-la, proibi-la e sua discussão só faria sentido dentro das condições concretas que a fizeram, objetivamente.

A distinção entre a greve de massas e a greve geral anarquista pontuada por Luxemburg, logo no começo do texto, não convence o leitor, apesar da intenção de estabelecer limites claros dizendo que o instrumento revolucionário da classe se caracteriza por um processo de lutas radicais que se constituem em aprendizado e auto-organização da classe, e não em um processo repentino que de uma só vez derruba o Estado e faz a revolução, como quereriam os anarquistas. O principal objetivo dela, e também de Zetkin no congresso anterior, em se diferenciar do anarquismo era para manter distância segura com o que era considerado quase uma doença no movimento operário. Segundo Petter Nettle, “a primeira coisa era arrancar a greve de massas da posse mais ou menos exclusiva dos anarquistas – pelo menos aos olhos de seus oponentes. Rosa Luxemburg estava bem consciente das fortes reservas que o partido alemão tinha sobre o assunto”²¹⁸. O argumento mais forte para afastar o anarquismo era o fato de que a greve de massas, para Luxemburg, não poderia ser planejada²¹⁹.

Em Luxemburg, as greves de massas na Rússia começaram em 1896 por motivações econômicas que se transformaram em fenômenos políticos, em necessidade de organização para os trabalhadores, criando e fortalecendo sindicatos. Ao longo do tempo, diversas greves teriam surgido por questões políticas, como apoio a operários massacrados em outras regiões. Já o movimento de 1905 teria um acúmulo de todas essas lutas e das organizações formadas, partindo da centralização da social-democracia e se fragmentando em inúmeras reivindicações locais: a luta política contra o absolutismo transformara-se em lutas econômicas, misturando-se as duas pautas. Conforme Nettle, a greve de massas era a unificação de uma série de eventos.

Contudo, a greve de massas teria se esgotado na Rússia antes de fazer a revolução,

217 LUXEMBURG, Rosa. “Greve de Massas, Partido e Sindicatos.” In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1, p. 271.

218 “the first thing was to wrest the mass strike from its more or less exclusive possession by the anarchists – at least in the eyes of its opponents. Rosa Luxemburg was well aware of the strong reservations in the German party on this account”. NETTL, John P. *Rosa Luxemburg*. Londres: Oxford University Press, 1966.

219 Idem.

porque as condições para tal não estariam dadas no país. Ao contrário, ela teria ajudado a desenvolver o capitalismo na região, modernizando-o, ao mesmo tempo em que conscientizou os trabalhadores, que se organizavam. Ela teria cumprido seu papel na Rússia; em um processo mais longo de lutas, terminaria de fazê-lo com a transformação profunda da sociedade para a qual ela ainda não estaria pronta.

Ao contrário de seus camaradas alemães, Luxemburg não entendia a greve movida por questões técnicas, cálculos matemáticos e estratégicos precisos, mas pela correlação de forças políticas e sociais de cada momento - era isso que determinava o desenrolar dos acontecimentos. A greve de massas era a “forma de expressão da luta proletária na revolução”²²⁰, e o seu conteúdo era feito das contradições sociais.

Ela se dirigiu diretamente aos “oportunistas alemães” - que só questionavam o derramamento de sangue da luta de rua sem entender que a classe operária se sacrificava todos os dias - afirmando que a diferença na revolução é que o sacrifício é em causa própria e civilizacional, pois uma revolução traz a transformação das relações sociais em prol de todos. Esta deveria ser a preocupação de um socialista científico. Enquanto a revolução não estivesse na ordem do dia, as lutas parlamentares por questões econômicas, como as tarifas alfandegárias, não teriam um efeito revolucionário, pois as melhorias de vida poderiam ser retiradas pelos capitalistas a qualquer momento. Para que as lutas econômicas fossem revolucionárias deveriam se unificar com as políticas: a sociedade burguesa separou-as, era preciso reunificá-las. Em Luxemburg, “é a revolução que primeiramente cria as condições sociais nas quais é viabilizada aquela transformação imediata da luta econômica em política e da luta política em econômica, que encontra sua expressão na greve de massas”²²¹.

A revolução acaba com as divisões instituídas pelo capitalismo, permite suplantá-la a divisão social do trabalho e, assim, também a divisão da vida social em setores.

Ainda contra os reformistas alemães, para Luxemburg, as condições do proletariado na Alemanha não eram tão diferentes da Rússia quando se observava a massa de trabalhadores fora da luta sindical, como os camponeses, por exemplo. Portanto, também ali as condições permitiriam a eclosão de uma ação revolucionária. Mas, no caso alemão, a revolução deveria levar ao socialismo, pois já viviam a democracia burguesa. E aí encontra-se a questão da organização. Na Alemanha, havia muitos sindicatos e o grande partido socialista, os quais achavam que era necessário fortalecer a máquina antes de agir e não compreendiam o

220 LUXEMBURG, Rosa. “Greve de Massas, Partido e Sindicatos.” In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1, p. 299.

221 Idem, p. 305.

desenvolvimento dialético da organização como produto da ação. Era isso que a experiência russa demonstrava: a organização também se constrói na luta e é nesta que a grande massa proletária aparece e cumpre suas tarefas.

Na Rússia, a base material que levou ao surgimento dessa nova forma revolucionária, para Luxemburg, era o modo de produção capitalista economicamente dominante amalgamado com uma estrutura absolutista arcaica. O capitalismo já se desenvolvia ali, de maneira periférica, por isso já existia o proletariado e, devido ao arcaísmo da classe dominante russa, este deveria fazer a revolução burguesa. Entretanto, a greve de massas transpusera este ponto e acenava para o futuro, colocando a Rússia como precursora da história da revolução social. O proletariado alemão deveria olhar para ela como um desenvolvimento de sua própria história, da revolução que ele mesmo deveria fazer. Por mais contraditório que fosse, o desenvolvimento capitalista não era uma “bela linha reta, mas num zigue-zague grosseiro, similar a um raio”²²², não se podia esperar que todos os países alcançassem o mesmo estágio de desenvolvimento “para que o todo possa continuar seu movimento”²²³; nesse sentido, o fato da Rússia ser um país atrasado, embora contraditório, não impede que ela imponha tarefas ao operariado alemão visando a revolução social.

Diante disso, quando as condições estivessem postas na Alemanha, eles não poderiam esperar até que todos os trabalhadores estivessem no mesmo estágio de consciência e fossem membros do partido, o que era a proposta da resolução aprovada em 1905. O papel do partido era acelerar os acontecimentos, explicando as contradições sociais, esclarecendo suas táticas e objetivo final para que a greve de massas acontecesse e carregasse todos consigo, conscientizando a massa em seu processo.

Assim, a sua resposta aos revisionistas do partido foi clara: não adiantava querer aplicar receitas, nem ser o senhor da situação, a greve de massas era fruto de condições sociais concretas, do desenvolvimento das contradições capitalistas, e uma forma de expressão da revolução. Eles não poderiam freá-la com medo do derramamento de sangue operário argumentando que “o sangue do povo é muito caro para mim”²²⁴. Para Luxemburg:

Todas as revoluções foram feitas às custas do sangue do povo. A grande diferença é que até agora o sangue do povo foi derramado em prol das classes dominantes, e agora, quando se falou da possibilidade de dar seu sangue por sua própria classe, aí vem os assim chamados social-democratas

222 LUXEMBURG, Rosa. “Greve de Massas, Partido e Sindicatos.” In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São paulo: Editora Unesp, 2011, v. 1, p. 331.

223 Idem, p. 331.

224 Wolfgang Heine. *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Jena*, 1905, p. 316.

cautelosos e dizem: não, este sangue é muito caro para nós.²²⁵

A cautela da social-democracia não se justificava nem do ponto de vista do desenvolvimento histórico, nem das condições daquele momento. A radicalização das contradições de classe permitiam maior esforço de agitação e propaganda por parte do partido. Em *Greve de Massas...*, Luxemburg acreditava que a revolução na Alemanha ainda demoraria a se realizar, mas poderia vir mais rápido do que o esperado e o partido não poderia se esquivar das suas tarefas durante períodos de efervescência. Se a greve de massas era um processo de lutas, 1905 e 1906 foram momentos importantes também na Alemanha com manifestações em diversos lugares. Haveriam outros nos anos seguintes, mas, ao contrário do que defendia Luxemburg, a direção não cumpriu seu papel de agitadora, tentando, antes, travar os movimentos espontâneos dos trabalhadores.

2.8. Congresso de Mannheim, 1906

No mesmo ano de publicação desse seu texto, *Greve de Massas...*, o Congresso de Mannheim discutiu novamente a tática e aprovou outra diretriz. O congresso ocorreu entre 23 e 29 de setembro de 1906 na cidade que pertencia ao então Grão-Ducado de Baden, no sudoeste da Alemanha. A pauta contava com os seguintes temas: greve política de massas, congresso internacional de 1907, primeiro de maio, social-democracia e educação popular e direito penal. Foi adicionada como pauta a relação entre partido e sindicatos, muito comentada durante o exame da greve de massas.

A diretriz sindical de 1905, que se recusava a discutir a greve de massas, gerou revolta na base tanto do partido quanto dos sindicatos levando a discussão ao congresso de 1905, como vimos. Ela retornou à pauta em 1906, pois, no começo deste ano, a direção do partido e a *Generalkommission* fizeram uma reunião a portas fechadas para discutir um entendimento entre as organizações sobre as práticas, unificando as ações.

Uma parte da ata dessa reunião foi publicada em junho pelo jornal *Einigkeit* (Unidade) da oposição sindical de Berlim, os localistas. Isso gerou nova discussão e acusações à direção do partido de que ela teria moderado o movimento pelo sufrágio de 1905/6 na Alemanha, logo após o congresso anterior.

O retorno da pauta ao congresso deu-se, então, por um descontentamento entre base e direção acerca das ações da segunda: ela teria sido pouco radical e evitado fomentar a greve.

225 “... alle Revolutionen mit dem Blut des Volkes erkaufte sind. Der ganze Unterschied ist, dass bis jetzt das Blut des Volkes für die herrschenden Klassen verspritzt wurde, und jetzt, wo von der Möglichkeit gesprochen wird, ihr Blut für ihre eigene Klasse zu lassen, da kommen vorsichtige, sogenannte Sozialdemokraten und sagen, nein, dies Blut ist uns zu teuer”. Idem, p. 321

Vimos como a defesa de Bebel desta tática foi insatisfatória, ele advogou na verdade pelo fortalecimento do partido e não pela utilização da tática, o que era parte da crítica de Luxemburg em *Greve de Massas*.... Na verdade, a autora achava que era necessário o preparo da vanguarda social-democrata para o movimento que viria, a greve de massas. A diferença entre a resolução e aquilo que as bases queriam gerou dissensões, mas, no congresso, não se tratava de ouvir as bases e sim os dirigentes e, aqui, temos a esquerda e a direita novamente.

A proposta apresentada por Bebel mais uma vez reafirmava a posição do partido tomada em Jena, enfatizando a obrigação de todos os membros de expandirem a organização e a unidade entre as duas instituições da classe trabalhadora - partido e sindicatos - porque elas dependeriam uma da outra para serem eficazes em seus objetivos. Assim, a decisão de fazer uma greve de massas deveria ser tomada entre os dois órgãos dirigentes para que ela fosse bem-sucedida.

A apresentação de Bebel foi uma explanação sobre o sentido da resolução de Jena. Esta colocaria a greve de massas como uma possibilidade sem apelar para o seu uso imediato. Era um instrumento que exigiria muita organização e o partido não estaria preparado para isso. Além disso, os sindicatos resistiam em adotar a tática, o que distanciaria as massas impedindo a sua realização.

É uma falsa interpretação da resolução de Jena dizer que ela exigia que nós entrássemos em uma greve de massas na próxima oportunidade. (...) Um olhar sobre o debate da greve de massas até aqui mostra que sem a aprovação dos dirigentes e membros sindicais não se pode pensar na realizabilidade de uma greve de massas. (...) É, em geral, impensável realizar uma greve de massas sem que haja uma disposição geral nas mais amplas massas.²²⁶

Também na Rússia as greves não teriam se estabelecido sem o apoio da ampla maioria dos trabalhadores. Este seria um fator determinante para a eficácia do instrumento, que só era compatível com estruturas econômicas específicas; a greve de massas não serviria para todos os lugares e ganhava características diferentes em cada contexto. Assim, se na Alemanha o norte fizesse uma greve, o sul não acompanharia, porque eram realidades muito diferentes e “uma esperança de uma greve geral de simpatia por parte dos alemães do sul estaria construída sobre a areia”²²⁷.

226 “Es ist eine falsche Auffassung der Jenaer Resolution, als verlangte sie, daß wir bei nächster Gelegenheit ohne weiteres in eine Massenstreik eintreten sollten [...] ein Blick auf die bisherige Massenstreikdebatte zeigt, daß ohne die Zustimmung der Gewerkschaftsführer und -Mitglieder an die Ausführbarkeit eines Massenstreiks nicht gedacht werden kann [...]. Es ist überhaupt undenkbar, einen Massenstreik durchzuführen, ohne daß in den breitesten Massen die Gesamtstimmung dafür vorhanden ist.” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mannheim*, 1906, p. 231.

227 “Eine Hoffnung auf einen allgemeinen Sympathiestreik der Süddeutschen wäre auf Sand gebaut.” *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mannheim*, 1906, p. 233. Aqui, ele faz uma referência a greves de apoio ocorridas

A greve, para Bebel, precisava de uma maioria numérica de trabalhadores, algo que eles não tinham e, por isso, as condições da Rússia e da Alemanha seriam muito diferentes. Neste último país, seria mais fácil fazer uma greve para defender direitos do que para conquistá-los.

Expressa-se, nesse momento, a influência que os sindicatos passam a ter nas decisões do partido²²⁸, pois foi depois de um ano de reuniões e debates com a direção sindical que Bebel moderou mais seu discurso, declarando com todas as letras que a greve de massas era um último recurso e mesmo em caso de guerra, como haviam defendido alguns socialistas na Internacional, a greve geral ou greve de massas não seria viável.

Na eclosão de uma tal guerra [entre Rússia e Alemanha], marcharão sob armas, do primeiro dia em diante, na Alemanha 5 milhões, entre eles, muitas centenas de milhares de camaradas do partido. A nação toda estará sob armas! Miséria horrível, desemprego generalizado, fome, paralisação das fábricas, queda das ações – alguém acredita que se poderia em um momento destes, no qual cada um só pensa em si, encenar uma greve de massas? (...) A direção do partido estaria desorientada para encenar uma greve de massas em um momento desses, com a mobilização do estado de guerra declarada imediatamente em toda a Alemanha, e então não seriam mais os tribunais civis a julgarem, mas os militares.²²⁹

Assim, mesmo em caso de guerra - o que ele considerava improvável, porque a Alemanha estava isolada na política internacional - a radicalização não seria uma opção, já que as pessoas estariam em um momento muito individualista para fazer uma ação coletiva.

A tensão entre partido e sindicatos era grande neste congresso e, por isso, um segundo orador foi escolhido: Karl Legien. Em 1905, ele havia proposto a retirada do termo *Massenarbeitseinstellung* da resolução porque isso incentivaria elementos anarcossocialistas. No discurso de 1906, retomou essa observação dizendo que foi exatamente o que ocorrera no decorrer do ano: ao se posicionar explicitamente pela greve de massas, a resolução teria dado a certos setores do partido a impressão de que ela deveria ser feita imediatamente; e criticou Bebel por não ter deixado mais claro a necessidade de organização antes da prática, o que na

na Espanha pra demonstrar solidariedade a movimentos em outros países. Em geral, no SPD, esse tipo de ação não surtia efeito.

228 SCHORSKE, Carl E. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

229 “Bei Ausbruch eines solchen Krieges marschieren vom ersten Tage ab in Deutschland 5 Millionen unter den Waffen, darunter viele hunderttausend Parteigenossen. Die ganze Nation steht unter den Waffen! Furchtbares Elend, allgemeine Arbeitslosigkeit, Hunger, Stillstand der Fabriken, Sinken der Wertpapiere - glaubt man, man könne in einem solchen Moment, wo jeder nur an sich denkt, einen Massenstreik inszenieren? [...] Würde eine Parteileitung so kopflos sein, an einem solchen Tage einen Massenstreik zu inszenieren, so würde sofort mit der Mobilmachung der Kriegszustand über ganz Deutschland verhängt werden, und dann haben nicht mehr die Zivilgerichte, sondern die Militärgerichte zu entscheiden”. *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mannheim, 1906*, p. 241.

opinião dele significaria retirar a palavra do texto.

O problema daquela discussão, segundo Legien, era que muitos membros do partido confundiam as condições da Alemanha com as condições da Rússia: elas seriam muito diferentes. Era preciso ter clareza de que: 1) a greve de massas não significava a revolução; e 2) as condições para esta não estavam dadas na Alemanha, porque a tomada de setores estratégicos por parte do movimento operário era essencial para se fazer a derrubada do Estado burguês. Eles ainda não tinham alcançado esses setores, esses trabalhadores estariam distantes do movimento, o que tornava a revolução algo improvável.

Sobre sindicatos e partido, ainda que houvesse diferenças entre as organizações, para Legien, não havia grandes contradições entre elas. Para ele, a resolução do Congresso de Jena e a resolução do Congresso Sindical em Colônia não eram contraditórias: a diferença é que este deixara a questão em aberto, não definindo nada sobre o tema da greve de massas nem estabelecendo instrumentos de luta, enquanto aquele falara explicitamente em *Massenstreik*.

Essa defesa de uma suposta unidade entre as duas organizações é um elemento muito mais retórico do que real, visto que a recusa dos dirigentes sindicais em debater o tema era, na verdade, a negação do próprio instrumento e, portanto, estava em confronto com o partido. A tentativa, bem-sucedida, de impor uma interpretação conciliadora estava ligada à busca de hegemonia dentro da organização social-democrata, o que ocorreu de fato. Os sindicatos, em sua briga por uma independência em relação ao SPD, tomaram conta deste e o submeteram a seus dirigentes²³⁰.

Havia um conflito entre membros do partido e membros do partido sindicalizados, pois estes ignoravam as decisões congressuais em sua atuação nas organizações de trabalho. Por isso, Kautsky fez uma proposta de emenda à resolução de Bebel, preocupado com a disciplina partidária.

Para Kautsky, os sindicatos na Alemanha floresceram e se desenvolveram por causa de sua ligação com a social-democracia e de seu duplo caráter: organização de assistência e de luta. Para que o sindicato continuasse crescendo, este precisaria ser mais do que uma organização de apoio, precisaria ser combativo e tal combatividade, na Alemanha, viria da atuação do SPD nas organizações de trabalhadores, fazendo-as se expandir. Contudo, isso exigiria disciplina na atuação dos membros do partido em todos os seus espaços de militância.

A falta de disciplina enfraquecia a organização, ela era “a força motriz da luta de classes proletária”²³¹. Por isso, sua proposta acrescentaria este último parágrafo à resolução de

230 SCHORSKE, op. cit.

231 *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mannheim*, 1906, p. 258.

Bebel:

Mas para assegurar essa uniformidade do pensamento e da ação do partido e do sindicato, que constitui uma exigência indispensável para o progresso vitorioso da luta de classes proletária, é absolutamente necessário que os sindicatos sejam comandados pelo espírito da social-democracia. Por isso, é dever de cada camarada do partido agir nesse sentido nos sindicatos e se sentir ligado às resoluções dos congressos do partido na atividade sindical, assim como em todas as outras ocupações públicas, no sentido definido pelo camarada Bömelburg. Isto é conveniente ao interesse do próprio movimento sindical, pois a Social-democracia é a forma mais elevada e mais abrangente da luta de classes proletária e nenhuma organização proletária, nenhum movimento proletário pode fazer justiça completa à sua tarefa se não for preenchido pelo espírito da Social-democracia.²³²

As propostas de emenda de Legien e Kautsky não se confrontavam diretamente, mas expressavam posições internas diferentes. Legien queria abafar os conflitos entre partido e sindicatos apagando as diferenças, já Kautsky queria enfatizar a necessidade de disciplina por parte dos companheiros de partido em sua atuação nos sindicatos: para os membros do partido, esta organização deveria estar acima de qualquer outra e as suas práticas deveriam ser guiadas pelas resoluções partidárias, mesmo na atividade sindical.

Expressam-se, acima, as opiniões de um dirigente sindical e de um dirigente partidário, Legien e Kautsky, respectivamente. No meio dessa disputa, uma questão reaparece: revolução ou transformação pela via parlamentar? É a continuação do mesmo debate refletido no embate entre sindicalistas e membros do partido, pois a direção sindical não queria radicalizar, enquanto uma parte do partido sim. Por isso, a Rússia foi um elemento de disputa: seria possível ou não a comparação entre os dois países?

David defendeu que não era possível. A Alemanha não estaria pronta para utilizar a greve de massas sem ser massacrada pelo aparato repressivo ou transformar o movimento em uma batalha campal. A revolução que os social-democratas defenderiam era o estabelecimento de uma nova economia, não uma revolução de rua. Segundo ele, “nós queremos dizer que entendemos por revolução aquele desenvolvimento orgânico; que, no que depender de nós, não queremos provocar violência”²³³.

232 “Um aber jene Einheitlichkeit des Denkens und Handelns von Partei und Gewerkschaft zu sichern, die ein unentbehrliches Erfordernis für den siegreichen Fortgang des proletarischen Klassenkampfes bildet, ist es unbedingt notwendig, dass die Gewerkschaften von dem Geiste der Sozialdemokratie beherrscht werden. Es ist daher Pflicht eines jeden Parteigenossen, in diesem Sinne in den Gewerkschaften zu wirken und sich bei der gewerkschaftlichen Tätigkeit wie bei jeder anderen öffentlichen Betätigung an die Beschlüsse der Parteitage gebunden zu fühlen in dem Sinne, wie es Genosse Bömelburg definiert hat. Dies ist geboten im Interesse der gewerkschaftlichen Bewegung selbst, denn die Sozialdemokratie ist die höchste und umfassendste Form des proletarischen Klassenkampfes, und keine proletarische Organisation, keine proletarische Bewegung kann ihrer Aufgabe vollständig gerecht werden, die nicht vom Geist der Sozialdemokratie erfüllt ist”. *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mannheim, 1906*, p. 138.

233 “Wir wollen aussprechen, daß wir unter Revolution jene organische Entwicklung verstehen, daß wir, was

Deste modo, o desenvolvimento orgânico seria um caminho pacífico até uma nova ordem econômica. “Pacífico” significava a aprovação de leis progressistas através da atuação parlamentar. Assim o partido atuara até ali, e agora queria o “revisionismo revolucionário”, nas palavras de David - alterar a tática voltando ao tempo das barricadas. Com poucas diferenças, essa foi a posição daqueles que eram contra a utilização da greve de massas: Kolb, Legien, Bömelburg, etc.

Diante dessas posições, Rosa Luxemburg criticou a postura de vários companheiros defensores da unidade acima de tudo, nem que para isso fosse preciso a aprovação de uma proposta que não fazia o menor sentido: a afirmação de que não havia contradição entre a resolução de Jena e de Colônia, aprovando-se também que o partido nunca aceitou a greve geral como arma de luta.

Para Luxemburg, não havia problema em criticar a greve geral, já que ela tenta diferenciar este instrumento anarquista do conceito de greve de massas, sendo o segundo a apresentar suas potencialidades como instrumento para a revolução. Como social-democratas, eles deveriam tirar lições dessa história e a Rússia ensinava que as organizações poderiam ser criadas e fortalecidas a partir do movimento das massas e que não eram os dirigentes quem decidiriam sobre o momento da ação, mas as bases. Da perspectiva de Rosa, a social-democracia estaria aquém de suas bases, como demonstrava o discurso cada vez mais à direita de Bebel defendendo certa inércia do partido no caso de um conflito internacional, enquanto os socialistas franceses haviam aprovado a revolta popular. A social-democracia deveria fazer o mesmo e se a direção não fazia, então que a base do partido a empurrasse para a radicalização desconsiderando os acordos feitos às escondidas. Ela defendia a proposta de Kautsky e a denegação da proposta de Bebel-Legien, pois apesar de tudo, revolução se faz com disciplina, a disciplina operária²³⁴.

Vemos que sua brochura e seu discurso no congresso apresentam uma terceira posição, pois ela não defende a greve de massas como algo que possa ser deflagrado, ela defende que a organização não se coloque acima do movimento, mas, ao contrário, o fomenta com agitação e conscientização. Era necessário entusiasmo²³⁵.

Por diversas vezes, sindicalistas e reformistas pediram para Kautsky retirar a sua proposta porque ela atrapalharia a unidade do movimento operário, gerando uma

an uns liegt, keine Gewalt provozieren wollen”. *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mannheim*, 1906, p. 260.

234 Ver LUXEMBURG, Rosa. “Questões de Organização da Social-Democracia Russa”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*, volume I. São paulo: Editora Unesp, 2011.

235 NETTL, John P. *Rosa Luxemburg*. Londres: Oxford University Press, 1966.

preponderância do partido sobre o sindicato. Kautsky atendeu em parte o pedido, retirando o trecho final do parágrafo que deveria ser adicionado e que falava diretamente da disciplina e respeito às decisões partidárias em todos os meios de militância. Segue o trecho retirado:

(...) agir nesse sentido nos sindicatos e se sentir ligado às resoluções dos congressos do partido na atividade sindical, assim como em todas as outras ocupações públicas, no sentido definido pelo camarada Bömelburg. Isto é conveniente ao interesse do próprio movimento sindical, pois a Social-democracia é a forma mais elevada e mais abrangente da luta de classes proletária e nenhuma organização proletária, nenhum movimento proletário pode fazer justiça completa à sua tarefa se não for preenchido pelo espírito da Social-democracia.²³⁶

O parágrafo final aprovado foi:

Mas para assegurar essa uniformidade do pensamento e da ação do partido e do sindicato, que constitui uma exigência indispensável para o progresso vitorioso da luta de classes proletária, é absolutamente necessário que o **movimento sindical** seja **preenchido** pelo espírito da social-democracia. Por isso, é dever de cada camarada do partido agir nesse sentido.²³⁷

As palavras trocadas suavizaram o sentido disciplinar do texto e tiraram a obrigatoriedade de centralização com a linha partidária na atuação sindical ao não especificar a organização em si (“sindicatos”), mas tratar do movimento como um todo (“movimento sindical”) e por trocar o verbo “comandar” por “preencher”, além da exclusão do trecho citado que é mais enfático.

Além dessa manobra, também a emenda Bebel-Legien foi adotada. Ela dizia:

O congresso ratifica a resolução do Congresso de Jena sobre greve política de massas e tem como superada toda a discussão sobre a resolução do Congresso Sindical de Colônia depois da constatação de que essa resolução não está em contradição com a resolução de Jena.²³⁸

O resultado final foi mais uma decisão conciliatória e ineficaz que gerava dissensão na hora da prática. A greve de massas, embora afirmada como recurso, foi colocada como a última arma e não seria fomentada pela direção nem em casos extremos, como a crise do

236 “... in diesem Sinne in den Gewerkschaften zu wirken und sich bei der gewerkschaftlichen Tätigkeit wie bei jeder anderen öffentlichen Betätigung an die Beschlüsse der Parteitage gebunden zu fühlen in dem Sinne, wie es Genosse Bömelburg definiert hat. Dies ist geboten im Interesse der gewerkschaftlichen Bewegung selbst, denn die Sozialdemokratie ist die höchste und umfassendste Form des proletarischen Klassenkampfes, und keine proletarische Organisation, keine proletarische Bewegung kann ihrer Aufgabe vollständig gerecht werden, die nicht vom Geist der Sozialdemokratie erfüllt ist”. *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Mannheim*, 1906, p. 138.

237 “Um aber jene Einheitlichkeit des Denkens und Handelns von Partei und Gewerkschaft zu sichern, die ein unentbehrliches Erfordernis für den siegreichen Fortgang des proletarischen Klassenkampfes bildet, ist es unbedingt notwendig, daß die gewerkschaftliche Bewegung von dem Geiste der Sozialdemokratie erfüllt werden. Es ist daher Pflicht eines jeden Parteigenossen, in diesem Sinne zu wirken”. Idem, p. 305. (grifo meu).

238 “Der Parteitag bestätigt den Jenaer Parteitagebeschuß zum politischen Massenstreik und hält nach der Feststellung, daß der Beschluß des Kölner Gewerkschaftskongresses nicht im Widerspruch steht mit dem Jenaer Beschluß, allen Streit über des Kölner Beschlusses für erledigt”. Idem, p. 148.

Marrocos de 1911 ou a guerra mundial.

2.9. Congresso de Essen, 1907

Após o encaminhamento da greve de massas como ferramenta ocasional, o final do ano de 1906 apresentou surpresas para o SPD e impôs a questão colonial e o imperialismo como pauta.

A Alemanha enfrentava revoltas na colônia no sudoeste da África, atual Namíbia, desde 1903/1904. Vimos que em 1906 mais um levante dos hereros aconteceu e sua debelação se transformou em genocídio dos povos nativos pelo exército imperial alemão. Neste ano, o *Reichstag* foi fechado por não votarem a lei orçamentária encaminhada pelo chanceler Bülow para cobrir os gastos militares da expansão colonial. A propaganda eleitoral que se seguiu direcionou-se sobretudo contra a social-democracia, enfatizando seu antinacionalismo. O resultado foi a constituição de um bloco a favor do chanceler (*Bülow Block*), mas que também não se sustentou unido por muito tempo.

Com a eleição adiada e os recursos mobilizados contra o SPD, o resultado eleitoral do partido foi ruim, perdendo metade de seus mandatos²³⁹. Como não poderia deixar de acontecer, o tema foi calorosamente debatido na imprensa e no Congresso, especialmente, pelas atitudes tomadas pela direção e pela bancada social-democrata após as eleições, atitudes bastante cautelosas e polêmicas.

Os temas do militarismo e da colonização também estiveram presentes no Congresso da Internacional Socialista deste ano, realizado em Stuttgart. Segundo Edgard Carone, as discussões sobre ambos os temas foram acaloradas. As colônias não eram vistas por todos os socialistas como um problema em si, como já observamos em debates do próprio SPD. Para alguns, elas eram necessárias para a sobrevivência da Europa, sendo que o problema estaria na forma brutalizada do capitalismo; para outros, ela era uma missão civilizatória europeia. O ponto em comum residia nos métodos capitalistas que foram rechaçados na resolução²⁴⁰.

Quanto ao militarismo, o debate não apenas foi intenso como teve reviravoltas. As primeiras resoluções apresentadas e bastante diferentes não geraram consenso, o que possibilitou à minoria radical, representada por Rosa, Lenin e Martov, manobrar o congresso e aprovar uma diretriz mais à esquerda, conclamando os socialistas de todo o mundo à

239 Ver na TABELA 8 que a maioria dos partidos ganha parlamentares, resultado da redistribuição dos votos do SPD.

240 CARONE, Edgar. *A II Internacional Pelos Seus Congressos (1889-1914)*. São Paulo: Editora Anita; Editora Universidade de São Paulo, 1993.

resistirem caso os Estados declarassem uma guerra²⁴¹.

Pouco após estes debates, e sem a presença de Luxemburg, aconteceu o Congresso do SPD em Essen, entre 15 e 21 de setembro de 1907 na cidade renana situada no Ruhr, onde extraía-se carvão e produzia-se aço. Na pauta constaram os temas: primeiro de maio, as eleições parlamentares e a questão do álcool.

Após as eleições abriu-se novamente no *Reichstag* a discussão sobre o orçamento militar. Bebel e Gustav Noske defenderam no plenário a ideia de que a milícia não era contraditória com a defesa nacional. Segundo Carl Schorske, Bebel chegou a dizer que o SPD apoiaria orçamentos militares caso fossem pagos com impostos diretos. Noske extrapolou mais o discurso de Bebel e disse que a social-democracia defenderia militarmente o país caso necessário, que a Alemanha seria muito mais forte se os partidos trabalhassem juntos com o SPD para produzir uma sociedade melhor. Para Schorske, “aonde o partido tradicionalmente advogava reforma militar como parte da luta por uma sociedade livre, Noske clamava por uma sociedade mais livre para produzir um estado mais forte”²⁴².

O discurso não poderia passar batido pelos militantes socialistas e foi muito criticado na imprensa e no congresso, na seção sobre a atividade parlamentar. Foi Albert Südekum que iniciou o assunto, defendendo as práticas da bancada como membro que era dela. Defendeu o discurso de Noske sobre a questão militar e o voto a favor da elevação dos soldos. Embora Südekum fale das críticas dos deputados à política colonial alemã, diz também que o ponto de partida da bancada é “que, de um lado, é sua tarefa defender os interesses de seu próprio povo e, por outro lado, engajar-se por um tratamento humano dos indígenas”²⁴³. A crítica à colonização é, portanto, muito rasa, esbarrando sempre no dever “civilizatório” dos alemães ou dos socialistas, espírito presente também na Internacional.

O debate sobre o militarismo é carregado com essa ideia. Após sofrer uma derrota eleitoral, avaliada como resultado do internacionalismo do partido, revisionistas e lideranças antes de esquerda posicionaram-se na salvaguarda do território nacional com a necessidade de um braço armado. A partir daí, muitas falas afirmaram uma suposta tradição do partido de defender a mudança gradual do exército para o povo em armas, tendo como elemento a

241 Idem.

242 SCHORSKE, Carl. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993, p. 77. No original: “Where the party traditionally advocated military reform as part of the struggle for a free society, Noske called for a freer society in order to produce a stronger state.”

243 “daß es einerseits ihre Aufgabe sei, die Interessen des eigenen Volkes zu schützen, und andererseits für eine menschliche Behandlung der Eingeborenen einzutreten”. *Protokol des Parteitages abgehalten zu Essen*, 1907, p. 228.

conscientização dos soldados nessa mudança. É o que defendem Noske, Bebel, David e até Klara Zetkin quando diz:

Não temos que fazer nenhuma concessão para ele [*o militarismo*], mas trabalhar constantemente na sua superação. Dois caminhos que levam a esse objetivo devem ser ambos seguidos por nós. Um é trabalhar continuamente pela democratização do exército existente no sentido do armamento universal do povo. Não para entregar a pátria indefesa ao inimigo. Não. Mas para tornar a pátria fortificada. Outro é minar o militarismo por dentro através da revolução das mentes.²⁴⁴

A confusão sobre o papel do militarismo no capitalismo e para a revolução era grande, à direita e à esquerda, principalmente porque envolvia sentimentos nacionais que afloravam e eram insuflados pela propaganda. Como pedir ao alemão que se irmane com o francês no combate à burguesia em detrimento de seu território nacional? O dilema era grande e as eleições Hotentote colocaram-no ao partido.

Por isso, a discussão girou em torno do que seria o patriotismo, enfatizado por Noske e defendido por ele como um patriotismo proletário, verdadeiro, em oposição ao burguês. Mas ele não teria feito essa diferença durante seu discurso e esta foi uma das críticas, feita por Stadthagen, por exemplo.

De um modo geral, a direita com David, Vollmar, Noske e Bebel defendeu o patriotismo operário na salvaguarda de seu país, berço de sua cultura, sua língua, e o engajamento de todo o povo no caso de uma guerra de autodefesa. Esse é o sentido do discurso feito no parlamento e reiterado em diversas intervenções: a necessidade de proteger a pátria no caso de serem atacados, a guerra seria então de defesa e os socialistas deveriam se comprometer com o país nesse caso.

Do outro lado, a esquerda com Lensch, Stadthagen, Zetkin, Liebknecht e Kautsky pensava que não existia uma posição de princípios e que a decisão deveria ser tomada na conjuntura em que uma guerra de autodefesa estivesse colocada. O importante na questão do militarismo seria explicar suas relações com a classe dominante, como ele servia a ela, e enfatizar a solidariedade internacional da classe.

Lensch salientou a mudança de contexto que viveram depois da revolução russa de 1905. Até então a Rússia era o bastião do reacionarismo na Europa e uma guerra contra ela teria tido um sentido revolucionário. Assim como a Guerra Franco Prussiana em 1870 teve

244 “Wir haben ihm keine Konzession zu machen, sondern müssen beständig an seiner Ueberwindung arbeiten. Zwei wege führen zu dem Ziel, die wir beide gehen müssen. Der eine ist, daß wir unablässig an der Demokratisierung des stehenden Heeres arbeiten, in der Richtung zur allgemeinen Volksbewaffnung. Nicht, um das Vaterland wehrlos dem Feinde auszuliefern, nein, um das Vaterland wehrhaft zu machen. Der andere ist, daß wir den Militarismus von innen aushöhlen durch die Revolutionierung der Köpfe” *Protokol des Parteitages abgehalten zu Essen*, 1907, p. 250.

um sentido de autodefesa, ao menos em um primeiro momento. No entanto, após 1905, uma guerra contra a Rússia combateria avanços do proletariado adquirindo um caráter reacionário.

Essa posição é semelhante à de Zetkin e atacada por Bebel, quando ele ignora a mudança de conjuntura e reafirma que uma guerra contra a Rússia seria de autodefesa, combatendo o czarismo, e continua dizendo que todo social-democrata seria capaz de identificar tal tipo de guerra, devendo apoiar o esforço do povo para defender o país. A isso Kautsky responde: “Eu gostaria de não tomar essa responsabilidade para mim”²⁴⁵. Para este, não seria fácil essa tarefa, pois o governo poderia enganar o povo. Além disso, diz Kautsky:

Na verdade, trata-se para nós, na eventualidade de uma guerra, não de uma questão nacional, mas internacional, pois uma guerra entre grandes Estados seria uma guerra mundial, ela tocaria toda a Europa e não apenas dois países.²⁴⁶

Observa-se durante este debate que o SPD estava forjando outra ideia acerca da questão nacional: a possibilidade de apoiar a defesa da pátria. A ela soma-se a russofobia que via na Rússia o bastião da reação na Europa, daí a defesa de um engajamento em uma possível guerra contra o país; e também a questão da milícia presente em seu programa e discutida desde 1899²⁴⁷.

Nesse período, as posições se alteraram. Se lá não havia acordo sobre a transformação do exército em milícia, gradualmente, esse se torna o discurso hegemônico; inclusive com a reprovação da proposta de Karl Liebknecht de uma propaganda antimilitarista. O argumento de Vollmar foi de que isso apressaria os acontecimentos, eles precisavam ter calma. Segundo Vollmar:

Nós devemos, decerto, aproximar-nos dos jovens a que temos acesso, mas não com grandes frases feitas, mas aprofundando a formação deles em todos os sentidos, plantando nossa visão de mundo, nossos ideais de cultura para despertar neles o sentimento de honra e os ensinar a sentirem-se como cidadãos mesmo com uniforme militar e lutarem pela cidadania e por direitos humanos.²⁴⁸

245 “Ich möchte diese Verantwortung nicht auf mich nehmen” *Protokol des Parteitages abgehalten zu Essen*, 1907, p. 261.

246 “Im Wirklichkeit handelt es sich im Falle eines Krieges für uns nicht um eine nationale, sondern um eine internationale Frage; denn ein Krieg zwischen Großstaaten wird zum Weltkrieg, er berührt ganz Europa und nicht bloß zwei Länder allein” *Protokol des Parteitages abgehalten zu Essen*, 1907, p. 261

247 SCHORSKE, Carl. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993

248 “Wir sollen gewiß an die für uns zugängliche Jugend herantreten, aber nicht mit großen Redensarten, sondern indem wir ihre Bildung nach jeder Richtung hin vertiefen, indem wir unsere Weltanschauung, unsere Kulturideale in sie hineinpflanzen, da Ehrgefühl in ihnen erwecken und sie lehren, sich auch im Waffenrock als Bürger zu fühlen und für ihre Bürger- und Menschenrechte einzutreten” *Protokol des Parteitages abgehalten zu Essen*, 1907, p. 257

Apesar da discussão não há resolução sobre o assunto. O orador Südekum encerrou o debate dizendo que não havia críticas à atividade parlamentar que, portanto, permaneceria a mesma. O discurso é um tanto estranho, pois havia críticas e foram elas que causaram o debate, elas só não se materializaram em uma resolução, porque os críticos eram minoria.

Assim como na questão nacional, também para o primeiro de maio, a direção mostrou-se conservadora, pois se recusou a alterar suas práticas diante das mobilizações de 1905. Depois de 1907, na verdade, ela tendeu a se moderar cada vez mais. No primeiro de maio de 1907, a direção encaminhou um comunicado para os comitês/núcleos do partido dizendo que a greve deveria ser evitada em regiões de alta tensão, o que deu força para retaliações por parte dos empregadores²⁴⁹.

O problema no congresso ficou, então, entre a maior radicalização da luta ou sua moderação na data, por causa da questão do dinheiro necessário para dar suporte aos trabalhadores que sofriam *lockouts* ou eram demitidos. Os sindicatos queriam dividir os custos com o partido, o que era desproporcional pois o caixa dos primeiros era muito maior devido ao também maior número de filiados. A esquerda via possibilidade de avanço na defesa do dia de descanso através da greve.

Richard Fischer, o orador, defendeu a posição da direção separando luta política, parlamentar e partidária, da luta econômica, na fábrica e sindicalista. O primeiro de maio seria uma luta econômica, por isso não poderiam abrir mão do apoio financeiro, o que trazia sérias dificuldades na convocação de greves no mesmo dia.

Fischer disse também que, caso houvesse uma mobilização real, não seria um comunicado da direção que a desmantelaria. De fato, algumas regiões conseguiam tomar a dianteira, mas muitas se guiavam pelos avisos da diretoria. Não podemos esquecer que o partido como forma de organização dos trabalhadores surgia neste momento, era uma forma recente do movimento operário e, por isso, não era tão simples se desvincular de uma estrutura que se hierarquizara ao longo do tempo e que fora criada pelos trabalhadores, trilhando, aparentemente, um caminho que levaria à revolução, pois já haviam tido várias conquistas. O partido criara uma disciplina, um *modus operandi*, por isso, dizer que a diretoria não impediria uma mobilização é em parte verdade. Diferente da Rússia, na Alemanha o movimento já estava hierarquizado e quebrar com isso demandaria mais esforço do que criar organizações a partir da autoatividade, como na Rússia²⁵⁰.

Essas questões todas vem à superfície devido ao momento de ebulição social que

249 SCHORSKE, op. cit.

250 Ver SOUZA, Luiz Enrique Vieira de.

viviam e que gerava reações das próprias classes dominantes. Ao menos esta é uma leitura possível, feita por Bebel na discussão sobre as eleições de 1907 e o lugar político da social-democracia, sobre as causas da derrota eleitoral daquele ano.

O motivo geral apontado da perda de mandatos foi a falta de organização do partido em cidades pequenas, interioranas, e o bloco formado pelo governo e classes dominantes contra a social-democracia. Mas havia a discussão acerca das alianças com outros partidos. Ela sempre acontecia, principalmente em períodos eleitorais, em diversas regiões. Em 1907, porém, os liberais foram importantes na campanha contra o SPD, por isso, havia sete propostas no congresso que queriam a abstenção do partido no caso de segundo turno em que não houvesse socialista participando.

Bebel foi o orador desse tema e sua fala deixou ambiguidade, pois ele afirmou o acirramento da luta de classes ao mesmo tempo que falou das votações conjuntas com o *Zentrum* ou liberais para aprovar propostas sociais, já que o SPD sozinho não conseguiria nada. Em torno disso ficou o debate, uns criticando as alianças (em 1907, a direção indicou a aliança com o *Zentrum*, conservador) e outros defendendo-a ocasionalmente. Ao final, nenhuma resolução foi aprovada.

Apesar de um ascenso do movimento operário entre 1905 e 1906, as direções operárias na Alemanha se moderaram, evitando grandes ações, o que se evidencia com a queda no número de greves e seus participantes.

Luxemburg, em um discurso de março de 1907 sobre o tema da eleição, alertou para a sobrevalorização do parlamentarismo, o qual não deveria ser o foco da militância. A derrota eleitoral teria sido resultado da mudança de lado das classes médias e pequena-burguesia que se uniram aos opressores. No entanto, a importância do *Reichstag* para os socialistas estava na sua capacidade de mobilização que, naquele momento, era baixa. Mais importante seria a rua; os acontecimentos de 1905 haviam trazido as ruas de volta como meio de luta, e a libertação das camadas médias obrigaria o partido a radicalizar para uma política puramente operária. O dever do SPD seria agitar o proletariado, a massa revolucionária, colocá-la em movimento para que ela carregasse a massa eleitoral, pendular junto com ela. A derrota eleitoral deveria, portanto, empurrá-los adiante, não os desanimar. A certeza do caminho se fazia sentir com os acontecimentos e com a própria mobilização da burguesia contra o partido²⁵¹.

A eleição de 1907 foi um marco para a social-democracia alemã. Redesenharam-se os grupos, Bebel foi para a direita, caminho que trilhava desde 1905, assim como Kautsky logo depois. Os reformistas tomaram a cena e a esquerda tornou-se “revisionista”, “querendo rever

251 LUXEMBURG, R. “Die Lehren der letzten Reichstagswahl”. In: _____ GW, 1981, v. 2, p. 191-198.

as táticas do partido”. Ganhou a cena um discurso tradicionalista que ignorava os acontecimentos recentes. A direção imobilizou-se, conservou-se, enquanto o trem da história passava e a social-democracia não subiu nele, permanecendo na plataforma, olhando.

2.10. Congresso de Jena, 1911

A luta pelo sufrágio universal na Prússia em 1910 alterou os aliados de Luxemburg no SPD. Em janeiro, a mobilização pela reforma eleitoral na Prússia começou com um congresso regional que aprovou táticas contra alianças e com uso de manifestações e greves. Em fevereiro, o governo anunciou uma proposta de reforma do sufrágio prussiano que não mexia no voto de três classes, habilitando apenas alguns funcionários públicos e militares a votarem fora da terceira classe e instituindo a eleição indireta. A insatisfação se espalhou por todo o país unindo-se à crise que reduzira os empregos. A direção do partido, no entanto, não tomou o movimento para si, procurando manter as discussões o mais discretas possível²⁵².

Com essa diretriz, o *Vorwärts* iniciou a prática da censura intensificada a cada ano até a deflagração da guerra. Kautsky, redator-chefe da *Neue Zeit*, rejeitou o texto de Luxemburg sobre o movimento dizendo que ela levaria a massa à derrota por causa de sua radicalidade. Kautsky passara a defender a revolução pacífica através da maioria parlamentar²⁵³. Inicia-se aqui o rompimento entre ele e Luxemburg e também as dificuldades desta em publicar seus artigos nos jornais do partido.

O ano de 1911 não melhorou as relações políticas de Luxemburg. Logo no início do ano, a votação do orçamento da marinha inglesa para 1911/1912 previa o aumento de seus navios de guerra, “a Inglaterra deveria ter em 1913 mais Dreadnoughts prontos para a guerra do que a Tríplice Aliança e a França juntas”²⁵⁴, o que gerou revolta em todos os países europeus, pois uma parte acreditava caminhar para o desarmamento e não para o reforço de seus aparatos militares.

A bancada social-democrata encaminhou para o *Reichstag* um documento que exigia do imperador um posicionamento pelo desarmamento diante da França e da Inglaterra. A proposta foi recusada com a aprovação da moção dos liberais que isentava o governo de qualquer atitude.

252 SCHORSKE, Carl. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993

253 Idem.

254 “England sollte 1913 mehr Dreadnoughts in Kriegsbereitschaft haben als der Dreibund und Frankreich zusammen”. Laschitz, Annelies. Im Lebensrausch, trotz alledem. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 2000, p. 377. *Dreadnoughts* eram os encouraçados de guerra do início do século XX.

Diante disso, Georg Ledebour enfatizou três pontos sobre a questão militarista naquele momento: 1) o SPD não deveria alimentar ilusões com desarmamento, tribunais de conciliação ou coisas semelhantes, pois havia forças econômicas trabalhando pela guerra; 2) deveria fortalecer as instituições e cultura democráticas no país; e 3) esboçava a ideia de Estados Unidos da Europa²⁵⁵. Karl Kautsky também defendeu essa ideia. Luxemburg, então, adentrou o debate com o texto *Friedensutopien*²⁵⁶, criticando a postura social-democrata como defensores da paz. A diferença a ser esclarecida naquele momento entre burgueses e socialistas encontrava-se na essência do militarismo: sua relação com o capitalismo, era sobre isso que o partido deveria discursar, se movimentar.

Para agravar as tensões entre os países europeus e os conflitos internos do SPD, seguiu-se em julho desse ano a segunda crise do Marrocos. Este país era um ponto de disputa entre as potências europeias desde 1904, pelo menos. Segundo Karl Erich Born²⁵⁷, a Alemanha se envolveu na questão do Marrocos em 1904, durante a primeira crise, para fazer a França se afastar da Inglaterra e se aproximar da Alemanha. Não haveria, portanto, um interesse real na região.

De qualquer forma, o resultado final foi a abertura do território para o comércio de todos os países com a supremacia administrativa da França. Nisso consistiu o tratado de Algeiras, de 1906. Contudo, entre 1910 e 1911, a França tentou expandir seu domínio na região e isso levou à reação alemã: o Imperador enviou dois navios de guerra em julho de 1911 para a cidade de Agadir, na costa sul do Marrocos, com a justificativa de que defenderia interesses de empresas alemãs na região.

Esta crise transformou a guerra em tema urgente e a questão Marrocos foi para o debate no congresso do partido entre 10 e 16 de setembro de 1911, em Jena. Este ano preparava uma campanha eleitoral para 1912 e o partido se perguntava como seriam a forma e o conteúdo da propaganda política. A disputa entre reformistas e revolucionários no partido estava mais acirrada e as críticas à atuação da direção não seriam aceitas, e nem feitas, de forma tranquila como em 1900.

Neste último congresso, Luxemburg criticou a atuação cautelosa do órgão central do partido sobre a questão da China e foi acompanhada por outros membros que discordavam dela em diversos temas, como Adolf Müller. Já em 1911, as críticas de Rosa, sempre

255 Idem, p. 379.

256 Publicado no *Leipziger Volkszeitung*, n. 103 de 6 mai 1911 e n. 104 de 8 mai 1911. Ver também LASCHITZA.

257 BORN, Karl Erich. Von der Reichsgründung bis zum Ersten Weltkrieg. Handbuch der deutschen Geschichte, Band 16. München: Deutschen Taschenbuch Verlag, s.d.

apontadas como muito duras e até mal-educadas por uma parte dos militantes, foram duramente atacadas durante o congresso, não por seu conteúdo, mas por sua forma.

O problema todo foi que a crise estourou em 1 de julho de 1911 e a direção do partido só se pronunciou em 8 de agosto com um panfleto escrito por Karl Kautsky²⁵⁸, enquanto manifestações e reuniões aconteciam na Alemanha para debater a crise e o perigo de guerra que se avizinhava.

Nesse meio tempo, Luxemburg participou dessas reuniões e tentou forçar a direção a se posicionar, até que publicou um artigo em 24 de julho em torno do qual se deu o debate no congresso de 1911. Isso porque no artigo *Um Marokko*, publicado no *Leipziger Volkszeitung*, Rosa divulgou trechos de uma carta enviada por Molkenbuhr, membro da diretoria àquela época, para o Bureau da Internacional. Isso foi considerado uma traição, uma exposição de um camarada e das táticas do partido. No artigo, Luxemburg não cita nomes e diz que o texto já havia sido publicizado em uma reunião em Berlim, portanto, não haveria problema em reproduzi-lo ali²⁵⁹.

Quando a direção decidiu escrever um panfleto, seu argumento principal era que os verdadeiros representantes da paz eram os socialistas, pois eram os únicos que não tinham compromissos com os interessados na guerra e nem eram servis ao governo. Ignorava, portanto, as questões de classe e a essência do militarismo - o capitalismo.

Rosa dirigiu uma série de artigos contra este panfleto e às ideias que circulavam na imprensa social-democrata. Em um deles, contra Bernstein, ela enfatizou o tom moralista de suas acusações como se o problema fosse a quebra dos tratados e acordos e não a política imperialista em si. Para Luxemburg, a tarefa era mostrar a relação entre imperialismo e capitalismo, que a essência do imperialismo é o progressivo e constante esgarçamento de áreas não capitalistas, utilizando nessa guerra os conflitos militares e o jogo diplomático de tratados. Essa política era apenas outra fase do desenvolvimento capitalista, constituindo-se seu período final.

A inseparável ligação do imperialismo com o desenvolvimento capitalista, cujo filho legítimo ele é, apesar de sua assustadora feiura ou, pelo contrário, exatamente em sua feiura – é isso que precisamos ensinar a classe trabalhadora a compreender.²⁶⁰

258 KAUTSKY, Karl. *Weltpolitik, Weltkrieg und Sozialdemokratie!*. Publicado originalmente como panfleto da direção do SPD em agosto de 1911.

259 In: LUXEMBURG, Rosa. *GW*. Berlim: Dietz Verlag, v. 3, 1980, p. 5-11.

260 “Die unzertrennliche Verbindung des Imperialismus mit der kapitalistischen Entwicklung, deren legitimes Kind er ist trotz seiner abschreckenden Hässlichkeit oder vielmehr gerade in seiner abschreckenden Hässlichkeit. – das ist, was wir die Arbeiterklasse begreifen lehren müssen.” LUXEMBURG, Rosa. “Kleinbürgerliche oder proletarische Weltpolitik”. In: _____ *GW*, 1980, v. 3, p. 30.

Houve muita discussão sobre o ocorrido, Rosa foi ameaçada de expulsão do partido, mas o debate de fundo era sobre a forma da agitação em casos como este. O problema desde 1900 não se alterou tanto, mas a crítica se intensificou, porque a moderação da direção do partido se acentuava principalmente em períodos eleitorais. Klara Zetkin afirmou no congresso de 1911:

Já foi dito que nós tínhamos que ser cautelosos e discretos por causa das eleições. Mas precisamente a utilização da aventura marroquina para fins eleitorais era o estímulo mais forte para nós entrarmos em cena imediatamente. Não há melhor preparação da nossa marcha para as próximas eleições parlamentares que levar para as massas mais amplas o esclarecimento sobre as relações históricas, das quais a aventura do Marrocos naturalmente cresceu, como fruto maduro.²⁶¹

Argumento muito semelhante ao utilizado por Luxemburg no artigo acima citado, *Um Marokko*. Ela diz:

Fala-se muito da “excelente situação” na qual entramos para as eleições parlamentares e, ao mesmo tempo, somos sempre avisados de que podemos perder essa “situação” por uma ação descuidada: antes era a luta pelo sufrágio prussiano, agora deve ser a agitação sobre o Marrocos. Nós pensamos que toda “excelente situação” não é uma conjuntura ocasional exterior que se pode estragar por uma irreflexão, mas é um fruto de todo o desenvolvimento histórico dentro e fora da Alemanha nas últimas décadas. E nós podemos perder a dádiva *dessa* “Situação”, no máximo, se nós simplesmente começarmos a ver toda a vida do partido e todas as tarefas da luta de classes sob o ângulo da cédula de votação.²⁶²

A esquerda queria a radicalização das ações, um discurso mais socialista para as massas, enquanto à diretoria restou se defender dizendo que agiu dentro dos padrões e fez de tudo ao seu alcance para combater a crise imperialista disparada após o envio dos navios e de boatos de que o Banco Alemão [*Deutsche Bank*] quebraria com a guerra, pois não poderia trabalhar apenas com o capital nacional. Disso Bebel deduz que

261 “Nun ist gesagt worden, wir hätten wegen der Wahlen vorsichtig, zurückhaltend sein müssen. Gerade aber die Rücksicht auf die Ausnutzung der Marokkoabenteuers zu Wahlzwecken war der stärkste Ansporn für uns, sofort auf den Plan zu treten. Es gibt keine bessere Vorbereitung unseres Aufmarsches zu den nächsten Reichstagswahlen, als wenn wir unter die breitesten Massen die Aufklärung über die geschichtlichen Zusammenhänge tragen, aus denen das Marokkoabenteuer naturnotwendig als reife Frucht hervorgewachsen ist.” Klara Zetkin, pauta Geschäftsbericht des... Parteivorstandes. In: *Protokoll über die Verhandlungen des Parteitag der Sozialdemokratischen Partei Deutschlands abgehalten in Jena vom 10. september bis 16. 1911*. Berlin: Buchhandlung Vorwärts Paul Singer, 1911, p. 262 e 263.

262 “Man spricht só viel von der 'glänzende Situation', in der wir den Reichstags wahlen entgegengehen, und zugleich werden wir immer wieder gewarnt, diese 'Situation' durch irgendeine unvorsichtige Aktion zu verscherzen; früher war es der Kampf um das preußische Wahlrecht, jetzt soll es die Agitation gegen den Marokkorummel sein. Wir denken, daß jene 'glänzende Situation' nicht eine äußerliche Zufallskonstellation ist, die man durch eine Unüberlegtheit verderben kann, sondern sie ist die Frucht der gesamten historischen Entwicklung innerhalb und außerhalb Deutschlands in den letzten Jahrzehnten, um die Gunst *dieser* 'Situation' können wir höchstens verscherzen, wenn wir einfach das gesamte Parteileben und alle Aufgaben des Klassenkampfes unter dem Gesichtswinkel des Wahlzettels zu betrachten anfangen” LUXEMBURG, R. “Um Marokko”. In: _____ GW, 1980, v. 3, p. 11.

(...) talvez a maior garantia de uma paz mundial seja a movimentação internacional do capital. (...) Essa movimentação faz com que uma guerra seja algo muito perigoso, aqui como em outros lugares, e seria uma clara loucura se um governo quisesse levar as coisas às últimas consequências por causa do Marrocos.²⁶³

A ala conservadora do partido não acreditava que uma guerra viria ou por causa da conformação do capitalismo mundial, como mostrou Bebel, muito interdependente entre si, ou porque se ela viesse seria danosa para as burguesias nacionais para as quais compensava mais a paz, como diria Kautsky em 1914, poucas semanas antes da deflagração do conflito²⁶⁴.

Enquanto a esquerda pedia a greve de massas, a direita do partido, representada na fala de Bebel, pedia comedimento:

Chamou-se a atenção para a nossa postura no ano de 1870; afirma-se, ainda, que a social-democracia, em caso de guerra, lidaria com ela encenando uma greve de massas. Não consigo me lembrar de dizer uma única palavra relacionada à essas acusações. Eu não tenho nenhuma razão para isso. (...) A posição do partido em caso de uma guerra foi definida há muito tempo, não hoje e nem ontem. Essa questão até hoje teve um papel em quase todos os congressos internacionais. Em Zurique, foi Nieuwenhuis quem recomendou ao lado de uma greve de massas, uma greve militar, mas ele foi derrotado unanimemente por ampla maioria de votos do partido alemão.²⁶⁵

Bebel rejeitou a greve de massas com todas as letras, posicionando-se mais claramente do que nos congressos de 1905 e 1906, quando a colocou como último recurso. Continuou, dizendo que em caso de guerra a situação da Alemanha seria tão desesperadora que o povo pensaria em pão e trabalho, não em greve.

As diferentes posições se explicitam na proposta de resolução e suas emendas. A proposta da direção trouxe os seguintes elementos:

1. O congresso opõe-se à possibilidade de uma guerra entre povos civilizados – franceses, alemães, e ingleses - que levaria a uma catástrofe mundial;

263 “... vielleicht liegt die grösste Gewähr für den Weltfrieden in dieser internationalen Verschickung des Kapitals. [...] Diese Verschickung macht einen Krieg zu einer sehr gefährlichen Sache, hüben und drüben, und es wäre heller Wahsinn, wollte eine Regierung wegen Marokko die Dinge auf die Spitze treiben.” *Protokoll des Parteitage*, 1911, p. 345.

264 Esses argumentos não se restringiam à social-democracia. Norman Angell, inglês membro do Partido Trabalhista, escreveu um livro intitulado *A Grande Ilusão* no qual explicava a necessidade de mudar a política armamentista, pois ela prejudicava o comércio mundial e uma guerra seria prejudicial para a economia. O livro tinha como objetivo mudar a opinião pública europeia para influenciar a política dos governos. O livro está disponível em <http://www.gutenberg.org/files/38535/38535-h/38535-h.htm>, data de acesso 9 dez 2014.

265 “Man hat auf unsere Haltung im Jahre 1870 hingewiesen; man behauptet fernern, die Sozialdemokratie gehe sogar damit um, im Falle eines Krieges einen Massenstreik zu inszenieren. Es fällt mir gar nicht ein, auch nur mit einem Wort auf diese Anklagen einzugehen. Ich habe dazu gar keinen Anlass. [...] Die Stellung der partei im Falle eines Krieges ist von der Partei längst fest gelegt worden, nicht erst heute und gestern. Diese Frage hat bisher fast auf allen internationalen Kongressen eine Rolle gespielt. In Zürich war es Nieuwenhuis der neben einem Massenstreik einem Militärstreik befürwortete, aber er ist mit ungeheurer Majorität von der deutschen Partei einstimmig, niedergestimmt worden.” *Protokoll des Parteitage*, 1911, p. 345.

2. Os esforços para a exploração do Marrocos e a utilização de sangue alemão para isso eram justificados através da honra e do interesse da nação, mas isso era uma falsificação dos fatos e hipocrisia;
3. Os interessados na guerra eram dos colonizadores e fabricantes e distribuidores de armas;
4. Os exploradores tentavam pressionar o governo para ir à guerra e o episódio demonstrou o grau de servilismo deste à classe dominante;
5. O congresso condenou esse desaforo feito ao povo e esperava que a classe trabalhadora alemã fizesse de tudo para evitar a guerra;
6. Como medida prática, o congresso exigia a convocação do *Reichstag* para que os representantes do povo pudessem se expressar opondo-se aos seus inimigos.

Ao enfatizar o problema dos “povos civilizados” e dos “alemães”, o partido reafirmou, indiretamente, seu compromisso com a civilização dos “povos bárbaros” como fez no congresso de 1900²⁶⁶. Além disso, expressou uma espécie de fé de que o povo se oporia à guerra sem que ele precisasse levá-lo a isso, tomando como única medida comentar o assunto no *Reichstag*. O partido se recusou a organizar os trabalhadores.

Rosa Luxemburg, Klara Zetkin e Gustav Hoch propuseram alterações na resolução:

1. No primeiro ponto, eles acrescentavam a rejeição a qualquer guerra que levasse à sujeição de “povos bárbaros ou semibárbaros” por estados capitalistas. Deixavam o âmbito apenas europeu e reconheciam, assim, o massacre feito pela colonização;
2. No terceiro ponto, que se referia também à incitação dos povos civilizados uns contra os outros pelos capitalistas, eles adicionaram o interesse na exploração e opressão dos povos indígenas;
3. Acrescentaram ainda que a corrida armamentista se intensificou sob o pretexto da paz e os partidos que não levavam a sério a iminência o conflito deveriam ser responsabilizados;
4. No quinto ponto, acrescentaram também a rejeição ao aumento de colônias por parte da Alemanha, mesmo aquelas conquistadas diplomaticamente.

A ala radical rejeitava qualquer tipo de opressão e colonização, seja feita por acordos ou pelo exército, colocava-se contra a opressão de todos e não apenas dos alemães. Mas o caráter nacionalista de um setor importante do partido havia se intensificado e a defesa do

266 Ver a resolução sobre a política mundial do congresso de 1900 nos Anexos desta dissertação: “Exige que as desejáveis e necessárias relações culturais e de circulação com todos os povos da Terra sejam realizadas, respeitando e protegendo os direitos, as liberdades, assim como a independência desses povos e que eles sejam ganhos para as tarefas da cultura moderna e da civilização apenas através do ensino e do exemplo.”

povo alemão na diretriz foi aprovada.

A emenda acima, recusada, não propôs ações específicas contra o conflito que se esboçava, permanecendo apenas como declaração de oposição. Nesse sentido, não se distancia tanto da proposta da direção, mesmo depois das discussões acaloradas sobre sua inércia. E neste ponto é interessante notar a reflexão de Luxemburg no final de agosto, um pouco antes do congresso.

É bastante confortável jogar toda a culpa na direção partidária – e, de sua parte, ela pode de fato ter revelado uma grande falta de decisão e de energia. Mas uma parte igualmente grande da culpa cai na conta daqueles que sempre aguardam toda a bênção de cima, e até mesmo em casos tão claros e inquestionáveis recuam perante um mínimo de autonomia e iniciativa própria.²⁶⁷

No texto *Wieder Masse und Führer*, Luxemburg problematiza a falta de ação autônoma das massas partidárias, naquele momento com 800 mil militantes. A direção do partido de fato foi lenta. No entanto, ela deveria ser uma expressão das massas do partido e não um comandante no sentido militar ou burguês da palavra, pois somente com a autoatividade é que a classe trabalhadora poderia se libertar por si mesma.

Ela reivindica novamente a disciplina operária como diferente da disciplina burguesa, porque a primeira não responde a um comandante, mas se mantém alerta para atuar frente à medidas regressivas e diante da oportunidade da revolução. Não era o que se apresentava no partido e isso apareceu na questão do Marrocos.

Alguns setores achavam que a lentidão da direção era resultado da falta de quadros, especialmente após a morte de Paul Singer. Seria preciso, então, aumentar o número de membros e encontrar líderes capazes de substituir o falecido. Para Luxemburg, essa era apenas uma parte do problema; de fato, a direção estava sobrecarregada, mas acreditar que o problema era a falta de um líder capaz de guiar as massas social-democratas era acreditar em um messias e retirar dos trabalhadores a responsabilidade pelas mudanças sociais, substituindo-se o chefe burguês por um chefe vermelho.

Nenhuma direção partidária no mundo pode substituir o próprio vigor do partido em sua massa, e uma organização que conta 1 milhão de cabeças, que numa grande época, em vistas de grandes tarefas, se queixasse de não possuir líderes autênticos, redigiria para si mesma um atestado de pobreza, pois provaria não ter compreendido a própria essência histórica da luta de classes proletária, que consiste em que a massa proletária não precisa de um “líder” no sentido burguês, mas que ela em si é seu próprio líder.²⁶⁸

O congresso de 1911 alterou a composição da direção incluindo mais dois membros:

267 LUXEMBURG, Rosa. “Novamente a massa e o líder”. In: _____, op. cit., 2011, v. 1, p. 418.

268 Idem, p. 423.

Philipp Scheidemann e Otto Braun, além da adição de um Beisitzer, Liepmann. Hugo Haase ocupou o lugar de Paul Singer e foi visto como um representante da esquerda radical na direção. No entanto, este não era seu trabalho integral, dividindo-o com a advocacia, um dos motivos pelos quais a direção de fato ficou com Friedrich Ebert²⁶⁹.

2.11. Congresso de Chemnitz, 1912

O ano de 1911 terminou com o acirramento das disputas na direção do Partido Operário Social-Democrata Russo, o que viria a dividir definitivamente as alas menchevique e bolchevique em dois partidos. Luxemburg e seus camaradas poloneses e lituanos eram contra a divisão, o princípio da unidade lhes era muito caro. No entanto, estas disputas refletiram também no SDKPiL e levaram à expulsão de um setor do partido que era a favor da separação do partido russo²⁷⁰, os separatistas, entre eles Karl Radek.

Com a expulsão do SDKPiL, Radek foi acolhido por social-democratas de Bremen que o filiaram ao SPD. A atitude gerou muita polêmica entre alemães e poloneses do partido; estes acusavam a oposição separatista (de Varsóvia) de querer representar o SDKPiL em reuniões internacionais. Para eles, era um absurdo que Radek fosse integrado à social-democracia alemã depois de ser expulso por um partido que era seu aliado. No entanto, Radek permaneceu no partido, atuando na esquerda de Bremen²⁷¹.

1912 é também o ano da grande vitória social-democrata, com a eleição de 110 deputados para o *Reichstag*. A euforia era grande e os debates também, porque a direção do SPD, entendendo que não teria tanto sucesso sozinha, fizera acordos com o Partido Progressista (*Fortschrittlichen Volkspartei*) para o segundo turno. Segundo o combinado, os progressistas deveriam apoiar o SPD em 31 distritos nos quais os socialistas disputavam com o *Zentrum* e partidos mais à direita, enquanto que o SPD faria o mesmo e ainda silenciaria a campanha em 16 distritos nos quais disputavam com os progressistas²⁷².

A direção fez o silenciamento sem alarde, comunicando apenas os distritos afetados, mas a diretriz causou perplexidade e revolta nesses lugares. Mesmo assim, dos 16 distritos, 14 seguiram a disciplina partidária e entregaram a eleição aos progressistas. Além disso, os social-democratas foram decisivos para a vitória deles em 21 dos 26 distritos onde disputavam

269 Ver SCHORSKE.

270 O partido polonês havia se unificado ao russo em 1903 e voltou a se separar com o acirramento das disputas em 1911.

271 LASCHITZA, Annelies. *Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1996.

272 SCHORSKE, op. cit.

com não-socialistas. “Dos 42 assentos no Reichstag, os progressistas deveram 35, mais de 80%, ao Partido Social-Democrata”²⁷³.

Do outro lado, os progressistas não se empenharam tanto na campanha a favor dos social-democratas. A direção deles enfatizou o esfacelamento do bloco conservador e não citou o SPD nominalmente, apenas indicou que seria melhor votar no partido contrário ao *Zentrum* e seus aliados. Mas a base do partido não respondeu tão bem quanto a socialista e, na maioria dos lugares, os eleitores optaram pelos conservadores. Dos 31 distritos, os progressistas tinham o poder de decisão em 25 e destes os socialistas conseguiram apenas 11, nem sempre com a maioria dos votos da base daquele partido. O SPD conseguiu ainda mais 4 distritos que contavam destes 31, mas não foi possível medir nesses lugares qual foi o efeito da coligação²⁷⁴. Ou seja, o SPD entregou 14 assentos que lhes eram garantidos e recebeu 11 em troca.

Na eleição para a presidência do *Reichstag*, o SPD ainda estava em coligação com partidos liberais, mas estes abandonaram os socialistas que ficaram isolados no parlamento²⁷⁵.

Rosa Luxemburg escreveu alguns textos sobre as táticas adotadas na campanha e o significado do resultado. Ela criticou muito as alianças feitas pela direção no segundo turno que, para ela, foram totalmente desnecessárias, pois o partido conseguiria o mesmo número de mandatos ou até mais sem o acordo.

A sua avaliação do resultado englobava o período desde 1907. Para ela, este ano fora uma derrota apenas do ponto de vista burguês, porque o SPD perdeu deputados. Não obstante, desde então a social-democracia nunca teria sido tão forte, visto que seu vigor não estava no parlamento, mas na luta de classes e o desenvolvimento do capitalismo, a passos largos, levava ao desenvolvimento igualmente veloz de seu coveiro, o proletariado. “Nunca a nossa organização foi tão ampla e profunda como depois de 1907, nunca a nossa imprensa foi tão alargada e difundida e se pode dizer que sem a derrota de 1907 não haveria a esplêndida vitória de 1912”²⁷⁶.

As eleições de 1912, para Luxemburg, precisavam demonstrar a força socialista e colocar o partido no caminho tático correto. Sua força estava no movimento de massas, que

273 Idem, p. 231.

274 Idem.

275 Idem.

276 “Niemals ist unsere Organisation so in die Breite und Tiefe gegangen wie nach 1907, niemals wurde unsere Presse só ausgebaut und verbreitet, und man kann sagen, ohne die Niederlage des Jahres 1907 wäre nicht der herrliche Sieg des Jahres 1912 gekommen”. LUXEMBURG, Rosa. “Unser Wahlsieg und seine Lehre”. In: _____ GW, 1980, v. 3, p. 125.

barraria a reação da burguesia ao crescimento das contradições. Era tarefa das massas social-democratas arrumar os erros da direção e consertar o caminho.

No meio destas discussões e depois das posições frente à crise do Marrocos, Luxemburg escrevia *Acumulação*. Iniciada em janeiro de 1912, ela termina a obra em julho, aglutinando uma série de materiais estatísticos e teóricos que vinha estudando há anos.

Pouco tempo depois, entre 15 e 21 de setembro de 1912, teve lugar o Congresso de Chemnitz no qual o imperialismo foi discutido como pauta. Foi a primeira vez que o tema apareceu na ordem do dia com este termo, antes o debate era sobre *Weltpolitik*, como vimos em 1900 com a China.

A mudança de termo implicou também uma mudança de concepção, pois a política mundial não era algo genérico, mas marcava um momento histórico diferente: a disputa por áreas de colonização entre os países europeus, constituindo impérios, era a fase do imperialismo, a “Era dos Impérios”²⁷⁷.

Luxemburg não pode participar deste congresso porque estava doente, mas a tendência geral do encontro foi reafirmar a possibilidade de um desenvolvimento capitalista pacífico. Segundo Laschitza, “entre os camaradas predominou a tendência de encobrir que as áreas de atrito entre os Estados imperialistas aumentavam e de difundir ilusões sobre a possibilidade de solução pacífica dos conflitos imperialistas”²⁷⁸.

Na discussão sobre o tema, é difícil dizer que houve esse predomínio. Na realidade, é perceptível a falta de um pensamento majoritário acerca do que era o imperialismo. Há sempre uma relação entre ele e o armamentismo, mas há muita discordância sobre a organicidade ou não disso. A tendência majoritária, no sentido apontado por Laschitza, é perceptível nas discussões anteriores, no panfleto de Kautsky por exemplo, e na aprovação da resolução Haase em 1912 que fala justamente da manutenção da paz através de acordos e do desarmamento das nações.

Quatro falas de nove acreditavam na possibilidade da solução pacífica: Hugo Haase, Salomon Grumbach, Eduard Bernstein e Georg Ledebour, mas mesmo entre eles a interpretação sobre o momento em que viviam variava muito: Haase e Grumbach acreditavam que o militarismo e um conflito militar não eram do interesse do grande capital, já Bernstein via a aproximação de um conflito e a pressão dos impostos indiretos sobre os trabalhadores

277 Segundo Eric Hobsbawm, o termo começou a ser conceituado em 1900 e era usado para descrever algo novo na própria época. HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

278 “... denn unter den Genossen überwog die Tendenz, zu vertuschen, daß sich die Reibungsfläche zwischen den imperialistischen Staaten mehren, und Illusionen über die Möglichkeit der friedlichen Lösung imperialistischer Konflikte zu verbreiten”. LASCHITZA, op. cit., p. 416.

para sustentar o belicismo.

Haase foi o orador da pauta e iniciou a análise do problema apontando que a conquista por novas áreas de influência, asseguradas com belicismo e tarifas alfandegárias, tem origem no desenvolvimento dos grandes Estados capitalistas e foi possibilitada pelo desenvolvimento dos transportes, que alargou os mercados e aproximou as fronteiras. Os Estados capitalistas, para Haase, não exportavam apenas mercadoria de consumo, mas também meios de produção, capital, através de empréstimos. Haveria, assim, uma forte relação entre capital bancário e industrial.

Para ele o imperialismo era uma etapa do desenvolvimento capitalista que tendia a gerar guerras por causa do alto grau de armamentismo e violência, muito semelhante à acumulação primitiva de Marx. Contudo, a guerra não seria inevitável primeiro porque a maior parte da burguesia perderia muito com um conflito aberto; segundo porque o proletariado estaria forte e unido internacionalmente, sendo uma força de resistência, mesmo que apenas através da falta de entusiasmo no combate.

Do outro lado, entendendo o militarismo como uma faceta da concorrência mundial e do imperialismo, estavam Paul Lensch, Anton Pannekoek, Karl Liebknecht, Max Cohen e Ludwig Quessel.

Lensch defendeu que a limitação do armamentismo era uma utopia, pois o capitalismo não sobreviveria sem violência. Além disso, essa corrida desenvolveu-se em conexão com a concorrência pelo mercado mundial que estabeleceu o protecionismo e exteriorizou a disputa por mercados. Essa situação produziria suas contratendências que seriam o socialismo e a social-democracia; elas seriam, por isso, revolucionárias e não apaziguadoras.

Pannekoek concordou em grande medida com Lensch, pontuando a necessidade histórica do imperialismo, no sentido de que foi assim que a história se desenvolveu. Já Liebknecht enfatizou a necessidade da solidariedade internacional da classe trabalhadora e o fortalecimento da luta de classes no combate ao imperialismo. Assim, sua fala teve um sentido mais propositivo e menos analítico, enquanto Quessel concordou com Lensch e Pannekoek e debateu a liberdade comercial nas colônias e o quanto isso era prejudicial para o desenvolvimento desses lugares.

A esquerda tinha um discurso um pouco mais coeso acerca da relação entre militarismo e imperialismo e do momento histórico que viviam, vendo naquela fase um resultado histórico do desenvolvimento do capital e não uma anomalia. Ainda assim, nas discussões cada um trouxe para o primeiro plano uma faceta do imperialismo e há diferentes interpretações sobre suas determinações e expressões econômicas: capital financeiro,

industrial, bancário, papel dos trustes e cartéis.

Ocorre que mesmo permeando todos os temas da política da época, o imperialismo em si não havia sido discutido até então como tema específico. Textos sobre o assunto estavam sendo publicados, como o livro de Karl Radek *Der deutsche Imperialismus und die Arbeiterklasse* (O Imperialismo Alemão e a Classe Trabalhadora - 1911) e o panfleto de Julian Marchlewski *Imperialismus oder Sozialismus?* (Imperialismo ou Socialismo? - 1912). Por isso, alguns achavam melhor não tomar decisão alguma sobre o assunto, mesmo porque a resolução de Haase fora proposta durante o congresso.

Mesmo assim ela foi aprovada com um voto contrário e duas abstenções. Seu texto expressava a tentativa de unidade do partido que acabava em conformismo. Colocava-se a relação entre a exportação de mercadorias e capitais e a expansão imperialista, a consequente política protecionista e o impulso que ela daria para a corrida armamentista. Há também a acentuação do caráter capitalista da indústria bélica, de como é a classe dominante que se beneficia dela enquanto os trabalhadores têm seus salários achatados e direitos sociais cortados para sustentar o belicismo. Entretanto, mesmo que o imperialismo não pudesse ser destruído sem a derrota do capitalismo, era necessário brigar por acordos internacionais que garantissem a paz, sendo tarefa da social-democracia construir organizações operárias fortes que trabalhassem para a revolução.

A organização passou definitivamente ao primeiro plano e as ações do SPD expressavam movimentos de proteção dela sem considerar o quanto ela refletia o desejo do proletariado consciente ou o quanto ela o educou para lutas pouco radicais. A perspectiva revolucionária perdeu-se ao longo dos anos para a defesa e autoconstrução eterna da organização e seus dirigentes.

2.12. O prólogo do colapso

O quadro do desenvolvimento do partido entre 1898 e 1912 apresentou dois momentos-chave: a Revolução Russa de 1905 e as eleições de 1907. O primeiro tem forte impacto na prática de Luxemburg, o segundo é mais importante para entender o nacionalismo dentro do SPD e as dissensões dela com o partido.

É importante ter sempre em mente que a organização partidária era recente. O SPD era a primeira grande experiência no movimento operário, assim como as eleições. A junção entre tática eleitoral e agitação popular parecia um caminho viável para a revolução e Luxemburg a defende durante todo o período, passando, de fato, a enfatizar mais a segunda.

A experiência do SPD naquele momento acabou por comprovar as críticas de

Luxemburg à forma de organização leninista: uma direção centralizada e centralizadora imobiliza o partido, porque a direção em si tem um caráter conservador por querer se manter enquanto tal. O partido e seus dirigentes foram caminhando para a direita, ou melhor, a radicalização da conjuntura após a Revolução Russa de 1905 colocou antigos dirigentes na direita do movimento operário e possibilitou a ascensão do reformismo como prática oficial, e não mais oficiosa, da organização.

Esquerda e direita são conceitos relacionais e dizem respeito aos contextos em que são aplicados. Por isso, se Bebel estava à esquerda em 1898/9, passou para a direita em 1907. Assim como o “renegado Kautsky”. Quando a revolução se fez presente em 1905 e nas agitações de 1910, a cautela falou mais alto e o parlamentarismo apareceu por trás do fraseado radical da direção, consolidando a impressão parlamentarista apontada por Luxemburg em 1900, na questão da China.

É verdade também que após a derrota de 1907 o partido não teve outra saída a não ser voltar-se às massas, pelo menos em parte. Entretanto, é também verdade que articulava uma reestruturação com um tom muito mais conciliatório com os partidos burgueses se observarmos as reticências de se constituir um movimento nacional pelo sufrágio ou contra o imperialismo. Há um descompasso entre organizações locais radicalizadas e direção e, apesar disso, o número de filiados só cresceu.

Para Robert Michels, membro do SPD até 1907, autor do livro *Os Partidos Políticos* e filiado ao fascismo nos 1920, o crescimento do partido dá a medida exata da imobilidade da organização, “o que vale dizer que ele perde o impulso revolucionário, torna-se pesado e inerte, moroso não apenas na ação como no pensamento”²⁷⁹. Michels explica a tendência de organizações partidárias como o SPD a se burocratazarem, centralizarem e se tornarem conservadoras brigando ao fim para manter o status quo alcançado. O problema é que ele essencializa os movimentos, dizendo que é próprio de toda a sociedade humana a existência de um dirigente e, portanto, a democracia plena seria impossível. Além disso, existiria uma lei geral que demandaria sempre uma hierarquia da organização.

Michels generalizou a análise do SPD para todas as outras formas de organização, bem como o comportamento das massas, que demandariam sempre um chefe. Isso não explica a história, embora o livro de Michels seja uma boa análise da experiência do partido alemão.

É verdade que o partido estruturou-se ao longo desses anos em torno de uma cúpula dirigente, o que se acentuou em seu período de crise, período correspondente com o avanço do imperialismo e o acirramento dos conflitos entre as potências europeias. O barril de

279 MICHELS, Robert. *Os Partidos Políticos*. São Paulo: Senzala, s.d., p. 228.

pólvora estava pronto e o partido social-democrata queria desarmá-lo com conciliação, tentando evitar que explodisse contra ele.

Também é verdade que ao longo do tempo os dirigentes vão acentuando o discurso de responsabilidade sobre as bases social-democratas, transformando a prudência quase em um princípio. Mas essa posição também diz respeito às forças políticas internas e externas ao partido. Esse discurso contra a violência estava presente nas primeiras polêmicas sobre o colapso: os defensores do puro parlamentarismo temiam a revolução por ser um processo violento. Naquele momento, antigos militantes se posicionaram a favor desta, mas quando a catástrofe se tornou uma realidade com o perigo iminente de uma guerra mundial, a teoria do colapso precisou ser abandonada em nome de campanhas que tentassem reestabelecer a paz em vez de combater o imperialismo. O receio de que o aparato prussiano se voltasse contra os socialistas também colaborou para o seu imobilismo.

Para Luxemburg, o acirramento dos conflitos imperialistas significava também acirramento da luta de classes. O partido precisava esclarecer, portanto, a quem servia a guerra colonial e o exército para unificar os trabalhadores contra a burguesia e não os separar em nacionalidade uns contra os outros.

Entretanto, vimos que em 1912 o partido não conseguia definir claramente o que era o imperialismo. Do ponto de vista socialista, a discussão era recente com os livros de Hilferding em 1910 e Radek em 1911. Como unificar a ação contra o imperialismo se não havia clareza do que era e das suas consequências?

Esse problema aparecia em todas as pautas; as decisões do partido eram sempre muito amplas e permitiam toda sorte de manifestações. A questão é que o imperialismo era uma pauta delicada porque envolvia, necessariamente, o internacionalismo da classe, ponto que se tornou muito sensível aos dirigentes após a mobilização nacionalista contra o SPD em 1907.

O imperialismo era também o problema central da época. Como disse Luxemburg, era o ponto que relacionava todas as políticas internas e externas da Alemanha – e das outras potências. Deixar de atacá-lo, de fazer formação política sobre ele era um grave erro, pois dele viria o colapso da civilização.

Em discurso sobre as eleições de 1912, Rosa Luxemburg disse “riram e zombaram de nós porque nós adorávamos a chamada teoria da catástrofe. Não vivemos agora em uma práxis capitalista da catástrofe? Não vivemos em um tempo no qual a guerra mundial é um perigo crescente?”²⁸⁰.

280 “Man hat uns verlacht und verhöhnt, weil wir der sogenannten Katastrophentheorie huldigen. Erleben wir nicht jetzt eine kapitalistische Katastrophenpraxis? Leben wir nicht in einer Zeit, wo der Weltkrieg zu einer zunehmenden Gefahr geworden ist?”. LUXEMBURG, Rosa. “Unser Wahlsieg und seine Lehre”. In: _____

A catástrofe batia à porta e trazia a guerra. Cabia ao partido impedi-la com socialismo, não com um acordo de paz cujo resultado em décadas fora apenas adiar o conflito.

Ainda que Peter Nettl não veja uma relação direta entre o livro *A Acumulação* e os escritos políticos do período, Rosa Luxemburg usa a economia para explicar porque a guerra mundial era iminente e não improvável, como queriam Kautsky e Bebel. Luxemburg queria relacionar o desenvolvimento bélico com a expansão capitalista, apontando para uma guerra que beneficiaria grandes grupos econômicos e levaria ao massacre dos trabalhadores caso a revolução não fosse feita. Ela unifica, assim, uma série de teorias debatidas nos congressos naqueles anos, sublinhando o papel das colônias na história da acumulação capitalista.

A Acumulação do Capital cumpre o papel de unificar economia e política para Luxemburg, dando a base econômica para uma prática revolucionária.

3. ECONOMIA DA REVOLUÇÃO

“... não existe um livro razoável sobre a história da economia política. Apenas um bom marxista poderia escrevê-lo”²⁸¹

O livro de Rosa Luxemburg, *Die Akkumulation des Kapitals: ein Beitrag zur ökonomischen Erklärung des Imperialismus*, foi publicado em 1913 pela livraria-editora do partido *Buchhandlung Vorwärts*. Essa primeira edição foi impressa em 2.000 exemplares e custava 6 *Mark*. É difícil analisar a extensão da influência dessa obra no movimento operário, mas o provável é que tenha sido pequena. Diferente de *Das Kapital* de Karl Marx, que contou com 3.000 exemplares nas segunda e terceira edições²⁸², não muito distante do livro de Luxemburg, a recepção deste na esquerda não foi boa. Enquanto Marx alcançou indiretamente grande influência no movimento operário, se pensarmos na formação dos partidos socialistas do século XIX e na popularização de suas ideias através de intelectuais-militantes como August Bebel, Luxemburg foi rejeitada pelos dirigentes logo de início e a dificuldade de leitura de sua obra restringiu-a aos círculos de intelectuais socialistas²⁸³.

Apesar de o movimento operário ter construído uma cultura de leitura relativamente importante na virada do século, leituras mais acadêmicas ou científicas eram pouco acessíveis pela própria linguagem e conhecimento acumulado que exigiam. Uma das críticas feitas a Rosa Luxemburg vai nesse sentido e não se restringe apenas à ela, mas sim ao modo de escrita dos intelectuais socialistas quando analisavam questões econômicas²⁸⁴.

Embora o número de bibliotecas de trabalhadores (*Arbeiterbibliotheken*) tenha crescido no início do século XX, constituindo-se em um importante instrumento de formação, era muito difícil concorrer com a literatura burguesa, limitando, assim, o círculo de trabalhadores alcançado por essa estrutura. Além disso, ao longo do tempo, abriu-se mais

281 “Es gibt kein ordentliches Buch über die Geschichte der Nationalökonomie. Nur ein guter Marxist könnte eine Geschichte der nationalökonomie schreiben” in: BArch NY 4002/16, fol 101.

282 Palestra de Rolf Hecker, pesquisador da MEGA (Marx-Engels-Gesamtausgabe), no grupo de leitura do capital da Fundação Rosa Luxemburg em Berlim (*Das-Kapital-lesen*). Título da palestra: *Zur Rezeptionsgeschichte des “Kapitals” von seinem Erscheinen bis zum Ausgang des 19. Jahrhunderts* (História da Recepção d'O Capital: do seu aparecimento até o final do século XIX). 14 de abril de 2015. Berlim, Rosa Luxemburg Stiftung. Ver também SECCO, 2002.

283 Quando muito, pois até hoje o valor de sua obra econômica e política é subestimado, mesmo entre os meios de esquerda. Ora tomada como heroína, ora como traidora, ora como guardiã da democracia burguesa, poucos são os que de fato se debruçam sobre seu pensamento e a tratam como uma intelectual-militante igual a tantos outros, em geral, homens. RAINWATER VON SUNTUM fala de quatro figuras míticas atribuídas a Luxemburg: o mito de mãe dos trabalhadores, o mito de devoradora de homens, o mito de virgem Maria e o mito de demônio.

284 JENSSEN, O. Die Akkumulation des Kapitals (Bücherbesprechungen). *Der Bibliothekar*. April 1913

espaço para a literatura burguesa naquelas bibliotecas em detrimento da construção de uma forma própria, acreditando-se que a publicação de jornais era a literatura proletária. O caminho ficou livre para que a literatura do status quo ganhasse cada vez mais influência entre os trabalhadores²⁸⁵.

Os operários liam jornais e revistas do partido e através disso se formavam politicamente, mas poucos liam as obras fundamentais do socialismo e o número de trabalhadores que se engajavam no movimento operário, embora grande se comparado ao de outros países, era pequeno em relação ao total de empregados na Alemanha²⁸⁶.

Quando olhamos catálogos das bibliotecas públicas (*Volksbibliothek*), por exemplo, encontramos obras de diversos socialistas, mas aqueles que se tornariam mais citados e estudados no século XX, dentro da literatura da esquerda, como o próprio Karl Marx ou Karl Kautsky, não se fazem presentes ou se fazem de maneira bastante tímida: de quatro catálogos de bibliotecas em Berlim entre 1913 e 1914, apenas um contava com o Livro I de *Das Kapital*, três possuíam o livro de Friedrich Engels *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staates* e todas contavam com a obra de August Bebel *Die Frau und der Sozialismus*, muito popular naquele período²⁸⁷. Mesmo o catálogo da Biblioteca Central de Sindicatos Livres (*Zentralbibliothek der freien Gewerkschaften*) em Münster apresentava essa composição com livros de Engels e Bebel, entre outros social-democratas, mas sem um livro de Marx, ao menos no catálogo de 1913. Claro que as *Volksbibliotheken* não correspondiam à necessidade de formação da consciência de classe, ao contrário, existiam dentro da ordem institucional burguesa, mas o fato de nelas serem encontradas obras de Engels, mas não de Marx é um indício também da baixa leitura de estudos mais complexos, por falta de oportunidade ou baixa formação. Além disso, Lutz Winckler aponta que também nas bibliotecas de trabalhadores esses títulos eram menos procurados²⁸⁸.

285 WINCKLER, Lutz. *Autor-Markt-Publikum: zur Geschichte der Literaturproduktion in Deutschland*. Berlim: Argument-Verlag West Berlin, 1986.

286 Idem.

287 Não é que Bebel e Engels não sejam importantes ou estudados, no entanto, é de se constatar que frente aos outros autores, eles são menos lidos atualmente.

288 O que os trabalhadores procuravam, até 1900, era uma leitura mais fácil que explicasse os fundamentos do socialismo, leitura que hoje é menos frequente entre os meios marxistas que acabam por ler Marx e seus críticos e não as obras de popularização. A diferença de época na história do marxismo é bastante grande: logo em seu início, era uma teoria para a prática revolucionária e, por isso, a necessidade e procura das obras de popularização; hoje em dia, é uma teoria acadêmica entrincheirada na disputa pela correta interpretação do original. Luxemburg não conseguiu fazer uma obra fácil de ler, acabou discutindo entre pares, mas essa não era a sua intenção. Por isso, não deixou de ir também à reuniões, manifestações e assembleias para falar diretamente o que era o imperialismo e a importância de combatê-lo, entre elas a reunião de julho de 1913, em Berlim, quando falou sobre a importância da greve política de massas e como o parlamento já não trazia mais vantagens para o proletariado (*Vorwärts*, 24 de julho de 1913, 1. Beilage: Der politische Massenstreik).

Importante ter em mente também que a difusão de literatura socialista relacionava-se à insatisfação da burguesia com o imperador Wilhelm II, considerado muito autoritário. Nessa disputa pela dominação de classe, a literatura de esquerda pode florescer; claro que dentro de limites bastante exíguos, pois, segundo Reinhard Wittmann, a compra de livros era um luxo para os trabalhadores, que se limitavam ao gasto de 10 *Mark* anuais com literatura:

Na classe assalariada até 1200 *Mark* anuais, a compra de um livro era um luxo pouco acessível. O máximo de 10 *Mark* do orçamento do trabalhador, que podiam ser destinados para fins literários, eram gastos com uma assinatura de jornal ou, talvez, com uma remessa de romance de *Kolportage*^{289 290}.

Assim, o mercado de leitores socialistas e suas instituições eram bastante restritos, mais ainda se pensarmos em obras com densidade teórica. É, pois, claro que a obra de Luxemburg, como tantas outras de intelectuais socialistas, não teve grande circulação fora do pequeno grupo de intelectuais do partido. Apesar disso, muitas foram as críticas que recebeu nos jornais social-democratas desde janeiro de 1913. Esse debate pode ter espalhado um pouco mais suas ideias, mas apenas no sentido de reprová-las enquanto análise econômica do imperialismo, visto que as críticas foram bastante enfáticas nos erros cometidos sem avaliar a pertinência do problema que ela apontou e, mais ainda, da sua compreensão sobre o desenvolvimento do capitalismo. Essas críticas reproduziram-se ao longo do século XX, reverenciando a figura da mulher combativa sem levar em conta suas ideias políticas e econômicas. No entanto, no início deste último século, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, as críticas tinham outro peso e outros objetivos políticos²⁹¹.

Nos debates dos congressos do Partido Social-democrata entre 1898 e 1912 está claro como os acontecimentos históricos influenciaram a mudança na composição dos grupos dentro da organização, levando uns e outros a se aliarem às teorias revisionistas que rejeitavam o colapso do capitalismo presente no programa do SPD, ou aos radicais, como eram chamados seus opositores de esquerda. As questões sobre o imperialismo e as diferentes táticas emergiram com mais força na década de 1910.

²⁸⁹ *Kolportage* refere-se a um tipo de livro barato e de baixa qualidade literária.

²⁹⁰ “In dem Einkommensklassen bis etwa 1200 *Mark* jährlich blieb der Kauf eines Buches ein kaum erschwinglicher Luxus. Die maximal zehn *Mark*, die in einem Arbeiterhaushalt für Lektüre zwecke abgezweigt werden konnten, waren mit einem Zeitungsabonnement und vielleicht einem *Kolportage*lieferungsroman schon verbraucht”. In: WITTMANN, Reinhard. *Geschichte des deutschen Buchhandels: ein Überblick*. München: C.H. Beck, 1991, p. 296.

²⁹¹ Ao longo do século XX, as críticas a Rosa Luxemburg foram retomadas com diferentes objetivos. A rejeição da revolucionária pelo stalinismo, por exemplo, visava a manutenção da revolução dentro do curso traçado por Stálin; as ideias de Luxemburg poderiam apresentar um caminho diferente que não era bem-vindo. Por outro lado, a rejeição vinha acompanhada da reivindicação de sua figura ou como militante socialista ou como defensora incondicional da liberdade.

Desde antes da crise do Marrocos em 1911, as divergências entre Luxemburg e a direção aumentavam muito. Suas críticas à inação, ou timidez, da organização tornaram-se mais ácidas e menos bem-vindas pelos companheiros. No final deste mesmo ano, de acordo com suas cartas, ela começou o trabalho obstinado para escrever seu *magnum opus*. Em um ano o livro foi escrito, impresso e publicado. A urgência do momento exigia, já que os debates sobre o imperialismo e o colapso se dirigiam cada vez mais para a direita do SPD. Apesar de o partido falar sobre a importância das colônias para o capitalismo em suas resoluções, muitos acreditavam que a guerra não aconteceria por causa das relações econômicas intracapitalistas, como está colocado no debate do congresso de 1912. Desde a guerra da China em 1900, Luxemburg enfatizou, ao lado de outros militantes, a necessidade de combater a guerra colonial e se tornou mais virulenta em sua crítica com o crescimento das tensões, que estavam em todos os jornais, e a inação da direção social-democrata, que apostou todas as fichas na vitória eleitoral de 1912²⁹².

Diante da imobilidade da direção, Rosa publicou uma obra para enfatizar as condições históricas objetivas da revolução, sem abandonar a necessidade da consciência de classe. Como coloca Loureiro, até a Primeira Guerra, as massas revolucionárias eram o motor da revolução e toda a fé de Luxemburg foi colocada na ação destas, o que só foi questionado com o estopim da guerra²⁹³. Rosa Luxemburg tentou apresentar uma leitura dialética da revolução e do movimento operário e sua proposta gerou reações bastante acaloradas entre seus colegas de partido.

3.1. Die Akkumulation des Kapitals: eine magnum opus

De acordo com o prefácio do livro, Luxemburg começou a escrever sua teoria da acumulação em janeiro de 1912, mesmo ano em que finalizou o texto. Segundo ela, a obra saiu de problemas encontrados no Livro II de *Das Kapital* de Karl Marx, mais especificamente da explicação do processo global de produção e seus limites históricos. A importância do problema estaria na sua relação com a política imperialista da época: era necessário resolver a teoria para formular uma práxis eficaz.

Não conseguia expor com clareza suficiente o processo global da produção capitalista em suas relações concretas, nem suas limitações históricas objetivas. Examinando melhor a questão cheguei à conclusão de que não se tratava de um simples problema de exposição; havia inclusive um problema

²⁹² As manchetes do *Vorwärts* ao longo do ano de 1913 relatam a tensão nos Bálcãs e a dificuldade de acordo entre as nações.

²⁹³ LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, 1995.

teoricamente ligado ao conteúdo do volume II de *Das Kapital* de Marx, ao mesmo tempo extensivo à práxis da política imperialista atual e às raízes econômicas da mesma. Caso eu tenha êxito na tentativa de abordar esse problema com a devida exatidão científica, quer parecer-me que este trabalho, além de apresentar um interesse puramente teórico, também adquire importância para a luta prática na qual nos empenhamos contra o imperialismo.²⁹⁴

Portanto, Rosa Luxemburg apresenta sua obra como contribuição para a prática do movimento operário, e não como uma pura teoria economicista, maneira pela qual ficou conhecida historicamente²⁹⁵. Diante dos embates travados desde 1898, observados anteriormente, fazia-se urgente entrar no debate puramente econômico²⁹⁶ para tentar levar a organização à revolução.

O livro está dividido em três partes: *O Problema da Reprodução*; *Apresentação Histórica do Problema* e *As Condições Históricas da Acumulação*. As duas primeiras constituem a apresentação do problema como ela o encontrou, trabalhando com autores clássicos que influenciaram o desenvolvimento da teoria em Marx e diversos autores que chegaram próximos da questão, mas não conseguiram apresentar um resultado satisfatório, limitados por seus contextos históricos e teóricos. A última parte é onde Rosa expõe a sua teoria.

Todo o livro é recheado de exemplos históricos, sendo que o próprio desenvolvimento do debate teórico e do capitalismo é compreendido por Rosa historicamente. Ao observar os relatos de suas aulas na escola do partido, suas anotações de estudo e vários de seus artigos vemos que a história é uma parte essencial da forma como ela analisa a realidade. Não poderia ser diferente, já que desde o começo do livro aponta o grande avanço da teoria marxiana: a historicização do modo de produção.

Smith considera a criação de valor, de imediato uma propriedade fisiológica do trabalho, uma expressão do organismo animal do homem. (...) E como qualquer homem produz objetos úteis (pois é o lar que dele faz um produtor de mercadorias), da mesma forma a sociedade humana baseia-se na troca, donde se conclui que a economia mercantil é a forma econômica normal do homem. Foi Marx o primeiro a reconhecer que o valor era uma relação social especial, a qual surgira sob condições históricas determinadas (...) ²⁹⁷

294 LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 3

295 Utilizo o termo “economicista” no sentido de uma teoria da autodestruição do capitalismo sem necessidade de ação dos trabalhadores, como alguns autores entendem a teoria de Luxemburg.

296 A economia faz parte de todos os textos de Luxemburg, porque é através da análise que ela faz do capitalismo e da conjuntura que ela determina sua prática revolucionária, como a própria disse no Congresso de 1898. No entanto, o sentido aqui é que poucas são obras de debate puramente econômico, sempre relacionadas à defesa de determinada prática política.

297 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São

Diferente dos economistas burgueses, que essencializavam a economia mercantil como própria da sociedade humana, o estágio mais alto de civilização, Marx demonstrou que o surgimento desta deu-se por causas historicamente determinadas e sua forma de organização pode, e deve, ser colocada no tempo.

Para Luxemburg, o pressuposto básico do materialismo histórico - os homens fazem a história sob condições determinadas - é essencial para qualquer análise da sociedade que se pretenda revolucionária, mas para ela

Os homens não fazem arbitrariamente a história, mas, apesar disso, fazem-na eles mesmos. A ação do proletariado depende do grau de maturidade do desenvolvimento social, mas o desenvolvimento social não é independente do proletariado.²⁹⁸

A ênfase está na ação dos homens, e não nas condições objetivas, como Marx colocou em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Na relação entre teoria e prática, essa frase explicita bem que ela tendeu a colocar na última seu foco. Pesa mais, neste ponto, uma influência lassaliana, no entanto, é em Marx que ela busca a análise da realidade e do qual tira sua compreensão da história, vendo no materialismo histórico uma metodologia de investigação do passado e do presente, mas com uma perspectiva futura²⁹⁹.

Por meio do pensamento de Marx, então, é que a humanidade primeiramente descobriu o segredo de seu próprio processo social. Além disso, ela (sic - *pela*) descoberta das leis do desenvolvimento capitalista foi mostrado o caminho que a sociedade percorre de seu estágio natural e inconsciente, em que fazia sua história como as abelhas fazem seus favos, para o estágio da história consciente, desejada, verdadeiramente *humana*, em que a vontade da sociedade e sua ação chegam à harmonia mútua, em que o ser humano social, pela primeira vez em milhares de anos, fará *aquilo que quer*.³⁰⁰

O materialismo desvendou os segredos da sociedade para os homens e a partir daí deu-lhes a oportunidade de direcionar o caminho da humanidade de acordo com os seus desejos, *enquanto coletividade*. Luxemburg identifica-se, assim, com a terceira tese sobre Feuerbach, teses publicadas pela primeira vez por Engels em 1888:

Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 32

298 LUXEMBURG, Rosa. "A Crise da Social-Democracia". In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v. 2, 2011, p. 28.

299 LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, 1995.

300 LUXEMBURG, Rosa. "Karl Marx". In: LOUREIRO (org), op. cit, v. 1, 2011, p. 133. No original: "Durch den Marxschen Gedanken ist also die Menschheit zuerst hinter das Geheimnis ihres eignen gesellschaftlichen Prozesses gekommen. Durch die Aufdeckung der Gesetze der kapitalistischen Entwicklung war aber ferner auch der Weg gezeigt, den die Gesellschaft aus ihrem naturwüchsigen, unbewußten Stadium, worin sie ihre Geschichte machte, wie die Bienen ihre Wachszellen bilden, in das Stadium der bewußten, gewollten, wahrhaft menschlichen Geschichte geht, worin der Wille der Gesellschaft und ihr tun zum ersten Male in Einklang miteinander kommen, worin, der soziale Mensch zum ersten Male seit Jahrtausenden das tun wird, was er will." In: LUXEMBURG, R. *Gesammelte Werke*. Berlin: Dietz Verlag Berlin, 1974, v. 1/2, p. 371.

A doutrina materialista sobre a modificação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são modificadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Ela tem, por isso, de dividir a sociedade em duas partes – a primeira das quais está colocada acima da sociedade.

A coincidência entre a altera[ção] das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida racionalmente entendida como *prática revolucionária*.³⁰¹

Assim, a busca pelas “limitações históricas objetivas” do capitalismo, ou seja, explicar o colapso do sistema não tem a ver com um determinismo econômico, mas com desenvolver a consciência de classe, explicando como funciona a realidade vivenciada e as tendências que ela tem para que a classe possa encaminhar suas ações para a revolução. Não é, pois, um desmerecimento das questões subjetivas, mas sua complementação para a realização da práxis³⁰².

É preciso lembrar dos debates acalorados sobre a greve de massas e a pressão da esquerda do partido por uma prática mais radical ou revolucionária. Portanto, a teoria luxemburguiana da acumulação não pode ser compreendida sem levar em consideração as perspectivas revolucionárias que se abriram em 1905, embasando economicamente a defesa, por Luxemburg e seus companheiros da esquerda social-democrata, da greve de massas como instrumento transformador.

Com o objetivo de ajudar a práxis, conforme o prefácio, e na chave do materialismo histórico e da teoria do valor de Marx, Luxemburg debateu com os teóricos da época, com Bernstein e Tugan-Baranovsky, que tentavam revisar a metodologia e a teoria marxianas, respectivamente.

3.1.1. *A Acumulação: o problema*

Na primeira parte do livro, Luxemburg determina seu “objeto de investigação”, explicando os conceitos básicos do modo de produção capitalista de acordo com a teoria de Marx e também os progressos deste autor para a análise da economia política a partir dos clássicos e fisiocratas.

Partindo do materialismo histórico como método de análise, em seu primeiro capítulo - “Objeto da Investigação” -, Luxemburg vai do geral para o específico, das condições gerais de sobrevivência em qualquer sociedade humana para aquilo que é específico no capitalismo,

301 MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 533-4. Ver também LÖWY, Michael (1975)

302 Segundo Isabel Loureiro, a relação entre consciência e processo objetivo é o problema central do pensamento político de Luxemburg. A questão abrange também seu pensamento econômico, não sendo possível separá-lo do político, uma vez que entende o marxismo como práxis. LOUREIRO, 1995.

mostrando a historicidade desse modo de produção. Durante todo o livro, Luxemburg toma o cuidado de fazer essas diferenciações, enfatizando aquilo que é geral e aquilo que é historicamente determinado. Assim, a reprodução

(...) tomada literalmente, é simplesmente reiteração, repetição, renovação do processo de produção. (...) Em primeiro lugar, a repetição regular do processo de produção é o pressuposto geral e fundamentado de um consumo regular; com isso, constitui a condição prévia para a existência cultural da sociedade humana sob todas as formas históricas. (...) Mas é somente com a agricultura, com a domesticação de animais e com o pastoreio visando o suprimento de carne que se torna possível o ciclo regular de consumo e produção, característico da reprodução. Nesse sentido, o conceito de reprodução significa algo mais do que a simples repetição; ele já pressupõe (...) determinado grau de produtividade do trabalho.³⁰³

A reprodução como repetição é condição de existência para qualquer sociedade humana em qualquer tempo histórico, no entanto, ela não é apenas a reiteração regular das condições de vida, ela é a reprodução consciente dessas condições e, nesse sentido, demanda determinado grau de domínio da natureza, ou seja, produtividade do trabalho. Diversas sociedades desenvolveram graus diferentes de produtividade, diferentes ferramentas e, portanto, distintas formas de reprodução; no entanto, há dois pressupostos básicos gerais: meios de produção e mão de obra preexistentes e em quantidade determinada. Ou seja, antes de se iniciar um processo de reprodução é necessário que existam ferramentas, matérias-primas e pessoas para trabalhar em determinada proporção, ou um número suficiente de cada um desses elementos para a reprodução da mesma quantidade de objetos.

E qual a especificidade da produção capitalista?

A sociedade capitalista entra em contradição com esses pressupostos, pois, às vezes, existem os meios e a mão de obra necessários, no entanto, a reprodução não acontece, porque o motor dessa sociedade é o lucro: se há condições para a produção, mas não para a realização de valor excedente, ela não acontece. A realização dos produtos, ou seja, sua troca por dinheiro, é condição para a reprodução no capitalismo, mais ainda, sua realização com lucro!

Além disso, ao analisar o modo de produção capitalista é preciso ter em conta que a sua reprodução acontece por ramos independentes entre si e apresenta ciclos de crescimento e recessão, não ocorrendo de forma contínua porque de tempos em tempos afloram as contradições entre a produção independente e as necessidades sociais, causando as crises.

Por esses motivos, a reprodução capitalista tem duas particularidades: 1) inclui a circulação, o processo de troca; 2) a inconstância, “alternância periódica de expansões

303 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p.7-8

maiores da reprodução e suas contrações até a interrupção parcial, ou o que se denomina o ciclo periódico de conjuntura recessiva, auge de conjuntura e crise, é a particularidade mais marcante da reprodução capitalista”³⁰⁴.

Alguns textos de Luxemburg, até esse momento, falavam marginalmente das crises, muitas vezes através de termos como anarquia capitalista ou colapso³⁰⁵. Em sua brochura *Reforma Social ou Revolução? (RR)*, ela fala do papel das crises procurando mostrar, contra Bernstein, que elas eram um fenômeno intrínseco ao capitalismo, resultado da contradição entre produção e consumo, e que o sistema de crédito aguçava essas crises e não as amenizava, como queria o autor de *Voraussetzungen...*

Nas suas aulas da escola do partido, datilografadas e guardadas no Fundo Rosa Luxemburg do *Bundesarchiv* em Berlim, há uma história das crises na segunda metade do século XIX que corresponde aos manuscritos encontrados no mesmo fundo³⁰⁶ e seguem um padrão: primeiro, abertura de fronteira para o capital seguida de investimentos europeus aumentando a demanda por mercadorias provenientes de países desenvolvidos e também especulação e empréstimos. Em algum momento aquela demanda é saturada e ocorre a crise, resolvida com a destruição de capital e abertura de um novo ciclo de expansão.

A descrição das crises nessas anotações preocupa-se com o papel do Estado, dos empréstimos e das tarifas alfandegárias, assim como na brochura de 1899. Alguns de seus escritos com análises econômicas buscam entender o papel desses agentes na política mundial do período³⁰⁷, pois eram temas da ordem do dia não só para a esquerda, mas também para a política de Estado, neste novo contexto de concorrência internacional entre potências.

Assim, as crises a partir de 1857, a primeira crise mundial segundo Luxemburg³⁰⁸, seguem um padrão de expansionismo através, principalmente, dos transportes e da abertura violenta de fronteiras, paralelamente a investimentos bancários que geram a especulação. Se em um primeiro momento há uma expansão da demanda, ela se contrai assim que a produção chega a seu auge, ou por causa do desenvolvimento técnico ou por revezes da natureza. Nesse

304 Idem, p. 10.

305 O texto *Im Rate der Gelehrten* (in: LUXEMBURG, Rosa. GW, 1974, v. 1/2, p. 382-390) trata do debate das crises em 1903/4, especialmente a escola histórica alemã e Tugan-Baranovsky. E os textos *Friedensutopien* e *Um Marokko* tratam de anarquia da produção no contexto da crise do Marrocos de 1911 (In: LUXEMBURG, Rosa. GW, 1981, v. 2, p. 491-504 e LUXEMBURG, Rosa. GW, 1980, v. 3, p. 5-11; respectivamente).

306 BArch, NY 4002/16, Bl. 106-140 e NY 4002/75, fol. 34-39 e 43-59.

307 Vide os *Wirtschaftliche und sozialpolitische Rundschau* citados no capítulo anterior.

308 Em *A Era do Capital*, Hobsbawm considera o alcance global dessa crise que foi apenas uma pausa no processo de crescimento da época, mas teve impacto político com o crescimento dessas atividades nos anos 1860. Ver HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

momento ocorre a crise, que destrói capital para reiniciar novamente o processo de expansão³⁰⁹.

No entanto, diferente do que os teóricos fizeram até ali, em *Acumulação* Luxemburg não priorizou o estudo das crises, porque “a alternância conjuntural periódica e as crises constituem a forma específica do movimento no modo de produção capitalista, mas não o movimento em si”³¹⁰. Para entender o problema da reprodução capitalista era preciso estudá-la em sua regularidade, como ela acontece sem perturbações, na média. Os trabalhos até então tinham se perguntado por que as crises ocorriam, se a reprodução capitalista seria possível ou não, e dessas perguntas decorreram uma série de teorias sobre a (im)possibilidade da reprodução. Ao contrário, Luxemburg tentaria entender a reprodução em seu próprio movimento e nele demonstraria os limites objetivos do capital. As crises eram intrínsecas a ele; o crescimento só poderia, portanto, ser visto em uma média das oscilações de alta conjuntura e crise.

Em 1899, ela disse que as crises eram a forma de resolução da contradição entre produção e consumo, e em seus estudos, que devem datar entre 1907 e 1912, as crises aparecem como colapsos momentâneos.

1834 faliram nos Estados Unidos 618 bancos Na Inglaterra, não houve bancos quebrados, apenas grandes dificuldades, mas foi a indústria de algodão a que mais sofreu com esse colapso, porque ela era a principal exportadora para os Estados Unidos. Houve um grande desemprego, uma pressão sobre os salários e essa crise contribuiu muito para a agitação do movimento cartista.³¹¹

Nos Estados Unidos começa [sic] o colapso [*crise de 1873*] em uma firma que havia iniciado a construção de ferrovias. Então, ele foi se reproduzindo sozinho. (...) A quebra americana, naturalmente, repercutiu também na Alemanha e Áustria, fortalecendo o colapso.³¹²

309 De acordo com a aula sobre “*Praktische Nationalökonomie. 2. band des 'Kapitals' von Marx*”, Luxemburg estabelece as seguintes datas de crises para o século XIX: 1815, 1825, 1836-39, 1847, 1857, 1864-66, 1873, 1882, 1891-92, 1893, 1895, 1900/01, 1907. BArch NY 4002/16, Bl. 122. Essa lista não é muito diferente da que consta no manuscrito em BArch NY 4002/75, Bl.35.

310 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 10

311 “1834 fallierten in den Vereinigten Staaten 618 Banken..... In England gab es zwar keine Bank-Bankerotte, nur grosse Schwierigkeiten, aber am meisten litt unter diesem Zusammenbruch die Baumwollindustrie, da sie die Hauptexportindustrie nach den Vereinigten Staaten war. Es ergab sich eine grosse Arbeitslosigkeit, ein Druck auf die Löhne, und diese Krise trug sehr stark zur Belebung der chartistischen Bewegung bei”. In: *Praktische Nationalökonomie. 2. band des “Kapitals” von Marx*. BArch, NY 4002/16, Bl. 120.

312 “In den Vereinigten Staaten beginnt der Zusammenbruch [*Crise de 1873*] an einer Firma, die Eisenbanbauten unternommen hatte. Dann pflanzt er sich von selbst weiter fort. [...] Der amerikanische Krach wirkte natürlich auch auf Detuschland und Oesterreich zurück und verstärkten Zusammenbruch.” in: *Praktische Nationalökonomie. 2. band des “Kapitals” von Marx*. BArch, NY 4002/16, Bl. 133.

Ela identifica, até aqui, o colapso com as crises, apresentando-o como um momento de quebra seguido de renovação, estreitamente relacionado às ascensões do movimento operário. Já em *Acumulação*, é o colapso como tendência e não como sinônimo de crise que toma o primeiro plano: ele não é um momento que antecede a renovação do capitalismo, mas sim a sua destruição, é parte da própria estrutura de reprodução e é latente na constituição do sistema. Desta forma, ela inverte o sinal da pergunta “o que torna o capitalismo possível?” e procura entender o que possibilita seu desmantelamento³¹³, por isso, volta-se para a organização interna do modo de produção e não para aquilo que o regeneraria.

A autora delimita, então, a reprodução ampliada capitalista - a acumulação - como seu tema. Essa reprodução, historicamente determinada, é a ampliação da produção através do reinvestimento nesta de parte da mais-valia pelo dono dos meios de produção, o capitalista. A reprodução ampliada é necessária para qualquer sociedade humana, porque os grupos crescem, suas demandas crescem, é necessário fazer provisões, etc, por isso é importante que a produção cresça. No capitalismo, no entanto, ela aparece como *acumulação de capital*: valor que se valoriza e tem como objetivo se valorizar; as necessidades sociais, portanto, não estão no horizonte a não ser no fato de que a realização do valor só se dá quando o produto tem uma utilidade social, ou valor de uso (que pode ser também forjado nessa formação social).

Assim, a mais-valia capitalizada deve assumir “a forma concreta que lhe permita viabilizar-se como capital produtivo, isto é, como capital gerador de nova mais-valia”³¹⁴, ou seja, meios de produção e força de trabalho, capital constante e capital variável. Mas para isso precisa encontrar no mercado esses meios na forma material, concreta, em que planejou realizar sua produção; além disso, precisa encontrar também no mercado a força de trabalho em quantidade suficiente; por fim, é preciso que os produtos adicionais correspondentes à fração da mais-valia se realizem.

Assim, ela elenca cinco condições para a reprodução ampliada capitalista:

313 Ver KRÄTKE, 2006.

314 LUXEMBURG, op. cit, 1985, p. 15.

5. produção de mais-valia;
6. realização da mais-valia, ou seja, sua transformação em dinheiro;
7. o capital adicional tem que assumir a forma produtiva: meios de produção e força de trabalho;
8. o capital destinado à força de trabalho deve ter, circulando no mercado, seu correspondente em produtos para a subsistência dos trabalhadores;
9. a nova produção tem que ser realizada, transformada em dinheiro, para que possa ser reconvertida em capital novamente³¹⁵.

Até aqui, Luxemburg trabalha com os pressupostos de Marx para a reprodução ampliada, encontrados já no Livro I, na seção VII “O processo de acumulação”. No entanto, neste livro, Marx abstrai o processo de circulação, tratando do tema como mero processo de produção; ele inclui a circulação apenas nos rascunhos para o Livro II, quando trata da reprodução social. Rosa transita, em consonância com o Livro II, entre a produção e a circulação, porque, como vimos, a reprodução capitalista abrange as duas esferas. Para que ela ocorra são necessários meios de produção e força de trabalho em quantidades suficientes. Tais elementos são encontrados no mercado, no entanto, é na produção que se produz a mais-valia realizada na circulação. Por isso, o movimento sai sempre de uma esfera para a outra, sendo impossível analisá-lo sem levar em consideração as duas.

Inicialmente, Luxemburg analisa a acumulação do ponto de vista do capital individual, o que a leva a formular a pergunta como segue: diante de um modo de produção sem planejamento, como pode o capitalista encontrar no mercado a mão de obra, os meios de produção e a demanda em escalas crescentes?

Essa questão leva à apresentação da categoria “capital social total” para conseguir entender a produção social total. Por isso, ela segue para a análise de François Quesnay, “pai da escola fisiocrata”, e de Adam Smith, mestre da economia clássica e da teoria do valor. Ambos desenvolveram análises sobre a reprodução social sendo, assim, o ponto de partida para entender o desenvolvimento da categoria do capital social total.

Quesnay introduz a categoria acima e sua reprodução, processo que seria parte da esfera da circulação. No entanto, ele entende a reprodução como um processo sem contradições ou problemas, além de acreditar, como toda a escola fisiocrata, que apenas os agricultores seriam um setor produtivo na sociedade, ou seja, a agricultura produziria todo o valor social e a partir dela se iniciaria o processo de circulação das mercadorias, a partir do qual se daria a reprodução.

³¹⁵ Idem, p. 16.

Já Smith seria confuso e concluiria que não existe capital social total e todo o produto social se dividiria em salários, lucros e renda fundiária, ou capital variável e mais-valia. O capital estaria imobilizado nos meios de produção, não entrando na conta total. Além disso, o que é capital para um seria renda para outro, podendo resumir o produto social total em $v + m$ (capital variável e mais-valia).

Apesar de ignorar a importância do capital constante na reprodução social, Smith teria feito avanços importantes inserindo conceitos como capital fixo e circulante, além do desenvolvimento da teoria do valor, compreendendo-o como resultado do trabalho humano. No entanto, não o caracteriza como uma relação social determinada historicamente, pois todo trabalho humano produziria valor, o que transforma a sociedade de trocas e a mercadoria em essência dos homens³¹⁶.

O problema aqui, prossegue Luxemburg com Marx, é que Smith não percebe o duplo caráter do trabalho produtor de mercadorias: útil e abstrato. No capitalismo, o trabalho, como trabalho útil, cria valores de uso necessários à reprodução em sua forma material concreta, mas há também o trabalho abstrato, genérico, que cria valor mas também transfere. Assim, as novas mercadorias produzidas com trabalho humano tem o valor novo criado, mas também o valor antigo dos meios utilizados para a sua produção. Portanto, é necessário incluí-los na conta do produto social total, terminando com a fórmula $c + v + m$, onde (c) é o capital constante, (v) o capital variável e (m) a mais-valia.

Essa ligação específica de cada período produtivo anterior com o seguinte, que constitui a base geral e eterna do processo de reprodução social e que consiste no fato de parte do produto de cada período ser destinada a constituir os meios de produção para o próximo, aos olhos de Smith desaparece totalmente.³¹⁷

Na verdade, do ponto de vista da circulação e do uso, a diferenciação entre trabalho pago e não-pago não tem importância, ela expressa uma relação de exploração entre capitalista e trabalhador. O que é fundamental, no entanto, para o uso da mercadoria é sua forma como meio de produção ou subsistência.

Saber se, na produção da máquina, foi empregado trabalho pago ou não-

316 Na análise entre Quesnay e Smith, há grandes diferenças entre Rosa e Marx. Ela aponta maiores avanços em Smith do que Marx; este acha que os fisiocratas, apesar de usarem outra nomenclatura, avançaram mais sobre a questão da reprodução social, pois definiram adiantamentos originais e anuais de acordo com a forma como entram no valor do produto, equiparando-se a capital fixo e capital circulante; enquanto Smith faz uma análise confusa desses conceitos, essencializando-os e tratando-os apenas como resultado da sua circulação ou não. Assim, em Smith, capital fixo não circula e, portanto, não entra no valor do produto, e capital circulante é tudo aquilo que faz parte da troca.

317 LUXEMBURG, ROSA. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 35

pago, só tem significado para o fabricante da máquina e para os trabalhadores. Para a sociedade que adquire a máquina por meio da troca, só tem importância suas propriedades na qualidade de meio de produção, função que exerce no processo de produção.³¹⁸

A reprodução social só poderá ocorrer se esses meios de produção existirem em determinada quantidade, mais um motivo pelo qual eles devem ser inseridos na análise do processo social total. Ao se incluir o capital constante na análise, deve-se estudar a teoria marxista, pois foi a partir dela que este capital passou a ser considerado. Assim, do capítulo 4 ao capítulo 9 da sua obra, Luxemburg dedica-se a estudar a reprodução deste ponto de vista, desde a reprodução simples até a ampliada, explicando diversos conceitos: capital constante e variável, mais-valia, mercadoria, reprodução ampliada, etc. E, apesar de citar em algumas passagens a seção sobre acumulação do Livro I de *Das Kapital*, o foco da análise é o Livro II, porque é nele que Marx trabalha com o capital social total, enquanto no primeiro permanece sob o ponto de vista do capitalista individual³¹⁹.

Daqui em diante, Luxemburg sai da categoria de capital total (*Gesamtkapital*), que é o capital total do capitalista individual, para a de capital social total (*gesellschaftliches Gesamtkapital*). Vimos que o primeiro capítulo trabalhou com o primeiro conceito e o problema apareceu da seguinte forma: em uma sociedade não regulada, em que se produz individualmente sem qualquer tipo de contabilidade social, como é possível “assegurar ao capitalista quantidades crescentes de meios de produção, mão-de-obra e possibilidades de venda para suas mercadorias, de acordo com suas necessidades respectivas de acumulação, isto é, em determinadas proporções e tipos?”³²⁰. Nos dois seguintes, ela faz uma análise crítica de Smith e insere o capital social total, necessário à análise da acumulação, e chega a expressão geral $c + v + m$.

As relações existentes nessa expressão representariam qualquer sociedade (relações entre meios de produção, força de trabalho e mais-trabalho), sendo mais condizentes com sociedades planejadas, pois no capitalismo não há nenhum tipo de regulação, os produtores individuais se relacionam apenas no mercado e ali experimentam a satisfação das necessidades sociais. Seria, então, o capital social total uma ilusão estatística? Não, porque a *taxa média de lucro* “domina por completo o movimento aparentemente independente dos capitais individuais”³²¹, ela determina quanto cada capital terá de lucro independente de

318 Idem, p. 35

319 Na verdade, na Seção VII do Livro I, ele fala também da reprodução capitalista como classe. No entanto, é só no Livro II que a perspectiva social total entra em foco.

320 LUXEMBURG, op. cit., p. 17

321 Idem, p. 39

quanto cada um produziu e se expressa na relação entre a mais-valia e o capital social total, ou seja, $m/(c+v)$. Além disso, para o capital social total importa a forma material de cada um desses componentes e sua proporção, porque a forma concreta dos produtos determina a reprodução. Por isso, é necessário dividir a produção social em dois departamentos: meios de produção (I) e meios de subsistência (II).

Rosa apresenta, então, as relações que Marx estabeleceu entre os dois departamentos:

$$\text{Dep. I} \quad c^1 + v^1 + m^1 = T^1$$

$$\text{Dep. II} \quad c^2 + v^2 + m^2 = T^2$$

Para que a reprodução simples ocorra, temos que:

$$T^1 = c^1 + c^2$$

$$T^2 = v^1 + m^1 + v^2 + m^2$$

$$c^2 = v^1 + m^1$$

No entanto, para Luxemburg, a reprodução simples é uma ficção, pois toda e qualquer sociedade precisa ampliar sua produção, a diferença é que no capitalismo a ampliação é impulsionada pelo lucro e não pelas necessidades sociais. “A reprodução simples só pode ser concebida em alternância periódica com a reprodução ampliada”³²², porque após determinado tempo, os meios de produção como um todo deverão ser trocados, o que exige um aumento na produção em determinado período³²³. Além disso, grandes obras como a construção de ferrovias só se realizam se há grande dispêndio de trabalho de uma vez em curto período de tempo, o que saíria do esquema da reprodução simples. Luxemburg observa uma contradição entre a forma do capital fixo e a reprodução simples, pois aquele precisaria de grandes quantidades de trabalho de uma vez, ou seja, reprodução ampliada³²⁴. A necessidade de ampliação de tempos em tempos da produção e o progresso técnico exigem que se passe à reprodução ampliada.

Antes de analisar a reprodução ampliada em Marx, Luxemburg passa pela “circulação

322 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 47.

323 Essa avaliação é feita por Marx em alguns momentos do Livro II. A reprodução simples e a reprodução ampliada são alternadas no capitalismo. Por isso, ele diz: “A reprodução simples em escala constante aparece como uma abstração, à medida que é estranho supor, de um lado, na base do sistema capitalista, a ausência de toda acumulação ou reprodução em escala ampliada e, de outro, as condições em que se produz não permanecem absolutamente iguais em diversos anos. (...) Entretanto, à medida que ocorre acumulação, a reprodução simples constitui sempre parte da mesma podendo, portanto, ser examinada em si mesma e é um fator real da acumulação.” In: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro segundo. São Paulo: Nova Cultural, 1988, v.3, p. 276.

324 Para Rosa, Marx teria tratado dessa contradição apenas indiretamente, quando fala da necessidade de superprodução relativa ou estoque de capital produtivo para a renovação de capital fixo. O que ele fala, na verdade, é que uma desproporção entre capital fixo e circulante não é a causa das crises, como querem os economistas burgueses, mas necessária para a renovação periódica do primeiro.

do dinheiro”. Ela guia-se pela análise de Marx na terceira seção do Livro II “A Reprodução e a Circulação do Capital Social Total”. Ainda na esfera da reprodução simples, a questão monetária (circulação, reposição material, entesouramento e capitalização) é recorrente, tratando-se de um ponto central para a reprodução.

Até aqui, Luxemburg frisou em diversos momentos que, para a reprodução ocorrer, a mercadoria deve se realizar no mercado, transformar-se em dinheiro, forma pura do valor. Neste momento, ela analisa o dinheiro 1) do ponto de vista da *reprodução simples* e 2) como meio de troca. É importante, por isso, fazer uma ressalva sobre a tradução que utilizamos.

Na tradução de *Acumulação* da editora Nova Cultural de 1985, encontramos:

Até agora, ao considerar o processo de reprodução, prescindimos totalmente da circulação do dinheiro. Não prescindimos dele como representação de valor e medida de valor; pelo contrário, todas as relações do trabalho social foram supostamente expressas e avaliadas em dinheiro, enquanto meio de troca.

No entanto, na nossa tradução do original em alemão, teríamos:

Até agora, na consideração do processo de reprodução, abstraímos totalmente da circulação de dinheiro. Não [*abstraímos*] do dinheiro como representação do valor e medida de valor; pelo contrário, todas as relações do trabalho social foram tomadas e medidas como expressas em dinheiro. Agora, é também necessário provar o esquema dado da reprodução simples do ponto de vista do dinheiro como meio de troca.³²⁵

A última frase, não traduzida na versão editada, parece-nos importante para entender do que trata o capítulo, tão criticado por outros teóricos: trata-se de entender o dinheiro como meio de troca no esquema da reprodução *simples*, sem deixar de lado outros papéis que cumpre, principalmente como capital monetário. Aqui, o principal problema a ser analisado é a (re)produção do material monetário.

No capitalismo, é fundamental o fato de os operários não receberem seu salário em produtos, mas através de um vale que precisa ser trocado no mercado, o dinheiro. “A venda de energia de trabalho e a livre compra de meios de consumo pessoal pelos trabalhadores são os aspectos decisivos do modo de produção capitalista. Ambos se expressam e são mediadas pela *forma de dinheiro* do capital variável v ”³²⁶. Portanto, o dinheiro (capital monetário) entra em circulação como pagamento dos salários, ou como diz Marx: “O processo de reprodução é

325 “Bis jetzt haben wir bei der Betrachtung des Reproduktionsprozesses von der Geldzirkulation ganz abgesehen. Nicht vom Geld als Wertdarstellung und Wertmesser; alle Verhältnisse der gesellschaftliche Arbeit wurden vielmehr als in Geld ausgedrückt angenommen und gemessen. Nun ist es auch notwendig, das gegebene Schema der einfachen Reproduktion vom Standpunkt des Geldes als Austauschmittel zu prüfen.” LUXEMBURG, Rosa. GW, 1985, v. 5, p. 66.

326 LUXEMBURG, op. cit., 1985, p. 49.

iniciado com a compra da força de trabalho por determinado tempo”³²⁷. Terminada a circulação, ele sempre retorna ao seu ponto de origem, o capitalista, e com ele torna-se capital que será trocado por mercadorias e, assim, sucessivamente; dinheiro e mercadoria estão em constante movimento, trocando de posições, perfazendo a circulação do capital entre capital-dinheiro, capital-produto e capital-mercadoria.

O dinheiro possui uma forma física que precisa ser reposta, é um meio de troca ou meio de circulação e é sobre essa reposição que Luxemburg diverge de Marx, dizendo que a produção de ouro como dinheiro não pode estar atrelada ao departamento I, ela precisa constituir um terceiro departamento. Primeiro porque colocá-la no departamento I geraria um déficit na reprodução de meios de produção de I e II e, segundo, porque os esquemas de reprodução simples servem a uma economia planejada como a socialista para a qual o dinheiro não tem importância, por isso, seria melhor expresso como algo separado, diferindo do esquema genérico.

Apresenta-se até aqui uma reprodução sem contradições, sem distúrbios, que ocorre sem problemas; mas, na prática, existem flutuações de preços, de lucros, capitais passando de um ramo a outro, crises. É que o “esquema representa uma média social” e tem a circulação como a intermediária do processo total de reprodução. Segundo Luxemburg, se a questão fosse elaborada do ponto de vista das crises tudo se resumiria à relação produção-demanda, o que não elucidaria a acumulação.

Do exposto até aqui podemos ver que o problema da reprodução do capital social não é coisa tão simples, como freqüentemente é visto sob o ponto de vista exclusivo da crise e sob o qual a questão se coloca mais ou menos em termos de: como é possível que em uma sociedade não planejada e composta de inúmeros capitais individuais as necessidades totais possam ser cobertas por intermédio de sua produção total? Sob esse mesmo prisma então se espera que os sinais de oscilação constante da produção em função da demanda, isto é, a mudança cíclica da conjuntura, forneçam a resposta. Essa concepção que aborda o produto social total como um misto homogêneo de mercadoria e necessidade social, e o faz de maneira confusa, igualmente deixa de lado o mais importante: a diferença específica que caracteriza o modo de produção capitalista.³²⁸

Do ponto de vista das crises, a questão pareceria um problema de oferta e demanda, característico das teorias liberais e que Marx critica no capital. Por isso, é necessário impor uma média à reprodução capitalista para que seja possível perceber seu movimento real, entre as esferas da produção e circulação.

327 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro Primeiro. São Paulo: Abril Cultural, 1984, v. 1/ t.2, p. 154.

328 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 56.

Mas, mesmo impondo uma média, a reprodução simples nem de longe corresponde à acumulação capitalista, pois esta se caracteriza fundamentalmente pela ampliação, porque o objetivo deste modo de produção é a valorização do valor em escala sempre crescente. Isso se manifesta na alteração da composição orgânica do capital, que é maior investimento em capital constante em relação ao capital variável. É o que Marx apresenta no Livro I e que Luxemburg repete no capítulo 6, “A Reprodução Ampliada”, de seu livro. O resultado disso é que a aceleração da acumulação repõe as condições geradoras do capitalismo, a separação do trabalhador dos meios de produção, aumentando cada vez mais a miséria e o exército industrial de reserva.

Essas condições servem aos pressupostos da acumulação: meios de produção, meios de subsistência e força de trabalho adicionais e capitalização crescente de parte da mais-valia em vez de consumi-la, diferença fundamental com a reprodução simples, na qual os capitalistas consumiam-na totalmente.

Nos esquemas de Marx, a composição orgânica e as taxas de mais-valia e de capitalização anuais estão estabelecidas e a acumulação ocorre indefinidamente, sem conflitos. Para Luxemburg, era preciso buscar as condições concretas da acumulação, essenciais para entender seu movimento. Não bastavam os esquemas. Eles mostrariam determinadas relações quantitativas, mas para a reprodução do capital social total o valor de uso deve ser levado em consideração, pois a troca das mercadorias na sociedade ocorre de acordo com a utilidade delas. Para Rosa, seguindo Marx, é preciso ter em conta essa forma material do valor na análise da reprodução ampliada; essas formas devem corresponder às necessidades daqueles que os realizarão, tanto no modo de produção capitalista como em outros.

Analisando os esquemas de Marx do Livro II, Rosa observa que eles explicam uma certa relação entre os departamentos I e II submetendo a acumulação de II a I, ao obrigá-lo a incorporar todos os meios de produção a capitalizar de I, produzindo determinada quantidade de meios de consumo para realizar a acumulação de I. O departamento I acumula muito mais rápido que o II, apesar de Marx dizer que é necessário o contrário. A questão é resolvida quando ele estabelece igual composição orgânica de capital em I e II. A partir daí, ambos departamentos acumulam metade de sua mais-valia. Luxemburg não se satisfaz com essa resposta, pois ela pressupõe que a demanda crescente para a ampliação encontra-se no consumo dos trabalhadores, no aumento de capital variável o que, para ela, é incompatível com o capitalismo.

Além disso, o esquema de Marx pressupõe a troca direta de produtos entre I e II e a

reprodução capitalista exige a transformação em dinheiro. A questão toda para Rosa é a necessidade da troca por dinheiro, da realização na forma do equivalente universal. I e II não poderiam ser suas respectivas demandas porque antes de II inserir os produtos de I na sua produção, I precisa vender esses meios, trocá-los por dinheiro; no entanto, quem os compra? Assim, no segundo exemplo de Marx, temos:

$$\text{I. } 5.000c + 1.000v + 1.000m = 7.000$$

$$\text{II. } 1.430c + 285v + 285m = 2.000$$

$$\text{Total} = 9.000$$

500mI será capitalizada sendo: 417 para Ic e 83 para Iv. Segundo Marx, para que 83Iv entre na produção, I adianta capital aos trabalhadores que compram 83 em meios de consumo de II. Com esse capital adiantado, II compra 83 em meios de produção que serão incorporados ao seu novo capital constante. Assim, o capital adiantado retorna a seu dono inicial e o capital social total pode circular com uma massa monetária diferente de seu valor total.

Rosa não vê sentido nessa operação, porque o estímulo à acumulação se encontraria no consumo do trabalhador, este constituiria a demanda crescente, o que do ponto de vista do capitalismo não teria sentido. Ela pressupõe que para aqueles 83 serem adicionados ao capital variável de I deve existir um mercado anterior a ser atendido. Ela parece entender a rotação do capital de maneira diferente de Marx. Este induz a realização dos 83v¹ adicionais no mesmo ano iniciando o trabalho antes que o capital tenha completado sua rotação; enquanto para Rosa os 83v¹ em mercadorias precisam ser realizados antes de serem incorporados na produção como (v) adicional no ano seguinte; dessa forma o novo período de trabalho só pode começar depois de terminada a primeira rotação do capital, por isso a demanda não pode vir do trabalhador. Enquanto Marx separa períodos de rotação de capital de períodos de trabalho, Luxemburg parece fazer coincidir os dois³²⁹.

O esquema faz girar dentro de uma sociedade puramente capitalista toda a reprodução ampliada, o que para Rosa seria impossível, pois, no capitalismo, a reprodução tem como sua condição fundamental “a realização da mais-valia em sua forma pura de valor”³³⁰, ou seja,

329 Para Marx, a reprodução do capital social total atua conforme o ciclo M'...M', pois este é o movimento da mercadoria e nele se demonstra o que acontece com cada parte do valor desse produto global, importando o consumo produtivo e pessoal. Assim, sua rotação não necessariamente, ou quase nunca, se iguala ao período de trabalho. As diferenças nos tempos de rotação são transformadas em médias na análise da reprodução social. No entanto, ela continua diferindo do período de trabalho e se entrelaçando a ele. Quando um período de trabalho recomeça, a rotação ainda não se encerrou. Luxemburg parece considerar que o período de trabalho só recomeça quando a rotação termina, daí a necessidade de transformação de toda a mais-valia a capitalizar em dinheiro antes de reiniciar a produção.

330 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 80

dinheiro³³¹. Para tanto, é necessário que haja demanda. Portanto, quem compra a mais-valia ampliada?

Note-se que ela se equivoca ao exigir de um esquema matemático uma correspondência imediata com a realidade quando este não era o objetivo de Marx. Veremos depois que ela mesma demonstra ter consciência disso.

Segundo Luxemburg, não são os operários nem os capitalistas que compram a mais-valia. Os primeiros resumem seu consumo ao valor equivalente ao capital variável. Os segundos consomem parte da sua mais-valia, mas a parte que é reinvestida, acumulada, não pode ser consumida por eles mesmos, se não voltariam à reprodução simples. Assim, “a acumulação só pode efetivar-se na medida em que o mercado cresce fora dos Departamentos I e II”³³².

As tentativas de Marx de resolver o problema da realização não foram suficientes para ela, o erro é que ele não partiu da demanda, mas da origem do dinheiro necessário para a realização. A origem do dinheiro seria muito clara: está com o consumidor, mas onde está este consumidor? Onde se encontra “a utilização possível da mercadoria”³³³?

Do ponto de vista do dinheiro como meio de circulação, o problema inexistia, pois, apesar de ser uma forma necessária, é preciso considerar que sempre haverá material dinheiro suficiente para a circulação das mercadorias na sociedade. Dever-se-ia considerar o dinheiro como circulação de capital, como momento dessa circulação quando ela toma a forma do capital monetário, essencial à acumulação. Só observando o processo de circulação como parte da reprodução social é que se poderia chegar ao problema correto, que não se colocava do ponto de vista da fonte/origem do dinheiro (*Geldquelle*) para a circulação da mais-valia e sim na demanda, na “zahlungsfähig Bedürfnis”³³⁴ e, por isso, a forma concreta das mercadorias importa na análise do capital social total.

Em Marx, a solução não teria se apresentado porque ele não terminou sua obra, sendo o Livro II a parte mais inacabada. Além disso, sua análise do processo de reprodução é

331 Jorge Miglioli acentua que não há necessidade de realizar a mais-valia antes de iniciar a acumulação, porque a parcela vendida aos mercados externos e a acumulada não precisam coincidir e se são vendidas para mercados internos a venda e a acumulação são “duas faces, ou dois momentos, de um mesmo fato”. MIGLIOLI, Jorge. *Acumulação de Capital e Demanda Efetiva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982, p.169-1711

332 LUXEMBURG, op. cit., 1985, p. 81

333 Idem, p. 95. Na verdade, Marx não levantou o problema da realização, ele queria explicar como funcionava a reprodução do capital constante na acumulação, debatendo com a economia clássica.

334 LUXEMBURG, Rosa. GW, 1985 v. 5, p. 132. Neste trecho, o termo foi traduzido em português como “necessidades sociais efetivas” (LUXEMBURG, op. cit., p. 101). No entanto, o termo *zahlungsfähig* quer dizer capacidade de pagamento, solvente, e *Bedürfnis* é necessidade, o que significaria necessidade solvente ou as necessidades que encontram meios de pagamento. Por tanto, não é qualquer necessidade social, mas aquela que pode ser comprada, realizada em dinheiro; demanda solvente.

dominada pela discussão com Adam Smith acerca de $v + m$ como representante do produto social total para o último. Marx insiste, então, que no valor das mercadorias, principalmente no processo de reprodução, era preciso repor o trabalho morto, ou seja, (c). Por isso, segundo Luxemburg, o problema da realização teria ficado em segundo plano.

Esse problema se resume a “quem realiza a mais-valia?” e quem são seus compradores. Não podem ser nem capitalistas, nem operários; os primeiros devem deixar de consumir parte da mais-valia para aumentar a produção e os segundos consomem apenas o valor do capital variável. Rosa apresenta então a sua tese: é preciso existir um mercado fora de I e II não apenas para realizar a mais-valia de um ciclo, mas ele deve ter uma expectativa futura para que a mais-valia realizada seja capitalizada. O mercado externo envolve, portanto, realização e investimento.

Do ponto de vista estrutural, essa Seção 1 do livro de Rosa segue a Seção 3 do Livro II de *Das Kapital*. Seu primeiro capítulo “Objeto da Investigação” e o desenrolar do problema são baseados na estrutura de Marx, que começa com o mesmo item no capítulo 18 - “Objeto da Investigação” -, passando por Quesnay e Smith até colocar a sua questão e apresentar os processos de reprodução simples e ampliada na sequência. Luxemburg segue esse roteiro na Seção I para apresentar os problemas da análise marxiana encontrados exatamente naquela Seção 3, a mais inacabada segundo ela mesma.

Mas não foi apenas Marx que se atrapalhou com a reprodução ampliada. Antes dele, o debate entre os economistas burgueses, com pressupostos smithianos, foi intenso e durou décadas a partir de uma questão vital do capitalismo: é possível a sua ampliação ou não?

Essa pergunta perpassou a história da economia política e Luxemburg apresenta esse debate na Seção 2 de seu livro, contribuindo para completar a lacuna na História da Economia Política.

3.1.2. A história do problema

Luxemburg começa a história do problema no início do século XIX com a crise de 1815 causada pelo bloqueio continental de Napoleão I à Inglaterra. A Inglaterra acreditava que a revogação do bloqueio abriria uma grande demanda para sua indústria têxtil, mas não levou em consideração que o comércio ilegal para o continente não conseguiria fornecer a quantidade necessária dos produtos, o que incentivou o desenvolvimento da indústria continental, por exemplo na Saxônia, atrapalhando a expansão industrial inglesa³³⁵. Além disso, as guerras napoleônicas esgotaram o continente, restringindo o mercado.

335 BArch NY 4002/75 Bl.43.

Nas aulas datilografadas, Luxemburg fala que essa crise não era característica da modernidade do capitalismo, porque não seria causada pelas relações econômicas. A primeira crise moderna seria datada de 1825³³⁶. Nessa época, ela estava mais próxima à análise da primeira edição de *RR*, pois a avaliação acima implica a divisão entre crises da infância e crises da maturidade. No entanto, em *Acumulação* não há referência à essa divisão, e ela argumenta que a crise de 1815 abalou as concepções de que o capitalismo fosse um sistema harmônico e já teve todas as características de qualquer crise capitalista: “mercados saturados, lojas cheias de mercadorias que não encontravam compradores, numerosas bancarrotas, além da miséria gritante das massas trabalhadoras”³³⁷.

Com o abalo da perfeição capitalista, surgiram as primeiras reivindicações de trabalhadores e os primeiros debates sobre a reprodução social no capitalismo. Os principais representantes do primeiro confronto são Sismondi, Malthus, Say e Ricardo.

Jean C. L. Sismondi³³⁸ foi um suíço que estudou teoricamente os defeitos do capitalismo, ao contrário de Robert Owen que tentou resolvê-los na prática. Segundo Rosa, Sismondi descreve os principais problemas do sistema – ruína da pequena indústria, despovoamento do campo, proletarização, empobrecimento, maquinaria, desemprego, crédito, contrastes sociais, crise e anarquia – mas estava circunscrito ao dogma de Smith, desconsiderando a renovação do capital constante, e via a causa das perturbações na desproporção entre produção e distribuição de renda. Mesmo com esses erros, Sismondi foi o primeiro a identificar o problema: quem realiza a mais-valia?

O suíço deduzira que o limite da reprodução no capitalismo estaria na desigualdade da distribuição e, de acordo com manuscritos de Luxemburg, encontrara uma saída temporária para as crises no comércio exterior³³⁹, mas “de fato, a teoria sismondiana acaba declarando, em princípio, impossível a acumulação”³⁴⁰.

Sismondi caiu no mesmo erro de Smith ao ignorar a renovação do capital constante no produto total e os economistas marxistas invalidaram toda a sua análise por causa disso. No entanto, estes não perceberam que a fórmula do produto social total não era o central, embora essencial, nem para Sismondi, nem para a questão da acumulação, pois a inserção de (c) não

336 BArch 4002/16 Bl. 109

337 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 109. Ver também KOWALIK, 1979.

338 O livro em questão é *Nouveaux Principes d'Économie Politique*, publicado a primeira vez em 1819. Rosa leu a tradução do alemão: *Neue Grundsätze der Politischen Ökonomie*. Trad Robert Prager. Berlin 1901.

339 “Sismondi findet den Ausweg aus der Schwierigkeit im auswärtigen Handel”. BArch NY 4002/75 Bl. 189.

340 LUXEMBURG, op. cit., 1985, p. 119

resolveu o problema da demanda³⁴¹. Tratava-se, em Sismondi, da polêmica com os representantes da escola clássica sobre a impossibilidade ou irrestrita acumulação de capital, que para ele é impossibilidade porque não haveria como realizar a mais-valia.

A partir daí, Luxemburg analisa aqueles com os quais Sismondi polemizava: MacCulloch, Ricardo e Say, representantes da escola clássica e defensores da reprodução ampliada ilimitada no capitalismo.

John Ramsay MacCulloch, inglês, era adepto da escola ricardiana e publicou um texto em outubro de 1819 dirigido contra Robert Owen, mas também respondendo ao livro de Sismondi³⁴². Para MacCulloch, não havia contradição entre oferta e demanda, pois a mais-valia³⁴³ seria consumida pelos capitalistas em objetos de luxo. Essa descrição corresponde, para Luxemburg, à circulação simples de mercadorias, processo que não acontece na realidade capitalista. Ele exclui a circulação do dinheiro para chegar a essa conclusão, fazendo parecer que uma mercadoria é paga por outra³⁴⁴, quando na verdade a presença do elemento monetário é fundamental para separar compra e venda.

MacCulloch pretendia resolver a questão com o consumo de luxo e o equilíbrio entre agricultura e indústria. Sismondi, por sua vez, conclui que a expansão dos mercados não seria suficiente para resolver as crises pois as regiões periféricas se industrializariam. Afinal, o capitalismo teria a tendência de superar todas as barreiras agravando a concorrência e a anarquia da produção³⁴⁵.

Entre 1821 e 1823, David Ricardo apresentou-se também na polêmica Sismondi-MacCulloch³⁴⁶, adotando a tese de que a produção acompanhava o consumo, mas, segundo Luxemburg, ele apenas aumenta os valores de uso produzidos sem elevar o valor; do ponto de vista capitalista não há, portanto, ampliação, porque isso significaria aumento dos valores. Na análise de Ricardo, as mercadorias produzidas trocar-se-iam entre si sem problemas, ideia

341 A referência aqui é aos marxistas legais russos que ela analisa no final dessa seção. Ela cita Lenin e seus seguidores, especificamente, o texto *Zur Charakteristik der ökonomischen Romantik (Sismondi und unsere einheimischen Sismondisten)* de 1897. A crítica aos marxistas se refere ao fato de eles não perceberem que o central era a questão de quem realiza a mais-valia, e não o problema do dogma de Smith.

342 Texto publicado na *Edinburgh Review*, em outubro de 1819.

343 Observe-se que ele não usava o termo “mais-valia”.

344 Raciocínio semelhante ao que Luxemburg faz em anotações sobre James Mill e as teorias da impossibilidade das crises: Barch NY4002/75 Bl. 136

345 Ver ARTHMAR, Rogério. A Economia Clássica contra os fatos ou Sismondi entre Ricardianos. *Economia e Sociedade*. Campinas, v. 18, n. 2 (36), ago 2009, p. 261-285. Ver também LUXEMBURG (1985), p. 128.

346 O texto de referência é a terceira edição (1821) de *Princípios da Economia Política e Tributação*, de David Ricardo. Ela utilizou a tradução alemã de Eduard Baumstark de 1877 - *David Ricardo's Grundgesetze der Volkswirtschaft und Besteuerung*.

filiada ao pensamento de Jean-Baptiste Say³⁴⁷ - o último desta escola -, que afirmaria em 1824 que não havia crises, pois não havia contradição entre produção e consumo, a produção seria seu próprio mercado junto com a ampliação da força de trabalho. Funda-se com Say a linha harmonicista.

A ordem dessa primeira polêmica é inversa à influência de seus autores. Temos Sismondi, de um lado, e os harmonicistas, de outro; entre estes Say era considerado o herdeiro de Smith, influenciando Ricardo que, por sua vez, influenciou MacCulloch.

Para Luxemburg, Sismondi era superior aos ricardianos, pois veria o reflexo dos problemas econômicos na realidade, mas o debate de seu tempo se fechava sobre as crises e tinha base no dogma smithiano. Assim, ou se dizia que a acumulação não era possível ou eram as crises que não existiam. No entanto, qualquer uma das opções não corresponderia à realidade.

Luxemburg encerrou o primeiro confronto com Thomas Malthus, que também se contrapunha aos ricardianos, mas era um apologista do modo de produção capitalista, diferente de Sismondi, e via no consumo dos agregados da classe dominante a saída para a acumulação ilimitada. Por um lado, Malthus enfatizaria a necessidade da troca de produtos por dinheiro e não entre si. Por outro, ele observaria somente a troca de mercadorias e não a reprodução social. Sismondi e Malthus teriam em comum a busca por uma solução da acumulação em consumidores que comprem sem vender: o primeiro conclui que há sempre um excedente invendável aliviado pelo comércio externo, o segundo que são classes improdutivas as consumidoras da mais-valia.

O que Rosa faz neste primeiro trecho é confrontar as ideias de Jean Sismondi com a dos harmonicistas ingleses. Os argumentos expressos neste trecho do livro encontram-se como anotações na pasta NY 4002/75 B1 186 a 205 do Fundo Rosa Luxemburg no *Bundesarchiv*. Nesta pasta, encontramos os pontos de destaque da obra de Sismondi para Luxemburg: não inclui o capital constante na reprodução; entende a importância do comércio externo, das colônias para a reprodução ampliada e, o principal, apesar do caminho errado, ele encontra o verdadeiro problema da acumulação - a realização da mais-valia.

A escolha destes nomes não foi aleatória, eles aparecem também no Livro II de Marx e foram escolhidos por este como seus interlocutores, porque herdeiros diretos da obra de Adam Smith e David Ricardo, principalmente. Além disso, para a questão da acumulação, Luxemburg viu neste debate um avanço: a formulação do problema.

347 Cita a obra de Say, *Traité d'Économie Politique* (Paris, 1803, v. 1), mas o artigo principal da polêmica foi publicado na *Revue Encyclopédique*, em julho de 1824.

Já no segundo confronto, não houve avanço e nem sequer a identificação da questão. Desenvolveu-se mais ou menos na metade do século XIX entre os anos 1840 e 1860 e foi tributário daquelas ideias iniciais. Rosa contrapõe em três capítulos as ideias de Johann Karl Rodbertus e Julius Hermann von Kirchmann, ambos alemães que viveram no século XIX³⁴⁸.

Um pouco antes deste período, o movimento operário fazia seus primeiros levantes. Luxemburg cita os trabalhadores em Lyon, na França, em 1831 e 1834 e os cartistas na Inglaterra em 1836. O desenvolvimento da luta dos trabalhadores deu novo impulso aos estudos teóricos e Rodbertus levou adiante a perspectiva de Sismondi como crítico da produção capitalista.

Ao mesmo tempo em que os trabalhadores se organizavam, as contradições do sistema em seus aspectos econômicos se apresentavam com mais clareza nas crises de 1837, 1839, 1847 e a primeira crise mundial em 1857. Essas conturbações colocaram por terra a teoria dos clássicos da impossibilidade das crises.

A crise de 1857 foi a primeira crise mundial. Em seus manuscritos, Luxemburg descreve o processo que levou à quebra: desde 1846, a Inglaterra estabelecia o livre-comércio, iniciado com a abolição das tarifas para os cereais; ao mesmo tempo, novas minas de ouro foram encontradas na Califórnia e na Austrália e a guerra da Criméia chegou ao fim em 1856. Todos esses acontecimentos abriram novos mercados para a indústria inglesa. No entanto, após as revoluções de 1848, outros países europeus desenvolveram sua indústria e, também por causa das revoluções, investiram seus capitais nos Estados Unidos, iniciando um movimento de especulação e avanço sobre aquelas terras com a construção de ferrovias. Em 1857, um pequeno banco estadunidense quebrou e iniciou o pânico nas bolsas americanas. A queda do preço dos cereais e do algodão, a conexão internacional entre os bancos, os investimentos estrangeiros e a industrialização de outros países fez espalhar a crise, atingindo diversos países como Alemanha, Suécia e Dinamarca³⁴⁹.

As teorias de Rodbertus e Kirchmann tinham esse contexto político e econômico como pano de fundo. O primeiro via a origem das perturbações e da miséria na má distribuição de renda, causadas pela redução relativa dos salários na parte do produto total devido à crescente produtividade do trabalho. O segundo vê a causa nos limites do mercado, a falta de consumidores. Assim, apesar de Kirchmann se colocar como opositor de Sismondi, eles encararam a mesma questão e perceberam a importância da abertura de mercados.

348 Rodbertus publicou em 1842 o livro *Zur Erkenntniss unserer staatswirthschaftlichen Zustände*. Kirchmann respondeu-o no *Demokratischen Blättern* em dois artigos: “Über die Grundrente in socialer Beziehung” e “Die Tauschgesellschaft”. Rodbertus, então, replicou com *Socialen Briefen* de 1850-1.

349 BArch NY4002/75 Bl 46-47.

Para este segundo autor, a solução das crises estaria no consumo de luxo pelos capitalistas, o que tem como consequência, para Luxemburg, a impossibilidade da acumulação em uma sociedade constituída de operários e capitalistas. Por isso, Kirchmann combate o consumo produtivo de mais-valia, mas como era um apologista do sistema, seus pressupostos não contribuíram para o avanço da discussão, pressupondo uma paralisação no desenvolvimento das forças produtivas ao querer parar a acumulação.

Já Rodbertus percebeu a contradição entre produção e consumo, mas via a origem disso na decrescente participação dos trabalhadores no produto total levando à pauperização de grande parte da sociedade. Por este motivo foi visto como o primeiro a falar sobre a piora das condições de vida com o desenvolvimento do capital e é considerado por catedráticos alemães como o pai do socialismo.

Há alguns avanços na análise da reprodução de Rodbertus, especialmente quando aponta a periodicidade das crises e sua intensificação com a expansão do capitalismo, resultados do progresso técnico. No entanto, ele avalia a causa das crises no decréscimo da participação dos salários, aproximando-se das análises de Say e Ricardo de que subprodução de um lado é superprodução de outro. Propõe então a fixação da taxa de salários para conter as crises, mas não percebe que isso pararia a acumulação.

Neste segundo debate, os autores continuam a tentar explicar as crises sem entender que elas são a forma do movimento do capital, como no confronto anterior. Além disso, há uma inversão de valores, von Kirchmann, defensor do capitalismo, aproxima-se mais da análise de Sismondi ao identificar o problema nos limites do mercado do que Rodbertus, crítico do sistema, que retoma concepções ricardianas sem perceber.

Devido à sua posição crítica ao sistema, alguns socialistas de cátedra alemães, e o próprio Rodbertus, insistiram que Marx o plagiara, roubando-lhe a teoria da mais-valia. Engels, então, respondeu no prefácio ao Livro II:

A existência da parcela do valor do produto que agora chamamos de mais-valia havia sido detectada muito antes de Marx; igualmente havia sido expresso, com maior ou menor clareza, em que ela consiste, ou seja, no produto do trabalho pelo qual o apropriador não pagou um equivalente. Mas não se chegou mais longe do que isso. Uns – os economistas burgueses clássicos – no máximo investigaram a proporção em que o produto do trabalho é repartido entre o trabalhador e o possuidor dos meios de produção. Outros – os socialistas – consideraram injusta essa repartição e procuraram meios utópicos para eliminar a injustiça. Uns e outros ficaram presos às categorias econômicas que já haviam encontrado.³⁵⁰

350 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro segundo. São Paulo: Nova Cultural, 1988, v.3, p. 15

Até Marx, todos os autores trabalharam com Smith (produto social total = $v + m$) e este já havia apresentado a mais-valia como elemento do modo de produção. No entanto, foi apenas Marx que incorporou o trabalho morto e o capital social total como elementos da reprodução social, promovendo grandes avanços na Economia Política. Com Rodbertus e von Kirchmann terminou o debate da economia burguesa sobre este tema e, a partir de Marx, as discussões mais importantes serão entre economistas marxistas. É à essa a corrente que Luxemburg dedicou o terceiro confronto.

O debate sobre a possibilidade ou impossibilidade da acumulação baseou-se na fórmula $v + m$ e a confusão de definições entre renda e capital. Depois deles, Marx revolucionou a economia política e demarcou novos parâmetros incluindo a análise do capital social total, como vimos acima. Assim, no terceiro confronto, Luxemburg dedica-se aos teóricos russos, que se consideravam herdeiros de Marx, entre os anos 1880 e 1890, antes que o tema fosse colocado em pauta entre os socialistas alemães.

Os marxistas legais russos e os populistas foram os primeiros a polemizar sobre a análise da acumulação de Marx ao tentarem entender questões concretas da Rússia: afinal, seria ou não possível o desenvolvimento do capitalismo no país? Os populistas responderam à pergunta ceticamente, enquanto os marxistas foram otimistas. Os últimos venceram o debate e suas teorias teriam se espalhado entre os meios marxistas, especialmente a obra de Tugán-Baranovsky, que chegou à Alemanha em 1901, acendendo o debate sobre as crises e os esquemas de reprodução e estimulando ainda mais o revisionismo.

A vitória teórica do grupo marxista não o tornou mais revolucionário que os outros; segundo Rosa, na aurora da revolução, em 1905, a maioria manteve-se em seus jornais e suas revistas, apenas Lenin teria seguido junto do proletariado.

Nesse último confronto, encontramos Vasilii Vorontsov e Nikolai Danielson representando os populistas e Peter von Struve, Sergei Bulgakov e Mikhail Tugan-Baranovsky representando os marxistas.

Para os populistas, a reprodução capitalista interessava para provar a impossibilidade do capitalismo na Rússia devido à falta de mercados. Essa seria, aproximadamente, a teoria de Vorontsov³⁵¹. Segundo Luxemburg, este autor acreditava que o capitalismo poderia existir eternamente dentro de limites nacionais se houvesse melhor distribuição da renda e os capitalistas não capitalizassem; do contrário, o problema da realização da mais-valia não

351 Refere-se ao livro de Vorontsov, publicado em 1882, *Schicksale des Kapitalismus in Russland*; artigo publicado na revista *Vaterländische Memoiren* em 1883 “*Der Überschuss bei der Versorgung des Marktes mit Waren*”; artigo publicado em 1889 na revista *Russischer Gedanke*, “*Militarismus und Kapitalismus*”; livro publicado em 1893 *Unsere Richtungen*; livro publicado em 1895 *Umriss der theoretischen Nationalökonomie*.

poderia ser resolvido pelo mercado interno. Por isso, os capitalistas criariam meios de eliminar sua mais-valia, como o militarismo, que seria, deste modo, financiado pelos capitalistas e não pelos operários. Ainda assim, a mais-valia só poderia ser totalmente realizada se houvesse mercados externos e como a Rússia chegara atrasada na industrialização, não haveria mais mercados para ela.

Essa observação sobre os mercados externos é muito semelhante ao próximo populista apresentado por Luxemburg, Nikolai-On³⁵². Este autor tentava provar o efeito danoso do desenvolvimento do capitalismo na Rússia e se diferenciaria de Vorontsov porque o desenvolvimento da Rússia, atrasada na disputa mundial por mercados externos, teria como consequência a compressão do mercado interno com o avanço da produtividade do trabalho, que diminuiria a quantidade de mão de obra empregada gerando uma massa de pobres dentro do país. Como a Rússia chegara atrasada na concorrência mundial, o incentivo ao desenvolvimento capitalista ali só trazia miséria. Danielson sugeriria, então, a incorporação dos avanços técnicos modernos à forma de produção dos camponeses russos, ou seja, não realizar a separação entre produtores e meios de produção.

Para Luxemburg, o retorno ao modo de produção camponês proposto por Danielson é reacionário, porque abre mão dos avanços que o capitalismo proporcionou. Para ela, seria necessário transformar este modo de produção e não voltar a roda da história.

Contrapondo os populistas, o primeiro marxista é Peter von Struve. Struve enfatizaria a criação do mercado interno pelo capitalismo para realizar a mais-valia. No livro *Observações Críticas sobre a questão do Desenvolvimento Econômico Russo* de 1894 (publicado em russo), Struve aponta que Danielson observara apenas a pauperização da população, mas não percebera o aspecto econômico disso: o avanço da economia mercantil sobre a economia natural criando um mercado interno através da expansão da economia monetária.

Para Struve, não existiriam apenas capitalistas e operários, era preciso considerar as “terceiras pessoas” que consumiriam o produto referente à mais-valia. Elas seriam funcionários públicos, profissionais liberais, etc. Essas pessoas, no entanto, explica Rosa, participam do consumo de mais-valia do capitalista ou dos salários, portanto, não podem ser elas a realizar a mais-valia a ser capitalizada. Struve acreditaria que o capitalismo poderia se constituir em um espaço fechado por tempo ilimitado, quando, diz Luxemburg, este sistema é

352 Nikolai Frantsevich Danielson, primeiro tradutor de *Das Kapital* para o russo, publicou todos os volumes logo após suas edições em alemão. Rosa refere-se a um ensaio seu publicado em 1880 na revista *Slowo*; ao livro de 1893 *Abhandlungen über unsere Volkswirtschaft nach der Reform*.

“por natureza uma produção de âmbito mundial”³⁵³.

Para Luxemburg, Struve só pode conceber um sistema fechado, porque se concentra, como os populistas, na venda dos produtos e se esquece do abastecimento da produção com meios de produção e força de trabalho, fatores igualmente importantes para o mercado mundial.

Struve também aceita a tosca concepção populista russa que reduz à simples preocupação mercantilista com o “mercado”, principalmente, as conexões internacionais da economia mundial capitalista, com sua tendência histórica de constituir um organismo unitário vivo, baseado na divisão social do trabalho por sua vez baseado na multiplicidade da riqueza natural e nas condições de produção do globo terrestre. Adotando a ficção de Wagner e Schmoller sobre os três grandes reinos mundiais auto-suficientes – Inglaterra e suas colônias, Estados Unidos e Rússia – Struve ignora ou restringe artificialmente o papel fundamental do abastecimento ilimitado da indústria capitalista com gêneros de primeira necessidade, matérias-primas, produtos auxiliares e mão-de-obra, tão importantes para o mercado mundial quanto a venda de produtos acabados.³⁵⁴

Aparece, então, Bulgakov, que rejeitaria as teses de Struve e todas as anteriores que procuravam “terceiras pessoas” para resolver a realização. Bulgakov partia do produto social total e sua reprodução, como Marx fez no Livro II, o que o levou a dizer que os mercados externos não são uma exigência para a reprodução social capitalista e que a acumulação poderia ocorrer sem contradições através das trocas entre os departamentos I e II. Segundo Rosa, Bulgakov retornou ao problema de Marx sobre a origem do dinheiro e se em um primeiro momento endossou a resolução dele dos produtores de ouro, logo em seguida a abandona e aponta o crédito como elemento responsável pela circulação.

Para Bulgakov, os autores citados anteriormente erraram porque achavam que o produto social total constituía-se de meios de consumo sem levar em conta a crescente produtividade do trabalho que faz aumentar o capital constante além do variável, diminuindo a capacidade de consumo na sociedade. Por isso, o mercado encontrava-se na própria reprodução ampliada; a produção capitalista é seu próprio mercado³⁵⁵.

Por isso, o mercado externo não teria tanta importância para a reprodução, ainda mais que as vendas seriam anuladas pelas importações de produtos de outros lugares, pois os países industrializados comprariam produtos agrícolas de países menos desenvolvidos e vice-versa, tese que Luxemburg assemelha a Friedrich List, derivando o comércio internacional das

353 Assemelha-se a MacCulloch e o consumo de luxo e von Kirchmann e o consumo por parasitas.

354 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 200

355 Solução idêntica a Ricardo e Say

diferentes condições naturais dos países. A consequência dessas ideias de Bulgakov é que alguns países podem ter um desenvolvimento capitalista ilimitado devido às suas condições naturais, outros não.

Para encerrar o debate russo, Luxemburg analisa Tugan-Baranovsky. Este foi o primeiro a publicar sua teoria econômica entre os russos, no entanto, ele aparece mais tarde na Alemanha (1901) e gerou maior polêmica que os outros, talvez por isso encerre a seção.

A diferença de Tugan para Bulgakov, segundo Luxemburg, é que este tenta manter-se fiel à teoria marxista, procurando desenvolvê-la. Já Tugan “critica Marx por não haver sabido aproveitar sua própria análise brilhante do processo de reprodução”³⁵⁶. A acumulação, para Tugan, seria totalmente independente do consumo e da renda, porque o mercado da produção capitalista seria sua própria produção, sendo, portanto, ilimitada. A única circunstância que saturaria o mercado seria a falta de proporcionalidade quando da ampliação da produção³⁵⁷.

Neste contexto, o comércio exterior adquire um papel dado pela paisagem natural dos diversos países, então, alguns exportam produtos agrícolas para outros que exportam produtos manufaturados, equilibrando as respectivas balanças comerciais, como Bulgakov também acredita.

Ocorre que as oscilações, as crises, são atribuídas por Tugan à falta de proporcionalidade. No entanto, para Rosa, ao se analisar o processo de reprodução deve-se partir de uma média que exclui as crises, pois mesmo que o equilíbrio seja rompido, ele volta a se estabelecer, caso o contrário viveria-se o colapso do capitalismo. Acontece que a média de Tugan seria a proporcionalidade, a acumulação capitalista infinita, o que Luxemburg considera um absurdo, pois o colapso deste modo de produção deve ser resultado de contradições intrínsecas a ele. Se se abolir a sua superação, então voltamos aos clássicos e abolimos sua historicidade, e o capitalismo seria o sistema social natural para os seres humanos.

Para provar que os esquemas correspondiam à realidade, Tugan partiria de uma lei fundamental do capitalismo de que os meios de produção crescem mais rápido que os meios de consumo para dizer que, por causa disso, o consumo humano era cada vez menos importante e, portanto, também as máquinas produziram mais-valia, sendo elas produtoras e consumidoras do mais-produto. Esse raciocínio é um sofisma para Luxemburg, pois, embora seja verdade que os meios de produção se desenvolvem mais rapidamente que os de consumo,

356 LUXEMBURG, op. cit., p. 211

357 É muito parecido com Bulgakov, mas acrescenta a desproporcionalidade e revisa a teoria marxiana, rejeitando a sua teoria do valor. Para Tugán, também as máquinas *criam* valor.

isso é um reflexo do desenvolvimento técnico e sobre ele Marx baseia a queda tendencial da taxa de lucro, e não o desenvolvimento ad infinitum do capitalismo.

Essa última visão, de que a produção dos meios de produção seria independente do consumo, não passa de uma miragem da Economia vulgar de Tugan-Baranovski. O mesmo não se aplica, na verdade ao fato com o qual tenta provar seu sofisma [*de que as máquinas também produzem mais-valia e, portanto, a acumulação pode ser infinita*]: é inegável que o crescimento do departamento dos meios de produção seja mais rápido em comparação com o dos meios de consumo. É um fato indiscutível que se observa não somente em países industriais antigos, como em todos os lugares em que o progresso técnico domina a produção. É nesse fato que se baseia também a lei fundamental de Marx sobre a tendência de queda da taxa de lucro.³⁵⁸

Além disso, em uma economia baseada no lucro, o desenvolvimento dessas forças produtivas tem neste o seu limite: o avanço técnico só é aplicado se seu custo for menor do que o do capital variável que ele substitui. Conforme explicita Luxemburg, “(...) o modo de produção capitalista, que supostamente propicia um desenvolvimento técnico extremo, encontra no lucro – seu pressuposto básico – efetivamente uma forte barreira social que se opõe ao progresso técnico (...)”³⁵⁹.

Em resumo, os marxistas legais russos opuseram-se aos ceticistas buscando as bases de desenvolvimento do capitalismo na Rússia, mas ao fazerem isso caíram no outro oposto, atestando não só o desenvolvimento como sua infinitude retornando às teorias de Say e Ricardo, aos harmonicistas estudados no primeiro confronto: equilíbrio entre produção e consumo. Para Rosa, “a demonstração que partiu da possibilidade de existência do capitalismo termina na impossibilidade de existência do socialismo”³⁶⁰, pois se o capitalismo não tem fim, outra formação social não pode surgir.

A análise dos russos termina a Seção 2 do livro com o resultado: depois de todo esse tempo encontramos-nos com a mesma questão, quem realiza a mais-valia a ser acumulada? A exposição histórica da investigação científica do problema serviu para apresentar suas idas e vindas até ali, suas relações com os respectivos tempos históricos e com o tempo de Rosa Luxemburg, na medida em que ela insere comentários, citações e referências de pessoas de sua época.

Encontramos referências a Lenin, Kautsky e à escola histórica alemã. A história do problema é também uma discussão com as teorias de sua época, culminando com a inserção

358 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 217

359 Idem, p. 218-9.

360 Idem, p. 222.

da autora no debate através de uma formulação teórica própria, na Seção 3 do livro.

A discussão com a escola histórica alemã³⁶¹ é uma referência presente nessa Seção 2 e em outros textos da autora³⁶². Ela não se detém muito na análise de cada autor, eles são, coletivamente, desqualificados e citados ironicamente, mas é interessante notar os momentos em que eles aparecem no livro. Primeiro na discussão sobre a teoria de Rodbertus; alguns partidários dessa escola defendiam que Rodbertus seria o pai fundador do socialismo científico, vimos que Engels responde à Rodbertus sobre o suposto roubo teórico no prefácio ao Livro II. Para Rosa, o autor permanece sob o dogma de Smith, o que já compromete a reivindicação e toda a análise.

Estes catedráticos alemães, como eram também chamados, eram a segunda fase da escola histórica, ou socialistas de cátedra, porque defendiam reformas sociais levadas pelo Estado para melhorar a situação dos mais pobres, o que justifica sua defesa de Rodbertus como o fundador do socialismo científico, e eram em sua maioria professores de universidades alemãs.

O outro momento em que os catedráticos aparecem é na análise dos marxistas legais. O paralelo é plausível, porque os três teóricos citados apresentam a acumulação como um processo infinito e possível em um só país já que, de alguma forma, a produção capitalista cria seu próprio mercado. Essa segunda fase da escola histórica enfatizava, em geral, o papel do Estado no desenvolvimento de uma nação, defendendo o protecionismo como política para a defesa das indústrias nacionais e tinha os Estados Unidos como grande exemplo de desenvolvimento com protecionismo³⁶³. Ao mesmo tempo, tinham teorias que dividiam o mundo entre os grandes países manufatureiros e os agrícolas, entre outras divisões tributárias dos estágios de List.

Talvez Luxemburg atribua a teoria de List a todos os membros da escola histórica de sua época, mas a importância de criticá-los estava na influência que tinham no pensamento político alemão e em demonstrar como o mesmo pensamento se espalhava por meios autodenominados marxistas³⁶⁴. A comparação parte sempre do papel atribuído aos mercados

361 Especificamente, Gustav **Schmoller**, Adolph Heinrich Gotthelf **Wagner**, Albert Eberhard Friedrich **Schäffle**, Karl **Diehl**.

362 “Im Rate der Gelehrten”, *Die Neue Zeit*, 1903-4; *RR*, 1899; “Agrarische Interessen und Zollpolitik”, *Leipziger Volkszeitung*, 1900; “Die 'deutsche Wissenschaft' hinter den Arbeitern”, *Die Neue Zeit (Stuttgart)*, 1899-1900; *Massenstreik, Partei und Gewerkschaften*, 1906.

363 Essa escola foi bastante influenciada pelas ideias de Friedrich List, mas tinha diversas tendências, algumas mais e outras menos intervencionistas.

364 No texto *Zurück auf Adam Smith!*, Rosa Luxemburg desconstrói teorias de um dos representantes da escola histórica por ser citado em artigos de Eduard Bernstein. Ela faz uma pequena história dessa escola, retoma a história da escola clássica e os avanços feitos por Marx para concluir que a segunda escola histórica surgiu por

externos pelos marxistas russos: não eram fundamentais para a acumulação, porque ela poderia ocorrer dentro de um país. Assim, em Struve um país como a Rússia prescindiria de mercados externos porque era muito grande, como no caso dos Estados Unidos. Para Rosa, essa análise é semelhante àqueles socialistas catedráticos que viam uma divisão entre três grandes regiões no mundo (Inglaterra, Rússia e Estados Unidos) e a Alemanha junto com outros países europeus deveria tomar medidas como tarifas alfandegárias e uma forte armada para combater estas hegemonias. Em Bulgakov, Luxemburg vê uma aproximação com List, porque o russo apontaria o comércio internacional como uma troca entre as nações manufatureiras e as de matérias-primas, separadas desta forma de acordo com a paisagem natural de cada uma. Tugan seguiria da mesma forma, trabalhando com categorias como países agrícolas e países industrializados. A consequência dessas teorias é desconsiderar o capitalismo como um modo de produção mundial, o que na perspectiva dos catedráticos é correto, pois eles enfatizam as economias nacionais defendendo o protecionismo e o militarismo, duas faces da política de defesa nacional, e se opondo ao livre-cambismo.

Vimos anteriormente que Rosa se opunha à essas duas medidas e o SPD, embora com muitas discordâncias internas, declarava-se também contrário à elas. Adiante, veremos como a autora analisa a relação dessas medidas com a acumulação de capital.

Na interlocução de Luxemburg com seus contemporâneos, ela tece críticas a Lenin, especificamente ao texto *Zur Charakteristik der ökonomischen Romantik* (Sobre a Característica do Romantismo Econômico) publicado em 1899 com outros escritos. Para ela, Lenin cometeria o mesmo erro que Tugan e Bulgakov: tão preocupado em demonstrar as falhas dos populistas na análise do produto social total, ele acabara eliminando o problema dos meios de consumo ao resolver a questão com o crescimento do departamento I em detrimento do II, o que levaria à uma menor produção de meios de consumo e a um aumento na produção de meios de produção, deduzindo daí que a produção é o mercado dela mesma. Para Rosa, o aumento dos meios de produção é um reflexo do progresso técnico, é uma lei geral que aparece no capitalismo através do maior crescimento relativo de capital constante que variável. Ocorre que os três russos teriam visto na lei geral do progresso técnico uma lei específica do capitalismo, na qual a produção apareceria como finalidade e o consumo humano como secundário, submetendo um departamento ao outro, o que, para Rosa, é um erro.

causa do socialismo, como reação a ele, e não porque faltava uma oposição à burguesia. A escola histórica defendia reformas com base na economia burguesa e naquele momento haveria duas alternativas: ou aceitar os avanços feitos por Marx ou entrar em falência. Ver LUXEMBURG, Rosa. GW, 1974, v. 1/1 p. 728-737.

(...) quando Bulgakov, Iljin [*Lenin*] e Tugan-Baranovski suspeitam haver desvendado nessa lei a natureza específica da economia capitalista, ou seja, a produção como objetivo em si, e o consumo humano apenas como fato secundário, cometem um grande erro.

O crescimento do capital constante à custa do capital variável é somente a expressão capitalista dos efeitos gerais da produtividade crescente do trabalho.³⁶⁵

Ainda mais discreta que a crítica a Lenin foi a direcionada à Kautsky. Luxemburg utilizou a resenha deste autor³⁶⁶ contra Tugan-Baranovsky para desconstruir a ideia de que seria possível acumulação ao mesmo tempo em que há retrocesso absoluto de consumo. Kautsky disse, no texto de 1902, que isso só seria possível na passagem da reprodução simples para a ampliada. Em nota, no entanto, ela diz que Kautsky apresenta um consumo maior do que deveria ser por desconsiderar a produtividade do trabalho, o que não invalida a crítica dele a Baranovsky; o principal é que ele não vai ao problema central, a relação entre produção e consumo do ponto de vista da reprodução, mas permanece na análise das crises e, portanto, do produto social como um todo em si e não como parte da estrutura mesma da acumulação.

Percebemos que em grande parte das questões, inclusive nas referências que o livro traz, os mercados externos ou o comércio exterior são um ponto central, a forma como uns e outros analisam o papel desses mercados na reprodução social determina seus aliados e inimigos teóricos. É assim desde Sismondi, que vê a tendência expansionista e o consequente aguçamento da concorrência mundial, temendo as consequências disso para a Europa. Aqueles que defendem o capitalismo em um só país abstraem seu alcance mundial e acreditam na reprodução infinita dentro de uma fronteira nacional são, de um modo geral, filiados direta ou indiretamente a Ricardo-Say acreditando na produção pela produção. Aqueles que veem ser impossível a acumulação sem um mercado mundial acabam por considerá-la impossível devido o acirramento da concorrência internacional (Sismondi e populistas).

Essa é a divisão que percorre todos os debates teóricos da segunda seção: os partidários de Say e Ricardo e os de Sismondi. Eles não o são conscientemente, vide os marxistas russos, mas chegam às mesmas conclusões, seja naturalizando o próprio modo de produção capitalista ou recorrendo a um retrocesso técnico para melhorar a distribuição de renda. Entre esses dois lados, Luxemburg coloca-se mais próxima dos sismondianos e

365 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 217

366 “Krisentheorien”. *Die Neue Zeit*. Ano XX, v. 2 (1902)

populistas por entenderem a importância do mercado externo e, principalmente, porque Sismondi apresentou a verdadeira questão da acumulação: quem realiza a mais-valia? Questão que foi ignorada desde sua formulação, mas que Rosa retoma e propõe como centro de sua análise, seu problema fundamental.

Chegamos ao momento de resolução do problema no qual os mercados externos tem sim um papel fundamental, como apontaram os populistas. No entanto, será preciso redefinir o próprio conceito antes de entender as relações intrínsecas e extrínsecas do capitalismo.

3.1.3. O problema na história

Para amarrar as três partes dessa obra e dar sequência com a apresentação de sua teoria da acumulação, Luxemburg inicia *Die geschichtlichen Bedingungen der Akkumulation* (As condições históricas da acumulação – Seção 3) com um capítulo que retoma sua crítica a Marx ao mesmo tempo em que explica a filiação reivindicada por Tugan-Baranovsky.

Como apresentado anteriormente, os esquemas de Marx não explicariam a origem da demanda e se baseariam em quatro condições:

1. A mais-valia deve ter a forma natural necessária à capitalização;
2. A ampliação só acontece com os elementos produzidos exclusivamente no modo de produção capitalista;
3. A ampliação é do mesmo tamanho que o mais-produto capitalizável, sendo condicionada por ele;
4. Não há limite para a acumulação, porque a produção capitalista é consumidora exclusiva do mais-produto, ela é seu próprio mercado.

Dessas condições seria possível extrair: a causa das crises de uma desproporção entre os departamentos e a produção como finalidade do capitalismo - resultados presentes na teoria de Baranovsky. Essa interpretação consta apenas no Livro II, segundo Luxemburg, e está em contradição com outros pressupostos de Marx, principalmente com a crescente produtividade do trabalho e a consequente alteração na composição orgânica do capital. Esse princípio seria excluído dos esquemas de reprodução ampliada, baseados em uma sociedade composta apenas de trabalhadores e operários.

O grande problema é o condicionamento a priori da forma material da mais-valia, ou seja, ela já viria ao mundo como o objeto necessário para a ampliação da produção. Essa determinação, para Rosa, impediria o avanço técnico, o crescimento por saltos, porque as bases materiais da nova reprodução já estariam dadas pelo período anterior, não sendo possível alterá-las, já que só a produção capitalista forneceria componentes para o novo ciclo segundo os pressupostos de Marx.

Essa forma material também faria coincidir realização e acumulação, porque ao realizar a mercadoria, que tem a forma material necessária à ampliação, forçosamente ocorreria acumulação. Essa correspondência acaba com a contradição fundamental do capitalismo entre produção e consumo.

O esquema exclui, porém, a contradição profunda e fundamental entre as capacidades de produção e de consumo, da sociedade capitalista, da contradição que é decorrente da acumulação capitalista, que periodicamente procura aliviar-se por meio das crises e impele o capital para ampliação constante do mercado.³⁶⁷

Por isso, ela separa a *representação* material da *forma* material, ou seja, a representação da mais-valia nos objetos produzidos e a materialidade desses mesmos objetos. Assim, a mais-valia tem sua representação em uma quantidade do produto total assim como em cada um dos produtos, ou seja, cada produto individualmente tem no seu valor parte do valor do capital constante, variável e da mais-valia, assim como na massa total uma quantidade desses materiais equivale ao valor de cada um dos componentes do produto social total. A questão é que Marx unifica essa representação material à própria utilidade dos produtos, que só poderiam encontrar seu mercado no capitalismo, ou seja, os produtos seriam coisas úteis apenas para a renovação e ampliação da produção.

Não obstante o fato de haver uma coincidência quanto à soma do valor dos capitais individuais assim como de suas partes respectivas (do capital constante, do capital variável e da mais-valia) com a dimensão do valor do capital social total; não obstante o fato de coincidirem perfeitamente as duas partes componentes deste e a mais-valia total, a representação material dessa grandeza (nas respectivas partes do produto social) difere totalmente, no entanto, com a forma material que assumem as relações de valor dos capitais individuais.³⁶⁸

Luxemburg separa as duas, pois entre cada período produtivo e a acumulação existem dois momentos: primeiro, a realização da mais-valia em forma pura de valor, dinheiro; e segundo, transformação desse dinheiro em capital produtivo³⁶⁹. Sendo a realização a questão fundamental da acumulação - “como se realiza a mais-valia?” -, a forma material do produto social total não é necessariamente a da reprodução ampliada capitalista, porque a realização da mais-valia tem como condições:

1. Círculo de compradores fora da sociedade capitalista;
2. Elementos materiais correspondentes e necessários à ampliação da produção;
3. Fornecimento de trabalho vivo adequado às necessidades do capital.

367 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 238.

368 Idem, p. 240

369 Idem, p. 246-7

Por causa da primeira condição, a forma material da mais-valia tem de corresponder às necessidades do mercado que ela pretende conquistar. Segundo Luxemburg,

Se supusermos, no entanto, que a mais-valia se realiza fora da produção capitalista, poderemos deduzir daí que sua forma material não tem nada a ver com as necessidades da produção capitalista em si mesma. Sua forma material corresponderá às necessidades daqueles círculos não-capitalistas, que auxiliam na realização desta.³⁷⁰

Após realizada a mais-valia e para reiniciar o processo produtivo é necessário adquirir os elementos materiais para tal, mas como fazê-lo se os meios de produção também foram vendidos para compradores não-capitalistas? Os materiais para a produção também são adquiridos desses meios externos e não apenas na troca intra-capitalista, como supunha Marx. Além disso, a intensificação do uso dos meios de produção e seu barateamento, decorrentes do avanço da produtividade do trabalho, são formas de reiniciar a produção em escala ampliada sem necessariamente adquirir novas máquinas.

Outro elemento indispensável para a produção é o trabalho vivo, que constitui o capital variável. Marx faz este aparecer no produto social como massa crescente de meios de subsistência, mas estes são os meios necessários para a manutenção do trabalho vivo, este sim elemento essencial para a produção; a manutenção do trabalhador é apenas um mal necessário.

Essa força de trabalho em escala crescente é encontrada também fora do capitalismo. Em Marx, ela vem do exército industrial de reserva que tem uma de suas fontes na população que sai do campo e vai para a cidade. Marx não veria a semelhança desse processo com a acumulação primitiva, expansão do capital sobre áreas ainda não conquistadas, e essa seria a sua grande diferença com Luxemburg. A força de trabalho é adquirida, pois, com a destruição de modos de produção não-capitalistas, em mercados externos.

Ela está de acordo com o pressuposto geral de Marx de que a forma material do produto social é relevante na produção e de que os meios materiais para o seu recomeço devem existir na sociedade antes de iniciado o processo (pressupostos apresentados na Seção 1). No entanto, a forma material do mais-produto não deve atender necessariamente à produção capitalista, como quer Marx, mas ao mercado a que se dirige. Mesmo mercado que fornece parte dos componentes materiais necessários à reprodução e ampliação.

Estabelecido o meio da acumulação capitalista, círculos externos, sintetizam-se os principais conceitos que Luxemburg analisara nos debates anteriores, mas que ela redefine: mercado interno, mercado externo, comércio mundial. Vimos que teóricos anteriores falaram

³⁷⁰ Idem, p. 243

bastante sobre isso ao estudarem a reprodução capitalista, no entanto, eles nunca saíram do pressuposto de um modo de produção fechado, no qual só existiriam capitalistas e operários. Em Rosa, o mercado externo não se define pelas fronteiras nacionais, mas pelas fronteiras de produção: ele está em modos de produção não-capitalistas, como os camponeses; o mercado interno é o modo de produção capitalista, entre duas fábricas, por exemplo; e o comércio mundial é o intercâmbio entre o modo de produção capitalista e os não-capitalistas.

(...) o comércio mundial é por princípio uma condição histórica de existência do capitalismo, comércio este que, nas condições concretas existentes, é, por natureza, uma troca que se verifica entre as formas de produção capitalistas e as não-capitalistas.³⁷¹

A realização da mais-valia dá-se no mercado externo, também nele se adquire parte dos capitais constante e variável adicionais. Mas, com o desenvolvimento internacional do capital, o reinvestimento dessa mais-valia já vendida torna-se sempre mais difícil, porque a renovação de (c) e (v) é sempre possível enquanto massa, objetos úteis, mas enquanto valor encontra dificuldade, pois uma crescente massa de mais-valia precisa se realizar de novo fora dos departamentos I e II, ao mesmo tempo em que o crescimento do volume dos componentes da produção amplia as fronteiras do capitalismo sobrando cada vez menos áreas de realização. Por isso, os mercados intracapitalistas são cada vez maiores e mais importantes para a troca, mas também a disputa por áreas não capitalistas cresce. Essa contradição seria o reflexo da queda tendencial da taxa de lucro decorrente da crescente composição orgânica do capital (c/v). Como (m) depende de (v) e a taxa de lucro = $m/(c+v)$, conforme (v) diminui em relação a (c) a mais-valia diminui, relativamente, e também a taxa de lucro.

Apesar de a capitalização da mais-valia ser o objetivo específico e a mola propulsora da produção, a renovação dos capitais constante e variável (assim como da parte consumível da mais-valia) constitui, por outro lado, a base ampla e pré-condição da produção. E se com o desenvolvimento internacional do capital a capitalização da mais-valia se torna a cada instante mais urgente e precária, de modo absoluto enquanto massa, bem como em relação à mais-valia, essa base de capital constante e variável, por sua vez, também se torna cada vez maior. Daí o fato contraditório de os antigos países capitalistas representarem, um para o outro, mercados cada vez maiores e imprescindíveis, e se digladiarem ao mesmo tempo mais intempestivamente na qualidade de concorrentes e em função de suas relações com os países não-capitalistas. As condições de capitalização da mais-valia e as condições de renovação do capital total cada vez mais entram em contradição, o que, de resto, é apenas um reflexo da contraditória lei da taxa decrescente de lucro.³⁷²

371 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 247

372 Idem, p. 251-252

A renovação de (c) e (v) acontece no mercado interno, enquanto a realização da mais-valia para posterior reinvestimento acontece no mercado externo. No entanto, o desenvolvimento do capital dificulta esse reinvestimento, por um lado pois passa a ocorrer também no mercado externo criando novas áreas capitalistas, como já vimos. Por outro lado, favorece a continuidade da acumulação capitalista por causa do barateamento de meios de produção importados das colônias ou países periféricos.

Há uma contradição entre as condições de reinvestimento da mais-valia (cada vez mais difíceis) e as de renovação do capital, o que seria um reflexo da lei da queda. Enquanto a renovação do capital total torna-se mais fácil pelo barateamento dos meios de produção, também é dificultada pela expansão da economia capitalista que acaba com seus mercados de realização.

Ou seja, a queda da taxa de lucro induz ao barateamento dos elementos do capital constante como forma de compensá-la e contrariar a diminuição da mais-valia. Com matérias-primas mais baratas é possível diminuir (c+v). Embora (v) também tenda a diminuir relativamente, o incremento de (c) o compensa. O papel dos mercados externos no fornecimento de matérias primas barateadas é, pois, essencial para manter a taxa de lucro nos níveis anteriores.

Dessa forma, a acumulação do capitalismo não seria nem impossível, nem infinita, mas um processo contraditório que se desenvolve construindo seus próprios limites no esgotamento do mercado. Ela caminha no limiar das duas posições expostas nos debates anteriores - a impossibilidade e a infinitude.

A conclusão é que “o capitalismo vem ao mundo e se desenvolve historicamente em meio social não-capitalista”³⁷³. Ele é essencialmente a retomada cíclica do processo de acumulação primitiva descrito por Marx no capítulo XXIV do Livro I. Para Luxemburg, a sua marcha possui três fases:

1. Luta contra a economia natural;
2. Luta contra a economia mercantil;
3. Concorrência do capital no cenário mundial, ou imperialismo.

Os três capítulos seguintes - “A Luta contra a Economia Natural”, “Introdução da Economia de Mercado” e “Luta contra a Economia Camponesa” – falam basicamente da primeira fase da acumulação, e apenas no último capítulo é que ela rapidamente explica o processo da luta contra a economia mercantil nos Estados Unidos e nas colônias sul-africanas para então entrar nos mecanismos do imperialismo nos três últimos capítulos do livro.

373 Idem, p. 253

A destruição da economia natural possui quatro objetivos econômicos:

1. Apossar-se das principais fontes produtivas: terras, minérios, pedras preciosas, etc.
2. Liberar força de trabalho e submetê-la ao capital;
3. Introduzir a economia mercantil;
4. Separar agricultura e artesanato.

Ao capitalismo de nada serve a economia natural, pois ela é autossuficiente, estabelecendo sempre uma relação entre produtores e meios de produção. Por isso, o primeiro passo para o capital é introduzir a propriedade privada, separando os produtores da terra e liberando força de trabalho. É o que Marx aponta no capítulo XXIV quando diz:

A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece como “primitivo” porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde.³⁷⁴

Mas para Luxemburg, este processo não ocorre apenas na gênese do capitalismo, ele é reposto a todo o momento, constituindo a história da acumulação de capital: história essa baseada na necessidade capitalista de transformar as sociedades de economia comunal em compradoras de produtos capitalistas e fornecedoras de mão de obra e matérias-primas. Para tanto, na Europa, essa luta manifestou-se na forma das revoluções burguesas, enquanto nos países não-europeus ela vem sob a forma da *política colonial* baseada na violência, pressão fiscal e endividamento. Os exemplos de destruição da propriedade comunal fora da Europa são dados pela colonização inglesa na Índia e francesa na Argélia, utilizando-se de uma literatura de meados do século XIX, mas também de livros do início do século XX, como o relato de viagem do Lord Roberts of Kandahar de 1904 e a reportagem de *Journal Officiel* de 1912.

Depois do processo de pura violência na expropriação dos povos indígenas é necessário introduzir a economia mercantil para que aquela população se transforme em fonte de realização da mais-valia. Para tanto, os transportes têm um papel essencial, pois eles abrem o caminho para o capital, sendo em si mesmos áreas de investimento. Nesse processo, é apenas aparentemente que o capital não força fisicamente o consumo. A história da Guerra do Ópio, utilizada por Luxemburg como exemplo de abertura mercantil, mostra como a força militar é essencial para expandir as fronteiras da acumulação destruindo as estruturas sociais locais.

Querendo escapar das trincheiras, os chineses caíam nos fossos, enchendo-os literalmente de soldados indefesos, que suplicavam por clemência. Foi nessa

374 MARX, Karl. *O Capital: uma crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, v.1/t.2, 1984, p. 262.

massa de corpos humanos que, supostamente contra a ordem dos oficiais, os sipaios atiraram sem parar. Assim foi Cantão aberta ao comércio.³⁷⁵

Por fim, é preciso separar a economia camponesa do artesanato, pois a vida no campo em geral produzia todos os objetos necessários à existência: alimentos, ferramentas, roupas, sapatos, etc. Para o capitalismo, o camponês também deve se tornar um comprador de mercadorias e fornecedor de força de trabalho, no entanto, é mais fácil primeiro transformá-lo em comprador incluindo-o na economia mercantil para depois transformá-lo em proletário através da pressão dos grandes conglomerados agrícolas. Essa é a história do capítulo XXIX, “A Luta contra a Economia Camponesa”.

Este capítulo é basicamente construído por exemplos históricos como forma de demonstrar seu modelo. A experiência dos Estados Unidos seria, para Rosa, exemplar para entender a separação entre campesinato e artesanato, o último objetivo econômico da luta contra a economia natural e que já inicia a luta contra a economia mercantil.

Os Estados Unidos teriam aberto sua economia camponesa para o mercado capitalista após a Guerra de Secessão, que permitiu o avanço de fazendeiros sobre terras indígenas, inserindo os primeiros como pequenos produtores e compradores de produtos industrializados nas regiões interiores do território, consumindo pequenas ferramentas e máquinas ou produtos de consumo individual. Mas essa abertura foi seguida pela entrada de grandes capitais em sociedades anônimas vinculadas a projetos de expansão de ferrovias. Em pouco tempo, os fazendeiros que haviam expandido o oeste americano eram jogados para o norte, além da fronteira com o Canadá, devido à especulação imobiliária e à queda do preço dos produtos agrícolas, o que tornava insustentável a manutenção dos pequenos produtores, muitas vezes endividados por tentarem manter a produção por algum tempo.

No caso das colônias sul-africanas, as tensões entre os boêres e a expansão capitalista inglesa terminaram em guerra, a Guerra dos Boêres, que acabou com a economia camponesa dos colonos holandeses. A disputa, nesse caso, era pelas terras e pela força de trabalho dos nativos africanos: ambos queriam explorá-las, no entanto, um produzia de modo escravista e outro assalariado.

As economias mercantis instauradas nos dois exemplos citados também seriam destruídas através da concorrência entre os grandes capitais internacionais, aqueles que haviam atingido a última fase da acumulação, a imperialista.

A tendência do movimento de reprodução, para Luxemburg, era a transformação de todas as regiões em capitalistas; neste momento, o modelo teórico de Marx corresponderia à

375 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 268.

realidade e também ao fim do capitalismo. No entanto, esse resultado final “continua sendo uma simples construção teórica”³⁷⁶; a dominação total do mundo não-capitalista, a superação da última barreira à acumulação é uma tendência, um desenvolvimento teórico, expresso nos esquemas de reprodução ampliada de Marx. Os limites econômicos do capitalismo são, portanto, deduções abstratas que não se concretizam apenas por seus impulsos objetivos, o que não quer dizer que eles não sejam reais.

Interessante notar que nestes capítulos diversas vezes Luxemburg escreve sobre os métodos “pacíficos” do capitalismo na concorrência mundial, principalmente após a introdução da economia de mercado.

Todas as camadas e sociedades não-capitalistas têm de se tornar consumidoras [*Abnehmer*] de mercadorias do capital e têm de vender-lhe seus produtos. Parece que é ao menos esse o marco inicial da “paz” e da “igualdade”, do *do ut des*, da reciprocidade de interesses da “concorrência pacífica” e das “influências civilizadoras”. Se o capital, pela força, pode roubar aos grupos sociais seus meios de produção e forçar os trabalhadores a se tornarem objeto de exploração capitalista, não pode, porém, pela força, transformá-los em consumidores [*Abnehmer*] de suas mercadorias nem pode forçá-los a realizar sua mais-valia. Essa hipótese parece confirmar-se pela circunstância de os meios de transporte (ferrovias, navegação, canais) representarem os pré-requisitos indispensáveis à expansão da economia mercantil em regiões de economia natural.³⁷⁷

O fato dos transportes serem o instrumento essencial de expansão das fronteiras externas dá a impressão (“parece”, “*scheint*” no original alemão) de que a introdução do mercado seja um processo pacífico em oposição à destruição da economia natural, apresentada como um processo de espoliação violenta dos meios de produção, especialmente da terra. No entanto, o que vemos são exemplos históricos em que o avanço do mercado se utiliza da mesma força física para abrir portos, fornecer concessões, empurrar empréstimos. É o caso da China e a venda de ópio no país: a tentativa de proibição da droga gerou reação da Inglaterra, o que levou à abertura dos portos chineses para o produto enquanto o mesmo era proibido em território inglês. Ou dos Estados Unidos e da miséria do fazendeiro, anteriormente agente do genocídio indígena, com o avanço do grande capital sobre o oeste através das ferrovias. A história do capitalismo, mesmo utilizando a política econômica, é permeada de violência, seja direta com as guerras, seja indireta causando a miséria de milhares de pessoas.

A ênfase na violência desse desenvolvimento remete-nos às discussões do SPD na década de 1910, quando os conflitos internacionais se acirravam enquanto a direção e os

³⁷⁶ Idem, p. 285

³⁷⁷ Idem, p. 265

setores de direita e centro do partido insistiam na improbabilidade de um conflito mundial. O debate de 1911 sobre a crise do Marrocos e o destaque na defesa da paz pelos socialistas aparecem no livro desta forma, indiretamente, quando Rosa explica as relações intrínsecas ao capitalismo que tornam a paz dentro deste sistema impossível, justamente a tese que defende no já citado texto *Friedensutopien* de maio de 1911. Considera, portanto, que métodos como empréstimos e impostos podem parecer pacíficos quando observados de relance, mas são, na verdade, formas de expressão da violência física e inviáveis sem ela; o capitalismo é intrinsecamente brutal sendo impossível pensar uma paz dentro desse modo de produção.

Assim como na China e mais recentemente no Marrocos, o caso egípcio nos mostra como atrás dos empréstimos internacionais, das obras de irrigação e de outras obras civilizadoras o militarismo fica à espreita como executor da acumulação do capital.³⁷⁸

Esses métodos atuam de forma diferente na última fase da acumulação, a imperialista. Após ter inserido a economia mercantil, o capitalismo passa a disputar com esta os recursos humanos e materiais da região, avançando sobre ela para, enfim, sobrepor-se completamente ao modo de produção local. Um dos efeitos desse processo é a emancipação dessas regiões, caracterizando, assim, a fase imperialista: a independência dessas áreas e sua inserção na competição internacional por mercados externos. Cada vez mais, mais nações tornar-se-iam independentes e entrariam na concorrência mundial, acirrando-a e limitando ainda mais as áreas de acumulação.

No entanto, vemos neste trecho do livro que nem todas as áreas entram da mesma forma na concorrência mundial, pois os países com desenvolvimento mais antigo acabam submetendo as novas áreas capitalistas através dos mecanismos do imperialismo: os empréstimos, as tarifas alfandegárias e o militarismo³⁷⁹. Esses instrumentos têm efeitos externos e internos, visto que expandem as fronteiras externas do capital e também pressionam as condições de existência da classe trabalhadora dentro do capitalismo.

No caso dos empréstimos internacionais e do militarismo, Luxemburg pontua suas presenças em todas as fases da acumulação. O primeiro deles teria múltiplas funções. Ela lista as seguintes:

- transformação do dinheiro de camadas não-capitalistas em capital;
- transformação de dinheiro em equivalente de mercadorias;

378 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 300

379 “O que existe de contraditório na fase imperialista se revela claramente nas oposições características do moderno sistema de empréstimos externos. Eles são imprescindíveis para a emancipação das nações capitalistas recém-formadas e, ao mesmo tempo, constituem para as velhas nações capitalistas o meio mais seguro de tutelar os novos Estados (...)”. Idem, p. 288

- transformação de dinheiro em fundo de consumo dos dependentes da classe capitalista;
- transformação do capital-dinheiro em capital produtivo (por meio da construção de ferrovias e do fornecimento de armamento);
- transferência de capital acumulado das antigas nações capitalistas para as novas.³⁸⁰

As duas últimas funções seriam específicas do imperialismo e dariam aos empréstimos um importante papel na emancipação de zonas não-capitalistas, no entanto, criam uma relação de dependência entre as áreas mais novas e as mais antigas e, além disso, ao abrirem novas áreas de investimento também criam novos concorrentes no comércio internacional. Assim,

A realização da mais-valia exige somente a expansão geral da produção mercantil, mas a capitalização, pelo contrário, exige uma substituição progressiva da produção mercantil simples pela produção capitalista, o que limita a realização e a capitalização da mais-valia a um quadro cada vez mais estreito.³⁸¹

Rosa relaciona o problema da realização à sobreacumulação. Ela vê a relação entre as necessidades de reinvestimento do capital acumulado, que não encontra mais lugar nos países antigos, e a realização da mais-valia, que exige a abertura constante das fronteiras externas. Os empréstimos são, para ela, elemento fundamental para a expansão de mercado e de investimentos e atuam através dos Estados. Os governos não europeus, inclusive, seriam essenciais para a expansão das áreas capitalistas, tomando empréstimos de ingleses, alemães, franceses, explorando a população para além de seus limites físicos, arrancando-os de seus antigos modos de vida.

Sismondi e Tugan achavam esse mecanismo infrutífero, pois os países europeus pagariam suas mercadorias com o próprio dinheiro emprestado, já que este é o grande responsável pela abertura de mercado consumidor pelo mundo. Luxemburg responde:

Em todas essas empresas tira nova mais-valia dos asiáticos, que são utilizados como força de trabalho. Essa mais-valia, contudo, tem de ser realizada em conjunto com os meios de produção alemães empregados na produção (material ferroviário, máquinas, etc.). Quem ajuda a realizá-la? Em parte é o próprio comércio gerado pelas ferrovias, pelas instalações portuárias etc., e que floresce em meio à economia natural da Ásia Menor. Por outro lado, na medida em que o comércio não cresce suficientemente rápido e de acordo com as necessidades de realização do capital, os rendimentos naturais da população são transformados à força em mercadorias, por intermédio da ação do Estado, e convertidos em dinheiro, para a realização do capital e sua mais-valia.³⁸²

380 Idem, p. 288

381 Idem, p. 289

382 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 302

A mais-valia é realizada pela população local através da exploração do trabalho e de seus rendimentos, espoliados pelos impostos.

No exemplo de Rosa Luxemburg, o fato da Alemanha ter implantado ferrovias na Ásia Menor já mostra que aquela área exterior serviu para a venda (realização) de mais-valia produzida anteriormente e que em seguida ainda gerou nova demanda com a ampliação do comércio local.

Contudo, isto tem um limite, pois as novas áreas também precisarão ser capitalizadas e haverá de novo uma contradição entre essa necessidade e a venda posterior da mais-valia resultante dessa capitalização que nada mais é do que o reinvestimento produtivo de nova mais-valia gerada. Isso impulsiona continuamente os capitais em busca de novas áreas, além de mantê-los em intercâmbio nas velhas, já que nelas o mercado também cresce na medida em que aquelas novas áreas passam a ser exploradas, auxiliam em mais “venda” de mais-valia e, portanto, na ampliação da produção interna. Daí a aparente contradição apontada por Rosa e aqui já citada: “Daí o fato contraditório de os antigos países capitalistas representarem, um para o outro, mercados cada vez maiores e imprescindíveis, e se digladiarem ao mesmo tempo mais intempestivamente na qualidade de concorrentes” por novos mercados.

O campo de realização da mais valia é cada vez mais estreito, porque a massa de mais valia a ser capitalizada é cada vez maior. A contradição entre realização e investimento é a forma da contradição fundamental entre produção e consumo na acumulação.

Junto com os empréstimos, o Estado atua também na adoção das tarifas protecionistas, reflexo da concorrência mundial por áreas de acumulação. O livre-cambismo foi apenas um episódio curto na história do capitalismo durante o período de produção e circulação simples de mercadorias, no qual a Inglaterra imperava. Com a crise de 1873³⁸³, a Inglaterra deixa de ser o centro da questão e a mudança na política alfandegária se realiza por causa da expansão do modo de produção capitalista no mundo, saindo da economia mercantil para entrar na concorrência mundial onde os Estados Unidos ameaçavam os interesses agrários europeus.

A causa geral da mudança de política alfandegária era bem mais profunda. O ponto de vista da simples troca de mercadorias, origem da ilusão livre-cambista da harmonia de interesses existente no mercado mundial, foi abandonado tão logo instalou-se o grande capital industrial nas principais nações do continente europeu e este começou a preocupar-se com as condições de sua acumulação. Estas, no entanto, em vez de realçarem a reciprocidade de interesses dos Estados capitalistas, punham em primeiro plano os antagonismos e sua concorrência na luta pela conquista do mundo

383 Lembremos seus efeitos na Alemanha bismarckiana: o descrédito dos liberais e a adoção de políticas protecionistas para proteger a agricultura e desenvolver a indústria no país.

não-capitalista.³⁸⁴

Com o avanço do capitalismo em outras nações, a concorrência internacional tomou o primeiro plano em detrimento da interdependência econômica, ou seja, apesar de dependerem uns dos outros como mercados e como produtores de bens para a reprodução, as nações capitalistas preferem levantar barreiras econômicas garantindo seus mercados externos para a acumulação³⁸⁵. Esse monopólio expressa-se nas colônias na forma do livre-cambismo, as quais não podem ter tarifas alfandegárias já que devem estar abertas ao comércio com os países desenvolvidos. A desigualdade das relações entre países capitalistas e entre estes e os territórios não-capitalistas expressa as relações de mercado interno e mercado externo na acumulação de capital.

O protecionismo, como os empréstimos, dificulta o desenvolvimento das forças produtivas ao atrapalhar a troca de mercadorias, já que a Alemanha, por exemplo, não conseguia produzir todos os bens de que precisava, além de encarecer, principalmente, os bens de consumo e, portanto, os salários; logo, diminuindo a acumulação. Ao mesmo tempo, a necessidade de realização leva os países a adotarem medidas de proteção de suas fronteiras nacionais e de seus mercados externos. Para que essa proteção fosse efetiva era preciso desenvolver também a marinha, complementação do sistema militar na era imperialista.

Rosa conecta os três elementos da fase concorrencial: empréstimos, protecionismo e militarismo, identificando dois níveis da acumulação de capital: o interno, na esfera capitalista, dado entre capitalistas e operários, cuja violência é difícil de perceber porque é processo econômico; o externo, entre áreas capitalistas e não-capitalistas, dado no comércio exterior cujos métodos são os três apontados acima e a violência é o principal veículo.

A teoria burguesa tenta convencer de que o desenvolvimento da indústria, a inserção do capital levaria a uma concorrência pacífica, sendo a violência da colonização um aspecto esporádico. No entanto, como vimos acima, Luxemburg ironiza companheiros de seu próprio partido que acreditavam nisso, pois aquilo que seria pacífico, como a expansão dos transportes, na verdade só poderia ocorrer com o respaldo armado.

Três anos antes, em 1911, Luxemburg dizia:

Os amigos da paz dos círculos burgueses acreditam que a paz mundial e o desarmamento podem se concretizar no âmbito da sociedade atual, mas nós,

384 LUXEMBURG, op. cit., 1985, p. 307. Aqui, lembramos da crítica de Luxemburg a MacCulloch, para o qual a ideia de harmonia entre produção e consumo, oferta e demanda, são reflexos da produção e circulação simples e não poderiam ser utilizados para a análise da acumulação.

385 Claramente, Rosa Luxemburg está discutindo com camaradas do partido que acreditavam que a interdependência da economia capitalista impediria um conflito mundial. Ela sublinha o fato de que, contraditoriamente, a tendência na era concorrencial era o conflito.

que estamos sobre a perspectiva materialista da história e do socialismo científico, temos certeza que o militarismo só poderá ser eliminado do mundo junto com o estado de classes capitalista.³⁸⁶

O entendimento da violência como intrínseca ao capital era anterior ao livro e fazia parte das resoluções do partido, mas na década de 1910 as disputas eleitorais nublaram os debates sobre o caráter internacional do sistema e demandaram uma explicação mais exaustiva de como “a violência política é apenas o veículo do processo econômico”³⁸⁷.

Nesse sentido, o militarismo tem duas funções para Luxemburg: meio de coerção e de acumulação. Por isso, ela discorda de Vorontsov quando ele fala que o militarismo seria um meio de eliminar mais-valia, sendo financiado pelos capitalistas e não pelos operários. Para ela, o aparato militar é financiado pelos trabalhadores através dos impostos e por camadas não-capitalistas através do sistema tributário, constituindo, dessa forma, uma fonte de acumulação.

Na verdade, para Luxemburg, os dois meios de financiamento da indústria bélica são os impostos indiretos e as *tarifas protecionistas*³⁸⁸. Dessa forma, estas últimas teriam duas funções: assegurar áreas de exploração e espoliar parte do poder de consumo das camadas não-capitalistas. No entanto, ela menciona essas tarifas apenas uma vez no capítulo 32, “O Militarismo como Domínio da Acumulação de Capital”, e enfatiza a contribuição dos camponeses através dos impostos arrecadados com a expansão da economia mercantil, conforme ela relata diversas vezes nos capítulos anteriores.

O militarismo como área de acumulação opera no Estado, por isso, nesse quesito, este último não é apenas um penduricalho do consumo de mais-valia, mas uma fonte de demanda. O Estado como meio de coerção gera apenas custos e, em relação aos meios de consumo de que seus agentes necessitam, participa da mais-valia e de parte dos impostos indiretos. Ele gera demanda na necessidade de material bélico.

Os impostos indiretos que são retirados dos operários, portanto do capital variável, não alteram a mais-valia, pois são recolhidos após a sua produção. Eles alteram a composição do produto total em meios de produção e força de trabalho, liberando parte desses meios que

386 “Die Friedensfreunde aus bürgerlichen Kreisen glauben, daß sich Weltfriede und Abrüstung im Rahmen der heutigen Gesellschaftsordnung verwirklichen lassen, wir aber, die wir auf dem Boden der materialistischen Geschichtsauffassung und des wissenschaftlichen Sozialismus stehen, sind der Überzeugung, daß der Militarismus erst mit dem kapitalistischen Klassenstaate zusammen aus der Welt geschafft werden kann.” In: LUXEMBURG, Rosa. “Friedensutopien”. In: GW, 1981, v. 2, p. 492-3.

387 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 309.

388 Lembremos dos debates sobre impostos indiretos, tarifas e militarismo. Luxemburg comenta a questão em alguns textos insistindo na pauta da redução de impostos indiretos que financiam o aparato militar alemão. No interior da social-democracia alemã, este parecia ser um consenso.

iriam para a produção de meios de subsistência para os trabalhadores e os realoca na indústria militar.

É como se os salários fossem reduzidos, o que limitaria a demanda de meios de consumo, mas quando esta vem dos trabalhadores não é um espaço de realização e sim um ônus para o capital. Aqui está a diferença crucial entre produzir armas e canhões, e não batata e chucrute. Se ao invés dos impostos indiretos optasse-se por reduzir os salários haveria maior ônus político, pois os sindicatos se envolveriam, além do que o aumento de preços demora mais para ser perceptível que a redução direta dos salários.

Outra fonte de demanda do Estado são as camadas exploradas não-capitalistas que Rosa resume como camponeses. A tributação das posses dos camponeses transfere parte de seu poder de compra ao Estado, ou seja, parte do poder de compra necessário ao capital para realizar a sua mais-valia, ficando a impressão de que se trocou elas por elas. No entanto, são esses tributos que forçam o camponês a transformar seu produto em mercadoria, em escala crescente, transformando-os em compradores.

O dinheiro que arrecadam com a venda de seus produtos no mercado não existiria, portanto, sem a pressão tributária. Além disso, eles poderiam entesourar essa quantia ou consumir em pequenas porções facilmente satisfeitas por uma produção mercantil local. Ao contrário, se esse valor é concentrado nas mãos do Estado transforma-se em uma demanda homogênea e concentrada que exige uma indústria desenvolvida, uma produção em larga escala. “Sob a forma de encomenda de material bélico feita pelo Estado, esse poder de compra concentrado das grandes massas de consumidores escapa, além disso, do arbítrio e das flutuações subjetivas do consumo pessoal, para adquirir regularidade quase automática, um crescimento rítmico”³⁸⁹. Assim, o dinheiro concentrado no Estado através de impostos indiretos ou alfandegários cria uma nova demanda grande, constante e crescente, livre de questões subjetivas.

Se voltarmos a *RR*, veremos que é a mesma interpretação tanto na argumentação contra Bernstein quanto contra Schippel, no entanto, o tema é tratado de forma mais cuidadosa em *Acumulação*, apresentando o militarismo como mecanismo estruturante do capitalismo, mesmo que não discorra mais sobre como ele funciona, terminando o livro logo em seguida.

Para Luxemburg,

Quanto mais o capital se utiliza do militarismo para assimilar os meios de

389 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 319.

produção e a força de trabalho de países e sociedades não capitalistas através da política mundial e colonial, mais energicamente trabalha o mesmo militarismo em casa, nos países capitalistas, a tal ponto, para retirar progressivamente das camadas não-capitalistas desses países, ou seja, os representantes da produção simples de mercadorias, assim como da classe trabalhadora, seu poder de compra, ou seja, roubar sempre mais da primeira suas forças produtivas e pressionar para baixo o nível de vida da última para aumentar violentamente a acumulação de capital a custa de ambas.³⁹⁰

Por isso, como todos os outros instrumentos do capitalismo imperialista, o militarismo expressaria a contradição entre realização e capitalização ou investimento da mais-valia. Por um lado, funciona como válvula de escape já que cria demanda estatal para parte da mais-valia; por outro, precisa dos trabalhadores e de áreas não-capitalistas para existir, só que os destrói seja pela miséria causada pelos impostos seja pelas guerras que promove. Ao aumentar a exploração das camadas mercantis e do proletariado, o capitalismo cria as condições de sua decadência limitando suas fontes de exploração. Por isso, há a tendência de intensificação das catástrofes e convulsões, sociais e econômicas. Em determinado momento, suas contradições só poderão ser resolvidas com sua superação, com o socialismo que permitiria o avanço ilimitado das forças produtivas visando à satisfação das necessidades humanas. É assim que Luxemburg termina seu livro, quase que convocando o proletariado à revolução.

Seu final abrupto é consequência da finalidade indicada no Prefácio: uma contribuição para a luta prática contra o imperialismo. Ela pretendia demonstrar aos camaradas de partido que a única saída para o imperialismo era a revolução socialista; medidas remediadoras, como a propaganda pela paz ou a tentativa de tornar a colonização mais humanitária, não caminhavam no sentido da transformação do sistema, apenas o reproduziam.

3.2. *Glosas sobre Die Akkumulation*

O estudo da acumulação de Luxemburg mostra que o próprio Estado está intrinsecamente voltado para a acumulação de capital, sendo improdutivo a tentativa de reformá-lo por dentro, era preciso tomá-lo ou destruí-lo de maneira revolucionária. Não

390 “Je energischer das Kapital den Militarismus gebraucht, um die Produktionsmittel und Arbeitskräfte nichtkapitalistischer Länder und Gesellschaften durch die Welt- und Kolonialpolitik sich selbst zu assimilieren, um so energischer arbeitet derselbe Militarismus daheim, in den kapitalistischen Ländern, dahin, den nichtkapitalistischen Schichten dieser Länder, d.h. den Vertretern der einfachen Warenproduktion, sowie der Arbeiterklasse fortschreitend die Kaufkraft zu entziehen, d.h., die ersteren immer mehr der Produktivkräfte zu berauben, die letztere in ihrer Lebenshaltung herabzudrücken, um auf beider Kosten die Kapitalakkumulation gewaltig zu steigern”. In: LUXEMBURG, Rosa. GW, 1985, v. 5, p. 410. A tradução da Nova Cultural pareceu-me incompleta: “Quanto mais capital necessita recorrer ao militarismo para apropriar-se dos meios de produção e da força de trabalho dos países e das sociedades não-capitalistas, com tanto mais energia trabalha o mesmo militarismo em casa, nos países capitalistas - os representantes da economia mercantil simples e a classe operária. Procura roubar da primeira as forças produtivas, e forçar a queda do nível de vida da segunda, aumentando à custa de ambas, violentamente, a acumulação do capital”. In: LUXEMBURG, op. cit, 1985, p. 319.

adiantava participar de eleições e reivindicar mais autoridade para o parlamento, a eleição de 1912 já havia demonstrado isso, era preciso o movimento de massas para mudar a sociedade. Do contrário colocava-se no horizonte, ao menos teoricamente, a perspectiva da barbárie, pois as condições objetivas do capital apontavam para uma barreira física como seu fim histórico, deixando como saída a divisa revolução ou barbárie. Embora essa alternativa apresente-se somente mais tarde no texto *A Crise da Social-Democracia*, ela se faz presente em *Acumulação* como o reverso possível da revolução - em 1913 a fé de Luxemburg nas massas não havia sido abalada com a sua adesão à guerra.

A sua teoria da acumulação é um chamado à ação revolucionária que dá unidade às suas análises econômicas e propostas de ação como o combate às tarifas alfandegárias ou à colonização. O período do capitalismo concorrencial e a mudança na geopolítica mundial com o desenvolvimento dos Estados Unidos estavam presentes desde os textos do *Wirtschaftliche und sozialpolitische Rundschau* e eram consensos genéricos entre os socialistas.

Em *Acumulação*, Luxemburg conseguiu relacionar os pequenos consensos dos socialistas em uma teoria econômica revolucionária que entende a acumulação como um processo histórico de avanço sobre as economias naturais, instituindo a propriedade privada. A partir daí, inicia-se a troca de mercadorias, a produção mercantil simples, especializando-se o produtor, introduzindo a divisão do trabalho, o desenvolvimento das relações sociais transforma uns em proprietários dos meios de produção e outros em trabalhadores. Com o surgimento da grande indústria, ela se expande sobre as áreas de economia mercantil até que existam vários países capitalistas. O momento imperialista da acumulação é aquele da concorrência internacional entre esses países, no qual são essenciais o crédito, o protecionismo e o militarismo. Não que estes instrumentos não estivessem presentes antes, mas ganham nova expressão nessa fase, subjugando e englobando as áreas não-capitalistas, mas, principalmente, servindo de meio de disputa de um país capitalista contra o outro por áreas de expansão.

Por isso, a especificidade do militarismo na fase imperialista é a marinha. Limitados aos mercados externos de suas fronteiras nacionais, os países continentais europeus viram-se forçados a conquistar os mares e disputar com a Inglaterra as fronteiras de além-mar³⁹¹, buscando compradores para a mais-valia capitalizável.

Compradores que, ao lado de consumidores, ressurgem como sujeitos econômicos. Vimos que em *RR* os consumidores se opõem a produtores e constituem categoria diferente de

391 Vemos aqui que essa percepção só poderia vir de alguém na Alemanha, país que investia muito na construção de uma armada para fazer frente à inglesa, procurando expandir seus domínios fora da Europa.

capitalistas e operários. Em *Acumulação*, Rosa transita entre consumidores e compradores, a primeira palavra, *Konsumenten*, aparece 40 vezes no livro e a segunda, *Abnehmer/Käufer*, aparece 45. Ambas categorias são retiradas da esfera da circulação, a qual Luxemburg enfatiza para formular o problema da acumulação. Os consumidores ora se confundem com os capitalistas, na reprodução simples, ora são objeto de questionamento – quem seriam eles? –, na reprodução ampliada. O mesmo ocorre com os compradores. A primeira categoria aparece oposta a produtores em alguns momentos, mas sua especificidade é o valor de uso, está dentro da esfera da satisfação de necessidades solventes da sociedade. Já a segunda corresponde à sociedade produtora de mercadorias capitalista, que precisa realizar valores, mais-valia, e por isso a ênfase nas pessoas que realizam o valor. Na Seção 3, Luxemburg realça que a questão aqui é um círculo de *compradores* fora da produção capitalista e não de consumidores. Embora as duas palavras se confundam em alguns momentos, elas expressam, na circulação, a oposição interna às mercadorias como valores de uso e valores. Na maioria dos casos em que “consumidores” aparece, estes remetem ao consumo pessoal e não à compra genérica de quaisquer produtos capitalistas. Mas Rosa explica no capítulo 26, “A Reprodução do Capital e seu meio”, que

A realização da mais-valia é, de fato, a questão vital da acumulação capitalista. Prescindindo-se do fundo de consumo dos capitalistas, por uma questão de simplicidade, a realização da mais-valia exige como primeira condição um círculo de compradores fora da sociedade capitalista. Referimo-nos a compradores, não a consumidores. A realização da mais-valia não nos indica nada, previamente, sobre a forma material dessa mais-valia.³⁹²

Por não indicar a forma material da mais-valia, a necessidade é de compradores já que “consumidores” remete aos realizadores de bens de consumo, portanto, departamento II, quando, na verdade, a realização pode ser também de meios de produção, como vimos anteriormente. A questão central é a realização do valor da mais-valia e não seu valor de uso, embora esse seja essencial para a troca e, portanto, para a circulação, sem a qual a reprodução não pode acontecer.

A reprodução é unidade de produção e circulação. Marx analisara o primeiro processo em *Das Kapital*. Era preciso, no entanto, resolver o segundo e a relação entre os dois, daí o destaque dado à circulação na análise do problema. Vimos que em *RR* Rosa afirma que analisar o capitalismo no mercado de trocas apresenta as relações de forma invertida, crítica dirigida a Bernstein, que pretende resolver os problemas do capitalismo regulando as trocas e

392 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 241.

repartindo o produto social total de forma mais justa. No entanto, em *A Acumulação*, temos:

Achamos que prescindir totalmente da circulação [*Geldzirkulation*] no esquema da reprodução ampliada, fato que leva o processo de acumulação à apresentar-se a nós de forma tão simples e sem nenhuma complicação, importa em grandes inconvenientes.³⁹³

No processo de reprodução social, a circulação de capital aparece como momento fundamental, pois a transformação da mais-valia da forma mercadoria para a forma dinheiro é essencial para que possa ser capitalizada depois em sua forma natural de meio de produção ou força de trabalho. No trecho citado, a versão original fala em circulação de dinheiro (*Geldzirkulation*), o que entra em contradição com a abstração do meio de circulação – dinheiro – na análise da reprodução. No entanto, trata-se aqui de enfatizar a importância da intermediação do dinheiro nas relações de troca capitalistas como capital monetário e como momento que separa compra e venda³⁹⁴.

O ponto de partida para Luxemburg é a necessidade de transformação do capital na circulação. A partir daí ela encontra o problema da demanda efetiva trabalhando com os ciclos D...D' e M'...M' de Marx. O primeiro ciclo enfatiza a produção do lucro em escala ampliada como objetivo do capital e a centralidade do dinheiro no processo, já o segundo ciclo enfatiza a forma material das mercadorias que precisam ser realizadas para que o processo todo se repita. O fundamental é que o capital precisa passar pela forma dinheiro para ser reintroduzido na produção; o dinheiro separa os dois momentos da troca, a compra e a venda, e este fator não é de menor importância no capitalismo. Se voltarmos a Marx, a forma do equivalente universal e a existência do dinheiro mundial são fatores de nascimento do capitalismo junto com a mercadoria.

O capital-mercadoria precisa se defrontar com outras mercadorias no mercado para ser transformado em capital-dinheiro e então entrar na produção. Quem realiza a mais-valia incutida naquelas mercadorias? Quem são os compradores desse mais-produto, no qual a mais-valia se encontra?

Luxemburg responde com os mercados externos ao modo de produção capitalista. No entanto, ao observarmos esses mercados, o problema parece só aumentar: como os autóctones das colônias poderiam trocar mercadorias europeias por dinheiro realizando-as? A única

³⁹³ Idem, p. 83

³⁹⁴ Depois de indicar que não há a necessidade de passar pela forma dinheiro para que a realização aconteça, Miglioli diz que o papel desempenhado pelos mercados externos luxemburguianos é feito pelo dinheiro na troca entre os capitalistas. Para Miglioli, Luxemburg não entenderia como a troca pode se processar dentro do sistema, porque não levaria em conta o papel do dinheiro como intermediário. Temos visto que não só ela leva em conta como esse é um ponto polêmico de sua teoria, pois confuso na medida em que não é possível entender com clareza o que ela entende pela forma dinheiro.

solução possível dentro da teoria luxemburguiana seria: “o dinheiro entra em circulação, portanto, antes de tudo como pagamento de salários”³⁹⁵. Desta forma, ao expandir a economia capitalista para outras áreas, os autóctones seriam transformados em assalariados ou pequenos produtores para o modo de produção da metrópole e assim se iniciaria o processo de trocas. Mas Luxemburg não disserta sobre isso, pois ela está mais preocupada em explicar as relações entre o desenvolvimento capitalista, o imperialismo e o colapso. E nessa perspectiva, indiretamente, explica as relações de desigualdade entre os diversos países, o colonialismo do século XIX e o papel do Estado na acumulação, desenvolvendo pontos já presentes em *RR*.

Não há um capítulo sobre “o papel do Estado na acumulação”, no entanto, ele é uma constante no processo histórico, desde a destruição da economia natural até a expansão da demanda por meio do belicismo. É só através da centralização do Estado que economias mais capitalizadas puderam submeter outras, utilizando-se das estruturas locais para introduzir a propriedade privada. Assim, as diferenças regionais, em muitos casos, foram aprofundadas pelo capital, dando poder à uma casta em detrimento da outra para poder se apossar dos meios de produção – terra e trabalho – das zonas não-capitalistas. Se as estruturas locais já fossem centralizadas, como no Egito, tanto melhor, pois o governo fazia o trabalho da espoliação e encaminhava os lucros para os países centrais. O Estado em *Acumulação* é, pois, um elemento estruturante da expansão capitalista, não apenas como comprador, realizador de mais-valia, mas como instrumento de espoliação. Rosa Luxemburg foi uma das primeiras a enfatizar essa importância³⁹⁶. Em *RR*, parecia consenso entre os socialistas que o Estado deveria ser tomado e não reformado, mas no início do século XX esse consenso foi desfeito e a preocupação com as eleições, bem como a demonstração de ineficácia do instrumento para a esquerda radical, exigia uma elaboração sobre as estruturas do capitalismo.

Para tanto, Luxemburg transforma a crescente anarquia capitalista e a contradição entre produção e consumo (causa das crises), pontos fundamentais de *RR*, em média da reprodução ampliada capitalista e na contradição entre realização e investimento. O desenvolvimento da capacidade produtiva e a restrição do consumo é a contradição

395 LUXEMBURG, op. cit., 1985, p. 49

396 Caio Mello diz que Luxemburg não apresentaria o Estado militarizado como um fator estruturante do capitalismo. “(...) ao invés de vincular este aparato militar com a solução daquele excedente de capital-mercadoria inicial oscilou entre uma total desvinculação do mesmo em relação à expansão capitalista, como se houvesse uma troca cordial com as regiões não-capitalistas (o Estado-parasita-penduricalho)” MELLO, Caio Roberto B. de. *Contribuição ao estudo do sistema de crédito em O Capital de Karl Marx*. 2007. 268 f. Tese - Dep. de História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 187. No entanto, o desenvolvimento histórico da acumulação e o papel do militarismo na fase imperialista, em Luxemburg, provam o contrário uma vez que sem um Estado centralizado com exército e armada não seria possível a expansão capitalista no mundo.

fundamental do sistema mesmo em *Acumulação*. Da mesma forma, a anarquia capitalista continua presente no livro, pois o desenvolvimento do capitalismo leva ao aumento da concorrência internacional e das barreiras à realização sem qualquer tipo de planejamento, mas o principal não são as perturbações, crises, catástrofes e sim como o desenvolvimento interno do capital leva a isso.

As duas análises baseiam-se na lei da queda tendencial da taxa de lucro. Em *RR*, este problema é fundamental para o capitalismo e leva, por exemplo, à concentração (na verdade centralização) de capital em sociedades anônimas; ela é causa das crises, pois estas abaixam os preços, aumentando a taxa de lucro. Em ambos os textos, a lei da queda é resultado da crescente produtividade do trabalho, que aumenta a composição orgânica do capital e reduz, relativamente, a mais-valia. Em *RR*, a lei da queda não era resultado da contradição entre consumo e produção:

É antes num processo “livre de interferências” da produção capitalista que ele encontra perigos que são maiores do que as crises propriamente ditas. Trata-se da queda constante da taxa de lucro, que não se origina da contradição entre a produção e a troca, mas do desenvolvimento da produtividade do trabalho, que possui a tendência extremamente perigosa de impossibilitar a produção para todos os capitais menores e médios e, assim, coloca barreiras ao progresso das inversões de capital e à sua nova formação.³⁹⁷

Ela indicava nesse texto a importância de fatores intrínsecos à estrutura do sistema na sua tendência ao colapso, muito embora apresente também um aparente contrassenso, pois o aumento da produtividade do trabalho faz crescer a produção dificultando a realização porque o consumo não a acompanha. Por isso, a queda da taxa de lucro parece se relacionar também com a contradição entre produção e consumo, mas de fato não tem nela sua origem³⁹⁸. Na verdade, é difícil dizer onde as contradições se originam, visto que o movimento do capital desencadeia uma série de relações com múltiplos efeitos - é o caso da composição orgânica crescente e da tendência à queda da taxa de lucro.

Em *Acumulação*, Luxemburg aponta contratendências à queda da taxa de lucro que Marx já havia indicado, como a elevação da taxa de mais-valia, o barateamento dos meios de produção e a expansão dos mercados externos³⁹⁹. Sua teoria da acumulação aponta uma das

397 LUXEMBURGO, Rosa. “Reforma Social ou Revolução?”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.1, 2011, p. 44.

398 O incremento da composição orgânica e, portanto, da produtividade do trabalho, amplia o volume produzido, mas diminui o valor unitário das mercadorias. O valor do produto total não se modifica, mantidas todas as outras condições constantes. Mesmo assim, é preciso levar em conta que uma quantidade crescente de mercadorias encontra limites para sua realização se não houver expansão de mercados.

399 Henryk Grossmann também aponta estes elementos como contratendências e diz que o desenvolvimento industrial dá importância crescente às matérias-primas que influem diretamente no lucro, daí a necessidade de se

formas do capital deter a queda da taxa de lucro: ultrapassando geograficamente as barreiras da realização e através da demanda do Estado. Quando este compra armas, elas não servem para o consumo produtivo de novas empresas, mas o armamentismo crescente permite adiar o problema da realização de parte da mais-valia social.

Mais uma vez sua teoria parte da circulação e termina nela, porque esse processo é essencial no capitalismo, na sociedade de trocas, e mal explicado pelos economistas, inclusive por Marx. Mas a perspectiva da circulação/demanda gerou e gera grandes debates em torno dos erros e acertos de Luxemburg. Muitos autores enfatizam os erros de sua crítica a Marx e a consideram subconsumista por derivar o problema a partir da circulação e o colocar do ponto de vista da demanda⁴⁰⁰. Marx mesmo, em passagens do Livro II, escreve que perguntar pelos consumidores seria tautologia e que a escala da produção seria determinada pelo impulso à valorização do capital e não pela demanda. Luxemburg então pergunta: de onde vem esse impulso? A questão é que o processo de reprodução social, ou o movimento do capital social total, segundo Marx, inclui produção e circulação. Portanto, para entendê-lo é preciso observar as duas esferas e, do ponto de vista da circulação, apresenta-se o problema da demanda *solvente*.

Ao analisar as duas esferas conjuntamente, Luxemburg viu que o reinício da produção ampliada no capitalismo precisa de um salto da forma mercadoria que não é explicado dentro dos esquemas de Marx, que se preocupam em provar a importância do capital constante (c) para o produto social total. A todo momento Luxemburg sublinha a importância da forma material que o capital social total tem para a reprodução, mas ela percebe também que essa forma material não necessariamente se relaciona com as necessidades dos departamentos I e II, mas sim com as demandas sociais *solventes*, o que significa que se trata de necessidades sociais que realizam mais-valia, não necessariamente capitalistas. Dizer que sua teoria seja de subconsumo é, portanto, analisar seu trabalho de forma simplista e descontextualizada.

Primeiro porque, conforme Trigg, a análise de Luxemburg da reprodução social é bem mais complexa, explorando as relações entre reprodução e circulação do dinheiro. Ela enfatiza a importância da circulação do dinheiro transformando capital-mercadoria em capital-

encontrar matérias-primas sempre muito baratas para garantir altas taxas de lucro nos países centrais. “(...) à crescente produtividade da maquinaria e do trabalho corresponde um consumo maior de matérias-primas, o que faz cair o valor unitário dos produtos, mas aumenta a demanda por insumos. A tecnologia mais desenvolvida só será usada naquilo que é vantajoso e necessário para o centro, porque, como vimos, é na diferença tecnológica que se transfere a mais valia da periferia para o centro”. GOMES, Rosa Rosa; SECCO, Lincoln. Economia Política da Violência: uma nota sobre Rosa Luxemburg e Henryk Grossman. *Mouro Revista Marxista*, ano 6, n. 9, jan 2015, p. 254.

400 Ver KRÄTKE e SWEEZY.

dinheiro, mas também considera a forma material do mais-produto para viabilizar a realização. Para Trigg, Rosa não se resume ao consumo, ela faz análises do dinheiro no Livro II em que demonstra os problemas na investigação de Marx; para ele, indiretamente, ela põe a pergunta de onde vem a demanda e o dinheiro⁴⁰¹.

Apesar de seu enfoque na circulação (seja de mercadorias ou do dinheiro), ela acentua a todo o momento que só a produção capitalista gera mais-valia; se houvesse outra forma de obter mais-valia, a própria produção seria descartada no capitalismo, pois este não objetiva suprir as necessidades sociais das pessoas, mas extrair lucro.

Segundo porque a teoria do subconsumo corresponde a um grupo de intelectuais que enxergava a causa das crises no baixo consumo dos trabalhadores, defendendo o aumento de salários como forma de resolver a injustiça do capitalismo e a desproporção entre consumo e produção. Isso corresponde em parte à teoria de Bernstein, adepto da transformação social através da distribuição igualitária da renda. Na verdade, esse tipo de teoria foi usado para apoiar o limite reformista de partidos socialistas e Luxemburg já havia criticado essa posição em *RR*. Sobre o subconsumo, encontramos na transcrição de suas aulas da escola do partido:

O que significa a suposição atual de que o subconsumo da massa é culpado pela crise, de que, por isso, a força de consumo da massa deve ser elevada; assumindo-se disso, falsamente, que os trabalhadores devem manter seus salários muito elevados. Isso teria como consequência uma nova grande ampliação da produção. Para a satisfação da demanda aumentada, haveria uma oferta ainda maior. O modo de produção capitalista tem a tendência de sobrepor cada barreira, já que ele só tem em consideração o lucro.⁴⁰²

Assim, se de acordo com a teoria subconsumista os salários fossem aumentados, a consequência é que toda a produção elevar-se-ia seguindo o esquema do produto social total (P): $c + v + m$. Se (v) aumenta, (P) aumenta e, de acordo com as regras do capitalismo, aumenta em uma proporção maior, ou seja, salários elevados representam uma oferta maior ainda, o que não resolve as crises. Também em *Anticrítica*, Luxemburg rechaça as teorias subconsumistas, ironizando as explicações de Kautsky acerca do problema das crises⁴⁰³.

De acordo com Paul Singer, no prefácio à edição da Nova Cultural do Livro

401 TRIGG, Andrew. "Where does the money and demand come from? Rosa Luxemburg and the Marxian reproduction schema". In: BELLOFIORE, Riccardo (org). *Rosa Luxemburg and the critique of political economy*. London; New York: Routledge Taylor & Francis, 2009, p.34-52.

402 "Was hats nun mit der Annahme auf sich, dass die Unterkonsumtion der Masse Schuld an der Krise ist, dass darum die Konsumtionskraft der Masse erhöht werden muss. Was ist daran falsch angenommen, die Arbeiter erhalten ihre Löhne sehr erhöht. Das würde wieder eine grosse Erweiterung der Produktion zur Folge haben. Zur Befriedigung der erhöhten Nachfrage würde ein noch mehr erhöhtes Angebot geschaffen. Die kapitalistische Produktionsweise hat die Tendenz, über jede Schranke hinauszueilen, da sie nur Rücksicht auf den Profit nimmt." BArch NY 4002/16, fol 115-116

403 LUXEMBURG, Rosa. *Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 349.

Acumulação, Luxemburg pertenceria à linha teórica que vê o consumo como determinante na reprodução ampliada, o que poderia causar potencial produtivo ocioso. Uma outra linha enfatizaria as condições de produção, ignorando o consumo; a sociedade produziria sempre em seu potencial máximo, o que poderia causar insatisfação de necessidades sociais. Ou seja, para Singer, Luxemburg faz parte dos teóricos que limitam a produção da sociedade às suas necessidades de consumo. Ele ressalta corretamente que o que a distingue é a contradição entre poupança (abstenção do consumo pelos capitalistas) e acumulação (capitalização). O aumento da poupança induz à retração do investimento, a solução do capitalismo para Luxemburg seria a expansão para os mercados externos.

Para Rosa o problema está na própria expansão do capitalismo que acaba com seus mercados externos ao exportar capital, investir em outros lugares.

Contudo, é importante lembrar que, para Rosa, a reprodução exige um determinado grau de desenvolvimento da produtividade e o processo produtivo é fruto de condições técnicas e sociais, sendo a especificidade do capitalismo a despreocupação em atender às necessidades de consumo. Seu objetivo é o lucro, portanto, o consumo só entra como um fator da reprodução porque sem ele ela não pode acontecer. Com isso, Rosa enfatiza também a forma *material* dos objetos produzidos. Seguindo este raciocínio, Luxemburg não se encaixa exatamente entre aqueles que determinam a reprodução pelas necessidades de consumo: em Rosa Luxemburg, a necessidade de expansão externa existe para que a capacidade produtiva continue ao máximo e o sistema não colapse em uma crise. A limitação do mercado leva ao colapso porque a produção continua ao máximo, se ele não se expande será saturado em algum momento, o que leva à necessidade de destruição e centralização de capital através da crise. Por isso, para Luxemburg, capacidade produtiva e mercado, produção e circulação, são determinantes na reprodução ampliada capitalista.

Ela formula o problema da realização da mais-valia, mas em nenhum momento submete a produção à circulação. Os limites do capital se encontram na contradição entre produção e realização da mais-valia, portanto, também entre esta e a sua capitalização posterior, ou entre capacidade de produção e consumo. E isto não porque não há necessidades a serem supridas, mas porque estas não são a finalidade desse modelo e sim o lucro. Assim, o sistema tem uma grande capacidade de produção não acompanhada pelo consumo, porque não se trata de produzir para todos e sim com a finalidade de acumular. Aqui reside a própria existência do problema da realização, pois o sistema visa a produzir para o lucro, não para a satisfação das necessidades da população.

Em *RR*, Luxemburg tratou da contradição entre produção e consumo. Contradição, não

desproporção, pois a primeira pressupõe um problema intrínseco ao sistema que não pode ser resolvido com mero ajuste na distribuição de renda. No entanto, em *Acumulação*, ela aparece como pano de fundo, pois é a contradição fundamental do capitalismo, de acordo com a leitura luxemburguiana de Marx.

Hoje, percebemos que a geografia não é uma barreira para o capitalismo, visto que ele cria novas áreas de acumulação e não apenas se expande sobre as já existentes.

No entanto, na época o espaço era um limite *tendencial*, é importante lembrar. No contexto político era necessário chamar a atenção para a luta contra o imperialismo evitando um conflito mundial, mas a crítica feita a Marx mostrou-se uma barreira à elucidação do problema pelos socialistas da época. Seus companheiros de partido, presos à uma leitura “cientificista”, não conceberam a possibilidade de Marx errar e as críticas, desde então, terão nesse ponto o seu foco.

4. A RECEPÇÃO DA OBRA DE ROSA LUXEMBURG

*"... eu sinto que o colapso de um mundo velho se aproxima. A princípio, eram pressentimentos fracos e distantes, mas têm se tornado cada vez mais claros e fortes. Eu não sei outra coisa senão que algo grande e terrível que também me diz respeito está a caminho. Sinclair, nós viveremos aquilo sobre o que às vezes conversamos! O mundo quer se renovar. Cheira a morte. Nada de novo surge sem morte - é mais horroroso do que eu havia pensado."*⁴⁰⁴

Hermann Hesse

As críticas ao livro de Rosa Luxemburg acompanham as disputas internas e rearranjos políticos do partido. Desde a radicalização da campanha contra o “voto de classes” na Prússia em 1910 e a hesitação da direção do partido em apoiar as bases radicalizadas, Luxemburg rompera com Kautsky e perdera espaço de publicação nos órgãos de imprensa do partido⁴⁰⁵. Nas cartas da autora, entre 1911 e 1912, aparecem diversas preocupações e rixas políticas; em muitos momentos, ela se preocupa com a perda de apoiadores e tenta manter as influências que tem, principalmente na redação do *Leipziger Volkszeitung* (Paul Lensch) e da revista *Die Neue Zeit* (Franz Mehring)⁴⁰⁶. Era realmente importante, pois embora ela fosse uma oradora requisitada e professora da escola do SPD, quase não conseguia mais publicar. O clima se acirrou depois das eleições de 1912, quando Luxemburg publicou os textos *Was nun?* e *Unsere Stichwahltaktik*, nos quais ela critica os acordos da direção com os liberais demonstrando que poderiam ter o mesmo número de mandatos ou mais sem aquela aliança.

Neste contexto, a recepção de seu livro não poderia ter sido diferente. Embora houvesse críticas positivas, em geral, o que marcou a sua publicação foi a rejeição, supostamente pelos inúmeros erros de cálculo e interpretação⁴⁰⁷.

Encontramos oito⁴⁰⁸ críticas publicadas no ano de 1913 em diversos periódicos do partido. A maioria delas saiu nos primeiros meses do ano, quando a obra acabara de ser

404 "... ich also fühle, daß der Zusammenbruch einer alten Welt näher rückt. Es waren zuerst ganz schwache, entfernte Ahnungen, aber sie sind immer deutlicher und stärker geworden. Noch weiß ich nichts andres, als daß etwas Großes und Furchtbares im Anzug ist, das mich mit betrifft. Sinclair, wir werden das erleben, wovon wir manchmal gesprochen haben! Die Welt will sich erneuern. Es riecht nach Tod. Nichts Neues kommt ohne Tod. - Es ist schrecklicher, als ich gedacht hatte". HESSE, Hermann. *Demian: die Geschichte von Emil Sinclairs Jugend*. S.l.: Suhrkamp, 2013, p. 182.

405 Ver SCHORSKE e LASCHITZA.

406 Mehring era escritor da revista.

407 Pode-se entender o esquecimento da teoria de Luxemburg até os dias atuais como reflexo desse momento, pois muitas das críticas aqui analisadas foram reproduzidas durante o século XX.

408 Não incluímos nesta lista a crítica feita em *Der Bibliothekar*, já citada anteriormente. Segundo Laschitza, quase todos os 100 jornais do SPD comentaram de alguma forma o livro entre os meses de fevereiro e março.

lançada, e são bastante ásperas⁴⁰⁹.

Em todos os artigos, explica-se o que é reprodução ampliada e acumulação e há pouca divergência sobre o seu significado. A reprodução ampliada seria a repetição da produção de forma ampliada e a acumulação seria a expressão capitalista desse processo, que tem no lucro, na mais-valia, a sua finalidade. Toda sociedade realizaria reprodução ampliada, porque deve contar com o aumento populacional, provisões, produzir para os que não trabalham, etc., mas só no capitalismo esse mecanismo não visa atender às necessidades das pessoas e sim produzir maiores lucros para os proprietários. Essas duas definições variam muito pouco, somente com respeito à reprodução simples que para Luxemburg, por exemplo, não existe no capitalismo, constituindo-se em uma ficção analítica, justamente porque mesmo fora do capitalismo seria necessário produzir mais-produto, enquanto para Anton Pannekoek e Max Schippel seria um processo real que ocorre em algumas sociedades simples.

A questão principal das divergências é a pergunta de Luxemburg, apresentada de diversas maneiras: quem são os compradores da mais-valia acumulada? Quem realiza a mais-valia? Onde se encontra a demanda ampliada ou efetiva?

Em relação à essas questões encontramos diferentes posições, as quais podemos dividir em dois tipos: os que concordam que existe um problema e os que não veem problema algum. Dentre os primeiros, a crítica do *Leipziger Volkszeitung* corrobora com a teoria de Luxemburg, enquanto Otto Bauer procura outra solução. E entre os segundos, temos os subconsumistas e os revolucionários, Gustav Eckstein e Miron Isaakowitsch Nachimson, de um lado, e Anton Pannekoek, de outro. Poderíamos incluir um outro tipo, representado por Franz Mehring, que apenas descreve a obra.

A primeira das críticas encontradas foi a publicada no *Leipziger Volkszeitung* em três partes, entre 16 e 18 de janeiro de 1913, intitulada *Ein neues Werk des Marxismus* (Uma nova Obra do Marxismo). O artigo foi manchete do jornal, mas não apresenta autoria⁴¹⁰; como Lensch era ainda diretor do órgão nesta época⁴¹¹ é possível que tenha influenciado uma leitura mais favorável do livro, já que era aliado de Luxemburg até este momento.

Para o autor não identificado, a burguesia seria incapaz de fazer generalizações e de entender os problemas do mundo, pois esta não se colocaria do ponto de vista revolucionário,

409 Embora Krätke (2006) ache a crítica de Eckstein educada, interpreto-a como incisiva ao não ver nenhuma contribuição de Luxemburg para o pensamento econômico.

410 Em *The Luxemburg Debate* (2006), Michael Krätke diz que esse artigo foi escrito por Franz Mehring, mas de acordo com as cartas e com o dossiê NY 4131/ 11Ü do Fundo Emil Eichhorn no *Bundesarchiv* em Berlin-Lichterfeld, Mehring teria terminado o artigo apenas em fevereiro.

411 Lensch pediu demissão do jornal em julho de 1913. Fonte: BArch RY 20/ II 145/ 42, fol. 1.

tendo muitos interesses no sistema econômico atual, e, por isso, só o marxismo poderia analisar as leis do desenvolvimento capitalista, porque só ele vislumbraria a sua superação, entendendo-o como um sistema histórico que “desde o nascimento carrega em si a semente da morte e só tem significado como sinal de algo maior e mais elevado: o socialismo”⁴¹².

Nesse sentido, ele corrobora a teoria de Luxemburg e recupera a história dos revisionistas, que diziam que a obra de Marx estava ultrapassada, porque o desenvolvimento do capitalismo havia modificado muito a estrutura social. Para o autor, esta corrente científica fora derrotada já há 10 anos, provavelmente referindo-se ao congresso de 1903, quando o revisionismo foi dado oficialmente como extinto do partido, não deixando, no entanto, de existir enquanto prática. Tentando provar a morte do revisionismo, o texto cita obras que estudaram as mudanças do capitalismo do ponto de vista marxista: Otto Bauer com *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie*, Rudolf Hilferding com *Das Finanzkapital* e Rosa Luxemburg com *Die Akkumulation des Kapitals*, aprofundando-se esta mais sobre o imperialismo do que Hilferding e provando a necessidade do colapso e a inevitabilidade do socialismo.

Na série apresenta-se um resumo do livro e a teoria das áreas não-capitalistas de Rosa Luxemburg. O autor tece elogios à análise que Rosa faz de Marx, apontando “com precisão” as diversas passagens em que ele recolocou o problema sem, no entanto, resolvê-lo. O texto frisa, ainda, a consciência de Rosa de que o volume dois era um rascunho e não um texto finalizado e de que, sobre a questão da acumulação, Marx discutiria com Smith sobre a reposição do capital constante, fato que Luxemburg acentuaria na primeira parte de seu livro nos capítulos dois, três e quatro que fazem a análise do processo de reprodução em Quesnay, Smith e Marx, apontando os avanços e problemas de cada um.

O artigo elogiou a história do problema feita por Luxemburg na segunda parte do livro:

Estes “confrontos” teóricos aparecem para nós aqui não como abstrações sem vida⁴¹³ e mesquinhas, mas como ações históricas do autoentendimento social, cujo caráter depende, em grande medida, do grau de maturidade histórica que a sociedade burguesa alcançou naquele momento.⁴¹⁴

412 “... schon bei der Geburt den Todeskeim in sich trug und nur Bedeutung hat als Vorbote zu etwas Grösserem und Höherem: zum Sozialismus.” In: Ein neues Werk des Marxismus. *Leipziger Volkszeitung*, Leipzig, capa, 16 jan de 1913.

413 A palavra é *blutleer*, que quer dizer, literalmente, sem sangue, pálido.

414 “Diese theoretischen 'Waffengänge' erscheinen uns hier nicht als blutleere Abstraktionen und Haarspaltereien, sondern als geschichtliche Aktionen der sozialen Selbstverständigung, deren Charakter im engsten Masse abhängig ist von dem historischen Reifegrad, den die bürgerliche Gesellschaft zur Zeit erreicht

Limitados por seus contextos históricos, os autores não poderiam ter respondido à questão da acumulação. Essa análise assemelha-se à de Georg Lucáks, posteriormente. O desenvolvimento histórico do problema, apresentado dessa forma, mostra a compreensão do método materialista da história de Rosa Luxemburg. Segundo Lucáks:

Ao analisarem [*Rosa e Lenin*] a mudança e a reversão das concepções que precederam sua maneira de colocar o problema, ao considerarem cada uma dessas etapas do esclarecimento ou da confusão intelectuais no conjunto histórico de suas condições e conseqüências, fazem surgir o próprio processo histórico cujo resultado constitui sua abordagem e sua solução, com uma intensidade que não pode ser atingida de outro modo.⁴¹⁵

De acordo com o artigo do *Leipziger Volkszeitung*, assim como os autores estudados por Rosa, também ela estaria condicionada pelo seu momento histórico, por isso ela poderia afirmar que a acumulação capitalista só seria possível através do imperialismo, pois esse era o seu contexto.

O artigo apresenta a teoria de Luxemburg entre os dois extremos dos confrontos teóricos anteriores: a impossibilidade e a infinitude da reprodução ampliada capitalista. Em Luxemburg, a compreensão seria dialética, pois a acumulação seria possível, mas, ao se desenvolver, apontaria o fim do capitalismo. Ao explicar como isso se processa na obra, o autor sublinha que as áreas não capitalistas são também fonte de matérias-primas e força de trabalho necessárias. O capitalismo precisa subjugar todas as áreas, com seus meios de trabalho e força de trabalho, abrindo as fronteiras da produção de mais-valia.

O artigo ressalva que Marx descreveu esse processo no capítulo XXIV do Livro I, *A Assim Chamada Acumulação Primitiva*, mas em Luxemburg a espoliação faria parte da própria essência do desenvolvimento capitalista, pois sem ela o sistema não poderia existir. Ao mesmo tempo, esse processo também construiria as bases de destruição dessa sociedade. Por isso, a última parte de seu livro se dedicava a provar historicamente a sua tese do “*milieu*” capitalista, jogando luz sobre a questão do imperialismo. Especialmente seus últimos capítulos sobre tarifas alfandegárias e militarismo estimulariam o debate e o desenvolvimento dos temas.

Para o autor, Rosa apresentou as relações do imperialismo com o militarismo e, conseqüentemente, a impossibilidade da paz dentro desse sistema, já que a guerra era elemento fundamental. Mais ainda, mostrou que o fortalecimento do imperialismo preparava também o fim do capitalismo, pois toda classe dominante antes de cair deveria chegar ao seu auge.

hatte.” In: Ein neues Werk des Marxismus. *Leipziger Volkszeitung*, Leipzig, capa, 17 de jan de 1913.

415 LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 118.

Esse artigo é o que melhor apresentou a importância do livro e procurou resumir suas principais ideias, contribuindo para uma possível difusão de seu pensamento que, como vimos, parece ter sido pequena.

Julian Marchlewski⁴¹⁶ também escreveu uma resenha, intitulada *Eine marxistische Untersuchung über den Imperialismus* (Uma Pesquisa Marxista sobre o Imperialismo) e publicada no *Münchener Post* nos dias 30 e 31 de janeiro de 1913, elogiando a obra de Luxemburg.

Para Marchlewski, a obra mostraria que o imperialismo não era um acaso, mas uma consequência do desenvolvimento do sistema, expandindo-se para além de suas fronteiras, tendo como consequência a necessidade de dominação política de outros territórios e do militarismo para roubar, oprimir, dominar, e também rivalizar com outros capitalistas. Por fim,

(...) a camarada Luxemburg dá-nos um esclarecimento científico das tendências imperialistas. Ela explica as fases teóricas, nas quais ela mostra através de exemplos da expansão capitalista na América, Índia, Egito e China, de que modo os sistemas econômicos dos povos de civilização não capitalista são decompostos e arruinados através das dívidas estatais, da construção de fábricas.⁴¹⁷

Ambas as resenhas concentraram-se nas contribuições de Luxemburg para o debate da social-democracia e não apenas nos problemas de sua análise, como muitos fizeram. Mas respostas às muitas críticas ácidas vieram posteriormente, da década de 1930 em diante, ao se discutir o problema da demanda efetiva, com exceção de Franz Mehring que, no calor do momento, fez desta resposta o principal ponto de sua resenha.

Segundo as cartas de Rosa Luxemburg no início de 1913, Franz Mehring acabara de escrever a resenha em fevereiro desse mesmo ano, publicando-a no *Frankfurter Volksstunde* a partir do dia 12 daquele mês⁴¹⁸ como artigo editorial (*Leitartikel*), em três edições seguidas⁴¹⁹.

A publicação da resenha de Mehring causou polêmica no partido, porque o autor pediu a Emil Eichhorn, membro do *Pressebüro*, que os textos fossem encaminhados para as

416 O artigo saiu com o nome de Jan Karski, pseudônimo de Marchlewski.

417 “gibt uns Genossin Luxemburg eine wissenschaftliche Erklärung der imperialistischen Tendenzen. Sie erläutert die theoretischen Ausführungen, indem sie an Beispielen aus der kapitalistischen Expansion in Amerika, Indien, Egypten und China zeigt, auf welche Weise durch den Import von Waren, durch die Staatsschuldenwirtschaft, durch Errichtung von Fabriken, die Wirtschaftssysteme der Völker nichtkapitalistischer Kultur zersetzt und ruiniert werden.” In: KARSKI, Jan. *Eine marxistische Untersuchung über den Imperialismus*. *Münchener Post*, München, p. 2, 31 de Janeiro de 1913.

418 Informação recolhida em *Vorwärts* de 13 de fevereiro de 1913. Ver também LUXEMBURG, Rosa. *Gesammelte Briefe*, v. 4, p. 267, nota 40. Segundo Laschitz, 25 jornais publicaram a resenha de Mehring.

419 As versões dos artigos aqui utilizadas foram encontradas no Fundo Emil Eichhorn do *Bundesarchiv* (BArch, NY 4131/ 11Ü).

redações dos jornais social-democratas através desse órgão central com sua autoria, e não como posição do partido. A justificativa em carta de Emil Eichhorn ao *Büro* era de que provavelmente o assunto era de interesse de muitos pequenos jornais pelo país, mas que não conseguiriam dedicar tempo à escrita de uma resenha devido ao pessoal limitado e à complexidade do tema, por isso, seria interessante encaminhar o artigo de Mehring para instalar o debate no partido, devendo o texto ser devidamente assinado pelo autor⁴²⁰.

O *Pressebüro* fora criado no congresso de Essen em 1907 para facilitar a difusão de informações para os órgãos de imprensa social-democratas. Segundo a ata de 1909, “o Bureau tem a tarefa de conseguir o mais rápido informações importantes de natureza política, econômica e social, assim como material legislativo e estatístico importante e atual para a imprensa do partido”⁴²¹.

A difusão das informações se daria por telefone, telégrafo e carta, mas não poderia transmitir editoriais políticos (*Leitartikel*), nem tratar de temas teóricos e táticos do partido⁴²². Por isso e pelo desgaste das relações de Luxemburg dentro do partido, o pedido de Mehring foi reprovado pela direção que emitiu um comunicado em 12 de fevereiro dizendo que esse envio não era de seu conhecimento e lamentando a utilização abusiva do *Pressebüro*. No *Vorwärts*, em 12 de fevereiro de 1913, publicou-se uma nota com o título *Ein unzulässiges Vergehen* (Uma Atitude Inadmissível) condenando a atitude de Mehring e enfatizando que a função do *Pressebüro* era espalhar notícias sobre temas consensuais do partido, o que não seria o caso.

A controvérsia contou com diversas notas na seção *Aus der Partei* do *Vorwärts* entre 12 e 18 de fevereiro⁴²³, terminando na *Kontrollkommission*. Em 17 de junho desse mesmo ano, a resolução desse órgão foi que o uso do *Pressebüro* por Mehring foi inaceitável, mas não foram impostas represálias⁴²⁴.

As relações de Mehring e Luxemburg com os dirigentes estavam bastante tensas, especialmente com Kautsky. Vimos anteriormente que as polêmicas entre eles levaram ao

420 “Er meint, dass gerade der mittleren und kleineren Presse daran gelegen sein könnte, etwas über das Buch zu erhalten, zu dessen Bearbeitung es doch in den meisten dieser Redaktionen an Zeit und Kräften fehlen würde. Die Artikel können natürlich mit Mehrings Namen gezeichnet werden, denn es handelt sich um eine reine Privatarbeit Mehrings, mit der das Pressebureau gar nichts zu tun hat”. In: EICHORN, Emil. Carta ao *Pressebüro* de 10 de fevereiro de 1913, Berlim. BArch, NY 4131/ 11Ü

421 “Das Bureau hat die Aufgabe, der Parteipresse schnellstens wichtige Nachrichten politischer, wirtschaftlicher und sozialer Natur sowie wichtiges aktuelles gesetzgeberischer und statistisches Material zu beschaffen” In: *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Leipzig*. Berlim, 1909, p. 42.

422 Ver *Protokoll des Parteitages abgehalten zu Essen*. Berlim, 1907.

423 Entre os dias 14 e 18 de fevereiro também o *Leipziger Volkszeitung* publicou a troca de respostas.

424 Circular da Comissão de Controle assinada por Brühne e Geck. BArch RY 20/ II 145/ 42

rompimento das relações entre Luxemburg e Kautsky. Por esse motivo, o pedido de extensa publicação de um texto que respondia críticas ao livro e defendia a obra como um avanço no debate, uma obra diga-se de passagem que ia na contramão das ideias da direção, causou tanta controvérsia.

O texto de Mehring divide-se em uma série de três artigos com o título *Das historische Wesen des Imperialismus* (A Essência Histórica do Imperialismo) e dirigia-se fundamentalmente à crítica da crítica. Até então, no mínimo, dois artigos haviam sido publicados: Nachimson e Anton Pannekoek. Eles, segundo Mehring, não explicavam a teoria para outros companheiros e muitas vezes compreendiam o seu conteúdo de maneira equivocada.

Mehring salienta a importância da obra por ser a primeira a procurar entender o imperialismo em sua essência histórica, no contexto do alto grau de desenvolvimento do capitalismo e, para tanto, Luxemburg não poderia fugir a esquemas matemáticos já que seu ponto de partida era a própria teoria de Karl Marx. Ocorre que estes esquemas não eram o mais importante e os erros cometidos em seus cálculos não desautorizariam a autora, como queriam as críticas. A imprensa publicara diversas delas, mas, para Mehring, deveriam divulgar as ideias do livro como Engels fez com o primeiro volume de *Das Kapital*⁴²⁵ e seria essa a sua proposta descrevendo, nos textos seguintes, a teoria de Luxemburg: seu ponto de partida e de chegada.

Para Mehring, não se tratava de colocar Luxemburg em um pedestal ou arremessá-la ao inferno, mas entender o quanto ela contribuía para avançar no esforço científico socialista, movimentando a produção de conhecimento. Se queriam agora refutar a teoria, deveriam se debruçar sobre os livros e documentos e dispende o mesmo tempo que Rosa na elaboração de uma explicação; a social-democracia e a consciência de classe só teriam a ganhar com isso.

Se se quer refutar o livro da camarada Luxemburg – e sua crítica rigorosa é apresentada decerto no interesse do partido -, deve-se ter a mesma dedicação, meticulosidade e o mesmo esmero que ela aplicou na tarefa dela. Tanto mais rico será o ganho do partido.⁴²⁶

O único que procurou desenvolver o debate foi Otto Bauer; ele tomou o problema da acumulação e propôs outra interpretação, por esse motivo, Luxemburg debateu com ele em

425 Um dos textos de Friedrich Engels para explicar, defender e divulgar a obra de Marx foi publicado em 1868 como brochura sob o título *Konspekt über das Kapital*.

426 “Will man das Buch der Genossin Luxemburg widerlegen – und seine schärfste Kritik ist gewiß durch das Interesse der Partei geboten – so biete man dasselbe Maß von Fleiß, Gewissenhaftigkeit und Sorgfalt, das sie an ihre Aufgabe gesetzt hat. Dann wird der Gewinn der Partei um so reicher sein.” In: MEHRING, Franz. “Das historische Wesen des Imperialismus”. Fundo Emil Eichhorn NY 4131/ 11Ü.

sua *Anticrítica*⁴²⁷. Mas antes de falar sobre ele, observe-se as críticas de Nachimson, Pannekoek, Eckstein e Schippel.

O texto publicado no jornal *Dresdner Volkszeitung* entre 21 e 22 de janeiro de 1913 leva o nome do próprio livro e não tem assinatura, mas nas cartas completas de Luxemburg identifica-se a autoria do russo Miron I. Nachimson⁴²⁸, chamado por Lenin de social-chauvinista⁴²⁹.

A resenha inclui o livro no debate entre os economistas russos dos anos 1880 sobre a possibilidade ou não do capitalismo na Rússia, tema do terceiro confronto em *Acumulação*. Por sua vez, a obra de Luxemburg tentaria explicar a incapacidade do capitalismo em forma pura, ou seja, o sistema não seria possível sem a existência de colônias, sobreviveria às custas de economias menos avançadas. Tal teoria colocaria a certeza da queda do capitalismo em patamares superiores aos de Marx. Segundo este autor, para Luxemburg, o capitalismo teria incapacidades internas que o levariam ao colapso e ela tentaria provar isso matematicamente.

Ou seja, sem um estímulo externo, somente por sua incapacidade interna, o capitalismo esfacela. E isto, Rosa Luxemburg pretende ter comprovado matematicamente! Realmente uma descoberta pioneira!⁴³⁰

Para Nachimson, a importância dos mercados externos, ressaltada em Luxemburg, seria apontada por Marx, mas não de maneira absoluta como ela faria e sim como possibilidade de contenção da queda da taxa de lucro. A expansão do mercado seria consequência da busca por lucro, que exigia uma acumulação muito maior do que os investimentos internos permitiriam em determinadas circunstâncias, impelindo ao comércio exterior, pois o capital excedente pressionaria a taxa de lucro para baixo, levando à necessidade de exportação tanto de capital quanto de mercadorias. A causa do comércio externo seria, pois, as diferentes taxas de lucro entre os países.

Rosa diz que a “contradição histórica em que encontram os interesses da acumulação, isto é, da realização e da capitalização da mais-valia, de sua expansão vista sob o ângulo

427 O texto foi escrito nos anos de prisão durante a Primeira Guerra Mundial. Sua primeira publicação foi apenas em 1921. LUXEMBURG, R. *Gesammelte Briefe*, v. 4, p. 264, nota 19.

428 LUXEMBURG, R. *Gesammelte Briefe*. Berlin: Dietz Verlag, 1983, volume 4, p. 263, note 15.

429 LENIN, W. “Der Imperialismus als höchstes Stadium des Kapitalismus”. In: *Lenin Werke*. Berlin: Dietz Verlag, 1971, v. 22, p. 294. Disponível em <<http://www.red-channel.de/LeninWerke/LW22.pdf>> data de acesso 27 maio 2016.

430 “Also ohne äußeren Anstoß, lediglich aus der inneren Unfähigkeit zerschellt der Kapitalismus. Und dies will Rosa Luxemburg mathematisch bewiesen haben! Wahrhaftig eine epochemachende Entdeckung!” [NACHIMSON]. *Die Akkumulation des Kapitals. Dresdner Volkszeitung*. Dresden, n. 16, Ano 24, 21 Janeiro 1913. A palavra *epochemachende* foi traduzida como “pioneiro”, mas significa “que fez época”.

particular da troca de mercadorias”⁴³¹.

Observamos que Nachimson não se atenta para a contradição da acumulação que Rosa explicita acima. Embora ela não se atenha tanto à lei da queda tendencial da taxa de lucro especificamente, trata das contratendências. O desenvolvimento histórico do capitalismo apresentado no livro, especialmente na época da concorrência mundial, é a busca de mercados para realização e de áreas para investimento, fazendo avançar a grande indústria capitalista sobre regiões de economia natural e mantendo, ou até aumentando, a taxa de lucro, ao menos durante um tempo.

O autor julga ainda muito abstrata a análise de Rosa que não levaria em conta a complexidade da empresa capitalista. Seria preciso, para ele, observar a necessidade de aumento de capital constante e força de trabalho a qualquer aumento do consumo, seja industrial ou privado: “Cresce a demanda por meios de consumo para os capitalistas, então, o fabricante adquire também novas máquinas e trabalhadores para produzir mais mercadorias para estes”⁴³². Além disso, muita mais-valia seria utilizada nas transformações técnicas que o capitalismo conhece de tempos em tempos. Esses fatores seriam suficientes para explicar a demanda interna.

O problema central em Rosa seria a sua ênfase nos objetivos da produção em geral. O capitalista individual procuraria o seu lucro e se houvesse aumento de demanda, cada um procuraria preencher esse espaço individualmente; se houvesse possibilidade de exportar, então cada capitalista o faria, diminuindo o consumo interno. Nachimson vê apenas o capital individual, não enxergando uma produção em geral. A consequência é a inexistência do problema de demanda em sua perspectiva. Ele ignorou que as leis do modo de produção capitalista agem pelas costas dos produtores, assim, por mais que ele se apresente como um aglomerado de indivíduos, há determinações sociais que permitem a sua reprodução.

Mas, se em Nachimson não havia problema de demanda, a queda da taxa de lucro aparece como impulsionadora do capitalismo para a expansão. O sistema teria a possibilidade de acumular internamente, mas esse processo seria muito mais lento; as colônias funcionariam, então, como fonte de lucro extra e estimulariam a expansão da produção ao expandirem a demanda, acelerando a acumulação.

Como consequência política, ele defendia que a luta contra a colonização deveria

431 LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 308.

432 “Steigt die Nachfrage nach Konsumtionsmitteln für die Kapitalisten, so schafft sich der Fabrikant auch neue Maschinen und Arbeiter an, um mehr Waren für diese zu produzieren”. [NACHIMSON]. Die Akkumulation des Kapitals. *Dresdner Volkszeitung*. Dresden, n. 17, Ano 24, 22 Janeiro 1913.

acontecer dentro das fronteiras nacionais, reivindicando maiores salários, o que atingiria indiretamente as colônias, pois o aumento salarial incrementaria o mercado interno e as possibilidades de acumulação dentro do país, além de melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Defendia, na verdade, a teoria subconsumista, segundo a qual os baixos salários são a causa da baixa demanda.

No oposto político de Nachimson encontra-se a crítica de Anton Pannekoek, publicada no jornal *Bremer Bürger-Zeitung* em 29 e 30 de janeiro de 1913, também com o título da obra.

Para Pannekoek, os consumidores do mais-produto seriam os próprios trabalhadores e capitalistas, conforme o esquema mostrava. O que Luxemburg considerava um absurdo, a produção pela produção, seria o próprio funcionamento do capital. Ela ignoraria o momento propulsor desse movimento: a produção e acumulação de mais-valia, que só ocorrem no processo produtivo, por isso o capital aparentaria ter um movimento sem sentido, produção pela produção, mas na verdade seu objetivo era a mais-valia, o lucro. Por isso, “colocar a produção como o grande objetivo, na qualidade de meio a serviço da formação de mais-valia e capital”⁴³³.

Quanto ao problema do dinheiro - a mercadoria precisa se transformar em dinheiro para ser realizada e reiniciar a acumulação, portanto, de onde vem o dinheiro? - Marx teria resolvido a questão com o entesouramento e o meio de circulação, os quais Luxemburg também ignoraria.

Rosa suporia que os esquemas refletiriam a realidade, mas eles deveriam explicar quais as condições fundamentais para a acumulação, conhecendo as diferentes exigências e suas consequências para então formar um quadro mais próximo da realidade, não explicar a realidade em si.

Sobre o suposto equívoco de Marx - não considerar a produtividade do trabalho -, seriam na verdade os exemplos de Rosa que estariam errados, dando a impressão de que seria impossível construir um esquema em que a produtividade aumentasse e, mesmo assim, a acumulação acontecesse. Pannekoek, assim, tenta provar matematicamente por uma série de equações que seria possível a acumulação em uma sociedade composta somente de capitalistas e operários e com aumento da composição orgânica do capital.

Outro problema em Luxemburg é que ela determinaria as mudanças tecnológicas através da produção do período anterior, ignorando os estoques de mercadoria, que alargariam

433 “... die Produktion als Mittel in den Dienst der Merhwert- und Kapitalbildung als des höchsten Zweckes zu stellen“. In: PANNEKOEK, A. Die Akkumulation des Kapitals. *Bremer Bürgerzeitung*, Bremen, Literarische Rundschau, 29 jan de 1913.

um pouco os limites de acumulação. Rosa conclui, a partir disso, que os esquemas seriam incompatíveis com a lei da queda da taxa de lucro e desprezariam a contradição entre produção e consumo. Mas, para Pannekoek, essa contradição só seria importante na análise das crises e não teria nenhum papel dentro dos esquemas de reprodução ampliada.

O único crédito que Pannekoek dá à obra de Luxemburg é sua exposição histórica do problema, ao resumir o debate entre harmonicistas e não-harmonicistas, encaixando-a dentro desta última corrente ao reafirmar a irracionalidade constitutiva do capitalismo.

Também a solução de Rosa não seria de todo falsa, mas não explicaria o imperialismo, objetivo da obra. Segundo ele, ela conseguiu descrever um movimento do capitalismo desde seu nascimento: a busca por mercados consumidores e produção de mercadorias em meios não capitalistas. No entanto, ela não conseguiu trazer a especificidade da política mundial moderna: porque o imperialismo era diferente da colonização espanhola?

Para Pannekoek, a necessidade de meios não capitalistas viria porque o capitalismo se desenvolveu dentro desses meios. Uma vez constituído o fato prático, a expansão do capital precisaria ampliar suas áreas não-capitalistas de produção. Assim, a apresentação do que seria para Rosa o desenvolvimento do capitalismo é, para Pannekoek, um resultado prático da economia: alargamento das áreas de troca.

O capitalismo estabelece de fato troca com produtores não capitalistas porque ele se desenvolveu neste ambiente de produtores. Esta existência de compradores e fornecedores não capitalistas é UM FATO PRÁTICO, mesmo que NÃO UMA NECESSIDADE sem a qual um capitalismo nascente não poderia existir. Por ela ser fato uma vez, a ampliação do capitalismo exige simultaneamente UMA AMPLIAÇÃO DA PRODUÇÃO NÃO-CAPITALISTA com a qual ele troca. Por isso, essas regiões precisam ser ampliadas continuamente, com frequência à força; aqui está a verdadeira causa da luta contra a economia natural.⁴³⁴

A especificidade do imperialismo seria a expansão externa na forma de exportação de capitais. Ele define como:

Nós entendemos, assim, sob imperialismo, a ambição das potências capitalistas modernas de trazer as maiores áreas estrangeiras possíveis para a sua dominação política, direta ou indireta.⁴³⁵

434 “Der Kapitalismus steht tatsächlich im Tauschverkehr mit nichtkapitalistischen Produzenten, weil er sich in einer Umgebung solcher Produzenten entwickelt hat. Diese Existenz nichtkapitalistischer Abnehmer und Lieferanten ist EINE PRAKTISCHE TATSACHE; obgleich KEINE NOTWENDIGKEIT, ohne die ein erwachender Kapitalismus nicht bestehen könnte. Da sie nun einmal Tatsache ist, erfordert die Erweiterung des Kapitalismus zugleich EINE ERWEITERUNG DER NICHTKAPITALISTISCHEN PRODUKTION, mit der er in Tauschverkehr tritt. Daher muß deren Gebiet stetig, oft gewaltsam vergrößert werden; hier liegt die wirkliche Ursache des Kampfes gegen die Naturalwirtschaft”. Idem.

435 “Wir wollen also unter Imperialismus das Streben der modernen Kapitalmächte verstehen, möglichst große Gebiete fremder Weltteile direkt oder indirekt unter ihre politische Herrschaft zu bringen und sie sich zu einem Weltreich anzugliedern”. Idem.

O que impulsiona as potências para essa expansão, e distingue o imperialismo da política mundial capitalista em geral, é a necessidade de investimentos.

Assim, Nachimson e Pannekoek explicavam o imperialismo através da necessidade de exportação de capitais. A diferença é que o primeiro tinha a perspectiva do capital individual, enquanto o segundo utilizava a categoria de capital social total.

A diferença de pontos de vista refletia também diferenças políticas: Pannekoek era aliado político de Luxemburg neste momento, ambos defendiam uma ação política das massas, agitadas pelo partido. Por isso, seu texto, embora crítico, encontra contribuições e é menos incisivo que Nachimson, um reformista russo que defendia o subconsumismo.

Sob a perspectiva reformista mais críticas viriam.

Enquanto Mehring brigava com a redação do *Vorwärts*, o jornal publicou no complemento *Literarische Rundschau* de 16 de fevereiro de 1913 uma resenha bastante incisiva de Gustav Eckstein. Em certa medida, essa publicação foi uma resposta provocativa a Mehring que tentou divulgar seu artigo através do *Pressebüro*. Como dito, o texto de Mehring saudava o livro como um importante início da investigação acerca das raízes do imperialismo; já Eckstein tentou desconstruir toda a obra de Luxemburg.

Eckstein concentrou-se na explanação dos objetivos dos esquemas de reprodução ampliada de Marx para desconstruir a teoria de Luxemburg, pois ela os teria analisado erroneamente. Por isso, começou definindo valor para chegar à origem da demanda no capitalismo e ao problema das crises. O valor seria determinado pelo trabalho socialmente necessário e este seria o trabalho que satisfaz as necessidades sociais em relação à determinada mercadoria. Deste ponto de vista, todo o objeto produzido que não encontrasse comprador não teria valor, porque foi produzido acima das necessidades sociais, não tem, portanto, trabalho socialmente necessário.

(...) é socialmente necessário apenas o trabalho que se revele suficiente para a satisfação da demanda existente do gênero de mercadoria em apreço. Assim sendo, se em dado momento se colocam no mercado mais chapéus ou máquinas a vapor, por exemplo, do que a sociedade necessita, o trabalho incorporado pela mercadoria excedente revela-se desnecessário, razão pela qual também não cria nenhum valor, o que explica, por sua vez, a respectiva invendabilidade.⁴³⁶

No entanto, no Livro I de *Das Kapital*, Marx define o trabalho socialmente necessário como:

436 ECKSTEIN, Gustav. Crítica à Acumulação do Capital de Rosa Luxemburg. In: LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 407.

(...) aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com grau social médio de habilidade e intensidade de trabalho.⁴³⁷

Ele é o que define o tamanho do valor, mas não tem relação direta com a satisfação de necessidades sociais, estas seriam o motivo da produção em qualquer sociedade, mas no capitalismo tem um papel secundário, pois o objetivo principal é a valorização do valor. No entanto, para alcançar tal objetivo, seria preciso produzir mercadorias que fossem realizadas, portanto, tivessem uma necessidade social, realizando o valor. Este só se manifesta na troca, pois é uma relação social. Por isso, Eckstein está correto quando diz que aquilo que não se realiza na troca não tem valor, no entanto, a relação entre a não realização e o trabalho socialmente necessário parece estranha quando vemos a apresentação dos conceitos em Marx. Além disso, a partir desse raciocínio ele conclui que a demanda determina a produção⁴³⁸.

A grande questão seria: qual o tamanho dessa necessidade social e do que dependeria essa grandeza? A resposta dele: o tamanho seria determinado pela repartição social da renda e pela possibilidade de se obter lucro. Ele exemplifica que a necessidade de máquinas a vapor é determinada pela possibilidade de produzir mercadorias com lucro. Quantas mercadorias produzir e qual seu preço dependeria do salário, lucro e renda, mas estas formas de rendimento dependem das condições e relações de produção, o que torna a tarefa complicada, mas exclui o problema da demanda de Rosa Luxemburg;

Quando se observa a realidade, os capitalistas individuais apresentam-se como independentes. Assim, pergunta Eckstein: como se regula a produção? Através dos preços, permitindo ao capitalista lucro máximo. Mas a forma como o alcança seria às cegas, pois não seria possível saber o tamanho da necessidade social, por isso, a especulação dominaria o sistema. Dessa forma, os esquemas mostrariam como deveria ser o equilíbrio entre os departamentos, mas como a produção seria dirigida pelo lucro, esta se afastaria a todo o momento das necessidades sociais e desse equilíbrio. Por isso, de tempos em tempos os equilíbrios seriam agitados por crises violentas.

Segundo Eckstein, Luxemburg teria distorcido a exposição de Marx. Além do problema da demanda não existir, pois os capitalistas consumiriam o mais-produto em

437 MARX, K. *O Capital: uma crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, v.1/ t.1, p. 48.

438 Há um amplo debate sobre a definição do valor. Neste trabalho, utilizamos a compreensão de Michael Heinrich (ver nas referências bibliográficas) de que o valor existe em uma sociedade que tem na troca seu centro. Ele expressa uma forma de relação social própria do capitalismo, por isso, não existe a priori; trata-se de uma relação que existe no palco mundial, não apenas em uma unidade empresarial. Por este motivo, Eckstein desconsidera o valor das mercadorias não realizadas, entretanto, a sua compreensão disso de modo algum o aproxima de uma interpretação revolucionária do modo de produção capitalista, que era o pano de fundo do debate econômico.

palácios e meios de guerra, a preocupação dos esquemas seria estabelecer as proporções para a reprodução em uma situação de equilíbrio.

Luxemburg sustentaria todo o seu livro sob essa visão equivocada dos esquemas, o que a levaria a outros erros, como sua crítica à interpretação de Marx sobre o dinheiro. Ela ignoraria o papel do entesouramento como base do sistema de crédito. A sua análise dos esquemas a levaria a entender errado o que Marx explicou sobre o dinheiro, transformando a pergunta de Marx – de onde vem o dinheiro para a acumulação – na pergunta: de onde vem o dinheiro para a compra do mais-produto? Ou seja, quem são os compradores?

Para Eckstein, os erros atingiriam o ápice no último capítulo sobre o militarismo. O dinheiro descontado dos trabalhadores para a produção de uniformes, comidas ou balas continuaria fazendo parte do departamento II e não geraria nova demanda, apenas modificaria o uso das mercadorias. O que Eckstein não percebe é que a diferença desse valor de uso para Luxemburg é determinante na acumulação, pois a menor produção de meios de consumo para trabalhadores libera mais capital para a produção de mais-valia e posterior acumulação: o fato de serem balas de canhão determina que o valor desse tipo de produto seja acumulado e não entre na conta do capital variável. Para Luxemburg, este último capital é despesa, portanto, quanto menor ele for, melhor; ao contrário, Eckstein conta com o aumento deste, ou do consumo capitalista, para a realização da mais-valia.

Após tantos erros na base teórica de sua teoria, a solução de Luxemburg só poderia estar igualmente errada. Para Eckstein, embora a exposição sobre a exploração esteja correta, as causas econômicas não estão, pois o problema não seria a demanda, mas a regulação da produção para atender às necessidades sociais. Responder que os capitalistas produzem para regiões não-capitalistas do mundo só deixaria o problema mais agudo, pois esses setores consumiriam um valor, mas devolveriam aos capitalistas outro, muito maior, através da exploração.

Para Eckstein, a incompreensão dos pressupostos teóricos de Marx fizeram-na criar uma teoria totalmente imprecisa, principalmente quando conclui com a catástrofe. Eckstein defendia um estudo das crises para entender como o mercado se regula no capitalismo, já que elas expressariam esse momento de ajuste das contradições do capital.

Faltava aos reformistas⁴³⁹ a compreensão do colapso como parte do movimento dialético entre condições objetivas e subjetivas, conforme Luxemburg explicitou em seu Prefácio.

439 Ainda que Eckstein seja considerado um austromarxista e essa corrente não seja colocada dentro do reformismo, a postura adotada por ele no debate em torno do livro de Luxemburg e quanto ao colapso encaixam-se dentro dessa tática.

Outra crítica bastante forte feita à Luxemburg veio de Max Schippel. Reconhecido como integrante da corrente reformista dentro do partido, os debates entre os dois remontam à entrada de Rosa no SPD com o texto *Miliz und Militarismus*, de 1899.

Max Schippel publicou no *Sozialistische Monatshefte* em 1913 um artigo com o título *Die Grundgeheimnis des Imperialismus* (O Segredo Fundamental do Imperialismo). Com certeza, apareceu após a crítica de Anton Pannekoek, no final do mês de janeiro, porque o autor faz referências a ela. Apesar do tom bastante irônico do texto, é um dos poucos que se concentrou na terceira seção do livro, especificamente na explicação do imperialismo.

Ele parte da indagação: se os camponeses também são mercado externo para o capitalismo, porque se aventurar no ultramar para realizar a mais-valia? Em seguida, considera que Luxemburg desconstruiu a lei do valor, fundamental no marxismo, já que em Marx essa lei também se apresentaria na produção simples. Por causa disso, os mercados externos de Luxemburg representariam não apenas demanda, mas também oferta. Ele explica:

(...) seria difícil dizer, sem abandonar os próprios princípios marxianos, como poderiam os compradores não capitalistas nacionais (não assalariados e não capitalistas) desenvolverem-se tão facilmente em um poder de compra para a controversa parte da mais-valia. Sem dúvida, certas leis marxianas valem apenas para a esfera capitalista, no sentido de serem circunscritas a sua parte superior. Mas exatamente a lei fundamental do valor vale, segundo Marx, também para a produção simples de mercadorias: os proprietários de mercadorias, em questão, provenientes dessa esfera lançam na circulação o mesmo valor em forma de mercadorias quanto ele, primeiro na forma dinheiro, retira em lucro. Nova demanda de compra é aqui tanto mais nova oferta de venda.⁴⁴⁰

Schippel vê também em Luxemburg uma diferenciação na interpretação da política mundial em países desenvolvidos e colônias ou semi-colônias. Os primeiros, capitalistas, mereceriam uma análise racional e econômica, enquanto os segundos estariam relegados à análise histórica. Ele critica a falta de análise sobre as relações existentes entre esses povos explorados pelo capitalismo. Para ele, Rosa abstrairia a opressão, a exploração e a miséria que existem nesses lugares, muitas vezes devido aos próprios regimes políticos.

No entanto, o fato de Rosa dar pouca atenção às formas de organização das produções não-capitalistas não invalida seu trabalho, uma vez que sua intenção era descrever o

440 “... es wäre schwer zu sagen, wie, ohne Preisgabe der Marxschen Grundanschauungen selber, der heimische nichtkapitalistische Käufer (Nichtlohnarbeiter und Nichtkapitalist) eine besondere Kaufkraft für den strittigen Mehrwertteil so leicht entfalten sollte. Ohne Zweifel, gewisse Marxsche Gesetze gelten nur für die kapitalistische Sphäre im oben umgrenzten Sinn. Aber gerade das fundamentale Wertgesetz gilt nach Marx auch für die einfache Warenproduktion: der aus dieser Sphäre stammende, hier in Frage kommende Warenbesitzer wirft deshalb genau so viel Wert in Warenform in den Verkehr ein wie er, zunächst in Geldform, im Gelderlös aus ihm herauszieht. Neue kaufkräftige Nachfrage ist hier ebenso sehr verkaufsfertiges neues Angebot”. In: SCHIPPEL, M. *Die Grundgeheimnis des Imperialismus*. *Sozialistische Monatshefte*, 19(1913), caderno 3, p. 151.

capitalismo, como este modo de produção funciona, e não todos os outros, sobre os quais ele se sustenta. Além disso, Loureiro destaca que em *Introdução à economia política* “Luxemburg não faz nenhuma defesa romântica das comunidades primitivas. Pelo contrário, mostra de que modo todo um processo de lentas transformações internas levou essas comunidades a tornarem-se, de uma maneira ou de outra, sociedades permeadas pela desigualdade e pela violência”⁴⁴¹.

A crítica de Schippel é curta e se assenta sobre pressupostos externos aos objetivos da obra que quer entender a exploração capitalista no imperialismo. Ele explica pouco de quais seriam seus próprios pressupostos teóricos e deixa muitas dúvidas acerca do que seria, para ele, imperialismo.

Por fim, chegamos à crítica de Otto Bauer, publicada em 1913 na revista científica do SPD, *Die Neue Zeit*. Anos depois, a *Anticrítica* de Luxemburg dedicou-se à respondê-la; não sem razão, pois de todas as críticas estudadas, ela é a única que propõe outra reposta ao problema da acumulação.

Na primeira parte, Bauer apresenta conceitos básicos, destaca a contradição entre a capacidade de consumo e o desenvolvimento ilimitado das forças produtivas, gerando a queda da taxa de lucro. A questão teria sido estudada por vários autores antes de Marx, mas foi este quem separou os dois departamentos e estabeleceu as proporções entre eles para que a reprodução ocorresse sem problemas. No entanto, como o capitalismo é um sistema anárquico, as crises seriam estruturais para o restabelecimento de um certo equilíbrio. Por isso, mesmo mantidas as proporções de acumulação, a queda da taxa de lucro aconteceria, o que faria dela uma questão interna da reprodução ampliada capitalista.

Bauer propõe-se a fazer outro esquema de acumulação com a ressalva de que corresponderia ao momento de equilíbrio e não ao movimento real do capital. Seria o equilíbrio para o qual ele tende. Segundo ele, toda sociedade considera o crescimento populacional, a diferença do capitalismo é que este se guiaria pelo lucro, mas de uma forma ou de outra atenderia àquele crescimento. Com este pressuposto, ele constrói uma tabela com diversos esquemas de reprodução para substituir o de Marx, retirando, supostamente, a arbitrariedade dos cálculos.

441 LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p. 59. Em nota, Loureiro cita um trecho de Rosa para exemplificar seu argumento. “(...) la comunidad agraria termina aquí por ser instrumento del atraso político y económico. El campesino ruso, castigado a golpes de vara por sus propios compañeros de comunidad, para beneficio del absolutismo zarista, constituye la crítica histórica más feroz a los estrechos límites del comunismo originario y la expresión más clara de que también esta forma de sociedad está sujeta a la norma dialéctica de que la razón se torna insensatez y el favor, vejación.” In: LUXEMBURG, Rosa. *Introducción a la Economía Política*. S.l.: Siglo Vientiuno (Cuadernos de Pasado y Presente, 35), 1988, p. 159-160.

O autor faz testes com o esquema para explicar a acumulação e conclui que ela poderia ocorrer dentro do capitalismo se considerado o pressuposto de que a acumulação segue o crescimento populacional. Os cálculos contam com uma diferença importante entre ele e Luxemburg: Bauer realiza a mais-valia presente nos produtos no ano posterior à sua produção, a realização aqui ocorre em períodos diferentes da produção.

(...) en el primer año los capitalistas compran los medios de producción que el incremento de la población obrera pone en movimiento durante el segundo año, y que ya en el primer año los capitalistas compran los bienes de consumo que venden al incremento de la población obrera durante el segundo año; es decir, que se compra una parte del producto del trabajo del primer año para emplearlo como capital productivo adicional durante el segundo año. Si no aceptásemos esta hipótesis, resultaría imposible la realización durante este año del plusvalor producido durante el primer año.⁴⁴²

Ele questiona a autora sobre a realização do mais-produto fora do capitalismo: se assim o é, como pode a produção se ampliar se os produtos necessários para tal foram exportados? Não haveria os meios necessários. No entanto, para Luxemburg, o material exportado constitui-se de produtos cujo valor de uso corresponde aos meios externos e de lá se trazem outros valores de uso para a expansão.

Para Bauer o movimento do capital ocorre entre a sub e a sobreacumulação. A acumulação do capital seria o momento de equilíbrio entre estes dois extremos de crise e o mercado mundial funcionaria dentro deles, tentando um equilíbrio em escala global. Deste modo, países com longos períodos de sobreacumulação exportariam mais-valia, como França e Inglaterra. Países com longas subacumulações importariam capital, como os países do leste europeu.

É importante ressaltar aqui que sub e sobreacumulação para Bauer significa outra coisa que para teóricos em geral. Sub e sobreacumulação, em geral, relacionam-se à quantidade de capital disponível para a capitalização: ou se tem pouco ou se tem muito. Para Bauer, a subacumulação é o momento em que o capital variável diminui muito, o exército de reserva cresce, o salário cai muito até o momento em que é necessário retomar seu crescimento e superar a crise. O salário toma o sentido contrário, a expansão do capital variável aumenta seus níveis até que o exército de reserva é absorvido e o capital precisa seguir o movimento contrário baixando os níveis salariais novamente.

O imperialismo serviria para ampliar os limites da expansão capitalista baseado no crescimento populacional e no desenvolvimento da produtividade, na medida em que aumentaria a massa de trabalhadores e, assim, expandiria a possibilidade de acumulação,

442 BAUER, Otto. "La Acumulació del Capital". In: COLLETTI, Lucio. *El marxismo y el "derrumbe" del capitalismo*. 3ª Edição. S.l.: Siglo XXI editores, 1985, p. 353.

ajudando também na superação das crises ao abrir mercados para a exportação de excedentes.

Vê-se que Bauer baseia a acumulação no crescimento populacional e, por isso, não haveria necessidade de mercados externos. As desregulações geradas por excesso ou falta de capitais seriam reguladas pelas crises. O papel do imperialismo seria, então, ampliar a possibilidade de regulação ao permitir a exportação de capitais dos países desenvolvidos - com sobreacumulação.

Portanto, há um ponto de confluência entre ambos sobre o papel do imperialismo. “Si bien en una sociedad capitalista aislada la acumulación no es imposible, sí está confinada dentro de ciertos límites. De hecho, el imperialismo sirve a los fines de ampliar dichos límites”. Assim, se em Bauer é possível a reprodução capitalista em uma sociedade fechada, sua limitação impulsiona os agentes do capital para a expansão e utiliza, para tanto, o imperialismo. A teoria de Luxemburg também explica o imperialismo pela expansão dos mercados, mas o justifica estruturalmente na composição do modo de produção.

Além disso, a concepção da destruição do capitalismo de ambos também não é muito distante. É que Rosa Luxemburg foi colocada no ostracismo como economista porque defenderia um suposto colapso automático. No entanto, os últimos parágrafos de seu livro se aproximam do final da crítica de Bauer.

(...) el capitalismo también resulta imaginable sin expansión. Pero sea con o sin expansión, el propio capitalismo conduce a su ocaso. Si le resulta posible la expansión, provoca la rebelión de las masas obreras mediante la carrera armamentista, la creciente presión impositiva, las catástrofes bélicas. Si la expansión le está negada, se estrechan los límites de la acumulación, y las crisis se tornan más frecuentes, prolongadas y devastadoras. Tanto en uno como en otro caso, una parte creciente de la masa del pueblo descubre que sus intereses vitales resultan incompatibles con la supervivencia del modo de producción capitalista.

El capitalismo no fracasará a causa de la imposibilidad mecánica de realizar el plusvalor. Sucumbirá, en cambio, a la rebelión hacia la cual impulsa a las masas del pueblo.⁴⁴³

Os limites econômicos que Luxemburg traça para o capitalismo não eram automáticos, mas tendenciais, assim como a queda da taxa de lucro. Para ela também o colapso, o ocaso do capitalismo, só viria de fato com a ação das massas.

Das cinco críticas contrárias à teoria de Luxemburg, quatro baseiam-se no capital excedente ou sobreacumulação para explicar o imperialismo. Em que pesem as diferenças entre os críticos, este parece ser um elemento em comum influenciado pela leitura de Rudolf Hilferding, já que este autor em *Das Finanzkapital* estuda a subjugação dos capitais comercial

443 Idem, p. 363.

e industrial ao financeiro através dos bancos e sua influência na expansão das empresas, especificamente, o papel do crédito.

Em Hilferding, os bancos passaram a controlar os outros capitais através do sistema de crédito e das sociedades por ações, fornecendo capital para a expansão da produção e entrando como sócios das empresas através da compra de ações⁴⁴⁴. Assim, as crises não seriam mais apenas de superprodução, mas também de capital, porque este para de expandir, não encontra áreas de investimento, estagnando a produção e, conseqüentemente, a venda.

Quien equipara las crisis simplemente a una superproducción de mercancías pasa por alto precisamente la causa principal: el carácter capitalista de la producción. Los productos no son únicamente mercancías, sino también productos de capital, y la superproducción durante la crisis no es una simple producción de mercancías, sino también de capital. Esto no quiere decir sino que el capital ha sido investido en la producción en tal medida que sus condiciones de explotación han caído en contradicción con sus condiciones de realización, de tal suerte que la venta de los productos no rinde ya el beneficio que hace posible una expansión y acumulación ulteriores. La venta de mercancías se estanca porque cesa la expansión de la producción.⁴⁴⁵

Neste contexto, os investimentos externos, em sua maioria feitos através de empréstimos, seriam a forma do capitalismo de evitar a sobreacumulação. Mas é preciso dizer que também em Rosa a exportação de mercadorias é vista como exportação de capital na forma mercadoria para a expansão da produção capitalista, como investimento. Além dos empréstimos, que também são exportações de capital.

Três daquelas críticas também se contrapõem à Luxemburg por considerarem que não existe problema com a demanda ou a reprodução ampliada (Nachimson, Pannekoek e Eckstein). Nachimson e Pannekoek veem na expansão da produção o seu próprio mercado consumidor, seguindo os esquemas de Marx; enquanto Eckstein vai além e explica que o problema seria equacionar a produção com as necessidades sociais, equilibrar oferta e demanda, planejar a economia socialista⁴⁴⁶.

444 Victor Klagsbrunn, em artigo comentando as teses de financeirização baseadas na teoria de François Chesnais, critica indiretamente o conceito de capital financeiro de Hilferding. Para Klagsbrunn, Chesnais recupera e atualiza este conceito de Hilferding, no entanto, este estaria equivocado, pois tentava generalizar uma situação específica, alemã, para o resto do mundo. Esqueceria assim que, em Marx há uma contradição entre capital bancário e industrial, e que o valor só pode ser produzido na esfera da produção, sendo minimamente estranha a ideia de que o bancário domine o industrial produzindo a supremacia da esfera financeira. Ver KLAGSBRUNN.

445 HILFERDING, Rudolf. "Cárteles y Trusts". In: COLLETTI, op. cit., 1985, p. 328.

446 Caio Mello tem uma análise esclarecedora sobre economia planejada: "(...) a única conclusão razoável que se pode tirar do papel da planificação do tempo de trabalho social aplicado à produção, executada pelos planificadores, a qual representa a verdadeira face do planejamento social do tempo de trabalho no comunismo de Ruy, é que ela é exatamente uma representação... do valor! logo do trabalho abstrato, da forma-mercadoria, do Estado, etc. isto é, do conjunto das categorias burguesas que deveriam ser suplantadas." MELLO, Caio Roberto B. de. *Contribuição ao estudo do sistema de crédito em O Capital de Karl Marx*. 2007. 268 f. Tese - Dep. de História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 136.

Em que pese as críticas acertadas aos erros cometidos por Rosa Luxemburg, ela sabia que os esquemas eram instrumentos teóricos de Marx e reitera isso diversas vezes, mas perdeu muito tempo analisando e criticando algo que não estava errado dentro da proposta marxiana – apresentar as proporções entre os departamentos e os componentes do capital social total. Ao mesmo tempo, tem necessidade de utilizar esses esquemas, porque seus adversários teóricos partiam daquelas premissas e através disso ela mostra que matematicamente tudo poderia acontecer, mas não no meio histórico do capital.

Os mesmos autores que a criticaram por causa dos esquemas foram incapazes de entender a análise feita por ela e de prosseguir os estudos de Marx sobre o desenvolvimento do capitalismo, apenas reproduzindo seus cálculos, porque se limitaram ao problema das crises e à possibilidade ou não da acumulação com a finalidade de entender as turbulências econômicas. Se observarmos as críticas atentamente, veremos que quatro delas encaixam-se ainda na visão dos marxistas legais russos para os quais o capitalismo consumia todo o mais-produto.

Luxemburg estuda a acumulação e vê as crises como resultado das contradições internas da reprodução ampliada capitalista, como em *RR*, em que as crises eram a forma do colapso, não seu conteúdo. Assim, embora adentre o binômio possível-impossível, na verdade, ela se equilibra entre as duas opções: o capitalismo carrega consigo os germes de sua decomposição, que aparecia na forma de crises periódicas.

Diferente do que consideraram desde 1913, Rosa Luxemburg não era uma defensora do *Kladderadatsch*, ela retoma a dialética como fio condutor da análise da realidade, pois não é o colapso puro e simples que defende, nem a impossibilidade absoluta da acumulação, mas quer entender as condições objetivas que precisam existir para a revolução, as contradições internas do capital atuando para o seu fim. Mas este só seria possível com a ação das massas. Condições objetivas e subjetivas atuam reciprocamente e a tarefa da social-democracia seria difundir a consciência de classe sob bases objetivas.

Segundo Krätke:

Para ela [*Luxemburg*], não é a forma histórica e contingencial do fim, que ninguém pode conhecer ou prever. É a finitude histórica do capitalismo, o limite lógico determinável e intransponível do desenvolvimento capitalista no tempo e no espaço.⁴⁴⁷

447 “Worauf es ihr ankommt, ist nicht die bestimmte und historisch kontingente Form des Endes, die niemand kennen oder vorhersagen kann. Es ist die historische Endlichkeit des Kapitalismus, die logisch bestimmbare, unüberschreitbare Grenze der kapitalistischen Entwicklung in Zeit und Raum.” KRÄTKE, Michael. “Rosa Luxemburg und die Analyse des gegenwärtigen Kapitalismus”. In: ITO, N; LASCHITZA, A; LUBAN, O (org). *Rosa Luxemburg: Ökonomische und historisch-politische Aspekte ihres Werkes*. Berlin: Dietz, 2010, p. 136.

Muitas das resenhas e dos críticos posteriores concentraram-se nos erros de Luxemburg e não se preocuparam em compreender realmente seu ponto de partida e desenvolvimento. Rosa Luxemburg não exclui a exportação de capitais, ponto sublinhado na discussão da época, mas a desenvolve junto com as necessidades de realização; ambas levam à expansão do capital para outras áreas, o que toma a forma do imperialismo na era concorrencial. O imperialismo é, então, definido por ela como “a expressão política do processo de acumulação do capital em sua competição pelo domínio de áreas do globo ainda não conquistadas pelo capital”⁴⁴⁸.

Nesse ponto, Jorge Miglioli⁴⁴⁹ vê que em Luxemburg o imperialismo se definiria pela escassez dos mercados externos sem uma relação estrutural com o desenvolvimento do capitalismo, tendo um sentido externo ao sistema. O autor critica Luxemburg por não caracterizar o capital monopolista, mas não repara que também para ela o imperialismo é a última fase do capitalismo, só que caracterizado pela concorrência no mercado mundial, e não pelo monopólio.

Miglioli aponta a origem dos erros de Luxemburg na caracterização dos capitalistas como bloco, como se tomassem as decisões coletivamente. Por isso, ela não aceitaria a venda e realização entre capitalistas, ignorando o papel do dinheiro como intermediário na troca e o transferindo para os mercados externos. Assim, as contribuições de Luxemburg estariam no aspecto lógico com a ênfase na questão da demanda *em geral* e da realização, mas não existiriam quanto ao aspecto histórico, pois o imperialismo nos países centrais mostrou-se pouco rentável quando analisamos as balanças comerciais.

No entanto, balança comercial é uma categoria da economia burguesa que serve para análises conjunturais ou de médio prazo, mas quando se quer analisar o capitalismo em seus aspectos fundamentais elas precisam ser superadas. Não é possível ver a questão da acumulação como um mero problema de regulação entre oferta e demanda, ou o produto social total como $v + m$, o essencial está em torno da mais-valia, sua produção, realização e capitalização. Nesse sentido, a balança comercial dos países imperialistas poderia até ser negativa, mas as empresas capitalistas destes países haviam se expandido e concentrado capital.

O crédito também é um ponto crítico em Luxemburg. Para Caio Roberto Bourg

448 LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 305.

449 MIGLIOLI, Jorge. *Acumulação de Capital e Demanda Efetiva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

Mello⁴⁵⁰, ela não enfatiza suficientemente a importância do sistema de crédito na dominação das potências mundiais sobre outras regiões, ela não avalia a relação entre os Estados beligerantes e o crescimento das dívidas públicas, pois lhe falta uma análise mais detalhada do sistema de crédito.

De fato, a autora detém-se mais sobre o assunto em *RR* do que em *Acumulação*. No livro, o crédito aparece sob a forma dos empréstimos estrangeiros, sendo atores centrais para a exportação de capitais, gerando uma relação de dependência entre Estados antigos e recentes e atuando, desta forma, como importante instrumento de concorrência intra-capitalista. Não obstante, apesar de aventar a dívida pública ao conectar os Estados e os empréstimos, Luxemburg passou ao largo da importância deste instrumento para a acumulação do capital.

Outro problema central nas críticas é o dinheiro. Eckstein e Pannekoek insistem que ele é resolvido através dos meios de circulação e do entesouramento. Luxemburg analisa as tentativas de Marx de resolver a questão da reprodução ampliada através da pergunta “de onde vem o dinheiro?”, que para ela é equivocada.

O papel do dinheiro na acumulação está relacionado à circulação do capital, à forma dinheiro que este toma no processo de circulação que é essencial para a reprodução. Para Rosa Luxemburg, não interessa de onde vem o dinheiro, para analisar a reprodução ampliada é preciso supor que os meios de circulação existem e são suficientes. É preciso entender onde está a “*zahlungsfähig Berdürfnis*”, a isto corresponde a demanda, à capacidade de pagamento das necessidades. É o dinheiro em todas as suas determinações como Marx coloca em *Das Kapital*: medida dos valores (e padrão de preços), meio de circulação e dinheiro (meio de pagamento, entesouramento e dinheiro mundial); o que significa que pode haver circulação sem o dinheiro enquanto corpo físico. Assim, a demanda solvente não necessariamente é paga em moeda ou papel-moeda. Veremos que essa interpretação se complica com *Anticrítica*.

4.1. A Anticrítica de Luxemburg

Era claro para Luxemburg e outros que o debate sobre o colapso era o debate sobre os caminhos para o socialismo. Na defesa de sua obra, em *A Acumulação do Capital ou O Que os Epígonos Fizeram da Teoria Marxista: uma anticrítica*, a autora indica desde o início divergências não teóricas:

O que há de realmente extraordinário nesse episódio todo é revelar que o livro deve ter tocado em paixões outras além das “puramente científicas”. De qualquer forma, para chegar-se a um juízo correto de todas as razões em

450 MELLO, Caio Roberto B. de. *Contribuição ao estudo do sistema de crédito em O Capital de Karl Marx*. 2007

jogo, é mister, no entanto, conhecer o assunto em pauta, ao menos em suas linhas gerais.⁴⁵¹

Ela escreveu um opúsculo de quase 80 páginas, na edição brasileira, no qual repassa sua teoria da acumulação e responde às principais críticas que recebeu na época. Importante notar que o texto foi escrito em 1915 enquanto esteve presa, após a deflagração da guerra e o apoio do SPD ao Estado alemão no conflito incorporando-se a “política da união nacional (*Burgfrieden*)”⁴⁵².

Em *Anticrítica*, Luxemburg se concentra no que seria a crítica mais elaborada, a de Otto Bauer.

(...) essa teoria representa, em si mesma, algo totalmente novo. Para os outros “especialistas” qualquer questão referente à base social ou econômica da acumulação não passaria de disparate, ou então seria, no mínimo, “difícil de responder”. Bauer, no entanto, monta toda uma teoria para poder responder a essa questão.⁴⁵³

Mas dedica metade do texto à exposição resumida de sua teoria e à crítica de outros teóricos.

A anarquia capitalista retorna como termo após ter sido excluído do livro. Ela ressurgiu para explicar que o objetivo de *Acumulação* era entender como o capital satisfazia suas necessidades de reprodução básicas, mesmo dentro de toda a anarquia e falta de planejamento. Para tanto, seria necessário levar em conta a troca, pois é nela que as mercadorias se confrontam e podem chegar a seu destino final como valores de uso.

Duas características básicas do capitalismo são apresentadas: 1) “intercâmbio geral de mercadorias”, tudo é trocado no mercado por dinheiro, sem este é impossível obter os meios de subsistência; e 2) assalariamento, o fato do trabalhador receber em dinheiro e não em espécie⁴⁵⁴. Todas as relações no capitalismo, no mercado e na produção, são mediadas pelo

451 LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 325.

452 LOUREIRO, Isabel. *A Revolução Alemã (1918-1923)*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. (Revoluções do Século XX), p. 43. *Burgfrieden* quer dizer literalmente paz no burgo, entre os cidadãos.

453 LUXEMBURG, op. cit., 1985 p. 351.

454 Krätke diz que “trabalhadores são obrigados a restringir suas trocas a 'bens salariais' não porque os meios de produção são proibidos para eles, mas porque lhes falta os meios para comprar meios de produção próprios e iniciar seu próprio negócio. Em uma economia de mercado, é a quantidade de dinheiro que eles tem para gastar regularmente que lhes exclui dos mercados para produção ou bens 'capitalistas'. Mas eles são 'agentes livres', responsáveis pela sua sobrevivência e estabelecem seus próprios 'padrões de vida' (...)”. O que significa que o assalariamento cumpre o papel ideológico da igualdade de condições. No original: “Workers are bound to restrict their purchases to 'wage goods' not because the means of production are forbidden to them, but because they lack the means to buy means of production of their own and to start their own business. In a market economy, it is the amount of money that they have to spend on a regular basis that excludes them from the markets for production or 'capital' goods. But they are 'free agents', responsible for their living and setting their own 'standards of life' (...)” KRÄTKE, M. “A very political political economist: Rosa Luxemburg's theory of wages”. In: BELLOFIORE, Riccardo (org), *Rosa Luxemburg and the Critique of Political Economy*. Londres,

dinheiro e “essa sociedade capitalista persegue um só grande objetivo: o lucro em forma de dinheiro, a acumulação de capital-dinheiro”⁴⁵⁵.

Para Luxemburg, a acumulação de capital não é em bens, mas em capital monetário, por isso a necessidade de realização do lucro contido em certa quantidade de mercadorias antes do reinício da produção. É a separação da compra e da venda, dada pelo dinheiro na troca de mercadorias, e o assalariamento que permitem a acumulação de dinheiro pelo capitalista.

(...) só se empregam trabalhadores, ou seja, que estes apenas se encontram em situação de obter meios de subsistência para si mesmos na medida em que produzam esse lucro destinado à acumulação e na medida em que exista a possibilidade de realmente acumular-se esse lucro sob a forma de dinheiro.⁴⁵⁶

Neste raciocínio, Luxemburg acaba recolocando o problema de Marx – de onde vem o dinheiro? - sem perceber, como analisa Trigg. Ao enfatizar a realização como troca por dinheiro, devemos pensar de onde as economias mercantis tiram este material uma vez que, em muito casos, essas economias eram recém-ingressas no mercado capitalista. Talvez a exploração de metais seja um momento importante do avanço sobre novas áreas, tomando os recursos metálicos como nas colônias espanhola e portuguesa e depois as explorações no sul da África.

A diferença das colonizações dos séculos anteriores ao XIX é que a partir deste momento a submissão política e a destruição dos modos de vida originários são acompanhadas pela exportação de capital para essas regiões não-capitalistas. A expansão da economia mercantil para fora da Europa possibilitou o desenvolvimento do capitalismo dentro do continente e levou à necessidade histórica do imperialismo no século XIX devido à concorrência internacional entre os países centrais.

Vemos que a teoria de Luxemburg explica o processo histórico de divisão do mundo entre desenvolvidos e não-desenvolvidos, industrializados e produtores de commodities. Como afirma Krätke:

Nesse processo de transformação, o Estado desempenha um papel central, tal como no processo da assim chamada acumulação primitiva na Europa. Que o processo de expropriação, de destruição violenta de formas camponesas de economia, formas de propriedade pré-capitalistas e *não-capitalistas*, faz parte da história do capitalismo desde o início até hoje; que as nações capitalistas desenvolvidas se enriquecem continuamente à custa dos países e

Nova Iorque: Routledge, 2009. p. 165.

455 LUXEMBURG, op. cit, 1985, p. 331.

456 Idem, p. 331

regiões da Terra onde a forma de produção capitalista ainda não domina, ou domina apenas parcialmente; que todo o mercado mundial capitalista, inclusive o de países e regiões que, como colônias ou semicolônias, fazem parte dos 'impérios' dos principais países capitalistas, constitui uma relação de exploração – são ideias que devemos a Rosa Luxemburgo.

Podemos ler sua análise da transformação dos espaços *não-capitalistas* como o início de uma explicação para o empobrecimento dos países coloniais, portanto, como uma teoria do “subdesenvolvimento” causado pela expansão capitalista.⁴⁵⁷

Mas o ponto central de Luxemburg em *Anticrítica* é a questão dos esquemas, pois a maioria dos críticos defende-os como expressão do movimento do capital social total, principalmente Eckstein e Pannekoek. Ambos tratam os esquemas como expressões da realidade, quando para o próprio Marx serviam apenas para mostrar que atrás da confusão capitalista, da iniciativa particular, havia regras mínimas de movimentação dos capitais, observáveis através do capital social total. Os esquemas serviam para mostrar as proporções deste capital: quanto deveria ir para cada departamento e qual a relação entre (c), (v) e (m) para que a reprodução social acontecesse.

É preciso notar que, na verdade, Eckstein matiza a relação dos esquemas com a realidade; para ele, os esquemas não condizem com o movimento real por causa da falta de planejamento da produção que a submete à especulação.

Segundo Luxemburg, ao ver nos esquemas a realidade, seus críticos acabaram com a contradição entre produção e consumo, explicando as crises apenas por desproporções entre os ramos da produção; elas não seriam resultado do próprio movimento do capitalismo, de sua tendência à expansão das forças produtivas e limitação do mercado, mas de distorções entre a fabricação de meios de produção e de meios de consumo. Desta forma, não haveria limites econômicos para o capital, porque ele criaria seu próprio mercado, já que a acumulação poderia acontecer dentro do modo de produção capitalista fechado⁴⁵⁸. “Se a exemplo dos 'especialistas' admitirmos que existe uma acumulação capitalista sem limites de ordem econômica, o socialismo perde o fundamento objetivo, sólido, de sua necessidade histórica”⁴⁵⁹. Pelo mesmo motivo, a criação de mercado, o expansionismo imperialista não é explicado, “o socialismo (como fim) e o imperialismo (como estágio preparatório do

457 KRÄTKE, Michael. “A Herança Econômica Recalcada”. In: SCHÜTRUMPF, Jörn (org). *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade*. 2ª edição ampliada. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015, p. 84.

458 É o que defendem Nachimson, Pannekoek, Eckstein e Bauer. Schippel provavelmente também concorda com isso, mas sua crítica não deixa clara sua posição sobre o assunto.

459 LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 347.

socialismo) deixam de constituir uma necessidade histórica”⁴⁶⁰.

Luxemburg enfatiza contra seus críticos essa necessidade do imperialismo pelas condições de desenvolvimento da acumulação e do socialismo e pelas condições de desenvolvimento do capitalismo. Mas ela não quer dizer teleologia. A necessidade histórica é baseada na ação dos homens e na não naturalidade dos modos de produção, mas também no desenvolvimento lógico de uma estrutura social, o que não quer dizer que está dado, mas é algo candente.

A análise do valor já mostra efetivamente – de forma muito abstrata – a insustentabilidade e impossibilidade de uma sociedade ordenada e mantida exclusivamente pelo valor, que o fim (lógico, não histórico) do capitalismo é visível já na análise de seus começos e pontos de partida (lógicos e históricos).⁴⁶¹

Antes de 1914, o socialismo era a única saída para Luxemburg, embora a barbárie já fosse perceptível como o outro da revolução. Contudo, o texto em questão foi escrito em 1915, período em que ela tentava digerir a derrota dos créditos de guerra e do apoio da social-democracia às políticas bélicas do imperador alemão. Por isso, a certeza histórica do socialismo é muito mais enfatizada do que a ação audaz das massas. Esta é debatida no erro dos socialistas de então que não teriam cumprido com seu dever histórico como direção do proletariado.

Para chegar a este ponto, Luxemburg destrincha a teoria de Otto Bauer: seu método (novos esquemas matemáticos), sua teoria da população, sua redução das classes à somente uma (trabalhadores) e sua teoria do imperialismo.

Bauer cria outros esquemas matemáticos para demonstrar que a acumulação capitalista encontra seu mercado consumidor no aumento populacional e cresce de acordo com este. Na explicação matemática, Luxemburg critica Bauer por não considerar a crescente exploração do trabalho com o aumento do progresso técnico e a necessidade do dinheiro na troca. Nos esquemas de Bauer, os dois departamentos pareceriam trocar as mercadorias por transferência e Rosa insiste na necessidade do dinheiro⁴⁶².

O cerne do problema de Bauer é o crescimento da população como motivação para a

460 Idem.

461 “Die Analyse des Werts zeigt in der Tat bereits – in hochabstrakter Form – die Unhaltbarkeit oder Unmöglichkeit einer Gesellschaft, die ausschließlich vom Wert geordnet und zusammengehalten wird, das (logische, nicht historische) Ende des Kapitalismus wird schon in der Analyse seiner (logischen und historischen) Anfänge und Ausgangspunkte sichtbar.” In: KRÄTKE, M. “Rosa Luxemburg und die Analyse des gegenwärtigen Kapitalismus”. In: ITO, N; LASCHITZA, A.; LUBAN, O. (org). *Rosa Luxemburg: Ökonomische und historisch-politische Aspekte ihres Werkes*. Berlin: Dietz, 2010, p. 138.

462 Henryk Grossmann examinou mais atentamente os esquemas de Bauer demonstrando que, mesmo com seus pressupostos, o capitalismo não poderia durar infinitamente. Ver GROSSMANN e GOMES; SECCO.

acumulação capitalista ao fazer crescer a demanda. Ele estabelece um equilíbrio entre produção e população cuja condição é a igualdade na velocidade de crescimento entre a segunda e o capital variável.

No entanto, (v) é um valor que corresponde à necessidade de reprodução da força de trabalho, portanto, ele se altera com o progresso técnico, pois este barateia os meios de sobrevivência, diminuindo a participação relativa do capital variável no produto total. Desta forma a porcentagem de crescimento de (v) diminuiria em relação ao aumento da população, porque é necessário menos dinheiro para a manutenção da massa de trabalhadores.

Se, por outro lado, se supõe a melhoria das condições de vida dos trabalhadores através da manutenção dos salários e crescimento de (v) igual ao da população, então o progresso técnico beneficiou os operários e a taxa de mais-valia se mantém. Mas se é assim, porque o capitalista amplia a produção?

A teoria populacional de Bauer baseava-se simplesmente no trabalhador, de forma que não apenas limitava a sociedade a capitalistas e operários, como reduzia o crescimento populacional aos últimos ao considerar que os 5% de crescimento vegetativo entrariam como capital variável correspondendo à força de trabalho adicional. Na teoria de Bauer a acumulação seria maior em países com maior crescimento populacional, já que a primeira depende do segundo. No entanto, o que se verificava já no início do século era a redução do crescimento vegetativo em países desenvolvidos, fruto do capitalismo pelo tipo de sociedade que impõe e pelos avanços técnico-científicos. Os dados apontavam que, no capitalismo, o crescimento da acumulação é inversamente proporcional ao da população.

Isso se passaria na situação de equilíbrio, mas para explicar o movimento do capitalismo Bauer introduz as flutuações entre sub e superacumulação. Subacumulação ocorreria quando os capitalistas capitalizam menos que o crescimento da população e a superacumulação ocorreria quando capitalizam mais. No primeiro caso, há menor investimento em (v) e a formação de um exército de reserva que faz diminuir os salários aumentando a taxa de mais-valia. Aos poucos, a população é reempregada e o capital inicia seu movimento em direção ao segundo caso. Na superacumulação, o investimento em (v) é maior que o crescimento vegetativo, levando à absorção do exército de reserva. A taxa de lucro cai muito e o capital inicia seu movimento em direção ao outro extremo com a eclosão de uma outra crise.

Em Bauer, o operariado cresce e a ampliação da produção acontece de acordo com esse crescimento, sendo forçada por ele. Em Marx, e Bauer tenta usá-lo para se justificar, a acumulação é pressuposto do capitalismo e o crescimento do operariado é condição dela.

Condição que serve à manutenção de uma taxa de exploração satisfatória para o capital.

A teoria de Bauer vai contra princípios básicos da teoria marxista, como a lei geral da acumulação capitalista que diz que quanto maior o capital e sua capacidade expansiva, maior o exército industrial de reserva.

Quanto maiores a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e a energia de seu crescimento, portanto também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é desenvolvida pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza. Mas quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto mais maciça a superpopulação consolidada, cuja miséria está em razão inversa do suplício de seu trabalho. Quanto maior, finalmente, a camada lazarenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial. *Essa é a lei absoluta geral, da acumulação capitalista.*⁴⁶³

Assim, segundo Marx e os dados populacionais, o avanço do capitalismo gera mais desemprego e miséria, e não o contrário.

Em Bauer, o imperialismo serviria para aumentar os contingentes operários e, assim, expandir os limites da acumulação, circunscritos à população interna. Mas Rosa Luxemburg destaca um erro de observação: o capital foge de lugares com excesso de mão de obra assalariada e grande exército de reserva para lugares onde há falta, porque ela ainda está presa a modos de produção arcaicos, levando décadas para que o capital consiga libertá-la.

Todos os críticos apresentados aqui insistem na manutenção do pressuposto de Marx de uma sociedade composta apenas de capitalistas e operários, reiterando a teoria de Marx sobre a acumulação. O resultado desta posição é que a expansão capitalista não aparece como algo necessário, embora exista. Enquanto para Luxemburg, “a expansão vem acompanhando toda a evolução humana histórica do capital para assumir, em sua fase imperialista atual, um caráter tão intempestivo que o mesmo chega a pôr em questão toda a cultura humana”⁴⁶⁴.

Todo esse quiproquó teórico acerca da melhor interpretação de Marx parece não se relacionar em nada com a prática. Seria uma discussão de doutores? É aqui que Luxemburg confronta toda a análise que fez do texto de Otto Bauer com a crítica recebida em geral.

Não há, para ela, uma relação direta entre o apoio à guerra e a interpretação da teoria de Marx. Vários operários defenderiam o socialismo por serem conscientes dos princípios básicos da luta de classes, e ainda assim lutavam por suas pátrias na guerra imperialista.

463 MARX, K. *O Capital: uma crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, v.1/t.2, 1984, p. 209

464 LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985 p. 398.

Contudo, existia uma relação estreita entre a abordagem dos problemas teóricos e a prática dos partidos políticos: no caso do SPD, a imobilidade tática e o apego ao parlamentarismo condiziam com o apego aos dogmas de Marx (ou suas fórmulas). A única exceção aqui é Anton Pannekoek.

Pannekoek é exceção apesar de não admitir a existência do problema da demanda. Para ele, Luxemburg entendera os esquemas de Marx errado e chegara, portanto, à questões e conclusões erradas. No entanto, em outro texto seu publicado em 1934 no *Ratecorrespondez*, imprensa dos comunistas conselhistas, sob o título *Die Zusammensbruchstheorie des Kapitalismus* (A Teoria do Colapso do Capitalismo), o autor analisa Rosa Luxemburg, Otto Bauer e Henryk Grossman apontando os erros em cada uma das teorias. Entretanto, enfatiza ao final que o colapso do capitalismo é real em Marx, mas é obra da classe trabalhadora. Segundo ele, “a acumulação de capital, as crises, a pauperização, a revolução proletária, a tomada do poder pela classe trabalhadora formam juntas, agindo como uma lei natural, uma unidade indivisível, o colapso do capitalismo”⁴⁶⁵ e “a visão marxiana de que o colapso do capitalismo será obra da classe trabalhadora e assim um ato político”⁴⁶⁶. Assim, mesmo que Pannekoek em outros textos coloque-se como um terceiro grupo no partido que não está nem entre os radicais nem entre os reformistas, defendendo o único princípio da luta de classes⁴⁶⁷, ele encontra-se no mesmo lado teórico que Rosa Luxemburg ao ver o colapso objetivo do capitalismo sem esquecer que ele precisa ser feito pelos trabalhadores, pelas pessoas.

Que Marx não tenha teorizado o imperialismo e apenas descrito a expansão do capital era compreensível, pois a concorrência mundial ainda não existia daquela forma em sua época, em que a Inglaterra dominava o mercado internacional. No entanto, era inconcebível que socialistas do final do século XIX a negassem, baseando-se, além de tudo, em um esquema que apresenta em si “a contradição real que se estabelece entre a tendência a expansão ilimitada do capital e a barreira que ele estabelece, contra si mesmo, pela destruição de todas as outras formas de produção”⁴⁶⁸.

465 “The accumulation of capital, crises, pauperisation, the proletarian revolution, the seizure of power by the working class form together, acting like a natural law, an indivisible unity, the collapse of capitalism”. In: PANNEKOEK, Anton. The theory of the collapse of capitalism. *Ratecorrespondez*, jun 1934. Disponível em < <https://www.marxists.org/archive/pannekoe/1934/collapse.htm> > data de acesso 29 mai 2016.

466 “The Marxian view that the collapse of capitalism will be the act of the working class and thus a political act”. Idem.

467 PANNEKOEK, Anton. “Marxist Theory and Revolutionary Tactics”. In: Pannekoek and Gorter’s Marxism. Londres: Pluto Press, 1978, p. 50-73 (publicado originalmente na *Die Neue Zeit* em 1912. PANNEKOEK, Anton. Deckungsfrage und Imperialismus. *Die Neue Zeit*, n. 32, 1913-1914, caderno 4, p. 110-116. Disponível em < <http://library.fes.de/cgi-bin/populo/nz.pl> > data de acesso 29 mai 2016.

468 LUXEMBURG, op. cit., 1985, p. 400.

Por causa disso, para Luxemburg, o esquema prevê a destruição do capitalismo, ao contrário do que os críticos queriam provar. Não obstante, era importante não perder de vista que “a acumulação não constitui apenas um processo econômico – constitui também um processo político”⁴⁶⁹. Frisava, portanto, seu aspecto *tendencial*. No jogo político, a consciência do proletariado precisava intervir e, por causa disso, era necessário o estudo e a compreensão correta da teoria de Marx, também em suas falhas.

Além disso, ao ressaltar o aspecto político do processo econômico, Luxemburg apontou para as possibilidades de frear esse colapso, como as contratendências da lei da queda da taxa de lucro. O desenvolvimento do capitalismo em suas leis econômicas levaria ao colapso não somente do sistema, mas do planeta e seus recursos naturais. Depois de duas guerras mundiais e duas bombas atômicas, as economias centrais precisaram estabelecer determinados limites ao belicismo e acordos mundiais “humanitários”. Nenhum dos dois foi cumprido integralmente, mas a existência de uma legislação progressista amenizou os ânimos entre os países concorrentes e entre capital e trabalho.

A crítica final de Luxemburg a seus camaradas, neste texto de 1915, retorna às discussões sobre o pacifismo, agora já no contexto da Grande Guerra. A teoria da acumulação ilimitada vinculava-se à defesa do pacifismo, dos tratados de paz, do convencimento da burguesia de que o militarismo e o imperialismo eram prejudiciais à ela mesma.

Assim, a discussão geral com referência à resolução da contradição histórica que existe entre o proletariado e o capital transforma-se na utopia de um compromisso histórico entre o proletariado e a burguesia, visando ao “abrandamento” dos contrastes imperialistas existentes entre os Estados capitalistas.⁴⁷⁰

Essas teorias transformavam a luta entre capital e trabalho em compromisso entre proletariado e burguesia pelo apaziguamento das tensões internacionais.

469 Idem, p. 400

470 Idem, p. 401

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mais uma guerra mundial como esta e as perspectivas do socialismo ficarão enterradas sob as ruínas empilhadas pela barbárie imperialista”⁴⁷¹

Rosa Luxemburg, 1916.

Quando iniciei essa pesquisa estávamos em 2013. Manifestações, muita gente reivindicando vários direitos e as tarifas de ônibus diminuindo no Brasil inteiro. Houve vários junhos, com certeza, e até pela extensão e diversidade do território compreendo que este não foi um só movimento. Vi o de São Paulo, o da metrópole frenética que foi obrigada a parar seus carros e deixar o povo passar queimando tudo, destruindo os produtos do trabalho alienado de uma sociedade de consumo que os tem como objeto de desejo. Naquele momento, por poucas semanas, esse desejo foi profanado e se mostrou para que servem bancos e carros importados: nada.

Junho passou. As nossas Jornadas de Junho conheceram também o momento de sua derrocada, não em sangue como as do junho francês de 1848, mas em falsificação, distorção, manipulação midiática. O junho das massas, da revolução - embora não tenhamos chegado a tanto, e assim pode ser contado como parte do aprendizado que leva à transformação radical - caiu diante da defesa "da propriedade, da família, da religião e da ordem"⁴⁷².

Três anos depois chegamos ao fim desse mestrado no momento em que o Partido da Ordem tomou as rédeas dos acontecimentos e nós aguardamos atônitos a chegada de nosso Napoleão III. Ele virá? Com que roupa? Sob que manto e de qual monte descera o falsário unificador de um país estruturalmente dividido?

Em 2013, as motivações para o estudo da obra econômica de Rosa Luxemburg estavam no curioso fato de que os países periféricos pareciam incólumes à crise de 2008 enquanto o centro do mundo se esfacelava. O término do estudo é um tanto mais pessimista, pois tudo foi recolocado em seu lugar: a periferia do capital desmonta diante da crise, o que ao contrário da Europa significa o retorno à miséria de milhões de pessoas; a ordem se impõe pela força; e a extrema direita avança física e ideologicamente.

Da Revolução à barbárie. Guardadas as devidas proporções, parece-me que em três anos percorremos o que Luxemburg viveu em nove (1905-1914). Assim como as crises, seria

471 LUXEMBURG, Rosa. “A Crise da Social-Democracia”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.2, 2011, p. 143.

472 MARX, Karl. *O 18 brumário e Cartas a Kugelmann*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 32

também o reacionarismo cada vez mais constante e intenso?

Penso agora que a perspectiva de estudar Rosa Luxemburg foi entender como nos afundamos na barbárie e qual a possibilidade de sairmos dela. Seu estudo econômico revelou o lugar do terceiro mundo no capitalismo e porque aqui, onde o sistema aparece em toda a sua crueza e violência, não há trégua, não há paz. Aqui não há espaço para Estado de bem-estar, só para a competição feroz entre os trabalhadores enquanto as empresas constituem monopólios e evitam a concorrência.

Enquanto isso, espalha-se um discurso de que o problema do capitalismo é a sua financeirização. Não! O problema do capitalismo é ele mesmo, a financeirização - e há muitos debates sobre o próprio fenômeno - é apenas uma de suas facetas. Basta analisar a história da periferia do mundo. "A grande paz", "os 30 anos gloriosos" só existiram para países ricos, no resto do mundo reinava a guerra, o massacre, a miséria de sempre.

E aqui está Rosa Luxemburg para não nos deixar esquecer disso. Que mesmo em seus meios mais "inocentes", o capital só avança com barbárie. Para combatê-lo, os socialistas não deveriam se utilizar, pois, das mesmas armas. Seria necessário criar uma disciplina operária da autoatividade, uma organização operária pela base, construída no movimento. A história provou que ela estava certa⁴⁷³, mesmo tendo sido derrotada pelo leninismo em sua época.

O retorno às ideias de Luxemburg não foi, portanto, apenas para seus textos políticos ou sua figura de referência, uma espécie de mártir da classe operária. "Luxemburg entende o real como totalidade em que os elementos econômicos e políticos mantêm uma unidade indissolúvel"⁴⁷⁴. Ela realiza literalmente uma economia política, unidade primordial para a luta de classes e que também existe entre consciência de classe e espontaneidade em seu pensamento.

A retomada de seus escritos econômicos teve, portanto, o sentido de devolver a eles o seu lado político e de pensar o capitalismo na atualidade, lembrando-nos dos problemas

473 "A questão da 'espontaneidade' referia-se na verdade à oposição de Luxemburg à visão compartilhada por Lenin e Kautsky de que a tática, baseada na teoria, dos líderes do partido político poderia e deveria dirigir o movimento socialista. Acontecimentos - a capitulação do SPD na guerra de 1914 e a construção da ditadura do partido bolchevique na Rússia depois de 1918 por um lado, e diversas tentativas de trabalhadores revolucionários de lutar sem ou contra partidos e sindicatos da esquerda, por outro lado - provaram a exatidão do ponto de vista dela". No original: "What the issue of 'spontaneity' really concerned was Luxemburg's opposition to the view, shared by Lenin and Kautsky [...], that the theory-based tactics of political party leaders could and should direct the socialist movement. Events - the capitulation of the SPD to the war in 1914 and the construction of the Bolshevik party dictatorship in Russia after 1918, on the one hand, and various attempts of revolutionary workers to struggle without or against the party and trade union organizations of the left, on the other - have proved the correctness of her view". MATTICK, Paul. "Economics, politics and crisis theory: Luxemburg, Bukharin and Grossmann on the limits of capital". in: BELLOFIORE, Riccardo (org). *Rosa Luxemburg and the Critique of Political Economy*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2009, p. 99.

474 LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p. 42

estruturais do sistema cuja relação e cujo mecanismo de funcionamento só foram encontrados através da análise histórica: o militarismo, o Estado, a colonização como acumulação primitiva sempre reconstituída.

Não se pretendeu justificar, explicar ou expor os erros de Luxemburg, visto que há bibliografia mais qualificada para isso, mas resgatar o papel da autora no debate econômico, devolvendo-lhe sua importância em vez de simplesmente ridicularizar seu livro, como fazem economistas de esquerda, ou a colocar como um norte moral da revolução. Luxemburg colocou a questão da acumulação em outro patamar, apontou o problema da demanda efetiva e desde então marxistas, liberais e keynesianos se batem sobre o assunto. Podemos citar Henryk Grossman, Fritz Sternberg e Paul Sweezy nas décadas de 1930 e 1940, Ernest Mandel na década de 1960 e David Harvey mais recentemente.

Todos esses autores trataram da questão da acumulação do capital, mais especificamente de sua reprodução e continuidade com uma diferença de corte dada por volta da década de 1950, ou pela II Guerra Mundial: se antes as teses se direcionavam para o colapso ou não do sistema, a partir desse momento elas querem entender sua continuidade, porque ele sobrevive.

David Harvey em seu livro *O Novo Imperialismo* propõe uma análise da reprodução ampliada do capital através da acumulação por espoliação, que é a mesma coisa que acumulação primitiva. Seria um novo nome para o processo iniciado a partir da década de 1970 em que populações e camadas sociais são espoliadas de seus bens e/ou direitos permitindo o escoamento de capitais excedentes.

Para o autor, o problema não está na demanda efetiva⁴⁷⁵, como para a própria Luxemburg, mas sim na “falta de oportunidades de investimentos lucrativos”. A expansão geográfica, base do imperialismo, cumpre papel na criação de demanda, mas também permite a aquisição de insumos a custos muito baixos, o ponto fundamental para se resolver a sobreacumulação⁴⁷⁶.

A teoria econômica de Rosa propõe a compreensão do capitalismo como um sistema em seu desenvolvimento histórico, levando necessariamente ao imperialismo. Ela o encara do ponto de vista geográfico, do espaço físico, perspectiva muito compreensível em seu contexto, em que a especulação não havia atingindo os níveis da moeda fiduciária. Daí seu entendimento do limite espacial da acumulação.

Em sua teoria, o processo de acumulação primitiva é intrínseco ao capitalismo que

475 O problema da demanda efetiva é o problema de quem realiza a mais-valia.

476 Falta de aplicações lucrativas para os capitais excedentes.

sobrevive e se desenvolve através dela. Além disso, embora a autora coloque a questão da demanda efetiva e parta deste ponto para fazer sua análise, os problemas da acumulação encontram-se nos dois níveis da reprodução: a circulação e a produção, sendo um problema de realização e de reinvestimento, problemas que se relacionam e se retroalimentam no desenvolvimento da acumulação capitalista. Desta forma, Harvey parece se aproximar mais de Luxemburg do que explicita, pois esta autora também aponta a importância dos meios de produção e da mão de obra das áreas expropriadas, conforme discutimos no terceiro capítulo.

Harvey resolve a questão dentro da expansão espaço-temporal através da espoliação na qual o Estado cumpre um papel essencial, o que parece um desenvolvimento da teoria de Rosa, que analisou a exploração de formas não-capitalistas de produção para resolver o problema da demanda efetiva, tendo o Estado também um papel central.

Para Luxemburg, o capitalismo enquanto formação social é dependente de formas não-capitalistas de produção. Essa formulação leva à uma explicação histórica da acumulação e à compreensão do imperialismo como uma “expressão política do processo de acumulação do capital”⁴⁷⁷. O imperialismo seria uma consequência necessária do desenvolvimento histórico do capitalismo, “uma força expansiva” que acompanha o modo de produção desde sua origem⁴⁷⁸ e a fase final do sistema atingida pelos países desenvolvidos.

Para Roman Rosdolsky⁴⁷⁹, à parte toda a sua crítica à metodologia da autora, aquilo que Harvey critica como subconsumo é a principal contribuição do livro de Luxemburg: trazer de volta à cena o conflito entre valorização do capital e capacidade limitada de consumo como causa da expansão do capitalismo.

(...) cabe à Rosa Luxemburgo o mérito de haver recolocado o foco do debate nesse ponto (que se deduz rigorosamente da própria doutrina de Marx, mas com o qual os seguidores reformistas não conseguiram lidar), apesar de ter chegado a uma solução muito insatisfatória para o problema.⁴⁸⁰

No entanto, seus críticos contemporâneos, à esquerda e à direita, preocuparam-se em enfatizar sua interpretação errônea dos esquemas de reprodução de Marx e não tocaram na questão essencial de seu trabalho: a contradição do capital entre produção e consumo.

477 LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. p. 305

478 SINGER, Paul. “Apresentação”. in: LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. XLI

479 ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*; trad. César Benjamin. Rio de Janeiro: Eduerj; Contraponto, 2001. Na esteira de Rosdolsky, Paul Singer trata também do problema da crítica que Rosa faz aos esquemas de Marx e caracteriza sua teoria como de subconsumo, mas intriga-se com o fato de ela ter achado um problema mesmo percorrendo caminhos tortuosos. Ver: SINGER, Paul. “Apresentação”. In: LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

480 Op. Cit, p.74

Rosdolsky, no trecho acima, indica-nos que os “reformistas não conseguiram lidar” com o problema. Por isso, foi essencial estudar o contexto de publicação do livro de Luxemburg e entender o propósito da própria autora ao fundamentar seu pensamento político em uma obra densa de teoria econômica. Nesse movimento, retornamos à unidade entre política e economia.

Da mesma forma que as ideias políticas de Rosa são atuais para pensar a transformação da sociedade, não podemos deixar de lado seu pensamento econômico que pode nos ajudar a entender quais foram as mudanças que levaram - e ainda levam - à reprodução do sistema como ele se configura hoje.

Isto só pôde ser feito através da contextualização histórica de *A Acumulação do Capital*, livro publicado em 1913, pouco antes de deflagrada a I Guerra Mundial, apoiada em certa medida pelo Partido Socialdemocrata Alemão (SPD – *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*), do qual Rosa fazia parte, ao aprovar os créditos de guerra.

A Alemanha imperial unificada e sob o comando de Wilhelm II era um país tardiamente industrializado que crescia a todo vapor e buscava seu lugar na divisão mundial de áreas de influência. Inglaterra e França exportavam capitais para as colônias ou países subdesenvolvidos e a Alemanha entrava nessa disputa criando as condições para o desenvolvimento da corrida armamentista e da guerra.

Ao mesmo tempo, desenvolvia-se também velozmente o movimento operário alemão, atuando dentro de um regime burguês democrático demais para uma ditadura, mas autocrático demais para uma democracia, em que havia tensão entre uma monarquia centralizada e um parlamento burguês. Nesse contexto, parecia aos militantes operários que o caminho da sociedade era sua democratização, pois ao longo do período foram conquistadas diversas leis de assistência e a burguesia parecia estar mais aberta às pressões populares.

Vê-se a luta de classes nesses dois níveis da sociedade alemã: uma burguesia que queria o seu quinhão do mundo e um proletariado que deseja dividir os frutos do trabalho e viver melhor. As duas faces se alimentam necessitando uma da outra para a sua existência.

Nesse contexto, uma mulher polonesa, determinada e com grande oratória aparece e confronta os homens do partido colocando-se na linha de frente do debate teórico. Observamos que o debate de 1898/9 colocou as principais questões econômicas da época – militarismo e protecionismo – e um dos principais problemas de movimentos sociais até hoje, sintetizado no título *Reforma Social ou Revolução?*.

A exposição de Luxemburg nesse texto demonstra um marxismo ainda ortodoxo e engessado. Durante todo esse período ela escreve sobre a necessidade de se equilibrar as duas

questões, encarando as reformas como táticas e a revolução como estratégia. Rosa chama a atenção para o crescimento do papel do parlamentarismo dentro da social-democracia e os perigos desse movimento. Suas respostas ao longo desses 15 anos ao dilema são teoricamente perfeitas e revolucionariamente belas, mas difíceis de visualizar seus efeitos práticos. Em alguns momentos, ela é mais direta quanto às ações a serem tomadas e na década de 1910 enfatiza muito a necessidade de retomada da palavra de ordem “luta de classes”. Mas o fato é que até hoje a esquerda está às voltas com essa questão: como fomentar a luta de classes e lutar por reformas, se todas as vezes que se luta por reformas elas se transformam na própria finalidade?

Observamos no desenvolvimento dos debates do SPD como o militarismo e o protecionismo vinculam-se sempre às temáticas da colonização e da política mundial, ambas unificando as questões de economia e política que aparecem muito cindidas nos debates do SPD. Isso é claro quando eles debatem a greve de massas e separam a todo momento lutas econômicas de lutas políticas dando maior ênfase às últimas. O pensamento de Luxemburg parece caminhar no sentido oposto, procurando unificar as duas pautas, principalmente depois de 1905, quando vimos que a greve de massas, expressão da revolução, é a unidade de todos os aspectos da vida social.

O ano de 1905 é um ano de viragem. Embora tenhamos visto que a discussão sobre as greves fosse anterior, é nesse momento que a revolução se apresenta, que a insurreição se coloca novamente como possibilidade de luta. Se a Comuna de Paris parecia ter encerrado o período das barricadas e aberto um período de luta democrática, a Revolução de 1905 conclama a esquerda à rua. Mas o partido, fortemente estruturado, com uma série de funcionários, opta pela autoconstrução da organização perdendo a ênfase no discurso de classe.

Desse momento em diante, com o acirramento dos conflitos entre trabalhadores e capitalistas, a eclosão de diversas greves sem orientação da direção e o acirramento da concorrência entre capitalistas, os ortodoxos e reformistas do partido escolhem o discurso da paz, da pacificação dentro da sociedade capitalista. Luxemburg sublinha a impossibilidade de tal perspectiva e seu livro *A Acumulação do Capital* é uma explicação da essência violenta do capitalismo, argumentando que em tal sistema a paz é impossível e, se ela existe em algum lugar, é porque em outro se apresenta em toda a sua barbárie. A violência é intrínseca ao capitalismo, não há forma de humanizá-lo e, por isso, ele não é de forma alguma conciliável com ou evoluível para o socialismo. São propostas totalmente antagônicas porque o capital desumaniza e barbariza as relações, enquanto o socialismo devolve a humanidade das relações

humanas.

Cotejando diversos elementos do livro com os debates da social-democracia, vimos que Luxemburg repete argumentos que pareciam consensuais no partido, como o financiamento do militarismo por impostos diretos e a importância dos empréstimos no financiamento da colonização. Ela apenas unifica esses elementos em uma teoria histórica para explicar a essência do capital e sua tendência. Mas seus críticos não se importaram com isso, e pouquíssimos deles perceberam as qualidades do trabalho: a explicação do Estado como agente central da acumulação e o processo de espoliação como essência do próprio capital. Seus críticos importaram-se apenas com as avaliações feitas por ela da teoria marxiana. Não que eles mesmos não tivessem críticas a Marx, mas nenhum deles o criticava diretamente, era mais fácil reivindicá-lo e o distorcer. Bernstein e Rosa foram ingênuos e acreditaram no papel científico do marxismo, esquecendo do tom dogmático que é dado a ele até os dias de hoje. Rosa, como mulher, pecava duplamente ao criticar Marx, um homem.

Mesmo após a Revolução Russa de 1917, a obra de Luxemburg permaneceu ignorada no debate teórico socialista. No prefácio à obra de Bukhárin sobre o imperialismo em 1915, Lenin sequer cita o livro de Luxemburg, comentando apenas o superimperialismo de Kautsky.

Para os comunistas, a camarada valeria apenas como uma agitadora das massas, uma mulher forte e guerreira, cujos textos teóricos e políticos teriam pouca valia para a luta revolucionária.

No final dos anos 1920 e anos 1930, teóricos como Henryk Grossmann retomaram o problema da demanda efetiva e da acumulação, dialogando com Rosa Luxemburg. E ao longo do século XX outros críticos voltaram à sua obra para tratar da demanda efetiva e, recentemente, formular novas teses sobre a acumulação e o imperialismo.

Grossmann também aponta erros na análise de nossa autora, erros encontrados também por Roman Rosdolsky, e afirma que os esquemas de Marx pressupunham o equilíbrio entre oferta e demanda para analisar os efeitos da acumulação do capital e a mais-valia. O método científico, para ele, pressupunha deixar tudo ao mais constante para analisar apenas uma variável. Portanto, Luxemburg erraria na crítica aos esquemas de Marx quando, segundo ele, ela exige que mostrem a realidade.

Apesar disso, Rosa Luxemburg contribuiu para a compreensão da acumulação do capital mesmo que não a tenha explicado inteiramente e que tenha abandonado a explicação no seu ápice, o militarismo. Ela desejava contribuir para o estudo econômico do imperialismo, debate apenas iniciado naquele momento e ainda muito difuso, como vimos no congresso de 1912.

Por isso, nossa autora contribui de fato para entender o imperialismo ao juntar os elementos dispersos do próprio pensamento socialista da época e desenvolver essas avaliações. O imperialismo seria então o momento histórico da acumulação capitalista em que os países desenvolvidos se utilizam do crédito, da pressão tributária e da máquina militar para submeter e disputar áreas ainda fechadas à produção capitalista; momento da concorrência no cenário mundial. Após o período de acumulação de capital nas colônias dos séculos XVI e XVII, as mudanças políticas e econômicas na Europa do século XVIII e o desenvolvimento do capitalismo em outros países, em sua maioria europeus, no século XIX, chega-se à concorrência mundial no final deste século e início do XX - esse é o percurso da acumulação capitalista para Luxemburg. Percurso generalizante que aponta a existência estrutural de economias periféricas sem, no entanto, deixar isso claro, parecendo às vezes crer que o caminho da acumulação seria o mesmo em todos os lugares. Transcorrida a história sabemos que as economias periféricas e os economicamente excluídos permanecem e são essenciais para o sistema. Ela não percebeu a longevidade disso, tampouco pudera, sua preocupação era com a revolução socialista, vislumbrada bem perto.

Em Luxemburg, há mecanismos internos e externos de acumulação. Internamente, entre os Estados capitalistas, utilizam-se as tarifas alfandegárias e a indústria bélica para acumular. Externamente, o capital atua com o crédito e a violência militar para dominar. Talvez por isso nas periferias do mundo seja mais difícil observar o militarismo como um meio econômico, porque ele aparece com toda a sua força coercitiva para conter a fome, a miséria, a desumanização.

Percebemos uma mudança em Luxemburg acerca do seu entendimento do Estado, mesmo que ela não esteja muito clara. Em 1898/9, o Estado aparecia como um possível agente da socialização através da estatização, assim como a centralização de capital poderia expressar os limites da anarquia capitalista ao denotar uma necessidade de socialização. Ao longo do tempo, centralização e concentração são as causas do acirramento da concorrência e da própria anarquia, caminhando para a barbárie. A centralização bancária alemã não era a expressão de uma necessidade de socialização, mas uma característica do imperialismo alemão e causa das tensões mundiais.

A anarquia capitalista deixada ao relento teria como fim a barbárie que só é percebida como tal quando volta para suas origens, como afirmou nossa autora em *A Crise da Social-democracia*:

Esse “mundo civilizado” só hoje descobriu que a mordida das feras imperialistas é mortal, que suas exalações são perversas. Ele só o percebeu

quando as feras enterraram as garras afiadas no seio da própria mãe, a civilização burguesa europeia.⁴⁸¹

A Europa só critica as políticas que aplica mundo afora quando elas se voltam contra ela mesma e, ainda assim, não percebe isso como autocrítica. Pelo contrário, é sempre culpa do outro: a culpa da guerra não é da Alemanha, é da Rússia; não é da França, é da Alemanha; e assim por diante. Este é um dos motivos que explicam porque Rosa e não outro militante: a crítica ao sentido civilizatório dos europeus só poderia vir de uma polonesa, situada na periferia da Europa sob a disputa entre três de seus impérios.

Nesse sentido, o lugar social e individual da teoria do imperialismo de Luxemburg é claro. É preciso reafirmar apenas, como Luxemburg o fez em 1916, que a sua teoria da acumulação demonstra um capitalismo essencialmente expansionista e por isso a história de seu desenvolvimento leva necessariamente ao imperialismo. Mostra também que a anarquia do sistema é resultado de seu caráter irracional do ponto de vista da sociedade, da sobrevivência humana e da própria natureza ao exaurir os recursos naturais, tendendo por estes motivos ao colapso. Este apresenta-se no livro como a objetividade da revolução, feita pelos homens e apenas por eles. A barbárie em *Acumulação* se faz presente apenas pelo seu outro, na sua não presença, pois se os homens não transformam o mundo o desenvolvimento tendencial do capitalismo é necessariamente seu colapso na barbárie.

Após a deflagração da guerra mundial, com o apoio voluntário da social-democracia, a divisa socialismo ou barbárie torna-se uma realidade que põe a urgência da tarefa da revolução para salvar a humanidade de seu colapso civilizacional. A Alemanha não cumpriu a sua tarefa e talvez o desencadear dos acontecimentos na república de Weimar seja a concretização da desumanização completa das pessoas que não terminou ali, apenas saiu da Europa, mas os métodos desenvolvidos pelo nazismo no extermínio e barbarização de seres humanos são aplicados mundo afora até hoje. Não se trata mais de salvar o mundo da barbárie, mas de resgatá-lo.

481 LUXEMBURG, Rosa. “A Crise da Social-Democracia”. In: LOUREIRO, Isabel (org). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Unesp, v.2, 2011, p. 142.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABENDROTH, Wolfgang. *Storia Sociale del Movimento operario Europeo*. Torino: Einaudi, 1971.
- ANDERSON, Perry. *Linhagens do estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ANDRADE, Joana El-Jaick. *O Revisionismo de Eduard Bernstein e a Negação da Dialética*. 2006. 210f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ANGELL, Norman. *The Great Illusion: a study of the relation of military power to national advantage*. New York and London: G. P. Putnam's Sons, 1913. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/38535/38535-h/38535-h.htm>>, data de acesso 9 dez 2014.
- ANTUNES, Jadir. Os esquemas de reprodução de Marx e a crítica não-dialética de Rosa Luxemburg. *Veritas*, Porto Alegre, v. 57, n. 1, jan./abr. 2012, p. 52-70.
- ARTHMAR, Rogério. A Economia Clássica contra os fatos ou Sismondi entre Ricardianos. *Economia e Sociedade*. Campinas, v. 18, n. 2 (36), ago 2009, p. 261-285.
- BARAN, Paul; SWEEZY, Paul M. *El Capital Monopolista: ensayo sobre el orden economico y social de Estados Unidos*. México: Siglo Veintiuno, 1988.
- BELLOFIORE, Riccardo (org). *Rosa Luxemburg and the Critique of Political Economy*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2009.
- BERNSTEIN, Eduard. *Socialismo Evolucionário*. Rio de Janeiro: Instituto Teotônio Vilela, Jorge Zahar Editor, 1997.
- BORN, Karl Erich. *Von der Reichsgründung bis zum Ersten Weltkrieg*. Handbuch der deutschen Geschichte, Band 16. München: Deutschen Taschenbuch Verlag, s.d.
- BUKHRAIN, Nikolai Ivanovitch. *A economia mundial e o imperialismo: esboço econômico*. Trad. Raul de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BULLETIN Périodique du Bureau Socialiste International: 1909-1913. Genebra: Minkoff, 1979.
- BLUM, Mark E. *The Austro-Marxists, 1890-1918*. The University Press of Kentucky, 1985.
- BREMBERGER, Marília Pássaro. As Leis Antissocialistas de Bismarck. *Mouro Revista Marxista*, ano 4, n. 7, set 2012, p. 155-166.
- CARONE, Edgar. *A II Internacional Pelos Seus Congressos (1889-1914)*. São Paulo: Editora Anita; Editora Universidade de São Paulo, 1993.
- _____. *República Velha (Instituições e Classes Sociais)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).
- COGGIOLA, Osvaldo. *Questões de História Contemporânea*. Belo Horizonte: Oficina de

Livros, 1991.

COLE, G. D. H. *Historia del Pensamiento Socialista*. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

COLLETTI, Lucio. *El marxismo y el “derrumbe” del capitalismo*. 3ª Edição. S.l.: Siglo XXI editores, 1985.

DELLHEIM, Judith. “Mit Luxemburgs 'Akkumulation des Kapitals' zu einer solidarischen postimperialen Lebensweise”. In: BRIE, Michael (hrsg). *Mit Realutopien den Kapitalismus transformieren? Beiträge zur kritischen Transformationsforschung 2*. Hamburg: VSA Verlag, 2015.

DIERS, Andreas. Rosa Luxemburg: Theorie, Kontext, Aktualität. Konferenz zum 140. Geburtstag in Moskau. *Jahrbuch für Forschungen zur Geschichte der Arbeiterbewegung*. S.l.: NDZ, ano 11, v. 1, jan 2012, p. 145-150.

DROZ, Jacques. *História Geral do Socialismo*. Lisboa: Horizonte, 1972, 6v.

DUNAYEVSKAYA, Raya. *Rosa Luxemburgo: la liberación femenina y la filosofía marxista de la revolución*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

ELEY, Geoff. *Forjando a Democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

EMIG, B.; SCHWARZ, M; ZIMMERMANN, R (org). *Literatur für eine neue Wirklichkeit: Bibliographie und Geschichte des Verlags J. H. W. Dietz Nachf. 1881-1981 u. d. Verl. Buchh. Vorwärts, Volksbuchh. Hottingen/Zürich, German Cooperative Print & Publ. Co., London, Berliner Arbeiterbibliothek, Arbeiterjugend-verl., Verlagsgenossenschaft “Freiheit”, Der Bücherkreis*. Berlim; Bonn: Dietz, 1981.

ENGELMANN, Bernt. *Vorwärts und nicht vergessen: vom verfolgten Geheimbund zur Kanzlerpartei*. München: Goldmann, s. d.

ETTINGER, Elzbieta. *Rosa Luxemburgo: uma vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

FRÖLICH, Paul. *Rosa Luxemburg. Gedanke und Tat*. Berlim: Dietz, 1990.

FRYDMAN, Carola; HILT, Eric; ZHOU, Lily. *The Panic of 1907: JP Morgan, Trust Companies, and the Impact of Financial Crisis*. Disponível em < <http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic1029951.files/Carola%20Paper.pdf> >, data de aceso 12 abr. 2016.

GREBING, Helga. *Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung: ein Überblick*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1974.

GERBER, John. *Anton Pannekoek and the Socialism of Workers' Self-Emancipation, 1873-1960*. Amsterdã: Kluwer Academic Publishers; International Institute of Social History, 1989.

GOMES, Rosa Rosa; SECCO, Lincoln. Economia Política da Violência: uma nota sobre Rosa Luxemburg e Henryk Grossman. *Mouro Revista Marxista*, ano 6, n. 9, jan. 2015, p. 245-255.

GRESPLAN, Jorge Luís. *O Negativo do Capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GROSSMANN, Henryk. *La Ley de la Acumulación y del Derrumbe del Sistema Capitalista*. S.l.: Siglo Vientiuno Editores, s.d.

GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburg y la espontaneidad revolucionaria*. La Plata: Utopia Libertaria, s.d.

HARVEY, David. *Os Limites do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HAUG, Wolfgang Fritz (hrsg.). *Historisch-kritisches Wörterbuch des Marxismus*. Berlin: Argument-Verlag, 1994.

HAUPT, Georges. *Bureau Socialiste International: comptes rendus des réunions manifestes et circulaires*. Paris: Mouton, 1969.

_____. *La Deuxième Internationale, 1889-1914: étude critique des sources, essai bibliographique*. Paris, Mouton, 1964.

HEINICKE, Hartmut. Rosa Luxemburg – historische und aktuelle Dimension ihres theoretischen Werkes. *Jahrbuch für Forschungen zur Geschichte der Arbeiterbewegung*. S.l.: NDZ, 2003, ano 2, v. 3, sep 2003, p. 171-182

HEINRICH, Michael. *Kritik der politischen Ökonomie: eine Einführung*. Stuttgart: Schmetterling Verlag, 2005.

HERBERT, Ulrich. *Geschichte Deutschlands im 20. Jahrhundert*. C.H. Beck Verlag, 2014.

HEXELSCHNEIDER, Erhard. *Rosa Luxemburg und Leipzig*. Leipzig: Rosa-Luxemburg-Stiftung Sachsen; GNN Verlag Sachsen/Berlin, 2007. (Rosa-Luxemburg-Forschungsberichte Hefte 4)

HILFERDING, Rudolf. *O Capitalismo Financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, 12 v. (Coleção Pensamento Crítico)

_____. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

HOBSON, John. A. *Imperialism: A Study*. S.l., Nabu Press, s.d.

ITO, Narihiko. Rosa Luxemburgs Vortrag in der SPD-Parteischule über 'Sklaverei'. *Jahrbuch für Forschungen zur Geschichte der Arbeiterbewegung*. S.l.: NDZ, 2005, ano 4, v. 2, mai 2005, p. 139-142.

ITO, N; LASCHITZA, A; LUBAN, O (org.). *Rosa Luxemburg: Ökonomische und historisch-politische Aspekte ihres Werkes*. Berlin: Dietz, 2010.

_____. (org.). *Rosa Luxemburg im internationalen*

Diskurs: Internationales Rosa-Luxemburg-Gesellschaft in Chicago, Tampere, Berlin und Zürich (1998-2000). Berlin: Dietz, 2002

KAUSTKY, Karl. Der Imperialismus. *Die Neue Zeit*, v. 32, n. 2, 1914.

_____. *Die materialistische Geschichtsauffassung*. Berlin: Dietz Verlag, s.d.

KAVOUSSI, Bonnie. *The Panic of 1907: a human-caused crisis, or a Thunderstorm? A Comparison Between The New York Times and Wall Street Journal's Coverage of the United States' First Modern Panic*. Joint Center for History and Economics, Faculty of Arts and Sciences, Harvard University. Disponível em <<http://www.fas.harvard.edu/~histecon/crisis-next/1907/papers.html>> acesso em 23 abr. 2016.

KIENIEWICZ, Jan. *Historia de Polonia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas zur Weltgeschichte Karten und chronologischer Abriß*. Munique: Deutscher Tachenbuch Verlag, 1971, 2v.

KINNER, Klaus; SEIDEL, Helmut (org). *Rosa Luxemburg: historische und aktuelle Dimensionen ihres theoretischen Werkes*. Berlin: Karl Dietz Verlag, 2002.

KINNER, Klaus (org). *Parteibildungsprozesse in der deutschen Arbeiterbewegung*. Leipzig: Rosa-Luxemburg-Stiftung Sachsen; GNN Verlag Sachsen/Berlin, 2006. (Texte zur politischen Bildung, Heft 36)

KLAGSBRUNN, Victor Hugo. Uma leitura crítica dos conceitos de mundialização do capital e de regime de acumulação com predominância financeira. *Revista Crítica Marxista*, v. 27, 2008.

KRÄTKE, Michael. *The Luxemburg Debate – The Beginnings of Marxian Macroeconomics*. Paper presented to the International Rosa Luxemburg Conference, Wuhan University, March 2006.

KOWALIK, Tadeusz. *Teoría de la acumulación y del imperialismo en Rosa Luxemburgo*. México: Ediciones Era, 1979.

LASCHITZA, Annelies. *Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1996.

LENIN, Vladimir Il'ich. *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. Trad. José Paulo Netto. 2ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os Economistas)

_____. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LIDTKE, Vernon L. *The Outlawed Party: Social Democracy in Germany, 1878-1890*. Princeton University Press; Primeira Edição (1966)

LIST, Georg. *Sistema Nacional de Economia Política*. HODGSKIN, Thomas. A Defesa do Trabalho contra as Pretensões do Capital. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburgo: vida e obra*. 5ª ed. São Paulo: Expressão Popular,

2005.

_____. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

_____. *A Revolução Alemã (1918-1923)*. São Paulo: Editora UNESP, 2005a. (Revoluções do Século XX).

_____. (org). *Rosa Luxemburg: textos escolhidos*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, 2 v.

LÖWY, Michael. *Método Dialético e Teoria Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. Rosa Luxemburg: a Re-assessment. *New Left Review*, I/101-102, jan-abr 1977.

_____. A centelha se acende na ação: a filosofia da práxis no pensamento de Rosa Luxemburgo. *Revista Margem Esquerda*, n. 15, 2010.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 20

LUXEMBURG, Rosa. *Gesammelte Werke*. Berlim: Dietz Verlag, v. 1/1, 1974.

_____. *Gesammelte Werke*. Berlim: Dietz Verlag, v. 1/2, 1974.

_____. *Gesammelte Werke*. Berlim: Dietz Verlag, v. 2, 1981.

_____. *Gesammelte Werke*. Berlim: Dietz Verlag, v. 3, 1980.

_____. *Gesammelte Werke*. Berlim: Dietz Verlag, v. 4, 1974.

_____. *Gesammelte Werke*. Berlim: Dietz Verlag, v. 5, 1985.

_____. *Gesammelte Briefe*. Berlim: Dietz Verlag, v. 1-3, 1982.

_____. *Gesammelte Briefe*. Berlim: Dietz Verlag, v. 4, 1983.

_____. *Gesammelte Briefe*. Berlim: Dietz Verlag, v. 5, 1984.

_____. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. *La Acumulación del Capital*. BUJARIN, Nicolai. *El Imperialismo y la acumulación del capital*. Buenos Aires: Pasado y Presente, série Cuadernos del Pasado y Presente, n.51, 1975

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. *O Capital: uma crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, v. 1, t. 1, 1985.

_____. *O Capital: uma crítica da economia política*. São Paulo: Editor Victor Civita, v. 1, t. 2, 1984.

_____. *O Capital: uma crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, v. 3-5, 1988.

_____. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MAYER, Arno Joseph. *Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MEHRING, Franz. *Geschichte der deutschen Sozialdemokratie*. Stuttgart: Dietz Verlag, s.d., 4v.

MELLO, Caio Roberto B. de. *Contribuição ao estudo do sistema de crédito em O Capital de Karl Marx*. 2007. 268 f. Tese (Doutorado). Departamento de História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MICHEL, Robert. *Os Partidos Políticos*. São Paulo: Editora Senzala, s.d

MIGLIOLI, Jorge. *Acumulação de Capital e Demanda Efetiva*. Brasília: HUCITEC, 2004.

MOORE JR., Barrington. *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MÜLLER, Eckhard. Rosa Luxemburgs öffentlicher Vortragszyklus zur Nationalökonomie im Herbst 1907. Sechs unbekannte Berichte der Berliner Politischen Polizei. *Jahrbuch für Forschungen zur Geschichte der Arbeiterbewegung*. S.l.: NDZ, 2013, ano 12, v. 2, mai 2013, p. 123- 138.

MUSSE, Ricardo. *De Socialismo Científico a Teoria Crítica: modificações na autocompreensão do marxismo entre 1878 e 1937*. 1997. 259 f. Tese (Doutorado). Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

NETTL, John P. *Rosa Luxemburg*. Londres: Oxford University Press, 1966.

OLIVEIRA, Edelweiss Falcão de. *Rosa Luxemburg Reforma e Revolução*. 2001. 244p. Doutorado. Universidade Federal Do Rio De Janeiro - Serviço Social, 2001.

PANNEKOEK, Anton; KORSCH, Karl; MATTICK, Paul. *Derrumbe del capitalismo o sujeto revolucionario?* México: Siglo XXI editores, 1978

PEDROSA, Mario. *A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PFANNKUCHE, A. H. *Th. Was liest der deutsche Arbeiter?* Tübingen; Leipzig: Verlag von J. C. B. Mohr, 1900, 79p.

PRZEWOSKY, Adam. *Capitalismo e Social-democracia*. São Paulo: Cia das Letras, s.d.

RAINWATER VON SUNTUM, Lisa Ann. *The Rosa Myth. A Feminist Reading of Rosa Luxemburg in Twentieth Century German Culture*. 2002. Tese (Doutorado). Departamento de Filosofia, University of Wisconsin-Madison, Michigan, 2002.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro:

Eduerj; Contraponto, 2011.

ROVAN, Joseph. *História da Social-Democracia Alemã*. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1979.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo: Editora Best Seller; Círculo do Livro, 1999.

SCHORSKE, Carl E. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

SCHÜTRUMP, Jörn (org). *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade*. 2ª edição ampliada. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.

SECCO, Lincoln. Ciclos longos e renovação tecnológica no capitalismo. *Práxis*, Belo Horizonte, v. 6, p. 41-62, 1996.

_____. Notas para a história editorial de *O Capital*. *Novos Rumos*, ano 17, n. 37, 2002. Disponível em <<http://www.ehu.eus/Jarriola/Docencia/EcoMarx/notas%20sobre%20las%20ediciones%20de%20El%20Capital.pdf>> data de acesso 26 mai. 2016.

SOARES, Sheila Aparecida Rodrigues. *Organização e espontaneidade: a autonomia das massas no pensamento dialético de Rosa Luxemburg*. 2009. 208p. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.

SOUZA, Luiz Enrique Vieira. *A Recepção Alemã à Revolução Russa de 1905*. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

STEINBERG, H. J. *Sozialismus und deutsche Sozialdemokratie*. Hannover, 1967 (Schriftreihe des Forschungsinstituts der Friedrich-Eber-Stiftung)

STERNBERG, Fritz. *El Imperialismo*. México, Siglo XXI, 1979

STORLOKKEN, Tanja. *Mulheres em tempos sombrios: Rosa Luxemburg e Hannah Arendt*. Conferência da Sociedade Internacional Rosa Luxemburg. 21-22 de novembro de 2004, Guangzhou, China.

SWEEZY, Paul. *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

THAUER, Wolfgang; VODOSEK, Peter. *Geschichte der Öffentlichen Bücherei in Deutschland*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1978.

TUGAN-BARANOWSKI, Michel. *Crises Industrielles en Angleterre*. Paris, Giard, 1913.

VODOSEK, Peter (hrsg.). *Auf dem Weg zur öffentlichen Literaturversorgung: Quellen und Texte zur Geschichte der Volksbibliotheken in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1985.

VOLIN. *A Revolução Desconhecida*. São Paulo: Global, 1980.

WEHLER, Hans-Ulrich. *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*. München: C. H. Beck, 2003, 4v.

WINCKLER, Lutz. *Autor-Markt-Publikum: zur Geschichte der Literaturproduktion in Deutschland*. Berlin: Argument-Verlag West Berlin, 1986.

WINKLER, Heinrich A. *Der lange Weg nach Westen*. C. H. Beck, 2010.

WITTMANN, Reinhard. *Geschichte des deutschen Buchhandels: ein Überblick*. München: C.H. Beck, 1991.

FONTES PRIMÁRIAS

BAUER, Otto. Die Akkumulation des Kapitals. *Die Neue Zeit*, vol.31, nº 1, 1913.

BÜCHERVERZEICHNIS der 12. städtischen Volksbibliothek im Gemeindeschulhause Turmstrasse 86. Berlin: Druck von W & S. Loewenthal, 1914. (9. vermehrte Auflage)

BÜCHERVERZEICHNIS der mit einer Lesehalle verbundenen 16. städtischen Volksbibliothek zu Berlin auf dem Schulgrundstück Wattstrasse 16. Berlin: Druck von W & S. Loewenthal, 1913 (7. vermehrte Auflage)

BÜCHERVERZEICHNIS der 5. städtischen Volksbibliothek zu Berlin Wilhelmstrasse 117. Berlin: Druck von W & S. Loewenthal, 1913 (10. vermehrte Auflage)

BÜCHERVERZEICHNIS der 4. städtischen Volksbibliothek zu Berlin im Gemeindeschulhause, Stallschreiberstrasse 54a. Berlin: Druck von W & S. Loewenthal, 1913 (13. vermehrte Auflage)

PROTOKOLL über die Verhandlungen des Parteitages der Sozialdemokratischen Partei Deutschlands abgehalten zu Hannover vom 9. bis 14 Oktober 1899. Berlin: Expedition der Buchhandlung Vorwärts, 1899. Disponível em <<http://library.fes.de/parteitage/index-pt-1890.html>> data de acesso 26 abr 2016

abgehalten zu Mainz vom 17. bis 21. September 1900. Berlin: Expedition der Buchhandlung Vorwärts, 1900. Disponível em <<http://library.fes.de/parteitage/index-pt-1900.html>> data de acesso 26 abr 2016.

abgehalten zu Dresden vom 13. bis 20. September 1903. Berlin: Expedition der Buchhandlung Vorwärts, 1903. Disponível em <<http://library.fes.de/parteitage/index-pt-1900.html>> data de acesso 26 abr 2016.

abgehalten zu Jena vom 17. bis 23 September 1905. Berlin: Buchhandlung Vorwärts, 1905. Disponível em <<http://library.fes.de/parteitage/index-pt-1900.html>> data de acesso 26 abr 2016

abgehalten zu Mannheim vom 23. bis 29 September 1906. Berlin: Buchhandlung Vorwärts, 1906. Disponível em <<http://library.fes.de/parteitage/index-pt-1900.html>> data de acesso 26 abr 2016

abgehalten zu Esse vom 15. bis 21 September 1907. Berlin: Buchhandlung Vorwärts, 1907. Disponível em <<http://library.fes.de/parteitage/index-pt-1900.html>> data de acesso 26 abr 2016

_____ abgehalten zu Jena vom 10. bis 16. September 1911. Berlin: Buchhandlung Vorwärts, 1911. Disponível em < <http://library.fes.de/partitage/index-pt-1910.html>> data de acesso 26 abr 2016

_____ abgehalten zu Chemnitz vom 15. bis 21. September 1912. Berlin: Buchhandlung Vorwärts, 1912. Disponível em < <http://library.fes.de/partitage/index-pt-1910.html>> data de acesso 26 abr 2016.

SCHIPPEL, M. Die Grundgeheimnis des Imperialismus. Sozialistische Monatshefte, 19(1913), caderno 3

STATISTISCHES Jahrbuch für das Deutsche Reich. Disponível em <<https://www.digizeitschriften.de/dms/toc/?PID=PPN514401303>> data de acesso 26 abr. 2016

Biblioteca e Arquivo Bundesarchiv - Berlim

ARBEITER-NOTIZ-KALENDER. Berlin, Buchhandlung Vorwärts, 1905, 1911, 1912, 1913.

JENSSEN, O. Die Akkumulation des Kapitals (Bücherbesprechungen). *Der Bibliothekar*. April 1913

KARSKI, Jan. Eine marxistische Untersuchung über den Imperialismus. *Muenchener Post*, München, p. 2, 31 de Janeiro de 1913.

LEIPZIGER Volkszeitung, 1913.

[NACHIMSON]. Die Akkumulation des Kapitals. *Dresdner Volkszeitung*. Dresden, n. 16 e 17, Ano 24, 21 e 22 Janeiro 1913

PANNEKOEK, Anton. Die Akkumulation des Kapitals. *Bremer Bürgerzeitung*, Bremen, Literarische Rundschau, 29 jan de 1913

VORWÄRTS, 1913.

FUNDO Emil Eichhorn NY 4131/ 11Ü

FUNDO Rosa Luxemburg NY 4002/16, 21, 22, 74, 75.

ANEXOS

TABELA 1 - Média anual de salários dos empregados na indústria, comércio e transportes*

Ano	1. Média anual do salário nominal		2. Índice de custo de vida **	3. Média anual do salário real	
	Marcos	1895=100	1895 = 100	Preços em 1895	1895 = 100
1871	493	74	105,8	466	70
1875	651	98	112,7	578	87
1880	545	82	104	524	79
1885	581	87	98,6	589	89
1890	650	98	102,2	636	96
1895	665	100	100	665	100
1900	784	118	106,4	737	111
1905	849	128	112,4	755	114
1910	979	147	124,2	789	119
1913	1083	163	129,8	834	125

Fonte: http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=1746

*Não considerado na tabela: trabalhadores rurais, aqueles empregados na manufatura (*cottage industry*) e serviço doméstico, além de trabalhadores e assalariados cuja renda anual era alta o suficiente para que os empregadores não precisassem pagar contribuições para o fundo de seguro obrigatório contra acidentes da Lei de Seguridade de Acidentes de 1884 (e seus aditivos). Na maioria das indústrias, o limite desse salário era de 3.000 até 1913. Para maiores restrições no grupo de empregados antes de 1886, ver HOHORST et al., p. 107-08

**Ao calcular o custo de vida, Desai considera uma base maior do que outros estudiosos ao incluir roupas, combustível e iluminação.

TABELA 2 – Produto Interno Líquido por Setor da Economia Alemã (1870-1913) (em milhões de marcos, baseado nos preços de 1913)

Ano	Agricultura, silvicultura, pesca	Mineração e salinas (saltwork)	Indústria e corporações de ofício	Transporte	Comércio, bancos, seguros, restaurantes	Serviços domésticos	Outros serviços exceto defesa	Defesa	Non-agricultural housing*	Total
1870	5738	255	3742	280	1082	1014	-	-	488	14169
1875	6595	356	5453	412	1438	1025	1586	172	614	17651
1880	6427	455	5194	506	1437	1027	1694	174	765	17679
1885	7525	563	6110	629	1741	1024	1760	185	880	20417
1890	7732	674	7941	878	1982	1054	2074	203	1051	23589
1895	8573	757	9732	1073	2478	1081	2383	243	1301	27621
1900	9924	1049	12220	1576	2881	1038	2685	252	1544	33169
1905	10231	1201	13931	1984	3564	1060	3088	261	1869	37189
1910	10625	1530	17016	2621	3953	1080	3651	272	2233	42981
1913	11270	1903	19902	3146	4415	1061	4000	346	2437	48480
Em %										
1870	40,5	1,8	26,4	2	7,6	7,2	11,3		3,4	100
1913	23,3	3,9	41,1	6,5	9,1	2,2	8,3	0,7	5	100

Fonte: http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=1743

*Decidiu-se por manter o termo em inglês devido à dificuldade de tradução. Em inglês, o termo parece significar *programa social de moradia urbana* ou apenas *moradia urbana*. A versão em alemão da tabela diz “Nichtland wirtschaftliche Wohnungen” que seria *moradia econômica urbana*. Provavelmente, o termo se refere a um pequeno comércio familiar urbano.

TABELA 3 - Empregados na indústria, comércio e minas, classificados de acordo com o tamanho da companhia

Ano	Empregados por empresa					
	1-5	6-10	11-50	51-200	201-1,000	Mais de 1,000
	1	2	3	4	5	6
	%					
	Indústria e Comércio					
1882	59.8	4.4	13.0	11.8	9.1	1.9
1895	41.8	7.4	17.3	17.4	12.8	3.3
1907	31.2	7.0	19.4	20.8	16.7	4.9
	Minas e Salinas					
1882	1.7	0.8	5.9	14.6	44.0	33.0
1895	0.8	0.6	4.0	11.2	36.8	46.6
1907	0.7	0.3	2.5	9.6	28.7	58.2

Fonte: GERMANY History in Documents and Images. http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/pdf/eng/107_Concent%20of%20Enterprise_7.pdf, acesso em 12 out 2015. Tradução da autora.

TABELA 4 - Número, ano a ano, de filiados do SPD (1906-1914)

Ano	Número Filiados	de Crescimento anual (%)
1906	384 327	-
1907	530 466	38,02
1908	587 336	10,72
1909	633 309	7,82
1910	720 038	13,69
1911	836 562	16,18
1912	970 112	15,96
1913	982 850	1,31

Fonte: Protokoll der Parteitag 1913

TABELA 5 – Delegados Presentes nos Congressos do SPD

Congresso	S/ mandato*	Total	Proporção (%)*
1898	36	252	15,5
1899	48	246	19,51
1900	47	245	19,18
1901	46	240	19,16
1902	48	262	18,32
1903	70	320	21,875
1904	62	286	21,68
1905	66	320	20,625
1906	75	402	18,65
1907	42	320	13,125
1908	50	379	13,19
1909	51	349	14,61
1910	57	393	14,5
1911	58	403	14,39
1912	109	522	20,88
1913	105	494	21,25

Fonte: Registros anuais e lista de presença das atas dos congressos

* Os considerados “sem mandatos” eram os membros da direção, deputados do *Reichstag*, diretores de jornais e outros funcionários do partido. Eles tinham direito a voto devido à posição que ocupavam.

** Proporção entre o número de “sem mandato” e o total de delegados.

TABELA 6 – Orçamento e Contribuições Anuais do SPD

Ano	Entrada total*	Contribuições**	Proporção (%)
1898	315.866,91	131.572,29	41,65
1899	340.956,90	119.186,67	34,95
1900	249.582,31	125.071,18	50,11
1901	317.934,70	142.710,55	44,75
1902	338.408,50	153.985,68	45,5
1903	628.247,23	303.423,21	48,3
1904	620.792,91	289.145,01	46,57
1905	723.069,14	295.026,18	40,8
1906	810.917,22	297.341,85	36,67
1907	1.191.819,42	570.554,12	47,87
1908	852.976,10	442.103,44	51,83
1909	1.105.249,77	571.010,92	51,66
1910	935.409,86	521.209,09	55,72
1911	1.357.761,62	911.639,41	67,14
1912	1.697.630,85	956.261,37	56,33
1913	1.687.276,89	733.799,59	43,5

* Total arrecadado naquele ano, incluindo juros de banco, lucros com jornais, principalmente “Vorwärts”, empréstimos etc.

** Até 1904 foi preciso deduzir dos recursos ordinários o equivalente ao repasse de alguns jornais e revistas. A partir de 1905 os dados dos recursos ordinários constituem-se apenas das contribuições, conforme consta nos relatórios da diretoria. A dedução de 1898 a 1904 foi necessária para que os dados pudessem ser comparados. Foi realizada a partir das informações constantes na seção *Tabellarische Uebersicht* das atas congressuais.

TABELA 7 - Membros da diretoria (*Parteivorstand*) e da comissão de controle do SPD entre 1898 e 1913.

	1898	1899	1900	1901	1902	1903	1904	1905
	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>
1	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel
2	P. Singer	P. Singer	P. Singer	P. Singer	P. Singer	P. Singer	P. Singer	P. Singer
3	I. Auer	I. Auer	I. Auer	I. Auer	I. Auer	I. Auer	I. Auer	I. Auer
4	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch
5	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch
6			E. Ernst(B)	W. Eberhardt (B)	W. Eberhardt (B)	W. Eberhardt (B)	W. Eberhardt (B)	H. Molkenbuhr
7			W. Eberhardt (B)	R. Wengels (B)	R. Wengels (B)	R. Wengels (B)	R. Wengels (B)	W. Eberhardt (B)
8							H. Molkenbuhr	R. Wengels (B)
9								F. Ebert
	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>
1	H. Meister	H. Meister	H. Meister	H. Meister	H. Meister	H. Meister	H. Meister	H. Meister
2	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden
3	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen
4	Th Metzner	Th Metzner	Th Metzner	Th Metzner	F. Brühne	F. Brühne	F. Brühne	F. Brühne
5	C. Oertel	F. Brühne	F. Brühne	F. Brühne	Clara Zetkin	Clara Zetkin	Clara Zetkin	Clara Zetkin
6	F. Brühne	Clara Zetkin	Clara Zetkin	Clara Zetkin	F. J. Ehrhart	F. J. Ehrhart	F. J. Ehrhart	F. J. Ehrhart
7	Clara Zetkin	F. J. Ehrhart	F. J. Ehrhart	F. J. Ehrhart	W. Bock	W. Bock	W. Bock	W. Bock
8			B. Kramer	E. David	A. Geck	A. Geck	A. Geck	A. Geck
9			E. David	W. Bock	J. Pfarr	J. Pfarr	J. Pfarr	E. Ernst

CONTINUAÇÃO TABELA 7

	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913
	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>	<i>Parteivorstand</i>
1	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	A. Bebel	W. Pfannkuch
2	P. Singer	P. Singer	P. Singer	P. Singer	P. Singer	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	A. Gerisch
3	I. Auer	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	W. Pfannkuch	A. Gerisch	A. Gerisch	H. Molkenbuhr
4	W. Pfannkuch	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch	A. Gerisch	H. Molkenbuhr	H. Molkenbuhr	F. Ebert
5	A. Gerisch	H. Molkenbuhr	H. Molkenbuhr	H. Molkenbuhr	H. Molkenbuhr	F. Ebert	F. Ebert	H. Müller
6	H. Molkenbuhr	F. Ebert	F. Ebert	F. Ebert	F. Ebert	H. Müller	H. Müller	Luise Zietz
7	W. Eberhardt(B)	H. Müller	H. Müller	H. Müller	H. Müller	H. Haase	Luise Zietz	H. Haase
8	R. Wengels (B)	W. Eberhardt(B)	Luise Zietz	R. Wengels (B)	R. Wengels (B)	O. Braun	H. Haase	O. Braun
9	F. Ebert	R. Wengels (B)	W. Eberhardt(B)	L. Liepmann (B)	Luise Zietz (B)	Scheidemann	O. Braun	Scheidemann
10	H. Müller		R. Wengels (B)			R. Wengels (B)	Scheidemann	F. Bartels
11						Luise Zietz (B)	R. Wengels (B)	R. Wengels (B)
12						L. Liepmann (B)	P. Brühl (B)	O. Wels (B)
13							Silberschmidt(B)	
	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>	<i>Controladores</i>
1	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	A. Kaden	F. Brühne
2	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	H. Koenen	F. Brühne	F. Brühne	Clara Zetkin
3	F. Brühne	F. Brühne	F. Brühne	F. Brühne	F. Brühne	Clara Zetkin	Clara Zetkin	W. Bock
4	Clara Zetkin	Clara Zetkin	Clara Zetkin	Clara Zetkin	Clara Zetkin	W. Bock	W. Bock	A. Geck
5	F. J. Ehrhart	F. J. Ehrhart	W. Bock	W. Bock	W. Bock	A. Geck	A. Geck	E. Ernst
6	W. Bock	W. Bock	A. Geck	A. Geck	A. Geck	E. Ernst	E. Ernst	J. Timm
7	A. Geck	A. Geck	E. Ernst	E. Ernst	E. Ernst	J. Timm	J. Timm	H. Stubbe
8	E. Ernst	E. Ernst	O. Braun	O. Braun	O. Braun	H. Stubbe	H. Stubbe	C. Hengsbach
9	O. Braun	O. Braun	J. Timm	J. Timm	J. Timm	C. Hengsbach	C. Hengsbach	
10							P. Löbe	
11							A. Brey	
12							HeleneGrünberg	
13							C. Severing	

* (B) significa *Beisitzer*. Eram eleitos pela comissão de controle.

TABELA 8 - Distribuição de mandatos nas eleições alemãs entre 1890 e 1916

	1890	1893	1898	1903	1907	1912	1916
SPD	35	44	56	81	43	110	89
Linksliberale (liberais de esquerda)	74	34	37	27	35	42	45
Sonstige Liberale (outros liberais)	5	16	17	11	15	0	0
Nationalliberale (liberais nacionais)	41	52	46	51	54	45	44
Zentrum	106	96	102	100	105	91	90
Welfen	11	7	9	6	1	5	5
Deutsche Reichspartei – DRP (Partido do Império Alemão)	20	27	23	21	24	13	-
Konservative (conservadores)	71	68	56	53	60	42	44
Bauern (agricultores)	0	4	11	8	9	8	7
Direita diversa	2	5	1	2	2	2	27
Antisemitas	5	16	13	11	21	10	-
Minoria	27	28	26	26	28	28	26
Outros	-	-	-	-	-	-	18
Total	397	397	397	397	397	397	397

GRÁFICO 1 – Proporção entre os “sem mandato” e o total de delegados nos congressos do SPD (1898-1913)

GRÁFICO 2 - Orçamento total e contribuições da base do SPD (1898-1913)

GRÁFICO 3 - Proporção das contribuições em relação ao orçamento total (1898-1913)

RESOLUÇÕES

Legenda:

/ indicam o término da linha na ata

[] trechos acrescentados no texto final

{ } trechos retirados do texto final

() nome de quem propôs a alteração ou outra observação

CONGRESSO DE HANNOVER, 1899

Resolution Bebel zu Punkt 5 der Tages-Ordnung:	Resolução Bebel para o ponto 5 da pauta: (aprovada)
<p>Die bisherige Entwicklung der bürgerlichen Gesellschaft giebt der Partei keine/ Veranlassung, ihre Grundanschauungen über dieselbe aufzugeben oder zu ändern.</p> <p>Die Partei steht nach wie vor auf dem Boden des Klassenkampfes, wonach/ die Befreiung der Arbeiterklasse nur ihr eigenes Werk sein kann und betrachtet/ es demzufolge als geschichtliche Aufgabe der Arbeiterklasse, die politische Macht/ zu erobern, um mit Hilfe derselben durch Vergesellschaftung der Produktions-/mittel und Einführung der sozialdemokratischen Produktions- und Austauschweise die/ größtmögliche Wohlfahrt Aller zu begründen.</p> <p>Um dieses Ziel zu erreichen, benutzt die Partei jedes mit ihren Grund-/anschauungen vereinbare Mittel, das ihr Erfolg verspricht. Ohne sich über das/ Wesen und den Charakter des bürgerlichen Parteien als Vertreter und Verfechter/ der bestehenden Staats- und Gesellschaftsordnung zu täuschen, lehnt sie ein/ Zusammengehen mit solchen von Fall zu Fall nicht ab, sobald es sich um/ Stärkung der Partei bei Wahlen, oder um Erweiterung der politischen Rechte/ und Freiheiten des Volkes, oder um eine ernsthafte Verbesserung der sozialen/ Lage der Arbeiterklasse und der Förderung von</p>	<p>O desenvolvimento da sociedade burguesa, até aqui, não dá motivo algum para o partido desistir ou mudar suas ideias fundamentais sobre a mesma.</p> <p>O partido está como antes no terreno da luta de classes, no qual a libertação da classe trabalhadora só pode ser sua própria obra e considera consequentemente como tarefa histórica da classe trabalhadora a conquista do poder político para, com a ajuda dos mesmos, estabelecer o maior bem-estar possível de todos através da socialização dos meios de produção e introdução do modo de produção e circulação social-democrata.</p> <p>Para alcançar este objetivo, o partido utilizará qualquer meio compatível com suas ideias fundamentais que prometa sucesso. Sem enganar-se sobre a essência e caráter dos partidos burgueses como representantes e defensores da ordem estatal e social vigente, não recusará uma aliança com eles de caso a caso, desde que se trate de um fortalecimento do partido nas eleições, ou expansão dos direitos políticos e liberdades do povo, ou uma verdadeira melhoria da situação social da classe trabalhadora e promoção das tarefas civilizacionais, ou do combate aos esforços dos inimigos dos trabalhadores e do povo. Mas o partido dá provas de sua total autonomia e</p>

Kulturaufgaben, oder um Be-/kämpfung arbeiter- und volksfeindlicher Bestrebungen handelt. Aber die Partei/ bewahrt sich überall in ihrer Thätigkeit ihre volle Selbständigkeit und Unab-/hängigkeit und betrachtet jeden Erfolg, den sie erringt, nur als einen Schritt,/ der sie ihrem Endziel näher bringt. Die Partei steht der Gründung von Wirtschaftsgenossenschaften neutral/ gegenüber; sie erachtet die Gründung solcher Genossenschaften, vorausgesetzt, daß/ die dazu nöthigen Vorbedingungen vorhanden sind, als geeignet, in der wirth-/schaftlichen Lage ihrer Mitglieder Verbesserungen herbeizuführen, sie sieht auch/ in der Gründung solcher Genossenschaften, wie in jeder Organisation der Arbeiter/ zur Wahrung und Förderung ihrer Interessen, ein geeignetes Mittel zur Er-/ziehung der Arbeiterklasse zur selbständigen Leitung ihrer Angelegenheiten, aber/ sie mißt diesen Wirtschaftsgenossenschaften keine entscheidende Bedeutung bei/ für die Befreiung der Arbeiterklasse aus den Fesseln der Lohnsklaverei.

In der Bekämpfung der Militarismus zu Wasser und zu Lande und der/ Kolonialpolitik beharrt die Partei auf ihrem bisherigen Standpunkt. Ebenso/ verbleibt sie bei ihrer bisherigen internationalen Politik, die auf eine Ver-/ständigung und Verbrüderung der Völker, in erster Linie der Arbeiterklasse in/ den verschiedenen Kulturländern, abzielt, um auf dem Boden einer allgemeinen/ Föderation die Lösung der gemeinsamen Kulturaufgaben herbeizuführen.

Nach all' diesem liegt für die Partei kein Grund vor, weder ihr {Programm} [Grundsätze und Grundforderungen],/ noch ihre Taktik, noch ihren Namen zu ändern, [d. h. aus der sozialdemokratischen Partei eine demokratisch-sozialistische Reformpartei zu werden,] und sie weist jeden Versuch

independência em toda a sua atividade e considera qualquer resultado que alcance apenas como um passo que traz o seu objetivo final mais perto.

O partido é neutro em relação à fundação de cooperativas econômicas; ele considera a fundação de tais cooperativas como adequada desde que existam as pré-condições necessárias para conduzir à uma melhoria da situação econômica de seus membros; ele vê também na fundação de tais cooperativas, assim como em qualquer organização dos trabalhadores para defesa e promoção de seus interesses, um meio adequado para a educação da classe trabalhadora tendo em vista a condução autônoma de seus assuntos, mas o partido não atribui a essas cooperativas econômicas nenhuma importância significativa para a libertação da classe trabalhadora das correntes da escravidão do salário.

No combate ao militarismo na água e na terra e à política colonial, o partido mantém-se na posição tomada até aqui. Do mesmo modo, subscreve a sua política internacional que tem como objetivo o entendimento e a confraternização dos povos, em primeiro lugar, da classe trabalhadora nos diferentes países civilizados, para conduzir a realização das tarefas civilizatórias comuns no terreno de uma federação universal.

Por tudo isso, não há motivo para o partido mudar nem o seu {programa} [princípios e reivindicações fundamentais], nem a sua tática, nem o seu nome [isto é, fazer do Partido Social-democrata um partido democrático-socialista de reformas] e recusa qualquer tentativa determinada que vá no sentido de encobrir ou desviar a sua posição sobre a ordem estatal e social vigente e sobre os partidos burgueses.

<p>ent-/schieden zurück, der darauf hinausgeht, ihre Stellung gegenüber der bestehenden/ Staats- und Gesellschaftsordnung und den bürgerlichen Parteien zu verschleiern/ oder zu verrücken.</p>	
<p>Resolution zu Punkt 6 der Tagesordnung.</p> <p>Der Parteitag erklärt:</p> <p>Das stehende Heerwesen ist nach seiner ganzen Entwicklung und Organisation das vornehmste Machtmittel zur Aufrechterhaltung und Befestigung der Klassenherrschaft; eine Hauptstütze für alle volks- und arbeiterfeindlichen Bestrebungen; eine Einrichtung, die nur durch die schweren, stets wachsenden und ungerecht vertheilten Opfer an Gut und Blut möglich ist, welche die herrschende Gesellschaft besonders den arbeitende Klassen auferlegt.</p> <p>Das Bestreben der Partei muß deshalb darauf gerichtet sein, das Heerwesen von Grund aus umzugestalten, so daß die Wehrkraft der Nation aus einem Mittel der Unterdrückung nach Innen und steter Beunruhigung nach Außen, zu einem Mittel der Sicherung der Volksrechte und Freiheiten und der Vertheidigung gegen fremde Angriffe wird.</p> <p>Zu diesem Zweck verlangt die Partei eine auf demokratischer Grundlage aufgebaute Organisation der Landes- und Volksvertheidigung, die Kastenwesen und Gegensätze zwischen Volk und Heer unmöglich macht, jeden wehrfähigen Mann zum Waffendienst verpflichtet und seine Ausbildung zum brauchbaren Wehrmann durch eine entsprechende Jugenderziehung herbeiführt.</p> <p>Von diesen Gesichtspunkten ausgehend, betrachtet es der Parteitag als selbstverständlich, den Punkt 3 des Parteiprogramms unverändert aufrecht zu erhalten und fordert von den parlamentarischen Vertretern</p>	<p>Resolução sobre o ponto 6 da pauta. (aprovada)</p> <p>O Congresso esclarece:</p> <p>O exército [<i>Heerwesen</i>] posto, conforme todo o seu desenvolvimento e organização, é o meio de poder mais distinto de manutenção e consolidação da dominação de classe; uma proteção fundamental para todos os esforços contra o povo e os trabalhadores; uma instituição que só é possível através de grandes sacrifícios, continuamente crescentes e injustamente divididos, de bens e sangue, os quais a sociedade dominante impõe, especialmente, para as classes trabalhadores.</p> <p>O esforço do partido deve, por isso, se dirigir para deformar o exército desde sua base, para que a força de defesa da nação transforme-se de um meio de opressão interna e de constante inquietação externa para um meio de assegurar os direitos do povo e liberdades e defesa contra ataques estranhos.</p> <p>Com este fim, o partido exige uma organização de defesa do país e do povo construída sobre bases democráticas, que torne impossível as castas e as contradições entre povo e exército, obrigando cada homem capaz de lutar ao serviço das armas e direcionando sua formação para soldados úteis através de uma educação juvenil adequada.</p> <p>A partir deste ponto de vista, o partido considera evidente manter o ponto 3 do programa inalterado e requiere dos parlamentares representantes do partido que não concedam, futuramente, nenhum meio para o sistema militar posto e que utilizem cada oportunidade para propagandear as exigências colocadas no ponto 3</p>

der Partei, auch künftig keinerlei Mittel für das bestehende Militärsystem zu bewilligen und jede Gelegenheit zur Propagierung der in Punkt 3 des Parteiprogramms aufgestellten Forderungen zu benutzen.	do programa.
<p>Antrag von den Genossen Adolf Hoffman, Ledebour, Rosa Luxemburg und Klara Zetkin:</p> <p>Der Parteitag weist die vom Genossen Schippel in seinen Aufsätzen über den Militarismus geäußerte Auffassung mit aller Entschiedenheit zurück, da er in ihr einen Verstoß gegen die Grundsätze der sozialdemokratischen Partei erblickt.</p>	<p>Proposta dos camaradas Adolf Hoffman, Ledebour, Rosa Luxemburg e Clara Zetkin: (aprovada)</p> <p>O partido recusa veementemente as opiniões exprimidas nos artigos sobre o militarismo do camarada Schippel e vê neles um atentado contra os princípios do partido social-democrata.</p>

CONGRESSO DE MAINZ, 1900

<p>Proposta 64 – Resolução sobre Política Mundial.</p> <p>Der Parteitag erklärt:</p> <p>Die zum Zweck kapitalistischer Ausbeutung und militärischer Machtentfaltung betriebene Welt- beziehentlich Kolonialpolitik, wie sie neuerdings auch in dem Zuge nach China zum Ausdruck kommt, entspringt in erster Linie dem habgierigen Verlangen der Bourgeoisie nach neuen Gelegenheiten zur Unterbringung des stets anschwellenden Kapitals, dem die Ausbeutungsgelegenheiten im Inlande nicht mehr genügen, sowie dem Drang nach neuen Absatzmärkten, die jedes Land für sich zu usurpiren trachtet.</p> <p>Diese Politik beruht auf der gewaltsamen Aneignung fremder Ländergebiete und der rücksichtslosen Unterjochung und Ausbeutung der in denselben wohnenden Völkerschaften; sie führt aber auch nothwendig zur Demoralisation und Verrohung der ausbeutenden Elemente, die ihre Raubsucht durch die verwerflichsten, ja</p>	<p>Proposta 64 – Resolução sobre Política Mundial. (aprovada)</p> <p>O congresso declara:</p> <p>A política internacional dedicada à política colonial com o objetivo da exploração capitalista e desenvolvimento do poder militar, como ela tem se expressado também nos acontecimentos na China, nasce, em primeiro lugar, do desejo ávido da burguesia por novas oportunidades para aplicação do capital constantemente aumentado, para o qual as oportunidades de exploração no país não são mais suficientes, assim como da necessidade de novos mercados de consumo, que todo país anseia usurpar para si.</p> <p>Esta política se baseia na apropriação violenta de regiões estrangeiras e na bruta subjugação e exploração dos povos indígenas. Mas ela também leva necessariamente à desmoralização e ao embrutecimento dos elementos exploradores, que querem libertar sua ânsia por roubo através dos meios mais repudiáveis, mais inumanos e assim provocam</p>
--	--

selbst unmenschlichen Mittel zu befriedigen streben und dadurch fortgesetzt Empörungen der Misshandelten hervorrufen.

Die überseeische Eroberungs- und Raubpolitik führt ferner zu Eifersüchteleien und Reibungen der rivalisirenden Mächte und in folge dessen zu unerträglichen Rüstungen zu Wasser und zu Lande; sie enthält den Keim zu gefährlichen internationalen Konflikten, welche die auf friedlichem Wege mühsam errungenen Kultur- und Verkehrsbeziehungen in Frage stellen und schliesslich eine allgemeine Katastrophe wahrscheinlich machen.

Die Sozialdemokratie als Feindin jeder Unterdrückung und Ausbeutung von Menschen durch Menschen erhebt gegen diese Raub- und Erorberungspolitik den entschiedensten Widerspruch. Sie verlangt, dass die wünschenswerthen und erforderlichen Kultur- und Verkehrsbeziehungen zu allen Völkern der Erde dadurch verwirklicht werden, daß die Rechte, die Freiheiten, sowie die Unabhängigkeit dieser Völkerschaften geachtet und gewahrt werden und sie nur durch Lehre und Beispiel für die Aufgaben moderner Kultur und Civilisation gewonnen werden. Die gegenwärtig von der Bourgeoisie und den militärischen Machthabern aller Nationen angewendeten Methoden sind der blutigste Hohn auf Kultur und Civilisation.

Der Parteitag erklärt {ferner} [Besonderen]:

{Die vom Deutschen Reich zur Zeit in China betriebene Kriegspolitik beruht auf militärischer Eroberungssucht, chauvinistischen Landhunger und kapitalistischer Profitwuth der Bourgeoisie.}

[Die deutsch-chinesische Kriegspolitik, für welche die Reichsregierung die Verantwortung übernommen hat, beruht außer auf der allgemeinen Profitwuth der Bourgeoisie, auf

uma crescente indignação dos maltratados.

A política de conquista ultramarina e roubo leva ainda à hostilidades e atritos entre as potências rivais e, em consequência disso, ao inaceitável armamento marítimo e terrestre. Ela contém o germe para os perigosos conflitos internacionais, que colocam em questão as relações culturais e de transporte construídas a muito custo por caminhos pacíficos e, por fim, tornam possível uma catástrofe geral.

A social-democracia, como inimiga da opressão e da exploração do homem sobre o homem, protesta firmemente contra a política de roubo e conquista. Exige que as desejáveis e necessárias relações culturais e de circulação com todos os povos da Terra sejam realizadas, respeitando e protegendo os direitos, as liberdades, assim como a independência desses povos e que eles sejam ganhos para as tarefas da cultura moderna e da civilização apenas através do ensino e do exemplo. Os métodos atuais utilizados pela burguesia e pelos detentores do poder militar de todas as nações são o escárnio mais sangrento da cultura e da civilização.

O congresso declara {ainda} [especialmente]:

{A política de guerra dedicada atualmente pelo Império alemão à China baseia-se na busca da conquista militar, na fome chauvisnista por terras e na fúria por lucro capitalista da burguesia.}

[A política de guerra sino-alemã, pela qual o governo do Império se responsabilizou, baseia-se além da universal fúria por lucro da burguesia, na ânsia por fama militar e na paixão chauvinista e ambiciosa de alcançar uma “grande Alemanha”.]

O Partido Social-democrata Alemão julga essa política repudiável e protesta firmemente contra a aventureira e violenta política chinesa do

militärischer Ruhmsucht und der chauvinistischen und ehrgeizigen Leidenschaft, ein „größeres Deutschland“ zu schaffen.]

Die sozialdemokratische Partei Deutschlands hält diese Politik für verwerflich und erhebt den entschiedensten Widerspruch gegen die abenteuerliche gewaltsame Chinapolitik der Regierung, welche für das Volk schwere Gefahren herbeiführt und ungeheure Opfer an Gut und Blut erfordert.

In den ohne Befragung und Genehmigung der Volksvertretung vorgenommenen Truppensendungen nach China, sowie in der Verwendung der hierzu erforderlichen Geldmittel erblickt der Parteitag einen verfassungswidrigen und daher ungesetzlichen Akt der Regierungsgewalt. Der Parteitag erklärt den sofortigen Zusammentritt des Reichstages für geboten, um den Vertretern der Arbeiterklasse die Möglichkeit zu schaffen, die absolutistische Gewaltpolitik der Regierung, sowie die volksfeindliche Politik der Parteien zu brandmarken, welche der Mißachtung der Volksvertretung und dem persönlichen Regiment Vorschub leisten.

Antrag 65 – (Zu Punkt 8 der Tagesordnung: Die Verkehrs- und Handelspolitik) e Resolution zum Referat über Verkehrs- und Handelspolitik.

In dem Ausgleich der Produktions- und vornehmlich der/ Arbeitsbedingungen auf dem nationalen sowie dem internationalen Arbeitsmarkt/ erblickt die Sozialdemokratie eine wichtige Voraussetzung für die wirtschaft-/liche, soziale und politische Erstarkung der Arbeiterklasse. Das Tempo dieses/ Ausgleichs wird durch die Verkehrs- und Handels-/politik eines Landes in weit-/gehendem Maße bestimmt.

Die gegenwärtige Verkehrspolitik im

governo, que causa riscos duros para o povo e requer um enorme sacrifício de bens e sangue.

No envio de tropas para a China sem o questionamento e permissão da representação do povo, assim como na utilização dos meios monetários necessários para isso, vê o congresso do partido um ato inconstitucional e, por isso, ilegal do governo. O congresso indica a imediata convocação do *Reichstag* para que os representantes da classe trabalhadora tenham a possibilidade de criticar a política administrativa absolutista do governo assim como a política inimiga do povo dos partidos que favorecem o desrespeito à representação do povo e o governo personalista.

Proposta 65 – (Sobre o ponto 8 da pauta: A política de transporte e comércio) e Resolução sobre o tema sobre. (aprovada)

A social-democracia vê no equilíbrio das condições de produção e, principalmente, de trabalho, tanto no mercado nacional quanto no internacional, um pressuposto importante para o fortalecimento econômico, social e político da classe trabalhadora. O tempo desse equilíbrio é determinado em grande medida pelas políticas de transporte e comércio de um país.

A atual política de transporte no Império Alemão - que prescinde de uma organização uniforme, que não tem influência decisiva dos

Deutschen Reiche, der einheit-/lichen Organisation entbehrend, ohne maßgebende Beeinflussung seitens der/ Volksvertretung, überwiegend nach fiskalischen Gesichtspunkten geleitet, steht/ nicht nur jeder wesentlichen Erleichterung des Verkehrs im Wege, sie verhindert/ namentlich den Arbeiter, die Chancen des Arbeitsmarkts auszunützen, sie ver-/sagt ferner, gehemmt durch parlamentarischen Widerstand, auf dem Gebiete/ des Wasserstraßenverkehrs eine weitgehende Verbilligung des Gütertransports/ und gleichzeitig die Erschließung weiterer Gebiete für die Industrie, woraus der/ Arbeiter gleichzeitig als Produzent wie als Verbraucher Vortheile zu erwarten hätte.

Hält die herrschende Verkehrspolitik den Ausgleich der Produktions-/ und Arbeitsbedingungen auf dem inneren Markte zum Schaden der Arbeiter-/klasse, zum Schaden der deutschen Volkswirtschaft hintan, so steuert die/ gegenwärtig durch ihre Schutzzölle für das Volk schon schädliche Handels-/politik Zielen zu, die für Deutschland in seinen Beziehungen zum Welt-/markt die gleichen Folgen zeitigen müssen, wie die Verkehrspolitik innerhalb/ der nationalen Volkswirtschaft. Die Großgrundbesitzer und der überwiegende/ Theil der Industriellen, die landwirtschaftlichen und gewerblichen Kartelle/ streben unter nicht zu verkennender Begünstigung seitens der Regierung eine/ Schutzzollpolitik an, die Deutschland von der Weltwirtschaft in hohem/ Grade abschließen müßte, den Interessenten aber den inneren Markt,/ ungehindert von jeglicher Konkurrenz des Auslandes, zur Aussaugung preis-/geben würde. Unter der Devise: „Schutz der nationalen Arbeit“ soll der/ Verbraucher, vornehmlich die Arbeiterklasse, der Preisdiktatur des vereinigten/ Unternehmerthums macht- und hilflos überliefert

representantes do povo, que se volta predominantemente para questões fiscais – não apenas impede qualquer facilitação efetiva da circulação, ela impede principalmente os trabalhadores de aproveitar as chances do mercado de trabalho. Ela falha mais ainda, inibida pela oposição parlamentar, no campo das hidrovias, em baratear amplamente o transporte de bens e, ao mesmo tempo, abrir vastas regiões para a indústria. Do que o trabalho poderia esperar vantagens tanto como produtor quanto como consumidor.

A política de transporte reinante impede o equilíbrio das condições de produção e trabalho no mercado interno em prejuízo da classe trabalhadora e da economia política alemã. Nesse sentido se direciona, atualmente, os objetivos da política comercial que já prejudica o povo através de suas tarifas protecionistas. Esses objetivos devem resultar para a Alemanha em suas relações com o mercado mundial, as mesmas consequências que a política de transporte dentro da economia política nacional. Os grandes proprietários e a maior parte dos industriais, os cartéis agrícolas e empresariais aspiram, entre os não desconhecidos auxílios do governo, uma política protecionista que deveria fechar em alto grau a Alemanha à economia mundial, mas entregaria o mercado interno aos interessados em o exaurir, livre de qualquer concorrência externa. Sob a divisa: “proteção ao trabalho nacional” deve o trabalhador, sobretudo a classe trabalhadora, carregar impotente e desamparada a ditadura do preço do empresariado. Como a importação alemã consiste de quatro quintos de matérias-primas e alimentos, esta política protecionista encarece os mais importantes meios de produção e a vida da classe trabalhadora alemã que, em comparação com países concorrentes, já é hoje pior posicionada, diminuindo dessa forma por algum

werden. Da die deutsch/ Einfuhr zu vier Fünfteln aus Rohstoffen und Nahrungsmitteln besteht, ver-/theuert diese Schutzzollpolitik die wichtigsten Produktionsmittel und die Lebens-/haltung der deutschen Arbeiterklasse, die im Vergleiche zum konkurrierenden/ Ausland schon bisher schlechter gestellt ist, mindert dadurch in absehbarer Zeit/ deren wirtschaftliche Leistungsfähigkeit und beeinträchtigt daher nicht nur das/ Streben der deutschen Arbeiterschaft nach besseren Arbeits- und Lebens-/bedingungen, sondern auch die Stellung der deutschen Produktion auf dem/ Weltmarkt, auf dem Deutschland nur mit billigen Rohstoffen und mit einer gut gelohnten und gut situierten Arbeiterklasse seinen Platz dauernd behaupten/ kann. Die Annäherung der Produktions- und Arbeitsbedingungen innerhalb/ der Länder der Weltwirtschaft wird gehemmt und damit die Herbeiführung/ der internationalen Gleichartigkeit der Arbeiterinteressen auf wirtschaftlichem/ Gebiete aufgehalten.

Von diesen Erwägungen ausgehend tritt die sozialdemokratische Partei/ Deutschlands im Hinblick auf die bevorstehenden wichtigen Entscheidungen und/ Aufgaben der Verkehrs- und Handelspolitik ein:

Für eine innerhalb des deutschen Wirtschaftsgebietes einheitliche Gestaltung der Verkehrspolitik durch Uebernahme der Eisenbahnen auf das Reich unter Verwerfung des vornehmlich in Preußen großgezogenen fiskalischen Verwaltungsprinzips;

für weitgehende Ermäßigung der Personentarife zur Verwirklichung des juristisch-formalen Rechts der Freizügigkeit der Arbeiter;

tempo a capacidade econômica dessa classe e afetando, por isso, não apenas a ambição do operariado alemão por melhores condições de vida e trabalho, mas também a posição da produção alemã no mercado mundial, no qual a Alemanha só pode defender seu lugar por longo tempo com matérias-primas baratas e uma classe trabalhadora bem paga e bem de vida. A aproximação das condições de produção e trabalho dentro dos países da economia mundial está travada e, assim, impedida a promoção da paridade internacional dos interesses dos trabalhadores no campo da economia.

A partir dessas considerações, o Partido Socialdemocrata Alemão, tendo em vista as iminentes escolhas e tarefas importantes das políticas de transporte e comércio, luta:

7.

1. por uma organização da política de transporte unificada dentro da região econômica alemã através da adoção do sistema ferroviário no Império com a recusa da administração fiscal criada sobretudo na Prússia;
2. pelo amplo desconto nas tarifas pessoais para concretização do direito jurídico formal do trabalhador à livre circulação (*Freizügigkeit*);
3. pela ampliação dos sistema de hidrovias alemão, em caso de emergência, através do Império.
4. [pelo amplo desconto nas tarifas de bens, especialmente alimentos, dos portos e postos de fronteira até o interior do país. (emenda Luxemburg)]

8.

1. [pela abolição de todas as aduanas e

<p>für den Ausbau eines deutschen Wasserstraßensystems, im Nothfalle durch das Reich;</p> <p>[für weitgehende Ermäßigung der Gütertarife, besonders für Lebensmittel, von den Seehäfen und den Grenzstationen ins Innere des Landes. (Amendment Luxemburg)]</p> <p>[Für Ablehnung aller Zölle und aller Zollerhöhung, besonders auf Lebensmittel. (Amendment Luxemburg)] Für möglichste Beseitigung event. Herabsetzung der bisherigen Zollsätze bei der Neugestaltung des Zolltarifs;</p> <p>für eine Handelsvertragspolitik, die sich das Ziel setzt, die wechselseitigen Handelsbeschränkungen fortschreitend aufzuheben und den freien Weltverkehr zu fördern;</p> <p>für Verwerfung aller zollgesetzlichen Maßnahme (wie Maximal- und Minimaltarif, Werthzölle etc), die einen engeren handelspolitischen Anschluß Deutschlands an andere Staaten erschweren;</p> <p>[für das Prinzip der „offenen Thür“ und gegen das der „Interessensphäre“ in Bezug auf China und alle außereuropäischen Gebiete. (Amendment Luxemburg)]</p>	<p>de todo aumento dessas tarifas, especialmente para alimentos (emenda Luxemburg)], pela, quando possível, eliminação, eventualmente redução, das atuais taxas aduaneiras com a nova organização das tarifas alfandegárias;</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. por uma política comercial contratual que tenha como objetivo suprimir progressivamente as tarifas comerciais mútuas e desenvolver a circulação mundial livre; 3. pela recusa de todas as medidas legislativas aduaneiras (como tarifa máxima e mínima, aduanas de valor etc.) que dificultem um contato político-comercial mais estreito da Alemanha com outros Estados; 4. [pelo princípio da “porta aberta” e contra o das “esferas de interesse” em consideração a China e todas as regiões não europeias. (emenda Luxemburg)]
<p>Antrag 70 – Genossin Luxemburg und Gogowsky (Parlamentarische Aktion)</p> <p>Der Parteitag beauftragt die Fraktion, die neuesten gegen den Gebrauch der polnischen Sprache in den Schulen der Provinz Posen gerichteten Maßnahmen der preußischen Regierung im Reichstag zur Sprache zu bringen</p>	<p>Proposta 70 – Camarada Luxemburg e Gogowsky (Ação Parlamentar) (aprovada)</p> <p>O partido encarrega a bancada a falar no <i>Reichstag</i> sobre as novas medidas do governo prussiano direcionadas contra a utilização da língua polonesa nas escolas da província de Posen e, sobretudo, a combater, com toda a ênfase, o</p>

und überhaupt die Behandlung der Polen als Bürger zweiter Klasse mit allem Nachdruck zu bekämpfen.	tratamento dos poloneses como cidadãos de segunda classe.
--	---

CONGRESSO DE DRESDEN, 1903

<p>Antrag 130 - Resolution Bebel, Kautsky, Singer.</p> <p>Der Parteitag fordert/ die Fraktion auf, es in der Frage der Besetzung der Vizepräsidenten- und Schrift-/führerposten im Reichstage bei ihrer bisherigen Stellung – Ablehnung aller/ nicht durch die Geschäftsordnung vorgeschriebenen Verpflichtungen – zu belassen./</p> <p>Der Parteitag verurteilt auf das entschiedenste die revisionistischen Be-/strebungen, unsre bisherige bewährte und sieggekrönte, auf dem Klassenkampf be-/ruhende Taktik in dem Sinne zu ändern, daß an Stelle der Eroberung der po-/litischen Macht durch Ueberwindung unsrer Gegner eine Politik des Entgegen-/kommens an die bestehende Ordnung der Dinge tritt.</p> <p>Die Folge einer derartigen revisionistischen Taktik wäre, daß aus einer/ Partei, die auf die möglichst rasche Umwandlung der bestehenden bürgerlichen in/ die sozialistische Gesellschaftsordnung hinarbeitet, also im besten Sinne des Wortes/ revolutionär ist, eine Partei tritt, die sich mit der Reformierung der bürgerlichen/ Gesellschaft begnügt.</p> <p>Der Parteitag verurteilt ferner jedes Bestreben, die vorhandenen, stets/ wachsenden Klassengegensätze zu vertuschen, um eine Anlehnung an bürgerliche/ Parteien zu erleichtern.</p> <p>Der Parteitag erwartet, daß die Fraktion die größere Macht, die sie durch/ die vermehrte Zahl ihrer Mitglieder wie durch die</p>	<p>Proposta 130 – Resolução Bebel, Kautsky, Singer.</p> <p>O congresso exige que a fração permaneça na posição tomada até aqui sobre a questão da ocupação dos postos de vice-presidente e redator no <i>Reichstag</i>, qual seja, recusa de todas as obrigações requeridas fora do expediente.</p> <p>O congresso condena decididamente os esforços revisionistas para mudar o sentido da nossa, até aqui comprovada e vitoriosa, tática assentada na luta de classes, da tomada do poder político para, através da superação dos nossos inimigos, trilhar uma política de cooperação dentro da ordem existente.</p> <p>As consequências de uma tal tática revisionista seria a modificação de um partido, que batalha por uma transformação rápida da sociedade burguesa atual em uma sociedade socialista sendo revolucionário no melhor sentido da palavra, para um partido que se contenta com a reforma da sociedade burguesa.</p> <p>O congresso condena ainda todos os esforços de esconder as existentes e sempre crescentes contradições de classe com o objetivo de facilitar o apoio aos partidos burgueses.</p> <p>O congresso espera que a fração utilize o grande poder, que alcançou através do aumento do número de seus membros assim como dos eleitores, para defender com o maior vigor e energia, os interesses da classe trabalhadora, a expansão e segurança das liberdades políticas e dos direitos iguais para todos, de acordo com os princípios do nosso programa, e para conduzir</p>
---	--

<p>gewaltige Zunahme der hinter/ stehenden Wählermassen erlangt, entsprechend den Grundsätzen unsres Pro-/gramms dazu benutzt, die Interessen der Arbeiterklasse, die Erweiterung und/ Sicherung der politischen Freiheit und der gleichen Rechte für alle aufs kraft-/vollste und nachdrücklichste wahrzunehmen und den Kampf wider Militarismus/ und Marinismus, wider Kolonial- und Weltpolitik, wider Unrecht, Unterdrückung/ und Ausbeutung in jeglicher Gestalt noch energischer zu führen, als es ihr bisher möglich gewesen ist.</p>	<p>mais energicamente do que até agora foi possível a luta contra o militarismo, contra a política colonial e internacional, contra a injustiça, a opressão e a exploração em todas as formas.</p>
<p>Die Resolution lautet nunmehr folgendermaßen.</p> <p>{Der Parteitag fordert, daß die Fraktion zwar in ihren Anspruch geltend macht, die Stelle des ersten Vizepräsidenten und eines Schriftführers im Reichstage durch Kandidaten aus ihrer Mitte zu besetzen, daß sie es aber ablehnt, höfische {Verpflichtungen zu übernehmen oder irgend welchen Bedingungen sich zu unterwerfen, die nicht durch die Reichsverfassung begründet sind.[alterado pela proposta 144 de Stadthagen]} [Alterado pela proposta 140 de Bebel, Kautsky e Singer]}</p> <p>Der Parteitag verurteilt auf das entschiedenste die revisionistischen Bestrebungen, unsere bewährte und sieggekrönte, auf dem Klassenkampf beruhende Taktik in dem Sinne zu ändern, daß an Stelle der Eroberung der politischen Macht durch Ueberwindung unserer Gegner eine Politik des Entgegenkommens an die bestehende Ordnung der Dinge tritt.</p> <p>Die Folge einer derartigen revisionistischen Taktik wäre, daß aus einer Partei, die auf die möglichst rasche Umwandlung der bestehenden bürgerlichen in die sozialistische Gesellschaftsordnung hinarbeitet, also im besten Sinne des Wortes revolutionär ist, eine Partei tritt,</p>	<p>A resolução diz agora o seguinte. (aprovada)</p> <p>[O congresso exige que a fração, embora argumente sua pretensão de ocupar as posições de primeiro vice-presidente e redator no <i>Reichstag</i> com candidatos de seu meio, recuse [assumir obrigações cortesãs ou se submeter a qualquer outra condição que não esteja pautada na constituição do Império.(alterado pela proposta 144 de Stadthagen)] (Alterado pela proposta 140 de Bebel, Kautsky e Singer)]</p> <p>O congresso condena decididamente os esforços revisionistas para mudar o sentido da nossa, até aqui comprovada e vitoriosa, tática assentada na luta de classes, da tomada do poder político para, através da superação dos nossos inimigos, trilhar uma política de cooperação dentro da ordem existente das coisas.</p> <p>As consequências de uma tal tática revisionista seria a modificação de um partido, que batalha por uma transformação rápida da sociedade burguesa atual em uma sociedade socialista sendo revolucionário no melhor sentido da palavra, para um partido que se contenta com a reforma da sociedade burguesa.</p> <p>[Por isso, o congresso, em oposição a tendência revisionista existente no partido, tem a certeza de que as contradições de classe não se</p>

die sich mit der Reformierung der bürgerlichen Gesellschaft begnügt.

[Daher ist der Parteitag im Gegensatz zu den in der Partei vorhandenen revisionistischen Bestrebungen der Ueberzeugung, daß die Klassengegensätze sich nicht abschwächen, sondern stetig verschärfen, und erklärt:

1. daß die Partei die Verantwortlichkeit ablehnt für die auf der kapitalistischen Produktionsweise beruhenden politischen und wirtschaftlichen Zustände und daß sie deshalb jede Bewilligung von Mitteln verweigert, welche geeignet sind, die herrschende Klasse an der Regierung zu erhalten.
2. Daß die Sozialdemokratie, gemäß der Resolution Kautsky des internationalen Sozialistenkongresses zu Paris im Jahre 1900, einen Anteil an der Regierungsgewalt innerhalb der bürgerlichen Gesellschaft nicht erstreben kann. (adicionado pela proposta 143 de Wurm e outros)]

Der Parteitag verurteilt ferner jedes Bestreben, die vorhandenen, stets wachsenden Klassengegensätze zu vertuschen, um eine Anlehnung an bürgerliche Parteien zu erleichtern.

Der Parteitag erwartet, daß die Fraktion die größere Macht, die sie durch die vermehrte Zahl ihrer Mitglieder, wie durch die gewaltige Zunahme der hinter ihr stehenden Wählermassen erlangt, [nach wie vor zur Aufklärung über das Ziel der Sozialdemokratie verwendet und (adicionada pela proposta 144 de Stadthagen)] entsprechend den Grundsätzen unseres Programms dazu benutzt, die Interessen der Arbeiterklasse, die Erweiterung und

enfraquecem, mas fortalecem continuamente e declara:

5. que o partido recusa a responsabilidade pelas circunstâncias políticas e econômicas existentes no modo de produção capitalista e, por isso, rejeita qualquer concessão de meios que sejam adequados a manutenção da classe dominante no governo.
6. Que a social-democracia, conforme a resolução Kaustky do Congresso Socialista Internacional em Paris no ano de 1900, não busca uma parcela da administração governamental dentro da sociedade burguesa. (adicionado pela proposta 143 de Wurm e outros)]

O congresso condena ainda todos os esforços de esconder as existentes e sempre crescentes contradições de classe com o objetivo de facilitar o apoio aos partidos burgueses.

O congresso espera que a fração utilize o grande poder, que alcançou através do aumento do número de seus membros, assim como dos seus eleitores, [para o esclarecimento sobre o objetivo da social-democracia e [adicionada pela proposta 144 de Stadthagen)] de acordo com os princípios do nosso programa, para defender com o maior vigor e energia, os interesses da classe trabalhadora, a expansão e segurança das liberdades políticas e dos direitos iguais para todos e para conduzir mais energicamente do que até agora foi possível a luta contra o militarismo, contra a política colonial e [das potências mundiais (alterada pela proposta 141 de Legien)], contra a injustiça, a opressão e a exploração em todas as formas. [“E agir energicamente para a construção da legislação social e realização das tarefas políticas e culturais da classe trabalhadora.” [adicionada pela proposta 141 de Legien)]

Sicherung der politischen Freiheit und der gleichen Rechte für alle auf kraftvollste und nachdrücklichste wahrzunehmen und den Kampf wider Militarismus und Marinismus, wider Kolonial- und [Weltmachtpolitik (alterada pela proposta 141 de Legien)], wider Unrecht, Unterdrückung und Ausbeutung in jeglicher Gestalt noch energischer zu führen, als es ihr bisher möglich gewesen ist, [„und für den Ausbau der Sozialgesetzgebung und die Erfüllung der politischen und kulturellen Aufgaben der Arbeiterklasse energisch zu wirken“. (adicionada pela proposta 141 de Legien)]

CONGRESSO DE JENA, 1905

Antrag 149 – Resolution des Parteivorstandes und einer Anzahl Genossinnen und Genossen betr. die Revolution in Rußland:

Der Parteitag begrüßt mit freudiger Genugtuung das größte welthistorische Ereignis der Gegenwart, die russische Revolution, als die Macht, die endlich den mit Korruption und Verbrechen beladenen Absolutismus stürzen wird und damit nicht nur den unter seine Knute, schmach tenden Völkern die Bahnen freiheitlicher, kultureller Entwicklung öffnet, sondern auch die für ihre Befreiung kämpfenden Volksmassen aller Länder von einem ihrer bösesten Feinde erlöst. Mit Stolz gedenkt er dabei der Tatsache, daß - wie mannigfaltig auch die geschichtlichen, die sozialen Kräfte sind, die zu diesem Ziele zusammenwirken – es doch heute das junge Industrieproletariat Rußlands ist, das unter sozialdemokratischer Führung die wichtigste treibende Kraft des gewaltigen Ringens mit dem Absolutismus bildet und immer wieder und wieder die heldenhaften Massen stellt, die ihren Hunger und ihre Leiber den Schergen und Henkern des Despotismus kämpfend entgegenstellen.

Proposta 149 – Resolução do Diretoria e alguns e algumas camaradas sobre a revolução na Rússia: (aprovada)

O congresso saúda com feliz satisfação o maior acontecimento da história mundial do presente, a Revolução Russa, como o poder que vai derrubar finalmente o absolutismo carregado com corrupção e crimes e com isso não apenas abrir os caminhos do desenvolvimento liberal e cultural dos povos escravizados e padecidos, mas também libertar as massas lutadoras pela libertação de todos os países de seu mais feroz inimigo. Com orgulho, recorda o congresso o fato de que - quão variado são também as forças sociais e históricas que atuam para esse objetivo – hoje é o jovem proletariado da Rússia que constrói sob a direção social-democrata a força motriz mais importante no ringue contra o absolutismo e posiciona sempre de novo e de novo as heroicas massas, que opõem combativas sua fome e seus corpos aos algozes e carrascos do absolutismo.

O congresso transmite a todos os lutadores pela liberdade política na Rússia a garantia de sua mais profunda simpatia e admiração, mas

<p>Der Parteitag entbietet allen Kämpfern für politische Freiheit in Rußland die Versicherung seiner tiefsten Sympathie und Bewunderung, ganz besonders aber jenen Männern und Frauen, ohne Unterschied der Nationalität und Rasse, die, auf dem Boden der sozialdemokratischen Auffassung stehend, mit und in dem Proletariat wirken und kämpfen- ihnen, deren zähe und opferwillige und gefahrenreiche Arbeit seit langen Jahren die Erweckung des Proletariats vorbereitet und seine Schulung und Organisation bis heute treu gefördert hat, wodurch das Proletariat befähigt wurde, die revolutionäre Aufgabe der Stunde in der Ueberzeugung zu erfüllen, daß der Kampf zur Niederzwingung des Absolutismus eine notwendige Etappe im Kampfe gegen den Kapitalismus ist.</p> <p>Der Parteitag fühlt sich aber auch verpflichtet, seiner tiefsten Empörung Ausdruck zu geben, über die barbarischen Untaten, durch welche die Schergen des Despotismus ihr fluchwürdiges Regiment aufrecht zu halten suchen, namentlich durch die grausame Hinschlachtung nicht bloß von Männern und Frauen der Revolution, sonder auch von zahllosen unbeteiligten Personen, besonders Frauen und Kindern.</p> <p>Der russische Despotismus hat sich durch dieses barbarische Wüten vor der ganzen Kulturwelt gerichtet und er rechtfertigt damit jedes gegen ihn angewandte Mittel, das zu seines Vernichtung führt.</p>	<p>especialmente para aqueles homens e mulheres, sem diferença de nacionalidade e raça, que, apoiados sobre a base da concepção social-democrata, atuaram e lutaram com e no proletariado – aqueles cujo trabalho tenaz, com sacrifício e cheio de perigo há muitos anos preparava o acordar do proletariado e fomentou fielmente sua formação e organização até hoje, através do que o proletariado foi capaz de completar a tarefa revolucionária do momento com a certeza de que a luta pela submissão do absolutismo é uma etapa necessária na luta contra o capitalismo.</p> <p>Mas o congresso sente-se também obrigado a expressar sua mais profunda indignação sobre os atos bárbaros com os quais os algozes do despotismo procuram manter seu governo abominável, especificamente, através de chacina cruel não apenas de homens e mulheres da revolução, mas também de incontáveis não participantes, principalmente mulheres e crianças.</p> <p>O despotismo russo, através dessa devastação bárbara, dirigiu-se diante de todo o mundo civilizado e, assim, justificou todo meio utilizado contra ele que leve à sua destruição.</p>
<p>Antrag 151 – Resolution Bebel zu: „Der politische Massenstreik und die Sozialdemokratie“.</p> <p>I. Bei dem Bestreben der herrschenden Klassen und Gewalten, der Arbeiterklasse einen legitimen Einfluß auf die öffentliche Ordnung der Dinge in den Gemeinwesen vorzuenthalten oder,</p>	<p>Proposta 151 – Resolução Bebel para “A greve política de massas e a social-democracia”.</p> <p>(aprovada)</p> <p>I. Pelo esforço das classes dominantes e autoridades de privar a classe trabalhadora de uma influência legítima na ordem pública das coisas na comunidade ou de roubar [essa influência], tanto</p>

soweit sie durch ihre Vertreter in den parlamentarischen Vertretungskörpern einen solchen bereits erlangten, diesen zu rauben und so die Arbeiterklasse politisch und wirtschaftlich rechtlos und ohnmächtig zu machen,

erachtet es der Parteitag für geboten auszusprechen, daß es die gebieterische Pflicht der gesamten Arbeiterklasse ist, mit allen ihr zu Gebote stehenden Mitteln jedem Anschlag auf ihre Menschen- und Staatsbürgerrechte entgegenzutreten und immer wieder die volle Gleichberechtigung zu fordern.

Insbesondere hat die Erfahrung gelehrt, daß die herrschenden Parteien bis tief in die bürgerliche Linke hinein Gegner des allgemeinen, gleichen, direkten und geheimen Wahlrechts sind, daß sie dasselbe nur dulden, aber sofort abzuschaffen oder zu verschlechtern trachten, sobald sie glauben, daß durch dasselbe ihre Herrschaft in Gefahr komme. Daher ihr Widerstand gegen eine Ausdehnung des allgemeinen, gleichen, direkten und geheimen Wahlrechts auf die Einzelstaaten (Preußen etc) und selbst die Verschlechterung bestehender rückständiger Wahlgesetze aus Angst vor einem noch so geringen Einfluß der Arbeiterklasse in den parlamentarischen Vertretungskörpern.

Beispiele hierfür sind die Wahlrechtsräubereien durch eine herrschgierige und maßlos feige Bourgeoisie und ein borniertes Kleinbürgertum in Sachsen und in den sogenannten Republiken Hamburg und Lübeck und die Gemeindewahlverschlechterungen in den verschiedenen deutschen Staaten (Sachsen, Sachsen-Meiningen) und Orten (Kiel, Dresden, Chemnitz usw.) durch die Vertreter der verschiedenen bürgerlichen Parteien.

In Erwägung aber, daß namentlich das allgemeine, gleich, direkte und geheime

quanto ela conseguiu através de seus representantes no corpo parlamentar, e assim fazer da classe trabalhadora política- e economicamente sem direitos e inerte,

julga-se indicado o congresso declarar que é o dever imperioso de toda a classe trabalhadora se contrapor com todos os seus meios disponíveis a todo ataque contra os direitos humanos e dos cidadãos e exigir sempre a plena igualdade de direitos.

Em especial, a experiência ensinou que os partidos reinantes, inclusive a burguesia de esquerda, são contra o sufrágio universal, igual, direto e secreto, que eles apenas o toleram, mas logo se empenham em aboli-lo ou piorar, que através do mesmo o reinado deles entra em perigo. Por isso a resistência deles à expansão do sufrágio universal, igual, direto e secreto para cada estado (Prússia, etc.) e a própria piora da lei atualmente retrógrada com medo de uma ainda tão pequena influência da classe trabalhadora no corpo parlamentar.

Exemplo disso é a robalheira de sufrágios pela cobiçosa por dominação, descomedida e covarde burguesia e por uma pequena-burguesia tacanha na Saxônia e nas assim chamadas repúblicas de Hamburg e Lübeck e a piora nas eleições locais em diferentes estados alemães (Saxônia, Saxônia-Meiningen) e cidades (Kiel, Dresden, Chemnitz, etc.) pelos representantes de diferentes partidos burgueses.

Mas considerando que, especialmente, o sufrágio universal, igual, direto e secreto é pressuposto para um desenvolvimento político normal da comunidade assim como a plena liberdade de coligação para a elevação econômica da classe trabalhadora,

Considerando ainda que a classe trabalhadora através de seu crescimento numérico

Wahlrecht die Voraussetzung für eine normale politische Fortentwicklung der Gemeinwesen ist, wie es die volle Koalitionsfreiheit für die wirtschaftliche Hebung der Arbeiterklasse ist,

in weiterer Erwägung, daß die Arbeiterklasse durch ihre stetig wachsende Zahl, ihre Intelligenz und ihre Arbeit für das wirtschaftliche und soziale Leben des ganzen Volkes, sowie durch die materiellen und physischen Opfer, die sie für die militärische Verteidigung des Landes zu tragen hat, den Hauptfaktor in der modernen Gesellschaft bildet, muß sie nicht nur die Erhaltung, sondern auch die Erweiterung des allgemeinen, gleichen, direkten und geheimen Wahlrechts für alle Vertretungskörper im Sinne des sozialdemokratischen Programms und die Sicherung der vollen Koalitionsfreiheit fordern.

Demgemäß erklärt der Parteitag, daß es namentlich im Falle eines Anschlages auf das allgemeine, gleiche, direkte und geheime Wahlrecht oder das Koalitionsrecht die Pflicht der gesamten Arbeiterklasse ist, jedes geeignet erscheinende Mittel zur Abwehr nachdrücklich anzuwenden.

Als eines der wirksamsten Kampfmittel, um ein solches politisches Verbrechen an der Arbeiterklasse abzuwehren oder um sich ein wichtiges Grundrecht für ihre Befreiung zu erobern, betrachtet gegebenen Falles der Parteitag

„die umfassendste Anwendung der Massenarbeitseinstellung“.

Damit aber die Anwendung dieses Kampfmittels ermöglicht und möglichst wirksam wird, ist die größte Ausdehnung der politischen und gewerkschaftlichen Organisation der Arbeiterklasse und die unausgesetzte Belehrung und Aufklärung der Massen durch die Arbeiterpresse und die mündliche und schriftliche

kontinuo, de sua inteligência e de seu trabalho para a vida social e econômica de todo o povo, assim através de sacrifícios materiais e físicos que ela suporta para a defesa militar do país, constitui o principal fator da sociedade moderna, ela não deve exigir apenas a conservação, mas também a ampliação do sufrágio universal, igual, direto e secreto para todo o corpo representante no sentido do programa social-democrata e a salvaguarda do pleno direito de coligação.

Dessa forma, o congresso declara que, especialmente em caso de um ataque ao sufrágio universal, igual, direto e secreto ou do direito de coligação, é dever de toda a classe trabalhadora utilizar vigorosamente todos os meios despendidos para defesa.

O congresso considera como um dos meios mais eficazes de luta para repelir tal crime político contra a classe trabalhadora ou para conquistar um importante direito para sua libertação nesses casos

“a utilização a mais abrangente da suspensão em massa do trabalho”.

Mas para que a utilização desse meio de luta seja possível e a mais eficaz, é inevitavelmente necessário a maior expansão da organização política e sindical da classe trabalhadora e o incessante esclarecimento e instrução das massas através da imprensa operária e agitação oral e escrita.

Essa agitação deve expor a importância e necessidade dos direitos políticos da classe trabalhadora, especialmente do sufrágio universal, igual, direto e secreto e da total liberdade de coligação, indicando o caráter classista do Estado e da sociedade e os abusos diários perpetrados pela classe dominante e governo contra a classe trabalhadora através da posse exclusiva do poder político.

Todo camarada do partido é obrigado a

<p>Agitation unumgänglich notwendig.</p> <p>Diese Agitation muß die Wichtigkeit und Notwendigkeit der politischen Rechte der Arbeiterklasse, insbesondere des allgemeinen, gleichen, direkten und geheimen Wahlrechts und der vollen Koalitionsfreiheit darlegen, mit Hinweis auf den Klassencharakter des Staates und der Gesellschaft und den täglichen Mißbrauch, welchen die herrschenden Klassen und Gewalten (?) durch den ausschließlichen Besitz der politischen Macht an der Arbeiterklasse verüben.</p> <p>Jeder Parteigenosse ist verpflichtet, wenn für seinen Beruf eine gewerkschaftliche Organisation vorhanden ist oder gegründet werden kann, einer solchen beizutreten und die Ziele und Zwecke der Gewerkschaften zu unterstützen. Aber jedes klassenbewußte Mitglied eine Gewerkschaft hat auch die Pflicht, sich der politischen Organisation seiner Klasse – der Sozialdemokratie – anzuschließen und für die Verbreitung der sozialdemokratischen Presse zu wirken.</p> <p>II. Der Parteitag beauftragt den Parteivorstand, eine Broschüre herstellen zu lassen, in der die in der vorstehenden Resolution gestellten Forderungen begründet werden. Für diese Broschüre ist die Massenverbreitung in der gesamten deutschen Arbeiterklasse zu organisieren.</p>	<p>aderir à organização sindical quando ela existir para a sua profissão ou puder ser fundada, e defender os objetivos e propósitos dos sindicatos. Mas todo filiado sindical com consciência de classe tem também o dever de se juntar à organização política de sua classe - a Socialdemocracia - e agir para a difusão da imprensa social-democrata.</p> <p>II. O congresso encarrega a direção de produzir uma brochura na qual as exigências colocadas na presente resolução são justificadas. A difusão massiva dessa brochura para toda a classe trabalhadora alemã deve ser organizada.</p>
--	---

CONGRESSO DE MANNHEIM, 1906

<p>Antrag 136 – Resolution Bebel zu “Der politische Massenstreik”</p> <p>I.</p> <p>{Der Parteitag bestätigt die Beschlüsse der Jenaer Parteitages den/ politischen Massenstreik betreffend. /} [Der Parteitag bestätigt den Jenaer Parteitagsbeschluß zum politischen Massenstreik und hält nach der Feststellung, daß der Beschluß des Kölner</p>	<p>Proposta 136 – Resolução Bebel sobre “A greve política de massas”</p> <p>I</p> <p>{O congresso ratifica as decisões do Congresso de Jena relativas à greve política de massas.} [O congresso ratifica a resolução do Congresso de Jena sobre greve política de massas e tem como superada toda a discussão sobre a resolução do Congresso Sindical de Colônia depois da</p>
---	--

Gewerkschaftskongresses nicht im Widerspruch steht mit dem Jenaer Beschluß, allen Streit über des Kölner Beschlusses für erledigt. (Legien, Bebel)]

Der Parteitag empfiehlt nochmals besonders nachdrücklich die Beschlüsse/ zur Nachachtung, die die Stärkung und Ausbreitung der Parteioorganisation,/ die verbreitung der Parteipresse und den Beitritt der Parteigenossen zu den/ Gewerkschaften und der Gewerkschaftsmitglieder zur Parteioorganisation fordern./

Sobald der Parteivorstand die Notwendigkeit eines politischen Massen-/streiks für gegeben erachtet, hat derselbe sich mit der Generalkommission der/ Gewerkschaften in Verbindung zu setzen und alle Massnahmen zu ergreifen/ die erforderlich sind, um die Aktion erfolgreich durchzuführen./

II.

Die Gewerkschaften sind unumgänglich notwendig für die Hebung der/ Klassenlage der Arbeiter innerhalb der bürgerlichen Gesellschaft. Dieselben/ stehen an Wichtigkeit hinter der sozialdemokratischen Partei nicht zurück, die/ den Kampf für die Hebung der Arbeiterklasse und ihre Gleichberechtigung mit/ den anderen Klassen der Gesellschaft auf politischen Gebiet zu führen hat,/ im weiteren aber über diese ihre nächste Aufgabe hinaus die Befreiung der/ Arbeiterklasse von jeder Unterdrückung und Ausbeutung durch Aufhebung des/ Lohnsystems und die Organisation einer auf der sozialen Gleichheit aller be-/ruhenden Erzeugungs- und Austauschweise, also der sozialistischen Gesellschaft,/ erstrebt. Ein Ziel, das auch der klassenbewusste Arbeiter der Gewerkschaft/ notwendig erstreben muss. Beide Organisationen sind also in ihren Kämpfen/ auf gegenseitige Verständigung und Zusammenwirken

constatação de que essa resolução não está em contradição com a resolução de Jena. (Legien, Bebel)]

O congresso aconselha outra vez com especial vigor a atenção às decisões que requerem o fortalecimento e expansão da organização partidária, a expansão da imprensa do partido e a adesão de camaradas do partido nos sindicatos e dos membros de sindicatos na organização partidária.

Assim que a diretoria do partido considerar dada a necessidade de uma greve política de massas, ela deve entrar em contato com a Comissão Geral dos sindicatos e tomar todas as medidas que são necessárias para executar uma ação bem-sucedida.

II

Os sindicatos são indispensavelmente necessários para a elevação da situação de classe dos trabalhadores dentro da sociedade burguesa. Eles não ficam atrás em importância do Partido Social-democrata, que tem de liderar a luta pela elevação da classe trabalhadora e pela igualdade de direitos em relação às outras classes da sociedade no terreno político, mas além disso quer alcançar sua próxima tarefa, a libertação da classe trabalhadora de toda opressão e exploração através da superação do sistema assalariado e da organização dos meios de produção e de circulação baseados na igualdade social, ou seja, da sociedade socialista. Um objetivo que também os trabalhadores conscientes do sindicato devem necessariamente aspirar. Ambas organizações dependem, assim, nas suas lutas de um acordo mútuo e ação conjunta.

Para ter um procedimento uniforme em ações que tocam os interesses dos sindicatos e do partido igualmente, as direções de ambas organizações devem procurar se entender. [Mas

<p>angewiesen./</p> <p>Um bei Aktionen, die die Interessen der Gewerkschaften und der Partei/ gleichmässig berühren, ein einheitliches Vorgehen herbeizuführen, sollen die/ Zentralleitungen der beiden Organisationen sich zu verständigen suchen./ [Um aber jene Einheitlichkeit des Denkens und Handelns von Partei und/ Gewerkschaft zu sichern, die ein unentbehrliches Erfordernis für den sieg-/reichen Fortgang des proletarischen Klassenkampfes bildet, ist es unbedingt/ notwendig, daß die gewerkschaftliche Bewegung von dem Geiste der Sozial-/demokratie erfüllt werden. Es ist daher Pflicht eines jeden Parteigenossen, in/ diesem Sinne zu wirken. (Kautsky)]</p>	<p>para assegurar essa uniformidade do pensamento e da ação do partido e do sindicato, que constitui uma exigência indispensável para o progresso vitorioso da luta de classes proletária, é absolutamente necessário que o movimento sindical seja preenchido pelo espírito da social-democracia. Por isso, é dever de cada camarada do partido agir nesse sentido (Kautsky)]</p>
<p>Antrag 163 – Quarck und 20 Genossen:</p> <p>Im Amendment Kautsky (nr. 157) zur Resolution Bebel (nr. 136) im 2. Absatz am Schluss des ersten Satzes an Stelle: „beherrscht werden“, „erfüllt werden“ zu setzen.</p>	<p>Proposta 163 – Quarck e 20 Camaradas:</p> <p>Na emenda Kautsky (nº 157) a resolução Bebel (nº 136), no 2º parágrafo, final da primeira frase. No lugar de “ser dominado”, colocar “ser atingido”.</p>
<p>Antrag 157 – Kautsky und 32 Genossen (Abänderung der Resolution Bebel zum Massenstreik)</p> <p>1. In der Resolution Bebel im zweiten Teil, dritte Zeile von oben statt: „Dieselben stehen an Wichtigkeit hinter der sozialdemokratischen Partei nicht zurück“ zu sagen: „Sie sind nicht minder notwendig wie die sozialdemokratische Partei“.</p> <p>2. An den Schluß der Resolution folgenden Passus anzuschließen:</p> <p>Um aber jene Einheitlichkeit des Denkens und Handelns von Partei und Gewerkschaft zu sichern, die ein unentbehrliches Erfordernis für den siegreichen Fortgang des proletarischen Klassenkampfes bildet, ist es unbedingt notwendig, dass die Gewerkschaften von dem</p>	<p>Proposta 157 – Kautsky e 32 camaradas (Mudanças na resolução Bebel sobre greve de massas)</p> <p>1. Na resolução Bebel, segunda parte, terceira linha de cima para baixo, ao invés de “Eles não ficam atrás em importância do Partido Social-democrata”, dizer “Eles não são menos necessários que o partido social-democrata”.</p> <p>2. No final da resolução acrescentar o seguinte parágrafo:</p> <p>Mas para assegurar essa uniformidade do pensamento e da ação do partido e do sindicato, que constitui uma exigência indispensável para o progresso vitorioso da luta de classes proletária, é absolutamente necessário que os sindicatos sejam comandados pelo espírito da social-democracia.</p>

<p>Geiste der Sozialdemokratie beherrscht werden. Es ist daher Pflicht eines jeden Parteigenossen, in diesem Sinne in den Gewerkschaften zu wirken und sich bei der gewerkschaftlichen Tätigkeit wie bei jeder anderen öffentlichen Betätigung an die Beschlüsse der Parteitage gebunden zu fühlen in dem Sinne, wie es Genosse Bömelburg definiert hat. Dies ist geboten im Interesse der gewerkschaftlichen Bewegung selbst, denn die Sozialdemokratie ist die höchste und umfassendste Form des proletarischen Klassenkampfes, und keine proletarische Organisation, keine proletarische Bewegung kann ihrer Aufgabe vollständig gerecht werden, die nicht vom Geist der Sozialdemokratie erfüllt ist</p>	<p>Por isso, é dever de cada camarada do partido agir nesse sentido nos sindicatos e se sentir ligado às resoluções dos congressos do partido na atividade sindical, assim como em todas as outras ocupações públicas, no sentido definido pelo camarada Bömelburg. Isto é conveniente ao interesse do próprio movimento sindical, pois a Social-democracia é a forma mais elevada e mais abrangente da luta de classes proletária e nenhuma organização proletária, nenhum movimento proletário pode fazer justiça completa à sua tarefa se não for preenchido pelo espírito da Social-democracia.</p>
--	---

CONGRESSO DE JENA, 1911

<p>Antrag 71 - Parteivorstand, S. 160:</p> <p>Resolution zur Marokkoangelegenheit</p> <p>Der Parteitag der deutschen Sozialdemokratie zu Jena erhebt auf das nachdrücklichste Protest gegen jeden Versuch, einen männermordenden Krieg zwischen Kulturvölkern, wie sie das französische, englische und deutsche sind, hervorzurufen, der notwendig ein Weltkrieg werden müßte und mit einer allgemeinen Katastrophe enden würde.</p> <p>Die Bestrebungen einer großkapitalistischen Clique, in Marokko festen Fuß zu fassen, um es um so wirkungsvoller kolonialpolitisch auszubeuten und dafür Gut und Blut des deutschen Volkes in Anspruch zu nehmen, unter der verlogenen Vorgabe, „daß die Ehre und die Interessen der Nation“ dieses erfordern, weist der Parteitag als bewußte Fälschung der Tatsachen und schamlose Heuchelei zurück.</p> <p>Die einzigen, die hüben und drüben an dieser Verhetzung verschiedener Kulturvölker ein</p>	<p>Proposta 71 – Diretoria, p. 160: (aprovada)</p> <p>Resolução sobre a questão Marrocos</p> <p>O congresso da social-democracia alemã em Jena protesta vigorosamente contra qualquer tentativa de provocar uma guerra assassina entre povos civilizados como são o francês, o inglês e o alemão e que necessariamente se transformaria em uma guerra mundial e terminaria com uma catástrofe generalizada.</p> <p>O congresso rejeita os esforços de uma malta de grandes capitalistas de fixar seus pés no Marrocos para o explorar colonialmente de um jeito mais efetivo e para tal recorre aos bens e sangue do povo alemão sob a falsa divisa de que "a honra e os interesses da nação" o exigem como uma falsificação consciente dos fatos e hipocrisia descarada.</p> <p>Os únicos de cada lado que têm interesse nessa inquietação de diferentes povos civilizados são, além dos piratas coloniais, os chauvinistas da água e da terra, cuja oficina é a guerra, que tem sede de Avancement e condecorações e os</p>
---	---

Interesse haben, sind neben den Kolonialpiraten die Chauvinisten zu Wasser und zu Lande, deren Handwerk der Krieg ist, die nach Avancement und Auszeichnung dürsten, und die Fabrikanten und Lieferanten von Kriegsmaterial aller Art, die durch den Krieg ungeheure Gewinne in die Tasche stecken auf die Gefahr hin, daß Hunderttausende von Menschen in diesen Kämpfen zugrunde gehen, Millionen in Not und Unglück gestürzt werden.

Nur den seit vielen Jahren betriebenen Hetzereien der interessierten Kreise ist es zu danken, daß Mittel- und Westeuropa wiederholt in einen Zustand kriegesischer Unruhe versetzt wurden. Diese Beutemacher versuchten dabei die Reichsregierung in die Rolle des gefügigen Handlangers zu drängen, damit sie die Wehr- und Volkskraft der Nation ihren Interessen opfere. Der Grad, in dem ihnen dieses gelang, zeigt, wie sehr die heutigen Regierungen nur der Verwaltungsausschuß für die Interessen der besitzende Klassen sind.

Der Parteitag weist mit Empörung diese dem Volke gemachten Zumutungen zurück und erwartet, daß insbesondere die deutsche Arbeiterklasse jedes mögliche Mittel anwendet, um einen Weltkrieg zu verhindern.

Der Parteitag fordert die sofortige Einberufung des Reichstags, damit der Volksvertretung Gelegenheit gegeben wird, ihre Meinung zu äußern und den volksfeindlichen Machinationen entgegenzutreten.

fabricantes e fornecedores de material de guerra de todo tipo que com a guerra metem no bolso enormes ganhos contabilizando que centenas de milhares de homens perecem nessas lutas, milhões são derrubados pela necessidade e miséria.

É apenas graças à, já há muitos anos, intensa correria dos círculos interessados que a Europa central e ocidental tenha passado por um estado de inquietação bélica repetitivo (ou constante).

Esses despojadores tentaram empurrar para o governo do Império o papel de criado conformado, com isso eles sacrificam pelos seus interesses o exército da nação e a força de seu povo. O grau em que eles conseguem isso mostra o quanto o governo de hoje é apenas um comitê administrativo para os interesses da classe proprietária.

O congresso rejeita com indignação esses desaforos criados para o povo e espera que, especialmente a classe trabalhadora alemã utilize todos os meios possíveis para evitar uma guerra mundial.

O congresso exige a convocação imediata do *Reichstag* para que seja dada aos representantes do povo oportunidade de expressar seu pensamento e se opor às maquinações inimigas do povo.

CONGRESSO DE CHEMNITZ, 1912

Resolution Haase, s. 529-530: (angenommen)

Der Imperialismus

Die unter Verkümmern der Lebenshaltung des ausgebeuteten Proletariats gewaltig entwickelte Produktion treibt zur

Resolução Haase, p. 529-530 (aprovada)

O Imperialismo

Sob o definhamento das condições de vida do proletariado explorado, impele a produção enormemente desenvolvida à expansão dos

Erweiterung der Märkte, die riesige Anhäufung des Kapitals drängt nach neuen Anlagegebieten und Verwertungsmöglichkeiten.

Mit der zunehmenden Ausfuhr von Waren und Kapital von Produktion und Transportmitteln wird der Weltverkehr immer mehr gesteigert und die Weltwirtschaft ausgebreitet. Die durch das Schutzzollsystem mächtig geförderten Organisationen der Unternehmer, Kartelle und Trusts, die das Wirtschaftsleben in steigendem Maße beherrschen, nutzen ihren Einfluß auf die Regierung ihres Staates aus, um die staatlichen Machtmittel ihren Expansionsbestrebungen dienstbar zu machen, von dem Wirtschaftsgebiet der Welt große Teile ihrer Einfluß- und Machtsphäre zu unterwerfen und fremde Konkurrente auszuschließen. Zu diesem Zweck ist die brutalste Gewalt willkommen, wenn sie Erfolg verspricht. Eine skrupellose Raub- und Eroberungspolitik, deren volksfeindlichen Charakter bereits der Parteitag in Mainz im Jahre 1900 gebrandmarkt hat, ist Folge dieser imperialistischen Ausdehnungsbestrebungen. Um Beutezüge siegreich durchzuführen und den Raub in Sicherheit zu bringen, werden die Mordwerkzeuge in unerhörter Weise vermehrt und vervollkommen.

Zwischen den Staaten, deren Kapitalistenklasse dasselbe Expansionsbedürfnis hat und zu seiner Befriedigung dasselbe Ziel verfolgt, entstehen schwere Verwickelungen und scharfe Gegensätze, die wiederum den Antrieb für bis zum Wahnsinn vermehrte und verstärkte Rüstungen geben.

Die dadurch erzeugte Gefahr eines verheerenden Weltkrieges wird noch verschärft durch die schamlose Hetze der Kapitalmagnaten und Junker, die an der Lieferung von Kriegsmaterial, an der Vergrößerung des

mercados, a enorme acumulação de capital pressiona para novas áreas de investimento e possibilidades de valorização.

Com a crescente exportação de mercadorias e capital, de produção e meios de transporte cresce sempre mais o tráfego mundial e se expande a economia mundial. As organizações dos empresários, cartéis e trustes, que dominam a vida econômica em crescente medida e são fomentadas imensamente pelo protecionismo, aproveitam-se de suas influências sobre os governos de seus Estados para utilizar a força estatal nos seus esforços expansionistas para subjugar áreas econômicas do mundo à sua esfera de influência e poder e excluir concorrências estrangeiras. Para tal fim, a violência mais brutal é bem-vinda, se ela promete sucesso. Uma política inescrupulosa de roubo e conquista, cujo caráter de inimigo do povo foi acusado no congresso de Mainz em 1900, é resultado desses esforços expansionistas imperialistas. Para executar proveitosas empresas de espoliação e trazer o butim em segurança, é ampliada e aperfeiçoada de maneira inaudita o instrumento de assassinato.

Entre os Estados, cujas classes capitalistas tem a mesma necessidade de expansão e seguem o mesmo objetivo para a sua satisfação, surgem graves complicações e fortes contradições, que dão novamente o impulso para multiplicação e reforço dos armamentos até o desvario.

O assim produzido perigo de uma guerra mundial devastadora será ainda mais inflamado pela desavergonhada corrida dos magnatas do capital e *Junkers*, que tem especial interesse no fornecimento de material de guerra, no aumento do funcionalismo público e dos principais postos no exército e marinha.

O imperialismo fortalece o poder do afiador, ameaça o direito de coalizão e impede o

Beamtenapparates und der leitenden Stellen in Heer und Marine besonderes Interesse haben.

Der Imperialismus stärkt die Macht der Scharfmacher, gefährdet das Koalitionsrecht und hemmt die Fortentwicklung der Sozialpolitik. Die Rüstungsausgabenbürden den Massen, des Volkes unerträgliche Lasten auf, während die Teuerung aller Lebensmittel ihre Gesundheit untergräbt.

Die bürgerlichen Parteien sind durchweg in den Bann des Imperialismus geraten, sie bewilligen widerstandslos alle Forderungen für Heer und Marine. Die Sozialdemokratie bekämpft auf das nachdrücklichste imperialistische und chauvinistische Bestrebungen, wo immer sie sich zeigen mögen, pflegt dagegen mit aller Entschiedenheit die internationale Solidarität des Proletariats, das nirgends feindselige Gefühle gegen ein anderes Volk hegt.

Wenn auch der Imperialismus, der ein Ausfluß der kapitalistischen Wirtschaftsweise ist, nur mit dieser vollständig überwunden werden kann, so darf doch nichts unterlassen werden, um seine gemeingefährlichen Wirkungen zu mildern.

Der Parteitag bekundet den entschlossenen Willen, alles aufzubieten, um eine Verständigung zwischen den Nationen herbeizuführen und den Frieden zu hüten.

Der Parteitag verlangt, daß im Wege internationaler Vereinbarungen dem Wettrüsten ein Ende gemacht wird, das den Frieden bedroht und die Menschheit einer furchtbaren Katastrophe entgegentreibt.

Der Parteitag fordert an Stelle beutegieriger Eroberungspolitik die Freiheit des Weltverkehrs und die Beseitigung des nur der Bereicherung von Kapitalmagnaten und Großgrundbesitzern dienenden Schutzzollsystems.

Der parteitag erwartet, daß die Parteigenossen ihre ganze Kraft unermüdlich für

desenvolvimento da política social. As despesas armamentistas imputam às massas, ao povo, um peso insuportável, enquanto o encarecimento dos alimentos arruína sua saúde.

Os partidos burgueses caíram, sem exceção, no encanto do imperialismo, eles concedem sem resistência todas as exigências para o exército e a marinha. A social-democracia combate o mais vigorosamente os esforços imperialistas e chauvinistas, onde quer que eles estejam, contra isso, ela zela com toda determinação pela solidariedade internacional do proletariado, que em parte alguma nutre sentimentos hostis contra outro povo.

Embora o imperialismo, que é um escoamento do modo de produção capitalista, só possa ser completamente superado com este, não se deve deixar passar nada que diminua seus efeitos perigosos para a comunidade.

O congresso manifesta o desejo resolutivo de mobilizar tudo para promover entendimento entre as nações e cuidar da paz.

O congresso exige que por meio de acordos internacionais seja posto fim à corrida armamentista, que ameaça a paz e joga contra a humanidade uma catástrofe terrível.

O congresso reivindica ao invés da política de conquista ávida por butim, a liberdade do tráfego mundial e a eliminação do protecionismo que serve apenas ao enriquecimento dos magnatas do capital e de grandes proprietários.

O congresso espera que os camaradas de partido engajem toda a sua força incansável no alargamento da organização política, sindical e cooperativista do proletariado consciente para combater o violento imperialismo com forças ampliadas até que seja derrotado. Esta é a tarefa do proletariado: transpor o mais alto estágio alcançado pelo capitalismo na sociedade socialista

den Ausbau der politischen, gewerkschaftlichen und genossenschaftlichen Organisation des klassenbewußten Proletariat einsetzen werden, um mit verstärkter Wucht den gewalttätigen Imperialismus zu bekämpfen, bis er niedergerungen ist. Ist es doch die Aufgabe des Proletariats, den auf die höchste Stufenleiter gebrachten Kapitalismus in die sozialistische Gesellschaft überzuführen und so den Frieden, die Selbständigkeit und die Freiheit der Völker dauernd zu sichern.

e, assim, assegurar permanentemente a paz, a autonomia e a liberdade dos povos.

MANUSCRITO DE ROSA LUXEMBURG

Fonte: Barch NY 4002/75 Bl. 46-47

1857 I Weltkrise

Abschaffung der Kornzölle und seitdem Uebergang England zum Freihandel. Die Freihändler prophezeiten, dass die Krisen niemehr aufhören würden.

Entdeckung der Goldlager in Californien und Australien eröffnete für die engl. Industrie neue Märkte (1850 u 51); die Goldprod. - bis dahin hauptsächlich Brasilien, Sibirien, stieg von durchschn. Jährl. 150 Mill. Mark auf 760 M. im J. 1853 (jetzt, 1909 – 460 Mill. Doll) Die Beendigung des Krimkrieges 1856 gab der engl. Industrie neue Ausdehnung.

Inzwischen hatte sich aber der kap. Industrie auch in anderen europ. Ländern nach der Revolution 1848 entwickelt. Deshalb wirkte die Krise auch auf Deutschland, Schweden, Dänemark, vor allem aber Ver. Staaten.

Unter dem Eindruck der polit. Unruhen (1848) strömten euro. Kapit. massenhaft nach den Ver. St. Nach einer Schätzung von Schäffle waren 1849-54 1000 Millionen Gulden ($G = \pm 2$ Mark) in amerikanischen Papieren angelegt, England allein

1857 1ª Crise Mundial

Abolição das tarifas de cereais e, desde então, passagem da Inglaterra para o livre comércio. Os defensores do livre comércio profetizaram que as crises nunca mais parariam.

Descobrimento de minas de ouro na Califórnia e Austrália abriu novos mercados para a indústria inglesa (1850 e 1851); a produção de ouro - até lá principalmente Brasil, Síria, cresceu de em média 150 milhões Mark ao ano para 760 Milhões em 1853 (agora, 1909 - 460 Milhões dólares). O fim da guerra da Criméia 1856 deu nova expansão à indústria inglesa.

No meio tempo, entretanto, desenvolveu-se a indústria capitalista também em outros países europeus depois da revolução de 1848. Por isso, a crise afetou também a Alemanha, Suécia, Dinamarca, mas especialmente os Estados Unidos.

Sobre a pressão de inquietações políticas (1848), os capitais europeus afluíram em massa para os Estados Unidos. Segundo um palpite de Schäffle, foram 1000 milhões de florins ($F = \pm 2$ Mark) colocados em papéis americanos em 1849-

hatte 1857 für 80 Mill £ amer. Papiere. In den Ver. St. enormer Aufschwung. Krimkrieg unterbrach russische Getreideausfuhr, was Amerika benutzte. Ankauf von Staatsländereien u Spekulation – zugleich Massenemigration aus Deutschl. u Russ-Polen nach den Ver. Staaten. 1852-53 wurden in den V. St. Staatsl. für 1,7 Mill Dol. gekauft, 1854-56 für 20,4 Mill. D. Daneben grossartiger Eisenbahnbau. 1856 Erweiterung des Eisenbahnnetzes der V. St. um 4 ½ Tausend Meilen und nach grössen prospektiert. Warenpreise stiegen, das zog die Einfuhr an. 1857 Wareneinf. gestiegen um 32 Mill D. Baumwoll[incompreensível], hohe Baumwollpreise, trotzdem enorme Erweiterung der Baumwollind. Kolossale Spekulation der amer. Banken u der Importhändler auf Wareneinfuhr aus Eur.

1857 ausgezeichnete Ernte in Europa u das gab den Stoss den Ver. St., [incompreensível] Getreideausfuhr hauptsache. Der Bankrott einer kleinen Bank gab das Signal zur Panik auf allen Börsen Amerikas. Sturz der Preise im XII 1857 im 20-30%.

Die amer. Krise verpflanze sich sofort nach England. Im Oktober Zahlungseinstell. einer Liverpooler Bank, darauf Panik in ganz Engl.

Von hier pflanzte sich fort nach Frankreich (der Diskont stets 4%, nur 1847 5%, im XI 1857 10%!)

Zugleich folgte der Sturz in Hamburg, von da aus nach Preussen, u zugleich nach Schweden u [Dänemark], und Südamerika, mit denen Hamburg in starkem Verkehr stand.

54. A Inglaterra sozinha tinha em 1857 80 milhões de libras em papéis americanos. Nos Estados Unidos enorme incremento. A guerra da Criméia interrompeu a exportação de cereal russa, o que a América utilizou. Compra de terras do Estado e especulação - ao mesmo tempo, imigração em massa da Alemanha e Polônia russa para os Estados Unidos - 1852-3 foram compradas terras do Estado nos Estados Unidos por 1,7 milhões de dólares, 1854-6 por 20,4 milhões. Ao lado disso, grandiosas construções de ferrovias. 1856 ampliação da rede de ferrovias dos Estados Unidos em 4 ½ mil milhas e muita prospecção. Os preços das mercadorias subiam, isso atraiu a importação. 1857 a importação de mercadorias cresceu em 32 milhões de dólares. [...] de algodão, alto preço do algodão, apesar disso, enorme ampliação da indústria algodoeira. Especulação colossal dos bancos americanos e dos importadores sobre as importações de mercadorias europeias.

1857 excelente safra na Europa e isso deu o empurrão para os Estados Unidos, [...] principalmente exportação de cereais. A bancarrota de um pequeno banco deu o sinal de pânico para todas as bolsas da América. Queda dos preços em XII 1857 em 20-30%.

A crise americana transplantou-se imediatamente para Inglaterra. Em outubro, suspensão de pagamentos em um banco em Liverpool, a partir daí, pânico em toda a Inglaterra.

Daqui transportou-se instantaneamente para a França (o desconto constantemente 4% apenas 1847 5%, em XI 1857 10!)

Concomitantemente seguiu-se a queda em Hamburgo, de lá para a Prússia e também para a Suécia e Dinamarca, e América do Sul com a qual Hamburgo tinha uma forte circulação.

BIOGRAFIAS

AUER, Ignaz (1846-1907) nasceu em Dommelstadl, Alemanha.

Era “seleiro” (*Sattler*), pessoa que fabricava e reparava selas e outros materiais de couro resistente. Um dos responsáveis pela união do partido em 1875, trabalhou muito tempo na organização do movimento operário, inicialmente na associação dos seleiros e depois no SPD. Foi membro da diretoria do partido desde 1890 e da fração do *Reichstag* entre 1898 e 1907. A unidade da organização era um princípio para ele, pertencendo ao grupo dos revisionistas em seus últimos anos de vida.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_a/auer-ig.htm, data de acesso 13 nov. 2014, e <http://www.deutsche-biographie.de/sfz1509.html#ndbcontent>, data de acesso 17 nov. 2015.

BARTELS, Friedrich Johann Carl (1871-1931) nasceu em Pommern, Alemanha.

Era pintor (*Malerhandwerk*). Mudou-se para Hamburgo, onde representou o SPD em 1904, e em 1906 tornou-se secretário do partido para a região Schleswig-Holstein. Entrou para a direção do SPD em 1913.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_b/bartels-fr.htm, data de acesso 17 nov. 2015.

BAUDERT, Friedrich Louis August (1860-1942) nasceu em Apolda, Alemanha.

Era tecelão (*Strumpfwirker*). Trabalhou em diversas cidades, foi redator de vários jornais e cofundador da Liga de Trabalhadores Têxteis (*Textilarbeiterverband*). Parlamentar de 1898 a 1906 e depois eleito em 1912. De 1906 a 1919 foi secretário regional do partido em Thüringen. Em 1918, foi delegado no primeiro congresso de conselhos em Berlim.

Fonte: <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/bsb00003460/images/index.html?id=00003460&groesser=&fip=eayasdasewqeayaenxsqrsxdsydw&no=1&seite=204> e http://www.bundesarchiv.de/aktenreichskanzlei/1919-1933/0011/adr/adrag/kap1_2/para2_46.html, data de acesso 14 jan. 2016.

BAUER, Otto. (1881-1938) nasceu em Viena, Áustria.

Estudou na Universidade de Viena e formou-se Doutor. Era da ala radical ao entrar para a social-democracia. Em seu escrito *Weg zum Sozialismus*, de 1919, defendia a transformação socialista sem a destruição econômica. Era a favor de uma assembleia nacional constituinte

entre alemães e austríacos. Considerado um austromarxista.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz2277.html#ndbcontent> , data de acesso 14 jan. 2016.

BEBEL, August Ferdinand (1840-1913) nasceu em Köln-Deutz , Alemanha.

Era torneiro de madeira (*Drechsler*). Mudou-se para Leipzig em 1860 onde entrou em contato com o movimento operário. Tornou-se político, jornalista e dirigente do SPD tendo pertencido a direção de 1892 até a sua morte e eleito para o *Reichstag* desde 1877 até 1912. Bebel era a figura que tentava unificar o partido, construindo propostas de consenso. Dirigente da organização a vida toda, foi um grande orador e autor de livros muito lidos na época como *Frau und der Sozialismus*.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_b/bebel-au.htm, data de acesso 27 nov. 2014; e <http://www.deutsche-biographie.de/sfz2440.html#ndbcontent>, data de acesso 17 nov. 2015.

BERNSTEIN, Eduard (1850-1932) nasceu em Berlim, Alemanha.

Político e jornalista, membro do SPD desde sua fundação em 1875. Em 1878, emigrou para a Suíça por causa das leis antissocialistas e depois para a Inglaterra, onde permaneceu de 1888 até 1901, quando pode retornar para a Alemanha. Em Londres, estudou economia política com Engels. Durante todo o período, colaborou com numerosos jornais social-democratas, sendo uma das principais personagens do revisionismo. Foi deputado pelo *Reichstag* em 1902 e 1912.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_b/bernstein-ed.htm, data de acesso 13 nov. 2014; e <http://www.deutsche-biographie.de/sfz4076.html#ndbcontent>, data de acesso 17 nov. 2015.

BLUME, Georg (1849-1921) nasceu em Hildesheim, Alemanha.

Era carpinteiro (*Tischler*). Membro do SPD pelo menos desde 1880.

Fonte: http://zhsf.gesis.org/ParlamentarierPortal/biosop_db/biosop_db.php?id=20840, data de acesso 17 nov. 2015.

BOCK, Friedrich Louis Wilhelm (1846-1931) nasceu em Großbreitenbach, Alemanha.

Era sapateiro e fixou-se em Gotha em 1869. Em 1873, tornou-se presidente do Sindicato Alemão de Sapateiros (*Deutsche Schuhmachergewerkschaft*) e redator do jornal da

instituição. Parlamentar no *Reichstag* pela social-democracia entre 1884 e 1887, 1890 e 1906 e eleito novamente em 1912. Era redator em Gotha.

Fonte: <http://daten.digitalle-sammlungen.de/~db/bsb00003460/images/index.html?id=00003460&groesser=&fip=eayasdasewqeayaenxsqrsxdsydw&no=1&seite=216>, data de acesso 14 jan. 2016

BÖMELBURG, Theodor (1862-1912) nasceu em Westönnen, Alemanha.

Era pedreiro (trabalhador qualificado) e líder sindical. Entrou no SPD em 1887 e foi eleito deputado em 1903 e 1907.

Fonte: <http://daten.digitalle-sammlungen.de/~db/bsb00003459/images/index.html?nativeno=220>, data de acesso 17 nov. 2015.

BRAUN, Otto (1872-1955) nasceu em Königsberg, hoje a província russa de Kaliningrado que era da Prússia até o final da Segunda Guerra Mundial.

Político e tipógrafo. Membro do SPD desde 1888, teve diferentes cargos dirigentes na organização entre eles o de presidente do SPD na Prússia Oriental e membro da comissão de controle, também participou como redator de jornais e calendários.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_b/braun-ot.htm, data de acesso 17 nov. 2015.

BRÜHL, Paul (1876-1950) nasceu em Hirschberg, Alemanha.

Era serralheiro de máquinas (*Maschinenschlosser*). Foi secretário do partido desde 1912 e em 1912-1913 pertenceu a direção. Pertenceu ao USPD retornando ao antigo partido em 1922. Foi membro da assembleia nacional constituinte de 1919/20.

Fonte: <http://daten.digitalle-sammlungen.de/~db/bsb00000001/images/index.html?nativeno=190>, data de acesso 17 nov. 2015.

CALWER, Richard (1868-1927) nasceu em Esslingen, Alemanha.

Formado em teologia e economia política, cursou as universidades de Tübingen, München e Berlin, entrando para a redação do jornal social-democrata “*Braunschweiger Volksfreund*” em 1891. Era defensor do revisionismo, mas independente de Bernstein, divulgando suas ideias publicamente, o que levou à divergências com a direção e sua saída da organização em 1909. Mesmo assim, continuou muito próximo ao movimento operário, chefiando a seção sobre economia de jornais da Comissão Geral (*Generalkommission*) dos sindicatos da

Alemanha. Defendia, com David, a aliança com deputados burgueses.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz7775.html#ndbcontent> , data de acesso 14 jan. 2016.

DAVID, Eduard Heinrich Rudolph (1863-1930) nasceu em Ediger, Alemanha.

Estudou para trabalhar no comércio, mas já na época se juntou aos socialistas e em 1893 fundou um jornal. Ao entrar para o partido, perdeu seu cargo de professor ginásial e adquiriu proeminência na discussão social-democrata acerca de uma política agrária para os camponeses. Foi parlamentar pelo SPD desde 1903 até 1930. Participou ativamente na formulação da política do partido durante o período da guerra e, após a revolução, foi o primeiro presidente da Assembleia Nacional de Weimar em 1919.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz9391.html#ndbcontent> data de acesso 14 jan. 2016.

EBERT, Friedrich (1871-1925) nasceu em Heidelberg, Alemanha.

Era “seleiro” (*Sattler*). Entrou na vida sindical por influência de um tio e em 1889 era secretário de atas (*Schriftführer*) da Liga dos Seleiros. Desde 1893, pertenceu à comissão de imprensa do *Bremer Bürger-Zeitung*. Teve cargos sindicais, sendo muito ativo em atividades dessas organizações. Em 1905, entrou para a direção do partido como secretário. Foi eleito deputado para o *Reichstag* em 1912 e escolhido presidente do partido no ano seguinte. Em 1918, declarou a república na Alemanha e destituiu a monarquia ao mesmo tempo em que Karl Liebknecht, mas a contragosto, o fez somente para evitar maior radicalização. Foi também responsável, junto com Gustav Noske, pela derrota do levante em Berlim em 1919 e pelas mortes de Liebknecht e Luxemburg. Assumiu a presidência em fevereiro de 1919, permanecendo até o final de 1924.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz12329.html#ndbcontent> data de acesso 19 abr. 2016.

ECKSTEIN, Gustav (1875-1916) nasceu em Viena, Áustria.

Estudou na Universidade de Viena e se formou doutor. Uniu-se à social-democracia ainda na faculdade, influenciado pelo movimento pelo sufrágio. Trabalhou (*Mitarbeiter*) no *Vorwärts*, *Leipziger Volksblatt*, *Kampf* e *Neue Zeit*. Em 1910, lecionou na escola do partido e logo em seguida assumiu a redação da *Neue Zeit*. Considerado austromarxista.

Fonte: <http://www.biographien.ac.at/oeb1?frames=yes> data de acesso 19 abr. 2016

EICHHORN, Emil (1863-1925) nasceu em Röhrsdorf, Alemanha.

Era mecânico até se tornar funcionário do partido em 1893 como redator em Dresden, depois em Mannheim em 1900, entre outros cargos. Foi deputado no *Reichstag* entre 1903 e 1911 e era próximo dos radicais. Integrou o USPD em 1917 e esteve ao lado dos radicais na revolução de 1918 como chefe de polícia em Berlim. Em 1920, foi deputado pela bancada comunista.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz12764.html#ndbcontent> data de acesso 19 jan. 2016.

EISSNERT, Leonhard (1866-1949) nasceu em Reichenberg, Alemanha.

Era carpinteiro e entre 1897 e 1920 foi comerciante de cigarros e também de livros. Presidente da comissão de imprensa do jornal *Abendblattes* em Offenbacher a. M. entre 1910 e 1914.

Fonte: http://zhsf.gesis.org/ParlamentarierPortal/biosop_db/biosop_db.php data de acesso 19 jan. 2016.

v. ELM, Johann Adolph (1857-1916) nasceu em Hamburg, Alemanha.

Fazia cigarros. Aos 20 anos, era membro do movimento socialista como sindicalista e teve que emigrar na época das leis antissocialistas, passando quatro anos nos Estados Unidos. Depois da revogação das leis, ajudou a fundar a Comissão Geral dos Sindicatos Alemães (*Generalkommission*). Entre 1894 e 1907 foi membro do *Reichstag*. Teve inúmeras iniciativas reformistas, como a fundação da cooperativa de consumo em Hamburgo.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz13081.html#ndbcontent> data de acesso 19 jan. 2016

ERNST, Eugen (1864-1954) nasceu em Murowana-Goslin, na província de Posen, que pertenceu desde 1918 à Polônia.

Era tipógrafo de formação. Entrou para o SPD em 1886 após começar a participar do movimento sindical. Foi *Verstrauersmann* do distrito eleitoral Berlim 6 entre 1897-1900 e 1902-1905. De 1903 a 1918 foi zelador da tipografia do *Vorwärts*. Após a revolução, em 1919, tornou-se ministro e presidente da polícia em Berlim e também participou da Assembleia de 1919 a 1920. Já na Alemanha Oriental, era membro do SED (*Sozialistische*

Einheitspartei Deutschlands) e publicou uma autobiografia em 1946.

Fonte: http://zhsf.gesis.org/ParlamentarierPortal/biosop_db/biosop_db.php data de acesso 23 mai. 2016.

FISCHER, Richard (1855-1926) nasceu em Kaufbeuren, Alemanha.

Era tipógrafo de formação e se filiou ao SPD em 1873. Foi eleito para o *Reichstag* em todas as eleições de 1893 a 1912 pelo distrito de Berlim 2, mas sua cidade natal localiza-se na Bavária, ao sul do país. Trabalhou na impressão do jornal *Die Sozialdemokrat* em Zurique e Londres de 1880 a 1890 quando passou a secretário da direção. E em 1893 tornou-se gerente da livraria-editora *Vorwärts* e em seguida da livraria e tipografia *Paul Singer*. Membro da direção de 1907 a 1912 e redator da Assembleia Nacional de 1919-1920.

Fonte: http://zhsf.gesis.org/ParlamentarierPortal/biosop_db/biosop_db.php data de acesso 23 mai. 2016.

FRIEDEBERG, Raphael (1863-1940) nasceu em Tilsit, Prússia oriental (atualmente Rússia).

Era médico, judeu e membro do SPD. Foi o primeiro dono do *Sozialistische Monatshefte*. Militante ativo das causas da saúde. Durante sua atividade política mudou seu pensamento aproximando-se mais do anarquismo, especialmente no período de 1904/5, início de sua desilusão com o SPD e sua política parlamentarista, bem como com o sindicalismo pouco ativo. Aproximou-se, então, dos sindicalistas de oposição em Berlim, defendia a greve geral e o sindicalismo antiparlamentar. Em 1907, participou do III Congresso Internacional de Anarquistas em Amsterdam e foi expulso do SPD. Militou até 1909, depois se dedicou à carreira médica.

Fonte: Biographical Dictionary of European Labor Leaders, vol. 1, p. 325-6.

FROHME, Karl Franz Egon (1850-1933) nasceu em Hannover, Alemanha.

Era engenheiro mecânico de formação, mas dedicou-se à política e à escrita. Ingressou no SPD na sua fundação em 1875 e desde então foi membro de diferentes redações de jornais social-democratas. Foi membro do *Reichstag* de 1881 a 1920. Pertencia à ala reformista do partido.

Fonte: <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/bsb00000001/images/index.html?nativeno=216> data de acesso 19 abr. 2016.

GERISCH, Karl Alwin (1857-1922) nasceu em Rautenkranz, Alemanha.

Formou-se engenheiro mecânico em 1874 e entrou para o SPD logo depois, militando no movimento dos trabalhadores concomitantemente. Em 1890, tornou-se presidente do partido ao lado de Paul Singer e em 1892 tornou-se tesoureiro até 1912. Foi eleito para o *Reichstag* em 1894 e 1903 e apoiou a maioria na questão dos créditos de guerra com o argumento de que a guerra era contra o reacionarismo russo opondo-se a conquistas por parte da Alemanha.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/stichwort/gerisch.htm data de acesso 23 mai. 2016.

GEYER, Friedrich August Carl (1853-1937) nasceu em Großenhain, Alemanha.

Fabricava charutos (*Zigarrenmacher*) e entrou para o sindicato da categoria em 1868 sendo membro da direção da seção na Saxônia entre 1869 e 1874. Entrou para o SPD logo em sua fundação e fundou uma fábrica de charutos com outros socialdemocratas em 1882. Trabalhou em redações de jornais socialistas e sindicais. Co-fundador do USPD em 1917, migrou para o KPD em 1920 mas o deixou também por não participar da revolta de março.

Fonte: [http://saebi.isgv.de/biografie/Friedrich_Geyer_\(1853-1937\)](http://saebi.isgv.de/biografie/Friedrich_Geyer_(1853-1937)) data de acesso 06 jun. 2016.

GRUMBACH, Salomon (1884-1952) nasceu em Mülhausen, Alsácia, à época pertencia à Alemanha.

Filou-se ao SPD em 1902. Foi enviado à Paris em 1908 como correspondente do *Vorwärts* e lá permaneceu até 1914. Recusou-se a se alistar no exército alemão, fugindo para Genebra onde continuou sua atividade para o partido. Foi preso nos anos 1940 durante a ocupação nazista da França e se alistou na resistência.

Fonte: http://webopac.hwwa.de/digiview/DigiView_PND.cfm?PND=124349714, data de acesso 04 jun. 2016.

GRÜNBERG, Helene (1874-1928) nasceu em Berlim, Alemanha.

Era alfaiate. Entrou no SPD em 1890 e em 1896 entrou para o movimento sindical organizando principalmente as faxineiras. Foi a primeira mulher a ser secretária do movimento operário com remuneração.

HAASE, Hugo (1863-1919) nasceu em Allenstein, Prússia oriental (atualmente Polônia).

Era advogado. Foi membro da direção do SPD entre 1911 e 1916 e ajudou a fundar o USPD em 1917. Defendia os princípios do partido acima de tudo e representava a síntese do programa de Erfurt, era pela unidade, pacifista e combatia a militarização e o imperialismo. Foi eleito com o apoio da esquerda, mas não abriu mão da advocacia, exercendo a função apenas em meio período.

Fonte: SCHORSKE, Carl E.. *German Social Democracy: 1905-1917: the development of the great schism*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

HEINE, Wolfgang. (1861-1944) nasceu em Posen, anexação alemã das partições da Polônia.

Era advogado, político e escritor. Foi membro do *Reichstag* entre 1898 e 1918. Era contra qualquer justiça classista, aquela que representa interesses de uma classe específica. Para os marxistas, o termo *Klassenjustiz* é usado para a justiça que defende a burguesia, mas como reformista Heine achava que uma justiça que atendesse aos interesses da classe trabalhadora não deveria ser o objetivo da social-democracia. Pertencia à ala direita do partido e trabalhou para o *Sozialistische Monatshefte* e o *Berliner Tageblatt*. Participou do governo após a revolução de 1918.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_h/heine-wo.htm e <http://www.deutsche-biographie.de/sfz28921.html#ndbcontent>, data de acesso 23 mai. 2016.

HELPHAND, Alexander (1867-1924) nasceu na Rússia, conhecido como **Parvus**.

Foi o primeiro imigrante do leste europeu a ser reconhecido na social-democracia alemã como um teórico e político importante. Era contra o revisionismo e acreditava que a luta deveria ter objetivos políticos práticos para transformar o Estado por dentro, alcançando posições de poder e as utilizando como alavancas para a revolução.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz29615.html>, data de acesso 4 dez 2014.

HENKE, Alfred (1868-1946) nasceu em Altona, Alemanha.

Trabalhava com charutos (*Zigarrenarbeiter*) e militava no movimento sindical com os trabalhadores do tabaco. Transformou-se em redator de 1900 a 1922 do *Bremer Bürger-Zeitung* e foi eleito para o *Reichstag* em 1912, participando também da Assembleia Nacional em 1919. Encontrava-se na ala esquerda do partido trabalhando conjuntamente com Luxemburg, Mehring e Pannekoek em diversos momentos. Foi para o USPD em 1917 com a

divisão do partido retornando com a reunificação em 1922. Durante a Revolução Alemã teve importante papel na república dos conselhos formada em Bremen (*Bremer Räterepublik*), com o ataque das tropas do governo, envolveu-se na Assembleia Nacional.

Fonte: <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/bsb000000005/images/index.html?nativeno=361> e http://zhsf.gesis.org/ParlamentarierPortal/biorabkr_db/biorabkr_db.php?id=990, data de acesso 23 mai. 2016.

HILFERDING, Rudolf. (1877-1941) nasceu em Viena, Áustria.

Doutor em medicina pela Universidade de Viena. Por volta de 1901, entrou no movimento social-democrata e em 1902 trabalhava para a revista *Die Neue Zeit*. Em 1906 tornou-se professor na escola do partido, mas precisou deixar logo a atividade por causa da perseguição da polícia prussiana, passando a redator do *Vorwärts*. Em 1910, publicou sua obra *Das Finanzkapital* que refuta a ideia de colapso econômico, embora defenda que a fase do capital financeiro (controle do capital industrial pelos bancos) era a última do capitalismo, no entanto, o fim do sistema viria apenas com uma luta política, enfatizando a subjetividade. Foi contra a concessão dos créditos de guerra pela social-democracia. Chamado para ser médico na guerra em 1915, teve que sair da redação do *Vorwärts* e ingressou no USPD apenas em 1919, após o fim do conflito, retornando ao SPD em 1922. Exilou-se na França e ao ser descoberto pela polícia francesa em 1941, foi entregue aos funcionários alemães e assassinado pela Gestapo.

Depois de 1919, desenvolveu a teoria do “capitalismo organizado” segundo a qual a social-democracia poderia desenvolver reformas estruturais pacificamente, modificando o funcionamento do sistema, mas sem derrubá-lo propriamente.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz32311.html#ndbcontent> data de acesso 23 mai. 2016.

HOCH, Gustav (1862-1942) nasceu em Neubrück (Posen), anexação alemã das partições da Polônia.

Estudou ciências do Estado (*Staatswissenschaft*) e ingressou no SPD em 1888. Trabalhou em jornais do partido como o *Frankfurter Volksstimme* na década de 1890, era também redator de jornais sindicais e colaborava as vezes com o *Die Gleichheit*, jornal feminista do SPD. Foi eleito como deputado do *Reichstag* em 1898, 1907 e 1912, participando também da Assembleia Nacional em 1919/20. Morreu em um campo de concentração por ter origem

judia.

Fonte: <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/bsb00000003/images/index.html?nativo=263> data de acesso 23 mai. 2016

KAUTSKY, Karl (1854-1938) nasceu em Praga, na época parte do Império Austro-Húngaro, atualmente capital da República Tcheca.

Jornalista e teórico socialista. Aderiu ao socialismo por volta de 1875 através da amizade com Eduard Bernstein na época da unificação dos partidos: *Allgemeiner Deutscher Arbeitsverein* de Lassale e *Sozialistische Arbeiter Partei Deutschlands (SAPD)* de Bebel e Wilhelm Liebknecht. Fundou a revista científica do SPD, *Die Neue Zeit*, em 1883. É reconhecido como o teórico da social-democracia alemã e permaneceu entre o revisionismo e o radicalismo durante a década de 1910. Tornou-se membro do USPD em 1917.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_k/kautsky-ka.htm, data de acesso 23 mai. 2016. Ver também MUSSE.

KOLB, Wilhelm (1870-1918) nasceu em Karlsruhe, Alemanha.

Era pintor, mas trabalhou em diversas funções no SPD. A partir de 1899, foi redator do *Karlsruhe Volksfreund*. Era dirigente do partido em sua cidade e defendia a posição reformista, fazendo alianças locais na câmara da região por ser deputado nos parlamentos regionais.

Fonte: *Die Wahre Jacob: illustrierte Zeitschrift für Satire, Humor und Unterhaltung*, n. 830, ano 35, 1918, p. 9484, disponível em <<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/wj1918/0078/image?sid=da9f47e25640085b33b19017652aeae2>> data de acesso 23 mai. 2016.

LEDEBOUR, Georg (1850-1947) nasceu em Hannover, Alemanha.

Trabalhou como comerciante em Hannover. Iniciou sua militância política em partidos liberais, mas se decepcionou com a inatividade deles e entrou para o SPD em 1891. Era crítico ao sistema imperial e contra alianças com partidos burgueses. Posição que defendeu no *Reichstag* entre 1900 e 1918. Com a guerra, colocou-se na oposição e se filiou ao USPD em 1917. Permaneceu até o final da vida em uma posição entre os comunistas e os social-democratas, opondo-se a Lenin e recusando a reunificação do USPD com o SPD.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz49653.html#ndbcontent>, data de acesso 29

mai. 2016.

LEGIEN, Carl Rudolf (1861-1920) nasceu em Marienburg, pertencente à Prússia na época (atualmente Polônia).

Era torneiro de madeira (*Drechsler*), trabalhando alguns anos no ofício através do qual iniciou suas atividades na social-democracia, ingressando no partido em 1885. Ingressou também no movimento sindical para o qual trabalhou complementando o pouco que recebia com trabalhos de meio período como torneiro. Ao ser escolhido para a *Generalkommission* em 1891 dedicou-se exclusivamente às atividades políticas. Foi também deputado pelo SPD no *Reichstag* em 1893, 1903, 1907 e 1912. Juntou-se aos apoiadores da política de união nacional, *Burgfrieden*.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz49735.html#ndbcontent>, data de acesso 29 mai. 2016

LENSCH, Paul. (1873-1926) nasceu em Potsdam, Alemanha.

Estudou Economia Política (*Nationalökonomie*), formou-se Doutor. Entrou em contato com a obra de Marx e Hegel durante os estudos, engajando-se no marxismo científico. Em 1902 tornou-se redator do *Leipziger Volkszeitung* e de 1908 a 1913 foi chefe-redator do mesmo jornal. Influenciado por Mehring e Luxemburg tornou-se um marxista radical, opondo-se ao revisionismo e à teoria da adaptação. Em 1913, retirou-se de suas funções no jornal para tomar posse como deputado eleito para o *Reichstag* em 1912. Em 1914, era um dos 14 deputados do SPD contra a concessão dos créditos de guerra. Mas logo depois mudou da ala esquerda radical para a direita nacionalista. A guerra para ele significava a luta da Alemanha desenvolvida contra a Inglaterra imperialista que queria barrar o socialismo. A vitória na guerra levaria ao desenvolvimento de um estado democrático e ajudaria na vitória do socialismo. Ele defendia um socialismo nacional, mas ficou isolado mesmo dentro do SPD. Foi expulso do partido em 1922 pelas críticas que fazia em um jornal defensor da indústria, *Deutschen Allgemeinen Zeitung*, promovendo sua ideia do socialismo como racionalização da economia.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz50254.html#ndbcontent>, data de acesso 29 mai. 2016.

LIEBKNECHT, Karl (1871-1919) nasceu em Leipzig, Alemanha.

Filho de Wilhelm Liebknecht. Estudou direito e economia política em Leipzig. Cumpru um ano de serviço militar como voluntário e, depois do doutorado, abriu uma firma de advocacia com o irmão Theodor em Berlim (1899). Entrou para o SPD em 1900 participando da câmara de Berlim até 1913 e foi eleito deputado para o *Reichstag* em 1912. Era conhecido por seu trabalho como advogado político, principalmente, para o movimento operário russo. Iniciou sua militância contra o militarismo após a publicação de um livro em 1907 permanecendo preso por isso até 1909. Em 1911, fez uma viagem para agitação política aos Estados Unidos. Rompeu com a disciplina partidária em dezembro de 1914 e foi o único deputado a rejeitar os créditos de guerra no *Reichstag*. A partir daí engajou-se fortemente na luta contra a guerra até que foi condenado a 4 anos e 1 mês de prisão em 1916, mesmo ano em que foi expulso do SPD. Solto em 1918, declarou a república socialista na revolução de novembro. Defendia a soberania dos conselhos e foi um dos líderes da radicalização de janeiro de 1919, tendo sido assassinado no dia 15 desse mês com Rosa Luxemburg a mando do governo social-democrata.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz51205.html#ndbcontent> 29 mai. 2016.

LIEBKNECHT, Wilhelm (1826-1900) nasceu em Giessen, Alemanha.

Estudou filosofia e foi professor em Zurique. Lutou na revolução de 1848 e na defesa da constituição no batalhão de trabalhadores. Fugiu para a Suíça em 1849 e trabalhou na associação de trabalhadores em Genebra. Preso e expulso do país em 1850, viveu até 1862 em Londres aproximando-se da família Marx. Em 1869, em Eisenach fundou o Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores (*Sozialdemokratische Arbeiterpartei*) junto com August Bebel. Permaneceu preso de 1872 a 1874, tendo sido eleito para o *Reichstag* neste ano. Participou da unificação de seu partido com a associação de Lassalle em 1875 criando o SPD e desde 1876 tornou-se dirigente do jornal central *Vorwärts*. Ao lado de Bebel, foi um dos principais dirigentes do SPD inclusive no *Reichstag*, ao qual pertenceu de 1888 até sua morte. Defendia a democracia como pressuposto do socialismo. Representava a ortodoxia marxista dentro do partido e circulava entre revisionistas e revolucionários. No final da vida, condenou a política colonial publicamente. Pai de Karl Liebknecht.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz51210.html>, data de acesso 29 mai. 2016.

MARCHLEWSKI, Julian. (1886-1925) nasceu em Włocławek, Polônia.

Fez o *Abitur* (exame do final do ensino médio), mas por problemas econômicos da família,

tornou-se tintureiro (*Färbereiarbeiter*).

Conheceu Luxemburg em 1893, em Zurique, depois que saiu da prisão, fundando com ela e Jogisches o que viria a ser o SDKPiL. Depois da revolução de 1905, quando foi para Warschau, escrevia artigos principalmente sobre economia política. Foi colaborador do *Leipziger Volkszeitung* até 1913, em 1914 tornou-se correspondente econômico do *Bremer Bürger-Zeitung* e fundador do *Sozialdemokratischen Korrespondenz* junto com Luxemburg e Mehring. Durante a guerra, pertenceu à Liga Spartakus e participou do comitê central do KPD em 1919. Até sua morte trabalhou para a diplomacia soviética. Estava em tratamento na Itália quando morreu por problemas de saúde antigos. Utilizava o pseudônimo de Jan Karski.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz58056.html#leben>

MEHRING, Franz. (1846-1919) nasceu em Schlawe, Pomerânia. Pertencia à Alemanha até 1945 (atualmente Polônia).

Estudou filologia clássica em Leipzig. Mudou para a Universidade de Berlin e se juntou ao movimento de burgueses radicais em 1868. Distanciou-se cada vez mais deles, especialmente por ser contra a Guerra Franco-Prussiana em 1871. Defendia os trabalhadores e sua obra histórica tem grande influência de Lassalle. Depois de muitos anos de debates e discussões com a social-democracia, de momentos de aproximação e afastamento, entrou para o SPD em 1891. Entre 1891 e 1912, escrevia o editorial (*Leitartikler*) da revista *Die Neue Zeit*, de 1902 a 1907 foi redator-chefe do *Leipziger Volkszeitung* e contribuía também para o *Vorwärts* e o *Die Wahre Jacob*. Foi também professor da escola do partido entre 1906 e 1910. A partir de 1912, cresceu sua oposição à direção e à maioria do partido, ficando em 1914 no grupo de oposição do SPD. Em 1916, fundou a Liga Spartakus e participou da criação do KPD em 1918/19. Morreu em janeiro de 1919, logo após as mortes de Liebknecht e Luxemburg.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz68711.html#ndbcontent>, 29 mai. 2016.

MICHELS, Robert (1876-1936) nasceu em Colônia, Alemanha.

Estudou história e economia política. Frequentou círculos acadêmicos, tornou-se doutor e professor da Universidade de Basel em 1914. Em 1903, entrou para a social-democracia alemã e saiu logo em 1907 por divergências práticas e teóricas, publicando um livro em 1911 que é uma análise sociológica dos partidos políticos a partir de sua experiência no SPD (*Zur*

Soziologie des Parteiwesens). Engajou-se no nacionalismo italiano entrando no partido fascista de Mussolini em 1922.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz63145.html#ndbcontent>, data de acesso 29 mai. 2016.

MOLKENBUHR, Hermann (1851-1927) nasceu em Wedel, Alemanha.

Desde criança trabalhou como operário, inicialmente em uma fábrica de chicória (produto parecido com café, mas à base de raízes) e depois como fabricante de charutos. Por isso, sua formação escolar foi escassa, mas estudou sozinho política, economia e literatura e entrou em contato com as ideias de Lassalle ingressando em sua organização (ADAV) em 1871. Após as leis antissocialistas, encontrou dificuldades para trabalhar e emigrou para os Estados Unidos em 1881 retornando em 1884. Depois de 1890, participou da redação do *Hamburger Echos*, foi secretário da direção em 1904 permanecendo como membro do órgão até sua morte. De 1890 a 1924, foi deputado no *Reichstag*. Apoiou a aprovação dos créditos de guerra em 1914 ao lado da direita do partido representada por Eduard David.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz64344.html#ndbcontent>, data de acesso 29 mai. 2016.

MÜLLER, Adolf (1863-1943) nasceu em Witlich, Alemanha.

Estudou medicina e economia política, mas não terminou dedicando-se ao trabalho de jornalista. Foi chefe de redação do jornal *Münchener Post* entre 1895 e 1919, desenvolvendo-o como representante da linha reformista dos membros do SPD que vinham do sul do país, além de fazer o jornal se expandir muito além de sua região tornando-se o redator mais bem pago da social-democracia alemã. Colaborou muito com o esforço de guerra procurando influenciar outros partidos social-democratas a favor da Alemanha. Tornou-se funcionário da diplomacia após 1919.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz66251.html#ndbcontent>, data de acesso 29 mai. 2016.

MÜLLER, Hermann (1876-1931) nasceu em Mannheim, Alemanha.

Não pode terminar os estudos e se tornou comerciante, tendo se aproximado da social-democracia através do interesse pela filosofia de Feuerbach colocando-se inicialmente à esquerda dentro do partido. Sua trajetória foi a de um funcionário do partido passando por

redações, associações de amparo, organizações locais até se tornar secretário da direção em 1907. Com o tempo passou para a direita do partido em colaboração com Ebert atuando como censor interno do *Vorwärts* durante a guerra. Foi eleito presidente do partido em 1919 e se tornou chanceler em 1920 e de 1928 a 1930.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz66522.html#ndbcontent>, data de acesso 29 mai. 2016.

NIEUWENHUIS, Domela (1846-1919)

Importante socialista holandês da *Sociaal-Democratische Bond* (SDB). Publicou um resumo popular de *O Capital* com a autorização do próprio Marx em 1881. Segundo Guérin, era um socialista de tendência libertária e defendia uma greve geral em caso de guerra, proposição feita em 1891 e 1893 nos congressos da Internacional Socialista.

Fonte: SECCO, Lincoln. Notas para a história editorial de *O capital*. *Novos Rumos*, ano 17, n.37m 2002. Ver também GUÉRIN.

NOSKE, Gustav (1868-1946) nasceu em Brandenburg, Alemanha.

Aprendeu a fazer balaio. Era um autodidata e a partir disso engajou-se no movimento operário. Ingressou no partido em 1884, sendo mais ativo politicamente a partir de 1897, trabalhando em jornais locais até ser eleito para o *Reichstag* em 1906, onde permaneceu até 1920. Era um pragmático que não se interessava pelos debates teóricos do partido. Apoiou a posição da maioria do SPD na guerra e negociou o fim da revolução. Montou os *Freikorps* (corpos francos) e foi responsável pelas mortes de Liebknecht e Luxemburg em 1919.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz72417.html#ndbcontent>, data de acesso 29 mai. 2016.

PANNEKOEK, Anton (1873-1960) nasceu em Vaassen, Holanda.

Astrônomo. Até os anos 1920, Pannekoek era uma personagem conhecida do movimento operário. Sua maturidade política acompanhou o auge da social-democracia, tendo participado dos movimentos socialistas alemão e holandês. Antes de 1914, colaborou para a *Die Neue Zeit* e ensinou na escola do partido. Junto com Rosa Luxemburg foi um dos líderes da ala esquerda do SPD. Com o início da guerra chamou a atenção para a necessidade de formar uma nova Internacional e foi uma figura importante no movimento de *Zimmerwald*. Articulou uma forte crítica ao leninismo e propunha um outro tipo de comunismo como

proeminente teórico do KAPD. De 1920 até sua morte permaneceu ativo como intelectual do comunismo conselhistas.

Fonte: GERBER, John. Anton Pannekoek and the Socialism of Workers' Self-Emancipation, 1873-1960. Amsterdã: Kluwer Academic Publishers; International Institute of Social History, 1989.

PFANNKUCH, Wilhelm (1841-1923) nasceu em Kassel, Alemanha.

Foi carpinteiro (*Tischler*) por 20 anos. Foi redator de diferentes jornais sindicais. Co-fundador da *Generalkommission* em 1892. Foi membro da direção do SPD desde 1894 até sua morte. Eleito para o *Reichstag* em 1884, 1898, 1903 e 1912. Na revolução alemã, defendeu Ebert e Scheidemann.

Fonte: <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/bsb00000144/images/index.html?nativeno=230>, data de acesso 29 mai. 2016.

PËUS, Heinrich (1862-1937) Elberfeld, hoje Wuppertal, Alemanha.

Era escritor, fundou a cooperativa de consumo de Dessau em 1901 e foi eleito para o *Reichstag* em 1903 e 1912.

Fonte: <http://www.reichstag-abgeordnetendatenbank.de/selectmaske.html?pnd=117703427&recherche=ja;>
http://zhsf.gesis.org/ParlamentarierPortal/biosop_db/biosop_db.php?id=160240, data de acesso 13 nov. 2014.

QUESSEL, Ludwig (1872-1931) nasceu em Königsberg, hoje a província russa de Kaliningrado, que era pertencente à Prússia até o final da Segunda Guerra Mundial.

Estudou direito, economia política e ciências sociais. Trabalhou de assistente de relojoeiro. Foi eleito para o *Reichstag* pelo SPD em 1912.

Fonte: http://zhsf.gesis.org/ParlamentarierPortal/biorabkr_db/biorabkr_db.php?id=1924, data de acesso 04 jun. 2016.

SCHEIDEMANN, Philipp (1865-1939) nasceu em Kassel, Alemanha.

Era tipógrafo, entrou para a Liga dos Tipógrafos (*Buchdruckerverband*) e para o SPD aos 18 anos. Desistiu de sua profissão e em 1895 passou a viver de cargos dentro do partido, inicialmente em redações de jornais. Membro da bancada parlamentar desde 1903, presidiu-a em 1913 após a morte de August Bebel. Também integrou a direção do partido a partir de

1911.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz111363.html#ndbcontent>, data de acesso 14 out. 2015.

SCHIPPEL, Max (1859-1928) nasceu em Chemnitz, Alemanha.

Estudou filosofia, economia política (*Volkswirtschaft*) e ciência política (*Staatswissenschaft*). Entre 1885/86 entrou em contato com o SPD na câmara de comércio de Dresden. Trabalhou para o *Volksblatt* de Berlin, *Volkstribüne* e *Neuen Zeit*. Entre 1894/95 foi redator do *Der Sozialdemokrat*. Desde 1897 até a morte colaborou para o *Sozialistischen Monatshefte* com o pseudônimo de Isegrim. Foi membro do *Reichstag* de 1890 até 1905 e integrava a ala reformista do partido, sendo contra o armamento do povo.

Fonte: [http://saebi.isgv.de/biografie/Max_Schippel_\(1859-1928\)](http://saebi.isgv.de/biografie/Max_Schippel_(1859-1928)), data de acesso 29 mai. 2016.

SCHMIDT, Robert (1864-1943) nasceu em Berlim, Alemanha.

Fabricava pianos. Foi redator do *Vorwärts* de 1893 até 1903, depois secretário do Secretariado Central dos Trabalhadores em Berlim. De 1903 a 1919 foi membro e funcionário da *Generalkommission*. Foi eleito para o *Reichstag* em 1893, 1903, 1907 e 1912. Em 1919, tornou-se ministro da alimentação e da agricultura.

Fonte: <http://daten.digital-e-sammlungen.de/~db/bsb000000004/images/index.html?nativeno=424>, data de acesso 29 mai. 2016.

SCHOENLANK, Bruno (1859-1901) nasceu em Mühlhausen, Alemanha.

Estudou economia política, história e filosofia. Seguiu a carreira de jornalista e se tornou membro do SPD em 1883. Trabalhou em diversos jornais do partido e foi também agitador. Em 1893, foi eleito para o *Reichstag*. Assumiu a direção do *Leipziger Volkszeitung* em 1894 e transformou o jornal no mais importante do partido depois do *Vorwärts*.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz115477.html#ndbcontent> data de acesso 29 mai. 2016.

SCHOENLANK, Bruno Franz Georg Paul (1891-1965) nasceu em Berlim, Alemanha. Filho de Bruno Schoenlank.

Era escritor. Entre 1911 e 1913, era um membro ativo do SPD e próximo de Rosa Luxemburg. Foi membro do USPD entre 1917 e 1922, retornando ao SPD em 1922.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz115479.html#ndbcontent> data de acesso 19 jan. 2016.

SILBERSCHMIDT, Hermann (1866-1927) nasceu em Mühlbock, que pertencia à Prússia (atualmente Polônia).

Era pedreiro. Empregado na Liga dos Pedreiros Alemães desde 1898 e membro do SPD desde 1887. Eleito para o *Reichstag* em 1912.

Fonte: <http://www.reichstag-abgeordnetendatenbank.de/selectmaske.html?pnd=130073687&recherche=ja>, data de acesso 29 mai. 2016.

SINGER, Paul (1844-1911) nasceu em Berlim, Alemanha.

Filho de comerciante judeu. Trabalhou em fábricas de tecido e chegou a possuir uma própria que foi fechada por causa de sua atividade política. Militou desde 1868 com August Bebel e Wilhelm Liebknecht. Fundou o jornal oficial do SPD em 1884, *Vorwärts*, que tinha o nome de *Berliner Volksblatt*. Foi parlamentar no *Reichstag* e membro da direção do partido de 1884 a 1911.

Fonte: <http://www.deutsche-biographie.de/sfz122121.html#ndbcontent>, data e acesso 29 mai. 2016.

STADTHAGEN, Arthur (1857-1917) nasceu em Berlim, Alemanha

Filho de judeus, advogado. Advogou entre 1884 e 1892, quando perdeu sua licença por causa de um discurso proferido em Leipzig com críticas ao sistema judiciário. Entrou para a social-democracia entre 1884 e 1887 e foi deputado pelo SPD em 1890, 1893, 1898, 1903, 1907 e 1912. Opôs-se ao partido durante a guerra e sofreu sanções por isso, tendo sido retirado da redação do *Vorwärts*. Foi expulso com outros 17 da bancada do SPD no *Reichstag* em março de 1916 e fundou um grupo com Hugo Haase que depois se juntou ao USPD em 1917. Lecionou na escola do partido desde 1906 até sua saída.

Fonte: <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/bsb00003460/images/index.html?nativeno=380> data de acesso 01 jun. 2016

STÜCKLEN, Daniel (1869-1945) nasceu em Nürnberg, Alemanha.

Era *Feingoldschläger* (provavelmente, dourador). Entrou no SPD em 1886. Morou por um período em Budapeste e militou na social-democracia húngara. Respondeu a vários processos por ofensa à majestade. Exerceu mandato parlamentar em 1903, 1907 e 1912 no

Reichstag.

Fonte: <http://www.reichstag-abgeordnetendatenbank.de/selectmaske.html?pnd=117355852&recherche=ja>, data de acesso 01 jun. 2016.

SÜDEKUM, Albert (1871-1944) nasceu em Wolfenbüttel, Alemanha.

Estudou ciências do estado (*Staatswissenschaft*) e economia política. Entrou para o SPD por volta de 1895 sob influência de Vollmar. Trabalhou em diferentes órgãos de imprensa do partido e foi deputado no *Reichstag* pelo SPD de 1900 até 1912.

Fonte: <http://daten.digitalle-sammlungen.de/~db/bsb00003460/images/index.html?nativeno=386> data de acesso 01 jun. 2016.

VOLLMAR, Georg von (1850-1922) nasceu em Veltheim, Alemanha

Foi político, escritor e colaborador de diferentes jornais. Foi deputado pelo *Reichstag* e pelos *Landtag* da Saxônia e da Baviera. Defendia desde 1891 a atuação do SPD para a conquista de reformas, fazendo alianças com partidos burgueses quando possível e era assim que atuava na Baviera.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/nachlass/nachlass_v/vollmar-ge.htm, data de acesso 01 jun. 2016

WELS, Otto (1873-1939) nasceu em Berlim, Alemanha.

Foi presidente do SPD em 1919 e deputado do partido desde então. Imigrou em 1933, retornando para Paris em 1938, onde morreu. Era próximo de Gustav Noske nos anos da república.

Fonte: <http://www.gdw-berlin.de/de/vertiefung/biographien/personenverzeichnis/>, data de acesso 01 jun. 2016.

WENGELS, Robert (1850-1930) nasceu na Alemanha,

Era tecelão (*Strumpfwirker*). Trabalhou para o Vorwärts em 1895 e foi membro da direção entre 1901 e 1914.

ZIETZ, Luise (1865-1922) nasceu em Bargteheide, Alemanha.

Filha de tecelões, trabalhou como empregada doméstica (*Dienstmädchen*) e em uma fábrica de tabaco. Posteriormente, tornou-se professora de jardim de infância. Ingressou no partido em 1892 e desde então lutou pela causa feminista, rejeitando qualquer proximidade com as

mulheres burguesas. Foi a primeira mulher a integrar a direção do SPD em 1908. No entanto, apoiou a política do partido durante a guerra, encorajando mulheres a ajudarem no esforço de guerra, o que lhe rendeu muitas críticas da esquerda. No final do conflito, integrou o USPD, mas afastou-se cada vez mais da esquerda, distanciando-se também de Clara Zetkin e permanecendo em uma posição de centro até o fim da vida.

Fonte: http://www.fes.de/archiv/adsd_neu/inhalt/recherche/wegbereiterinnen/zietz.htm, data de acesso 14 out. 2015